

ALCIDES JOSÉ SCAGLIA

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

**O FUTEBOL QUE SE APRENDE E
O FUTEBOL QUE SE ENSINA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

- 1999 -



ALCIDES JOSÉ SCAGLIA

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

**O FUTEBOL QUE SE APRENDE E
O FUTEBOL QUE SE ENSINA**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas

Orientador: Prof. Dr. João Batista Freire

Campinas, 1999

17.000.02246

UNIDADE	Be
N.º CHAMADA:	TRUINI CAMP
	Sca33f
V.	Ex.
TOMBO BC/	40511
PROC.	278/00
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	\$11,00
DATA	15/03/00
N.º CPD	

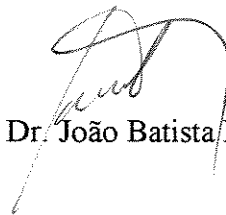
CM-00139092-7

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF
UNICAMP**

Sca33f	<p>Scaglia, Alcides José</p> <p>O futebol que se aprende e o futebol que se ensina / Alcides José Scaglia. -- Campinas, SP : [s.n.], 1999.</p> <p>Orientador: João Batista Freire Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.</p> <p>1. Futebol. 2. Futebol-Métodos de ensino. 3. Futebol-Estudo e ensino. 4. Futebol-História. I. Freire, João Batista . II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.</p>
--------	---

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de Mestrado defendida por ALCIDES JOSÉ SCAGLIA e aprovada pela comissão julgadora em 09 de dezembro de 1999.

Data 07/02/00



Prof. Dr. João Batista Freire

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. João Batista Freire

Prof. Dr. Lino de Macedo

Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner

*Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ter nada.
À parte disso, tenho em mim todos
os sonhos do mundo.*

Fernando Pessoa

Dedico este trabalho a todos que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidos no processo de sua elaboração.

AGRADECIMENTOS

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

À minha família, por tudo o que representa para mim.

À minha esposa Fabrina, pela paciência e por estar ao meu lado desde o início desta jornada.

Ao Prof. Dr. João Batista Freire por me possibilitar dar mais este importantíssimo passo em minha vida.

Ao Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner pelo apoio, incentivo e ajuda nos momentos de dúvida.

Aos Profs. Drs. Lino de Macedo e Jocimar Daólio, que pacientemente leram e colaboraram na qualificação deste estudo.

Ao Prof. Hέλvio Tamoio, pelas constantes inquietações, que me instigaram ir sempre em busca de novos conhecimentos.

Ao Prof. Adriano José de Souza, que mesmo distante colaborou on-line com o estudo.

Aos Profs. Fontão, Fabinho, Maguilinha, Paulo (Pé), André, Gibi, Márcio, Luciano, Thiago que compartilham comigo a difícil arte de ensinar esportes, e sendo assim, contribuíram direta e indiretamente na elaboração desta dissertação.

Aos oito ex-jogadores que gentilmente se colocaram a disposição para a realização das entrevistas, fornecendo dados imprescindíveis para a conclusão deste estudo.

Aos companheiros de jornada das escolas Curumim e E.M.E.F. Oadil Pietrobon, pelo constante apoio e incentivo.

A todos os Profs. da FEF-UNICAMP que me ensinaram, ao longo de minha formação, compreender a Educação Física e, ao mesmo tempo, apaixonar-me por ela.

Ao Prof. Dr. Bráulio e a todos os outros docentes do curso de Educação Física das Faculdades Integradas Módulo, de Caraguatatuba, pela oportunidade, apoio e incentivo.

Enfim, para não ser traído pela memória, agradeço a todos os demais amigos, professores e alunos, pois cada um contribuiu com sua parcela para a finalização deste estudo.

SUMÁRIO

RESUMO	IX
ABSTRACT	X
INTRODUÇÃO	01

CAPÍTULO I

<i>A história do futebol: dos primórdios até hoje em dia</i>	06
1.1. O Futebol	06
1.1.1. As origens do futebol	07
1.1.2. O futebol chega à América	13
1.1.3. O futebol no Brasil	14
1.1.4. O futebol brasileiro das ruas e campinhos para as Escolinhas	16

CAPÍTULO II

<i>A pedagogia no futebol: referências teóricas para práticas pedagógicas nas Escolinhas de Futebol</i>	21
2.1. Futebol se ensina?	21
2.1.1. A pedagogia e o futebol	23
2.1.2. As relações entre a pedagogia e o futebol: o ensinar	25
2.2. Da Escola à Escolinha de Futebol	31
2.2.1. Do professor ao professor de futebol	38

CAPÍTULO III

<i>Pesquisa bibliográfica: o futebol nas páginas dos livros</i>	43
3.1. Como ensinar futebol: uma revisão na literatura	43
3.2. A ofensiva pedagógica ao ensino do futebol: nosso referencial teórico sobre a pedagogia do futebol	49
3.2.1. Inovações pedagógicas no ensino do futebol: revisão de relatos de experiências	50
3.2.1.1. Jogos Desportivos Coletivos	50
3.2.1.2. YMCA dos Estados Unidos	56
3.2.1.3. Ensinando jogos pela compreensão	60
3.2.1.4. Escola de Futebol da FEF-UNICAMP	64
3.2.1.5. Pedagogia do Futebol	67

CAPÍTULO IV

<i>Pesquisa de Campo: a relação entre o aprender e o ensinar futebol</i>	73
4.1. Os caminhos metodológicos da pesquisa de campo	73
4.1.1. O método análise de conteúdo e seu esquema estrutural	75
4.1.2. Organização da pesquisa de campo: a pré análise	78
4.1.3. As descrições analíticas: etapa de síntese das informações	80
4.2. Iniciando a análise de conteúdos dos dados coletados	83
4.2.1. Análise inferencial comparativa individual	83
Entrevista 1	83
Entrevista 2	91
Entrevista 3	98
Entrevista 4	105
Entrevista 5	113
Entrevista 6	120
Entrevista 7	126
Entrevista 8	133
4.2.2. Análise inferencial comparativa coletiva	140
Categoria 1	140
Sub-categoria 1.1.	140
Sub-categoria 1.2.	143
Categoria 2	146
Sub-categoria 2.1.	146
Sub-categoria 2.2.	150
Sub-categoria 2.3.	154
Categoria 3	158
Sub-categoria 3.1.	158
4.2.3. Finalizando nossas análises...	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172

ANEXO I: Descrição analítica: a síntese das entrevistas	180
Entrevista 1	180
Entrevista 2	182
Entrevista 3	184
Entrevista 4	186
Entrevista 5	189
Entrevista 6	191
Entrevista 7	193
Entrevista 8	195

ANEXO II: A transcrição das entrevistas na íntegra	198
Entrevista 1	198
Entrevista 2	206
Entrevista 3	212
Entrevista 4	217
Entrevista 5	224
Entrevista 6	229
Entrevista 7	234
Entrevista 8	238

RESUMO

Tendo por objetivo discutir e analisar o processo de ensino-aprendizagem do futebol, nosso estudo, partindo da hipótese de que não se ensina mais futebol da maneira como se aprendia, procurou levantar junto a ex-jogadores de futebol que hoje ministram aulas em escolinhas, o processo que lhes ensinaram a jogar futebol, para, na seqüência, compará-lo às suas respectivas práticas profissionais. Para a realização desta pesquisa de campo, a sistematização metodológica, tanto na coleta quanto na análise dos dados, seguiu os procedimentos da técnica de análise de conteúdos. Porém, para que realizássemos as análises inferenciais comparativas com segurança e coerência científica, fez-se necessário que construíssemos um corpo teórico consistente. Este corpo teórico, num primeiro momento, levantou, junto à história do futebol, suas origens, descrevendo toda a evolução dos antigos jogos de bola com os pés que culminou com o surgimento desse esporte na Inglaterra. Depois, procurou-se levantar hipóteses de que o futebol continuou sua evolução no Brasil através das inúmeras brincadeiras de bola com os pés realizadas pelas crianças ao longo da infância. O final desse resgate histórico evidenciou o surgimento das escolinhas de futebol, caracterizando-as como os locais que vieram substituir a rua e os campinhos, principalmente em grandes centros como Campinas, no desenrolar da iniciação. Num segundo momento, tecemos considerações a respeito da necessidade de se relacionar a pedagogia com o futebol, almejando destacar pontos que deveriam ser levados em consideração ao se desenvolver um trabalho de iniciação ao futebol, caracterizando as escolinhas como instituições de ensino não-formal que, como tal, não se vê desprovida de responsabilidades maiores que ensinar apenas o futebol. Finalizando o corpo do texto, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica que discutiu os vários estudos teórico-práticos publicados com a finalidade de ensinar futebol para crianças, ousando chamar alguns de tradicionais e outros de inovadores, ao se apontar suas características e particularidades. Ao final da dissertação pudemos confirmar as nossas hipóteses, diagnosticando que a pedagogia com que se aprendia futebol não é a mesma que ensina hoje nas escolinhas.

Palavras chaves: Pedagogia do futebol; Futebol; Escolinhas de futebol; Iniciação no futebol; história do futebol.

ABSTRACT

Having the objective of discussing and analyzing the soccer teaching – learning process, our study started with the hypothesis that nowadays soccer is not taught the same way it was learned before. We tried to learn from former soccer players (who in the present teach at soccer schools) the process in which they were taught. After this, we could compare the data with their present professional activity. To get the results of this field research, the methodological systematization for the data collection and analysis followed the proceedings of the analysis of content technique. Therefore, for us to acquire safe comparative conclusion analysis and scientific consistency it was necessary that we built a consistent theoretical body. This one, in a first moment searched the soccer history, its origins, describing the evolution of the ancient ball games played with the feet from which emerged the soccer game in England. After this, we tried to bring a hypothesis that the soccer game continued its evolution in Brazil throughout several ball games the children would play with their feet during childhood. The end of this historical research made evident the appearance of the soccer schools, pointing out that these places once replaced the street soccer games and the neighborhood soccer fields. These were places where the children would start learning soccer especially in the big cities like Campinas. In a second moment, there were considerations about the need of relating pedagogy with soccer, with the expectation of highlighting some points that should be considered when developing a work for initiation in soccer. We distinguished the soccer schools as non formal educational institutions. These institutions, although non formal, have the responsibility of teaching more than soccer. Concluding the text, we developed bibliographical research in which we discussed several theoretical-practical studies published with the purpose of teaching soccer to children. When pointing out their characteristics and peculiarities we took the risk of calling some traditional and some innovators. At the end of the dissertation, we could confirm some hypotheses, concluding that the pedagogy which the soccer players first learned is not the same used nowadays to teach at the soccer schools.

Key words: Soccer pedagogy; Soccer; Soccer schools; Soccer initiation; Soccer history.

INTRODUÇÃO:

Antigamente as crianças aprendiam a jogar futebol nas ruas, nos campos de várzea, nos terrenos baldios ou em qualquer espaço que possibilitasse o rolar da bola. As crianças cresciam jogando futebol, ou melhor brincando de bola, o que fez (e ainda faz) muitas pessoas acreditarem que esses meninos já nasciam sabendo jogar, como um dom herdado de um ser divino, ou de uma benção genética.

Mas hoje, estas ruas que ensinavam o futebol estão cheias de carros; os campos de várzea que antes asseguravam horas de diversão, são destinados à construção de “prisões verticais” de crianças, condenadas a passar suas infâncias dentro dessas redomas sociais; os terrenos baldios, se ainda existem, estão nas periferias, e hoje abrigam pessoas especializadas em outros serviços - que não é jogar futebol; já os espaços quaisquer que ainda existem, mas precisam dos poderes mágicos da infância para transformá-los em Maracanãs, Pacaembus... coisa um pouco ultrapassada, foram substituídos pelos poderes virtuais (vídeo-games e derivados).

Portanto, não podemos negar a existência, a proliferação, a necessidade e a importância das escolas de futebol, as chamadas escolinhas, para o cenário social e futebolístico da nossa atualidade; existência que se justifica, pois, principalmente nos centros urbanos, é o único local onde as crianças podem jogar futebol com segurança e tranquilidade, coisas que tanto os pais almejam; proliferação, porque essas escolas são, na sua grande maioria, particulares, portanto, dão lucro aos seus proprietários, estes quase sempre ex-atletas que, usando os seus nomes e prestígios, atraem as crianças, fascinadas, com sonhos de sucesso e a fama; necessidade, pois foi preciso criar um local, em substituição aos citados acima, onde o futebol pudesse ser aprendido, ou seja, tínhamos que nos adaptar à nova situação; importância, porque, por incrível que possa parecer, nossos futuros craques, aqueles que manterão viva a nossa e a nossa “hegemonia” mundial, serão formados por estas instituições não formais de ensino.

Se estas escolas se caracterizam como fundamentais para o futuro do futebol brasileiro, o que sabemos sobre elas? O que a Educação Física com sua literatura especializada sabe e fala? O que ensinam sobre o futebol? Para quem ensinam? Quem são

as pessoas que ensinam? E o mais importante, como essas pessoas ensinam o futebol nestes locais? Estas são algumas das perguntas que nos incomodavam, e que nos motivaram e impulsionaram a sair em buscas das respostas, que poderão ser encontradas no decorrer desta dissertação de mestrado.

Antes de mais nada, nossa preocupação se voltou para história do futebol, pois pouco conhecemos sobre ela, o que nos permitiu resgatar as suas origens e entender como este esporte chegou ao Brasil, enraizando-se tão fortemente em nossa cultura popular, de maneira que até parece ter sido inventado por nós. Ou seja, caminhando no tempo, partimos da origem remota do futebol, passando por sua chegada no Brasil, até o momento do surgimento das escolinhas.

Na seqüência, procuramos estudar o conceito de pedagogia e abordar outros estudos relacionados ao ato de ensinar. Então, compreendendo a pedagogia como um processo de condução ao saber e o futebol um jogo histórica e culturalmente construído, buscamos relacioná-los, destacando o ato de ensinar.

Para que pudéssemos continuar a responder as nossas perguntas iniciais e as demais, suscitadas no momento que adentramos num universo de intersecção entre a Pedagogia e o futebol, sentimos necessidade de discutir alguns pontos fundamentais que, para nós, são imprescindíveis à construção do conceito de pedagogia do futebol: a função das escolas e o papel decisivo do professor, por conseguinte, o papel das escolinhas de futebol e seus professores.

Não podemos falar de pedagogia sem levar em consideração: um professor que desempenha o seu papel de educador, comprometido com sua função de agente transformador e carregado de responsabilidades, e uma escola que permita o desenvolvimento do trabalho, ciente de seu decisivo papel na formação e modificação da sociedade.

Estes tópicos de estudo estão, por natureza, inseparavelmente ligados à condução ou otimização do conhecimento. Sendo assim, ao transpor estas discussões para o âmbito das escolas de futebol, queremos entendê-las como instituições de ensino que, como tal, devem assumir todas as suas responsabilidades, incorporando uma postura pedagógica na sua práxis.

Construído teoricamente o conceito de pedagogia do futebol, partimos para uma investigação científica procurando abordar e apurar como a Educação Física, por meio da sua literatura, incluindo levantamento na Internet¹, vem discutindo o assunto. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, levantamos toda a literatura, que não é muito significativa perto da importância que o futebol tem em nosso país. Sintetizamos e discutimos o que era mais relevante. Como era de se esperar, há muitas publicações, principalmente da década de 80, que se preocupam apenas com o ensinamento do gesto técnico, criando o modelo tecnicista apoiado nas concepções tradicionais de ensino.

Insatisfeitos com este modelo tradicional, construímos o nosso referencial teórico-prático, apoiados nas publicações mais recentes dentro do universo da Educação Física, que tratam do processo de aprendizagem do futebol inserido num universo mais amplo, onde a pedagogia, com suas teorias inovadoras, demarcam e apontam um caminho, mostrando como colocar em prática um trabalho pedagógico de iniciação no futebol.

Depois de finalizada esta discussão teórica, nosso trabalho assumiu a responsabilidade de apontar uma direção, um caminho prático, revelando e fornecendo sugestões de como aprender a ensinar futebol, construindo, assim, o hífen que compromete a teoria com a prática.

Isto foi possibilitado por intermédio de uma pesquisa de campo, que veio confirmar a nossa hipótese preliminar². Essa pesquisa buscou levantar, através da história de vida de 8 ex-jogadores profissionais, que agora estão ministrando aulas de futebol nas escolinhas, pontos relevantes que possam explicar como eles aprenderam a jogar futebol, considerando que esse aprendizado ocorreu de maneira tão significativa, que lhes possibilitou alcançar altos níveis de performance esportiva. E também como eles ensinam hoje as crianças em suas aulas.

Os dados levantados pela pesquisa de campo foram trabalhados, discutidos e analisados de acordo com as teorias que delimitam a metodologia de pesquisa denominada análise de conteúdo.

¹ As palavras chaves utilizadas foram: escolinha de futebol; escola futebol; pedagogia esporte; pedagogia futebol; soccer school, soccer pedagogy, sport pedagogy.

² Vale ressaltar aqui a nossa hipótese, pois, acreditamos que os craques da nossa história futebolística aprenderam e desenvolveram na rua e nos campinhos de várzea, através de brincadeiras e jogos, suas extraordinárias habilidades para o futebol. E infelizmente, não ensinam do mesmo modo que aprenderam e sim, utilizam os treinos a que foram submetidos em suas carreiras profissionais para ensinar as crianças, ou seja, fazem das aulas mini-treinos profissionais.

Depois de analisar e refletir, realizamos algumas inferências a respeito de como ensinar uma criança a jogar futebol, superando os maniqueísmos no aprendizado, onde reina o tecnicismo (processo centrado no ensino das técnicas, trabalhando-as separadas do contexto do jogo) ou o espontaneísmo (processo que acredita que a criança aprende a jogar sozinha, resumindo o processo a jogos livres).

Longe desses extremos, acreditamos num processo de ensino que se caracteriza pela presença marcante e atuante do professor (educador), preocupado em criar um ambiente escolar (pedagógico), onde se tenha espaço para que a criança, sendo criança, tenha liberdade e prazer para aprender o futebol. Acreditamos na necessidade de se resgatar as brincadeiras de rua, aliado ao significado e prazer que estas carregam, para o interior de um ambiente escolar.

A rua, sem a presença efetiva e sistemática da pedagogia, conseguiu formar grandes craques de futebol, mas as crianças hoje precisam de ajuda para aprender aquilo que a infância naturalmente ensinava. As escolas de futebol precisam do auxílio dos princípios pedagógicos, da teoria, ou então nunca se equiparação à incrível competência da “pedagogia de rua”.

Acreditamos que, ao final deste estudo, pudemos apontar, indiretamente, caminhos metodológicos para a construção de procedimentos, que dêem suporte para se ensinar futebol de uma maneira prazerosa, efetiva e significativa, dentro de um ambiente de escola informal, respeitando a criança como tal, apoiados em princípios pedagógicos e desenvolvidos por educadores. Supomos ter estabelecido qual a real função de uma escola de futebol compromissada com o papel que assume, ao se auto-intitular escola.

Um estabelecimento de ensino, formal ou informal, não pode se limitar a detectar promissores talentos, nem iludir crianças com promessas de sucesso por jogarem em determinadas escolinhas de ex-atletas. Devemos salientar não ser função das escolinhas transformar alunos em atletas profissionais, como não é função da escola fundamental especializar alunos em profissões. Isso é função das faculdades ou escolas técnicas secundárias. A passagem do amadorismo para o profissionalismo no futebol deve acontecer *a posteriori*, num clube, ao cabo de uma especialização. No ensino escolar, nas faculdades, ou locais destinados à especialização, os alunos avançam alicerçados pelo aprendizado da escola fundamental, sendo que o mesmo deve valer para o futebol. Os alunos necessitam de

uma base sólida, rica e substancial, que antes era desenvolvida na rua, e hoje deve ser adquirida nas escolinhas.

As escolinhas devem ensinar às crianças o esporte futebol, desde o jogar, passando pela competição e atingindo a transmissão e construção de valores éticos e morais, aliada à busca de uma autonomia e cidadania, permitindo que os alunos ao final do processo possam usufruir do conhecimento adquirido, independente do seu fim imediato, ou seja, utilizando-o ao longo da vida.

Escola democrática Formação global Educador (troca) Construção de valores Participação de todos (democrática) Objetivo final= homem/cidadão	escola técnica formação específica professor (transmite) transmissão de experiências processo seletivo (preparar/detectar talentos) objetivo final= lucro (ou profissionalização)
---	---

Quadro 1- quadro sinóptico revelando as características da escola democrática e as da técnica.

Finalizando, ao discutir o processo de ensino-aprendizagem no futebol, procuramos contribuir com a Educação Física, mais especificamente com a área da pedagogia do esporte, elaborando um estudo que possa servir de base para futuras reflexões a respeito da iniciação no futebol.

CAPÍTULO I

A história do futebol: dos primórdios até hoje em dia

1.1. O FUTEBOL

O futebol moderno hoje é um esporte consolidado na cultura mundial, talvez o mais popular do planeta, amplamente massificado e praticado da mesma maneira ao redor do mundo. Isto é comprovado pela dimensão da cobertura jornalística e televisiva de seu mais importante evento, a Copa do Mundo, recentemente realizada na França, onde foram reunidas as 32 melhores seleções do mundo.

É de fundamental importância entender o jogo de futebol, bem como as dimensões que abrangem as suas ramificações ou derivações, apropriadas pelas circunstâncias e necessidades de satisfação das culturas que o massificam.

José Sebastião Witter³ em seu livro “O que é futebol ”, diz ser este sinônimo de “jogo de bola”, dando a entender que este “jogar bola” seria um termo mais representativo, pois estaria abrangendo, além do futebol oficial com suas 17 regras, muitas outras manifestações de jogos com a bola nos pés, como o futebol de rua, as peladas nos terrenos baldios e nas praias, os jogos nas fazendas, na várzea, na escola... sendo que, em cada uma dessas formas, algumas regras são alteradas.

“ Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. Mas existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é Maracanã em jogo noturno. Se você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. Futebol de rua é tão humilde que chama pelada de senhora.”⁴

Portanto, as 17 incontestáveis regras do futebol moderno são subvertidas em alguns momentos, quando, por exemplo, crianças enfeitiçadas pelo fascínio que o rolar da bola lhes causa, modificam algumas regras, para assim, refestelarem-se com o prazer inigualável proporcionado pelo jogo.

³ WITTER, J. S. “O que é futebol?”. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

Ou seja, modificando ou cabulando algumas regras, as crianças jogavam e/ou ainda jogam o futebol na rua, na praia, no quintal, na escola, entre outros locais, criando-se assim novas habilidades e outras formas de se jogar o futebol, permitindo que esse continue a sua evolução. Foi assim que surgiram jogos como o “bobinho”, a “rebatida”, as “embaixadas”, o “gol caixote”...

Dando seqüência a essa linha de pensamento, notamos então que, a partir do futebol, novos jogos e brincadeiras foram criados, segundo as possibilidades, eventualidades e necessidades de uma época, uma localidade, ou uma cultura.

Analisando e estudando a história da origem do futebol, vimos que este surgiu exatamente de um processo semelhante ao descrito acima, sendo diferente apenas no sentido - o inverso. Ou seja, jogos criados e praticados em diferentes épocas, com diferentes finalidades, em diferentes culturas, ao ensinarem os povos a desenvolver suas habilidades referentes ao controle de uma bola com os pés, contribuíram para que na Inglaterra surgisse, através da sistematização e divulgação das regras, o futebol (moderno), esporte muito conhecido por nós na atualidade.

Portanto o futebol teve a sua origem em...

1.1.1. As origens do futebol⁵

Pesquisando sobre a origem do futebol, percebemo-lo como o resultado final de uma lenta evolução de diferentes jogos com bola, que se deu durante os tempos, através de milênios.

Segundo Klein e Audinio, foram encontrados na pré-história, registros de que: “*O homem pré-histórico gravou nas suas cavernas cenas de homens tocando com os pés objetos redondos, como uma bola.*”⁶

O estudioso das origens do futebol, o chinês Liu Bingguo⁷, diz que a tradição do futebol, começou na China há 5.000 (a.c.) anos, no tempo do imperador Amarelo. “*Pesquisas mostram que este foi o primeiro lugar a presenciar uma partida de futebol.*”⁸

⁴ VERRÍSSIMO, L. F. “Futebol de rua”, in Novaes, C. E., et all., “Para gostar de ler: volume 7 - crônicas”. 4. ed., São Paulo: ed ática, 1986. p. 64.

⁵ Vale ressaltar, que foram encontradas muitas divergências entre os registros encontrados nos livros, ou seja, não existe uma uniformidade, parecendo até não haver um cuidado científico nas pesquisas realizadas sobre a origem do futebol, mas, os detalhes sobre esse fato não se constituem no nosso objetivo central, como pôde ficar claro na introdução deste tópico.

⁶ KLEIN, M. A., AUDININO, S. A. “O Almanaque do Futebol Brasileiro”. São Paulo: Ed. Escala, 1996, p.22.

Segundo o pesquisador, existiam três tipos de jogos com os pés. O primeiro era uma exibição de malabarismos difíceis, onde apenas uma pessoa se exibia. O segundo tinha uma trave no meio e um time de cada lado do gol. Já no terceiro, havia seis gols, um em cada canto do campo e dois times competindo. Esse era o estilo de jogo que mais se aproximava do atual.

Seguindo uma linha de tempo, encontramos na história, mais precisamente no Japão, por volta de 4.500 a.c., um outro jogo da estirpe do futebol moderno, o **Kemari**, praticado por nobres da corte imperial. O jogo consistia em jogar a bola com as mãos e os pés. Os escravos eram os “gandulas” da época, ficando ao redor do campo. Eram os encarregados de repor a bola, feita de fibra de bambu, para que os nobres continuassem a sua diversão.⁹

Por volta de 2.500 a.c., de volta à China, na época do Imperador Huang-Tsé, encontramos um jogo, usado para treinamento militar e, que com o tempo, tornou-se diversão. Era chamado **Ts’u chu**.

“... era jogado com uma bola de couro redonda (recheada com cabelo e crina, com 22 cm de diâmetro), num campo com 14 m de lado. Os jogadores não poderiam deixar a bola cair no chão e tinham que passá-la por entre duas estacas fincadas no chão e ligadas por um fio de seda.”¹⁰

Seguindo uma cronologia histórica, encontramos na Grécia, por volta de 800 a.c., mais exatamente na cidade de Esparta, um jogo conhecido como **Epyskiros**, onde as equipes chutavam uma bexiga de boi, recheada com areia e ar. O jogo era praticado durante os treinamentos militares, principal atividade da cidade, e exigia mais força do que habilidade de seus praticantes.

“Julius Pollux, escritor grego do século II, fala de uma linha de meta, localizada no fundo de cada lado do campo, através da qual a bola deveria ser arremessada para a contagem dos pontos. Antífenes, dramaturgo do século III, chega a se

⁷ Coleção de Vídeos da revista PLACAR, “Histórias do futebol I: as origens do planeta bola”, cap. 1, 1998.

⁸ *Ibid.*, vídeo, 1998.

⁹ Coleção placar história do futebol. “As origens do planeta bola”. São Paulo: Abril, n. 1, 1998. P. 5

¹⁰ *Ibid.*, p. 5

referir às expressões que os jogadores usavam durante uma partida: bola longa, passe curto, para frente, mais alta, volte...”¹¹

Devido à dominação e expansão do império romano, espalha-se pelo mundo até então conhecido, por volta do ano 100 a.c., um jogo, muito parecido ao *epyskiros* grego, chamado **Harpastum**. Tinha finalidades militares, tanto de treinamento quanto de táticas para pequenas batalhas. Os dois times tinham as suas linhas de ataque e defesa, aliadas a esquemas táticos, estratégias, para atravessar as linhas inimigas.

“O jogo era disputado com bola de bexiga coberta por uma capa de couro, denominada follis. O campo, retangular, tinha uma linha divisória e duas linhas de meta. A bola passava de jogador para jogador tocada com os pés. Os jogadores mais lentos jogavam na linha de meta chamada de locus stantium. Os mais fortes e ágeis jogavam no ataque. Os meio-campistas - medicurens - eram encarregados de passar a bola da defesa para o ataque. O exercício se prolongava por horas e horas seguidas; sua função básica (além de cuidar do físico dos soldados) era proporcionar a comandantes e comandados maior visão de um campo de batalha.”¹²

Pela descrição acima já encontramos particularidades que hoje são próprias do futebol moderno, o que vem a confirmar a nossa proposição. Ainda faltam, pela nossa cronologia, alguns séculos de história para que o futebol nasça na Inglaterra. Portanto este jogo ainda influenciará outros até o século XIX.

Voltando à nossa linha de tempo, depois da queda do império romano, a história da evolução dos jogos com os pés fica meio obscura, mas existem registros de vários jogos realizados durante a idade média. Neste sombrio período histórico os jogos eram mais desorganizados e, na maioria das vezes, envolviam toda a multidão das ruas da cidade, que corria atrás de uma bola, usando meios não muito leais, como socos, pauladas e pontapés, para dominá-la. Um exemplo disto é o **Soule** ou **Choule**, praticado na Normandia e na Bretania.

¹¹ SCLiar, S., CATTANI, M. A. O. R. “A História Ilustrada do Futebol Brasileiro”. São Paulo: edobras, V. I, 1968, p. 12.

¹² Coleção Placar história do futebol n. 1, op. cit., p. 6

“Estas palavras eram derivadas do celta e significava sol, a bola. No início, a bola era jogada para o alto para que tomasse contato com as divindades e quando voltada ao chão era disputada pelos dois grupos, postados em cada lado do campo. Eram grupos bastante numerosos e a luta pela posse da bola escarniçada. A meta poderia ser um muro, uma árvore ou a praça da cidade vizinha. A disputa se dava por bosques, riachos e estradas e podia demorar dias. No século XI, o jogo passou a ser disputado em campos delimitados e com uma parede à guisa de meta. As mãos podiam ser usadas para receber a bola, mas ela tinha de ser impulsionada com o pé. Quem conseguisse colocar a bola na meta indicada, se tornava o “dono” do choule ou soule.”¹³

Com a crescente popularidade destes jogos, em 1314 o rei inglês Eduardo II decide proibir a sua prática¹⁴, dizendo que eles poderiam desviar a atenção dos jovens, distanciando-os da prática do arco e flecha, esporte evidentemente mais importante para uma nação em guerra.¹⁵ A mesma atitude foi adotada pelos reis subsequentes, como Felipe V, em 1319, Carlos V, em 1369, Eduardo III, em 1349, Henrique IV, em 1410, Henrique VI, em 1547, impondo rigorosas proibições. Mas de nada adiantou, pois o jogo continuou sendo praticado clandestinamente, sobretudo nos mosteiros, onde as ordens reais não exerciam muita influência.¹⁶

Por volta de 1529, surge na cidade italiana de Florença, um importante centro econômico da época, a manifestação futebolística mais semelhante a que temos atualmente, o **Calcio**. Este jogo é derivado de uma guerra interna, pois, durante o sitio sofrido pela cidade por parte das forças do príncipe Orange, duas forças políticas de Florença resolveram acabar com suas velhas rixas através de um jogo de bola. Assim:

“Eram 27 jogadores por equipe: uma jogava de verde e a outra inteiramente de branco. A partida durou algumas horas e, a partir daí, passou a ser realizada anualmente no dia 24 de junho (dia de São João, padroeiro da cidade). O giuoco del calcio, em 1580, recebeu as suas primeiras regras normativas. Continuou com

¹³ KLEIN, M. A., AUDININO, S. A., op. cit., p.22

¹⁴ Coleção placar história do futebol, n. 1, op. cit. p. 6 (tenho que ressaltar um equívoco nos relatos sobre esta parte da história do futebol, pois, nesta publicação da placar e no I volume da História Ilustrada do Futebol Brasileiro (p. 20) encontrei o nome do rei Eduardo II como o primeiro a proibir a prática dos jogos com os pés na Inglaterra, mas, em outros livros consultados, como: Histórias da Bola, do jornalista J. Almeida Castro, na sua página 12, traz o nome do rei Eduardo III, como sendo o proibidor do jogo, através do édito real do dia 12 de junho de 1369, já José Mauricio Capinussú, em seu livro Comunicação e transgressão no esporte, p. 31, diz que foi Felipe V em édito real em 1319; venho relatar estes detalhes para mostrar que é um tanto controversa a história da história do futebol).

¹⁵ SCLAR, S., CATTANI, M. A. O. R., op. cit., p. 20

¹⁶ Ibid., p. 23

27 jogadores de cada lado: quinze atacantes (innanzik), cinco como defensores avançados (sconciatori), quatro numa terceira linha (datori innanzi) e mais três defensores de meta (datori in dietro).¹⁷

Somente no século XVII os reis ingleses permitiram a volta oficial da prática dos jogos com os pés. Os partidários do rei Carlos II, refugiados na Itália por causa da república instaurada por Oliver Cromwell, foram, neste período, contaminados pelo *calcio*, entretanto, depois de restaurada a monarquia na Inglaterra, esses exilados atravessam a França e levam o jogo para o outro lado do canal da Mancha.

“Em 1681, é disputado um jogo entre os servos do rei Carlos II e os do Conde D’Albemarie, vestidos com roupas dos seus senhores. No final, os vencedores foram os homens ligados ao conde, que foram premiados pelo rei. Começava a nascer, assim, o futebol dos tempos modernos”¹⁸

A nossa linha de tempo sobre a origem do futebol, junto com nossos estudos, nos trouxeram, assim, ao berço do futebol moderno. A partir deste momento, e até o século XIX, a prática dos vários jogos com os pés oportunizam o final da evolução até o futebol moderno.

A primeira grande mudança rumo ao futebol moderno se deu nas escolas públicas inglesas, mas cada uma delas tinha o seu jogo com regras diferentes. No final do século XVIII, as escolas eram instituições rebeldes e até violentas, pois eram ocupadas pelos ociosos da aristocracia inglesa. Quando estes filhos da nova classe média chegaram às universidades, surgiu a necessidade de se melhorar a disciplina. Pessoas esclarecidas como o diretor da escola Rugby, percebeu a importância nestes jogos viris, praticados pela maioria dos estudantes, para a construção da auto confiança e da formação do caráter, incentivando assim, a prática destes jogos na sua escola.¹⁹

“... realmente coube à Inglaterra dar o impulso verdadeiro à moderna prática esportiva, a partir de 1830, com a implantação do Colégio Rugby por Thomas Arnold, que preconizava sobretudo o aprimoramento moral através do esporte.”²⁰

¹⁷ Coleção Placar história do futebol n. 1, op. cit., p. 6

¹⁸ Coleção Placar história do futebol n. 1, op. cit., p. 6

¹⁹ Vídeo número 1 da coleção Placar história do futebol, 1998.

²⁰ CAPINUSSÚ, J. M. “Comunicação e transgressão no esporte”, São Paulo: Ibrasa, 1997. p. 28

Já a escola Harrow, importantíssima para a história da origem do futebol, foi uma das primeiras a utilizar onze jogadores em cada equipe e priorizar mais o jogo com os pés em vez dos passes e lançamentos realizados com as mãos. Quando seus alunos chegaram à universidade, perceberam que seus colegas utilizavam regras diferentes para jogar o futebol. Este conflito os levou a realizar uma decisiva reunião em Cambridge, em 1848, onde se estabeleceu um conjunto de regras comuns, derivadas das várias regras de cada escola, levadas por seus respectivos representantes.²¹

Estas regras atenderam satisfatoriamente as necessidades e foram amplamente divulgadas por toda a Inglaterra, através de panfletos ou por estudantes/jogadores quando estes retornavam às suas regiões originárias.

Mas, com o passar dos anos, e com o aumento expressivo da prática e, por consequência, dos praticantes, algumas regras começaram a suscitar pontos de discordância. Isto acarretou a necessidade de se realizar a mais importante reunião para a história do futebol. Podemos dizer que o futebol moderno acabara de nascer, sofrendo apenas mais algumas evoluções ao longo dos anos. Mas o princípio básico do jogo fora estabelecido nesta reunião: o uso exclusivo dos pés para a prática do futebol.

“Em 26 de outubro de 1863 - numa reunião realizada à luz de velas na Taberna Freemason's, em Great Queen street, Londres -, onze clubes e escolas compareceram para debater as regras do esporte. Uns defendendo o jogo só com os pés, outros batendo-se por uma unificação das regras a partir dos fundamentos do rúgbi. Os que eram pelo futebol, pura e simplesmente, estabeleceram suas leis, fundando a The Football Association, uma espécie de CBF inglesa, e dando forma definitiva ao jogo que, mais tarde, se transformaria numa paixão universal. O futebol foi oficialmente codificado em dezembro daquele ano, a partir de nove regras estabelecidas por Cambridge.”²²

Chegamos, então, ao final da nossa linha do tempo, no ano de 1863, mais precisamente no dia 23 de outubro, na Freemason's Tavern, em Queen Street, na cidade de Londres, na Inglaterra, onde o futebol nasce definitivamente. Portanto, podemos dizer que o futebol nasceu derivado da construção e evolução histórica de vários jogos, praticados em

²¹ Vídeo número 1 da coleção Placar, 1998.

diferentes locais, em determinadas épocas, com finalidades as mais distintas, mas que tinham sempre em comum o contato e o controle de uma bola, ou similar, através da utilização dos pés.

1.1.2. O futebol chega à América

Existem registros que afirmam: “...os índios, antes mesmo da chegada dos colonizadores, praticavam um jogo de equipes em disputa de uma bola.”²³ A Coleção Placar, cita a existência de jogos como o Aqsaqtuk no norte do Canadá; no Chile, os índios jogavam o Pilimatun; na Patagônia, era jogado o Tchoekah. Já os Maias, no norte de Honduras, praticavam um jogo violento chamado Copan, onde os perdedores perdiam também as suas cabeças; os Astecas, no México, praticavam um jogo mais pacífico, chamado Ullamalizth, que consistia numa disputa onde uma bola de borracha era rebatida com os quadris.²⁴

Mas estes jogos não são considerados como precursores do futebol moderno, sendo que este chegou às Américas, no século XIX, com o advento da expansão do mercado, gerada pela revolução industrial, por intermédio de seus marinheiros, viajantes e trabalhadores ingleses. “Os estivadores locais faziam a descarga das mercadorias; os marinheiros britânicos jogavam o futebol”.²⁵ Os estudantes, foram importantes agentes disseminadores do futebol pelo mundo, pois, regressando da Inglaterra, carregavam em suas bagagens, além de muito conhecimento, uma paixão incontida por este esporte “bretão”.

*“Havia ainda os jovens que retornavam das escolas inglesas, alguns deles pioneiros, como os seis estudantes de Costa Rica. Em San José, no dia 8 de dezembro de 1876, duas equipes, formada por jovens treinados pelos estudantes, realizaram o primeiro jogo de futebol disputado naquele país da América Central”*²⁶

²² Coleção Placar História do Futebol n. 1, op. cit., p. 7

²³ CASTRO, J. A. “Histórias da bola: 135 anos da história do futebol”. São Paulo: Edipromo, 1998. p. 7

²⁴ Vídeo da Coleção Placar História do futebol n. 1

²⁵ CASTRO, J. A. op. Cit. P. 22

²⁶ CASTRO, J. A. op. Cit., p. 22.

Já na América do Sul, o futebol chega por volta da segunda metade do século XIX, primeiramente na Argentina, onde, no início, era visto como jogo maluco praticado pelos ingleses.

“Trazido por imigrantes e marinheiros ingleses que aportaram em Buenos Aires na década de 1860, o “jogo dos loucos” começou com uma reunião informal entre amigos. As equipes eram, então, formadas por cidadãos ingleses, diplomatas e funcionários das companhias de gás da capital argentina. Pouco a pouco, porém, foi-se espalhando. Primeiro para o Uruguai, onde chegou quase simultaneamente. Depois para o Brasil...”²⁷

Do fim do século XIX até o início do século XX, o futebol já havia contaminado e apaixonado a todos no sul das Américas, mais radicalmente, na Argentina, no Uruguai e no Brasil. E, com o advento da primeira guerra mundial, a América do Sul tornou-se um campo fértil para o esporte crescer.²⁸ A ponto de, até hoje, enfrentar os europeus com o “status” de melhores do mundo, num esporte que, como já dissemos, veio de lá para cá.

1.1.3. O futebol no Brasil

O futebol chega ao Brasil, mais precisamente em São Paulo, no ano de 1894, por intermédio de Charles Miller que, ao retornar da Inglaterra, onde fora estudar, traz as primeiras bolas, uniformes e chuteiras. Apesar de ser o ano de 1894 considerado oficialmente o da chegada do futebol no Brasil, Witter cita em seu livro²⁹ a existência de suposições de que o futebol já havia sido praticado antes desta data nos litorais de Pernambuco e de Santos, nas suas zonas portuárias, com marinheiros ingleses, que atracavam nestes dois principais portos do país. *“Essas informações são difíceis de serem comprovadas, porém devem ter muito de verdade”³⁰*. O primeiro volume da História Ilustrada do Futebol Brasileiro, editada em 1968, além de confirmar o que Witter nos relatou, levanta suposições de que os padres jesuítas já haviam trazido a novidade da

²⁷ Coleção Placar História do futebol “Copa do mundo: o sonho vira realidade”. São Paulo: Abril, n. 2, 1998, p. 4

²⁸ Ibid., p. 4

²⁹ WITTER, J. S. “Breve história do futebol brasileiro”. São Paulo: FTD, 1996, p. 10 – 11.

³⁰ Ibid., p. 11

UNICAMP
BIBLIOTECA GERAL
SEÇÃO CIÊNCIAS

Europa, e ainda, conta histórias sobre algumas outras celebridades e marinheiros que poderiam ter chutado uma bola antes de Miller.³¹

Porém, segundo a história oficial, o futebol começa a ser jogado, em terras paulistas, pelas famílias de posse, uma elite que se formava na virada do século. Nesse período, em 1894, junto com a chegada do futebol, a história marca o início da consolidação da república no Brasil, com a posse do primeiro presidente civil: Prudente de Moraes.³²

A bola, bem como todo o equipamento para a prática do jogo tinha, logicamente, de ser importada. Portanto, o futebol é consolidado pela elite e pelos imigrantes. Rapidamente, ganhou popularidade. Começaram a surgir times em várias partes do país. Exemplo disto, nos fala Witter³³, é a equipe do Rio Grande F. C., localizada no estado do Rio Grande do Sul, que disputa com a Ponte Preta, da cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo, o título de clube mais antigo do Brasil, ambos fundados em 1900. Portanto, se o futebol só chegou ao país em 1894, em São Paulo, no decorrer de 6 anos, chegou e consolidou-se no Rio Grande do Sul. Klein e Audino, confirmam e relatam como se deu esta difusão do futebol pelo país.

“Charles Miller, por exemplo, que trouxe o futebol para o Brasil era paulista e dedicou-se ao futebol paulista. No Rio, para dar outro exemplo, o futebol chegou por outras mãos, no caso as de Oscar Cox. No Maranhão por intermédio de Joaquim Moreira Alves de Souza, estudante, que, como Charles Miller, passara anos na Inglaterra. No Paraná levado de São Paulo por Frederico Fritz Essenfelder. Em Santa Catarina levado por estudantes paulistas e cariocas e assim por diante.”³⁴

Como podemos ver, a difusão do futebol pelo Brasil não se deu de um centro para sua periferia, mas de quase simultâneos focos disseminadores, ou seja, o futebol se difundiu no nosso país de maneira regional.

Com esta popularização propagada pelas várias regiões do país e sua difusão regional, o futebol começa a ser praticado pelas camadas mais baixas. Witter registra um aumento no número de praticantes em campos improvisados que ladeavam as margens dos

³¹ SCLiar, S., CATTANI, M. A. O. R., op. cit., p. 47

³² Ibid., p. 10

³³ Ibid., p. 13

³⁴ KLEIN, M. A., AUDININO, S. A., op. cit., p.25

rios Pinheiro e Tietê, em São Paulo, dando origem ao futebol varzeano (realizado nas várzeas dos rios).³⁵

Aos poucos, durante as duas primeiras décadas do século XX, os ricos vão se misturando e sendo substituídos pelos pobres, negros, mulatos e, principalmente, pelos operários, que, incentivados pelas fábricas, que construíam campos para atrair e manter os funcionários em seus quadros funcionais, deram um grande avanço no processo de profissionalização. Em pouco mais de um século de história, o Brasil passa a ser considerado uma super potência mundial no futebol, conquistando, neste período, quatro títulos mundiais.

1.1.4. O futebol brasileiro das ruas e campinhos para as Escolinhas

Portanto, como vemos, em pouco tempo o futebol foi massificado nas camadas populares, transformando-se numa das principais práticas sociais do brasileiro.

Porém, são poucos os estudos que tentam explicar o porquê do futebol ter se enraizado e expandido tão rápida e fortemente em nosso território, realizando o perfeito casamento entre o brasileiro e este esporte, deixando marcas indelévels em nossa cultura e transformando-se num dos jogos mais populares de nossa história.

Jocimar Daólio, é um dos poucos teóricos da Educação Física que buscou levantar algumas hipóteses que viessem a explicar este fato, tendo como referencial teórico alguns estudos sócio-antropológicos. Em seu artigo “O drama do futebol brasileiro: uma análise sócio-antropológica”³⁶, aponta quatro aspectos presentes no futebol que se relacionam com as características do povo brasileiro, entendendo-o como algo maior que um mero esporte regido por regras, configurando-se uma prática social que: “... *como tal, expressa a sociedade brasileira, com todas as suas aspirações mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas*”³⁷.

Dos quatro aspectos levantados, três dizem respeito, respectivamente, a: idéia de igualdade democrática possível de ser representada no jogo, a existência e necessidade do

³⁵ WITTER, J. S. op. cit., p. 18

³⁶ DAÓLIO, J. “Cultura, Educação Física e Futebol”. Campinas: Ed. UNICAMP. p. 101 à 109, 1997.

³⁷ Ibid., p. 102

uso do drible no futebol, podendo ser relacionado à malandragem do povo brasileiro, e o fato do futebol permitir a livre expressão.

Já o último aspecto abordado por Daólio, talvez um dos mais relevantes e pertinentes ao nosso estudo, diz que:

“É possível que o povo brasileiro, sendo uma mistura das raças negra, indígena e branca, tenha maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que outros povos.”³⁸

Ou seja, Daólio quer dizer que as danças, os rituais indígenas e a capoeira, entendidos como técnicas corporais já incorporadas em nossa sociedade são passíveis de transmissão para seus descendentes. De geração em geração o jogo foi transmitido, ensinado, aprendido. *“Esta noção explicaria o fato de os meninos no Brasil nascerem, praticamente, “sabendo jogar futebol””³⁹*

Todavia, esse processo encontrou pela frente as crianças, que fizeram do futebol sua principal diversão. Os meninos cresciam com uma bola nos pés, e, ao brincar com o futebol, metamorfoseavam suas regras, criavam novos dribles, inventavam inéditas e variadas formas para colocar a bola magistralmente no gol longe do alcance do goleiro, ou seja, faziam do futebol sua brincadeira favorita e da bola seu brinquedo predileto:

“A bola é um brinquedo barato. Ao alcance de qualquer menino, seja o mais afortunado que a tem de couro, grande e redonda, seja do menos favorecido, que a faz de meia, murcha e pequena, ela mais do que qualquer brinquedo caro, faz a alegria da criança brasileira. À sua falta, chutam-se pedra, chapinha, laranja, lata, caixa de fósforo, qualquer coisa que, mesmo de longe, lembre o pé de um jogador de verdade a mandar uma bola de verdade à rede adversária.”⁴⁰

Essas crianças impulsionadas pelo desejo infantil de imitar os mais velhos, e por conseqüência aprender o jogo, transformavam qualquer espaço livre no palco para uma disputa de futebol, ou então, para o desenrolar faceiro de uma brincadeira com a bola nos pés: *“Nas várzeas, nos campinhos de subúrbio, nos terrenos baldios, no meio de uma*

³⁸ Ibid., p. 106

³⁹ Ibid., p. 106

⁴⁰ SCLiar, S., CATTANI, M. A. O. R. “A História Ilustrada do Futebol Brasileiro”. São Paulo: edobras, V. 4, 1968, p. 399.

estrada, no asfalto, na areia, no bairro grã-fino ou ao pé do morro, surge o craque brasileiro, nessa entidade muito nossa que é a pelada.”⁴¹

As peladas, as rebatidas, os controles e os bobinhos, brincadeiras infantis realizadas nestes locais, pertencentes ao universo da cultura das brincadeiras de bola com os pés, são apontadas por Freire, como as responsáveis pela maneira toda particular do brasileiro jogar futebol. Pois foi brincando com elas que nossos antigos craques aprenderam a jogar futebol.⁴²

Ou seja, em meio à liberdade propiciada pelas brincadeiras tradicionais infantis é que se deu o processo de aprendizagem do futebol ao longo de um grande período da história do futebol brasileiro, talvez, podemos ousadamente dizer que essa era a única maneira, até poucos tempos atrás, de se aprender a jogar futebol no Brasil e que, por conseguinte, fez do brasileiro um dos melhores praticantes deste esporte no mundo, evidenciando uma maneira toda particular de jogar.

“Muitos podem até pensar que somos os inventores do futebol, tamanha a nossa intimidade com a bola. No entanto, quem inventou o futebol foram os ingleses que, de professores, viraram nossos alunos. Num país com tantos insucessos, os êxitos no futebol têm sido tão grandes que as tentativas de explicações tornaram-se inevitáveis. Para alguns, somos vitoriosos porque Deus é brasileiro; para outros, a explicação é genética. Mesmo que não sirva como explicação, basta dar uma volta por aí, pelas areias das praias, pelas quadras de futebol de salão, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada pedacinho de chão onde dê para rolar uma bola, que o observador atento descobrirá que futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira. Jogar bola tem sido a maior diversão da infância brasileira, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, das periferias, dos lugares onde sobra algum espaço para brincar. Pés descalços, bola, brincadeira, são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor do que ninguém.”⁴³

Infelizmente, nos dias atuais, principalmente nos grandes centros urbanos, como Campinas que foi o local de realização de nosso estudo, vemos que a rua há muito deixou de ser local de diversão para as crianças. Hoje a rua é destinada aos velozes veículos

⁴¹ Ibid., p. 399

⁴² FREIRE, J. B. “Pedagogia do futebol”. Londrina: Midiograf, 1998, p. XIII - XV

automotivos e os demais espaços vazios onde eram construídos os campinhos, transformam-se rapidamente em canteiros de obras. Nas periferias, esses locais ensinam às crianças outras atividades que não a de brincar de futebol.

Com isso, foi necessário criar um novo local para que as crianças pudessem aprender e jogar futebol, que foram surgindo, à medida que os campinhos sumiam, as escolinhas de futebol. Porém, infelizmente, estas escolinhas são, na sua grande maioria particulares, e têm como professores ex-jogadores profissionais de futebol.

Portanto, hoje e cada vez mais adiante no tempo, principalmente a medida que as cidades crescem e ocorrem os inevitáveis aumento dos problemas sociais, as escolinhas de futebol deverão viver um processo de substituição das funções antes atribuídas às ruas e aos campinhos.

As crianças, num número cada vez maior, estão buscando esses locais para continuarem cultivando o sonho de qualquer pequeno que joga bola, aprender a jogar bem futebol para se tornar um grande craque e defender as cores nacionais.

Não existem estudos científicos que venham relatar e estudar o trabalho desenvolvido atualmente nestas escolinhas. Porém, apesar da consciência de que é ainda muito cedo concluir uma avaliação que venha a dizer se escolinhas conseguirão se igualar ao nível de competência da rua e dos campinhos, lançando mão de uma pedagogia que possibilite, através de um processo de ensino-aprendizagem, produzir resultados semelhantes, não temos dúvida em afirmar que essa será a sua tarefa. Portanto, o futuro do futebol brasileiro está aí posto.

“O futebol é uma paixão que nasce no berço, se desenvolve na infância, aumenta na adolescência, amadurece-se no jovem e não o abandona mais, até o fim da vida. Somos um país de 80 milhões de craques, senão de verdade como Pelé, pelo menos nos sonhos e lembranças de infância que guardamos todos. O menino brasileiro aprende cedo a amar a bola e a ser fiel a ela. Nesse amor – ou nessa fidelidade – o presente, o passado e o futuro do futebol brasileiro.”⁴⁴

Depois de levantarmos os pontos para nós mais relevantes da história do futebol, percorrendo da suas origens e surgimento, passando por sua chegada ao Brasil e terminando

⁴³ Ibid., p. XIII - XIV

⁴⁴ SCLAR, S., CATTANI, M. A. O. R. “A História Ilustrada do Futebol Brasileiro”. São Paulo: edobras, V. 4, 1968, p. 399.

nos dias atuais, finalizamos o nosso resgate histórico, tendo consciência de que atingimos o objetivo do capítulo ao levantar os processos pelo quais vários povos desenvolveram ao aprender/ensinar jogos com a bola nos pés, resultando no surgimento do maior representante do fenômeno esportivo do século XX, o futebol.

Esta peregrinação histórica nos trouxe de volta ao Brasil mais especificamente, às ruas e campinhos. Do mesmo modo que os vários jogos, criados por diferentes povos ao longo da história, permitiram que os ingleses inventassem o futebol, as brincadeiras infantis de bola com os pés permitiram que os brasileiros aprendessem a jogar o futebol de uma maneira diferente, caracterizando-nos como os artistas da bola, detentores do chamado futebol arte.

Porém, finalizamos nosso retrospecto afirmando que atualmente não se aprende mais futebol na rua e nos campinhos como antes. Hoje existem locais destinados exclusivamente para desempenhar estas funções, as escolinhas de futebol.

Mas será possível aprender a jogar futebol, tão bem como antigamente, numa escola?

CAPÍTULO II

A pedagogia no futebol:

Referências teóricas para práticas pedagógicas nas Escolinhas de Futebol

2.1. FUTEBOL SE ENSINA?

“...não vivemos num mundo determinado. Ao contrário. Somos livres e temos o poder de mudar tudo a cada instante.”

Jean Guilton⁴⁵

Esta pergunta é uma das grandes dúvidas que pairam na cabeça de muitos brasileiros. O senso comum diz que, ou os craques já nascem sabendo jogar, ou atribuem o talento a um dom divino. Mas tudo não passa de folclore, dito popular.

Levando esta discussão para o campo da ciência, e apoiando-se nas teorias construtivistas, sabemos que o homem é um ser condenado a ser livre, ou seja, em meio à sua liberdade, constrói o seu destino, produzindo cultura, como na fala Albert Jacquard, em sua obra “Herança da liberdade”.⁴⁶

Toda esta liberdade, que o possibilitou alcançar a evolução atual, é determinada pelo ambiente cultural que o rodeia. Os pássaros e outros animais, vivem num ambiente natural pouco alterável, mesmo porque, alterações os levariam à extinção, pois nascem sabendo quase tudo que precisam para viver, sobrando-lhes poucas, ou quase nulas possibilidades de aprender novas soluções para sobrevivência.

Já o homem nasce sabendo quase nada, para viver num ambiente cultural muito alterável, portanto, tem a possibilidade de aprender quase tudo para a sua perpetuação.⁴⁷

A humanidade só se perpetua devido às suas duas gestações: uma biológica, na barriga da mãe; outra social, quando sai do ventre materno.

A gestação biológica, primeira etapa da perpetuação da espécie humana, concretiza-se devido à capacidade, adquirida em meio às evoluções, de procriar. Nesta procriação, dois hominídeos, de sexos opostos, copulam, doando metade de seus patrimônios genéticos para

⁴⁵ GUITTON, J. “Deus e a ciência: em direção ao metarrealismo”. 1992. p. 108

⁴⁶ JACQUARD, A. “Herança da Liberdade: da animalidade à humanidade”. Lisboa, Portugal: Publicações dom Quixote, 1988.

⁴⁷ FREIRE, J. B. “De corpo e alma”. São Paulo: Summus, 1991. P. 49-50.

a criação de um terceiro, que caracteriza um ser intermediário. Este ser denomina-se genótipo, que nada mais é que um conjunto de genes (unidades de transmissão hereditária; situam-se nos cromossomos), que, interagindo com o meio ambiente, condicionam a manifestação de suas características, resultando no fenótipo (conjunto das características morfológicas e fisiológicas do indivíduo). Ao se preestabelecer o fenótipo, durante a sua coabitação com a mãe, ainda inserido na gestação biológica, apreende informações que não são genéticas, mas comportamentais.

Percebe-se, então, que no ponto de partida, há um espermatozóide e um óvulo, que contêm todas as informações necessárias para formar um corpo, caracterizando um ser biológico. Todavia, como ressalta Jacquard, isso constitui apenas a matéria-prima: o corpo.⁴⁸ Mas, para sua sobrevivência, não é suficiente construir um corpo, é necessário, também, formar um ser: o homem cultural.

E é somente devido a essa magnífica insuficiência que o homem nasce sabendo quase nada, garantindo-lhe a possibilidade de aprender quase tudo, e, com isso, homologar sua condição de réu, condenado a ser livre para aprender.

Estas conexões, que representam um limite para o inato, realizam-se por intermédio da contribuição de outros homens, caracterizando-se o adquirido, a cultura humana. Assim, inicia-se a gestação social, que vem completar e solidificar a gestação biológica, possibilitando a perpetuação da espécie.

O homem, sendo um ser social, impregna e é impregnado pela sociedade. Segundo Jacquard, ser homem é partilhar da humanidade acumulada e participar com seu próprio contributo. Entendendo humanidade como a contribuição de todos os homens, de outrora ou de hoje, para cada homem.⁴⁹

Portanto, o homem está no mundo para se enriquecer com os atributos adquiridos e construir novos, que serão passados a outros homens. Entendendo, logicamente, que estes contributos não são transmitidos pelo patrimônio genético, pois não são assimilados em nível biológico, mas, tão somente, pela cultura.

Na oportuníssima frase de Sartre, sintetizam-se as reflexões expostas: *“Eu sou homem feito de outros homens”*⁵⁰

⁴⁸ JACQUARD, A. “Todos semelhantes, todos diferentes”. São Paulo: Ed. Augustus, p. 45, 1993.

⁴⁹ JACQUARD, A. “Herança...”, op. cit., p. 179.

⁵⁰ apud JACQUARD, A., op. cit., 1988.

Em meio aos percalços dessa liberdade, o homem aprendeu atos nefastos, mas também, durante a sua gestação social, desenvolveu certas habilidades, que o possibilitaram ser mais, superando-se e transcendendo-se a cada conquista.

Esse superar-se atingiu todos os campos de atuação humana, quer seja no âmbito intelectual, no social, ou no motor, ocasionando assim, o aparecimento dos talentos esportivos, ou seja, pessoas que se sobressaem sobre outras na prática esportiva. Todavia, o que queremos mostrar nesta introdução do tópico é que todos são dotados da capacidade de aprender os atributos culturais produzidos ao longo dos tempos pelas sociedades.

Portanto, sendo o futebol produto da cultura humana, ele é fruto da humanidade, portanto é passível de ser ensinado. Ser um craque de futebol, já é uma outra questão que demanda um estudo mais cabal sobre o tema, fato que não se constitui nosso objetivo. Entretanto, o futebol é um esporte que, por ser coletivo, no qual cada jogador desempenha funções específicas, um craque será aquele que compreender a dinâmica do jogo, não precisando para isto excepcionais qualidades físicas, fato que é incontestável em outros esportes, principalmente os individuais.

Sendo assim, esclarecido que futebol se ensina, cabe agora descobrir como ensinar, e isto será possível através de outra área do conhecimento, a pedagogia.

2.1.1. A pedagogia e o futebol

Acreditamos ser de fundamental importância, antes de entrar na discussão a respeito das pedagogias utilizadas para o ensino do futebol, conceituar a pedagogia. Pois, o que é pedagogia? Essa talvez seja a pergunta que deva ser respondida para, em seguida, procurar entender uma possível relação entre a pedagogia e o futebol.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa:

“1- Teoria e ciência da educação e do ensino. 2- Conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução que tendem a um objetivo prático. 3- O estudo dos ideais de educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para efetivar estes ideais. 4- Profissão ou prática de ensinar.”⁵¹

Confirmando e acrescentando, Brugger, em seu dicionário de filosofia, diz que:

*“Pedagogia - é a ciência da educação. Não se reduz a mera arte, senão que propõe-se descrever, fundamentar e sistematizar, de acordo com as razões últimas, o processo cultural denominado educação. Objeto da educação é o educando, ou seja, o homem ainda não plenamente desenvolvido, em cuja essência finita estribam a capacidade, a necessidade e o anelo de complementação. Esta necessidade de complementação estende-se a todo o âmbito do ser humano (corpo-alma-indivíduo-sociedade, homem, Deus).”*⁵²

Complementando, através de estudos acadêmicos de autores conceituados como Ghiraldelli Jr.⁵³, Dermeval Saviani⁵⁴ e Lauro de Oliveira Lima⁵⁵, a origem da palavra pedagogia data da antiguidade, e designa a função do pedagogo que, mais precisamente na Grécia e Roma, era o escravo que conduzia a criança, de cerca de sete anos, da casa à escola. Portanto, o pedagogo se constituía no mediador entre a família e a escola. Depois, no desenrolar dos tempos, este pedagogo, de mero condutor da criança, passa a ser o seu educador.

Durkheim⁵⁶ define pedagogia como teoria prática da educação. Com isso, pretende indicar que a pedagogia é uma teoria que se estrutura a partir de uma ação, portanto, elaborada em função de exigências práticas, interessadas na execução da ação e seus resultados.

Luckesi⁵⁷ vem reforçar nossas idéias ao dizer que a pedagogia é o modo de agir em educação, constituindo-se uma concepção filosófica desta. Sendo que esta concepção ordena os elementos que direcionam a prática educacional.

Através da síntese histórica e dos estudos acadêmicos, podemos chegar à conclusão de que a palavra pedagogia está conectada à condução ao saber, ao conhecimento sistematizado, e para isto se utiliza de várias formas, meios, métodos para atingir o seu fim.

⁵¹ FERREIRA, A. B. H. “Novo dicionário básico da língua portuguesa “Folha/Aurélio”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 490

⁵² BRUGGER, W. “Dicionário da filosofia”. 2 ed. São Paulo: Herder, 1969. p. 314

⁵³ GHIRALDELLI JR., P. “O que é Pedagogia”. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

⁵⁴ SAVIANI, D. “Do senso comum à consciência filosófica” 9 ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.

⁵⁵ LIMA, L. O. “Pedagogia: reprodução ou transformação” 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁵⁶ DURKHEIM apud SAVIANI, op. cit., 1989.

⁵⁷ LUCKESI, C. C. “Filosofia da educação”. São Paulo: Cortez, 1991. p. 21

Portanto, a pedagogia vincula-se às concepções metodológicas, construídas, refletidas e discutidas teoricamente, relativas ao como ensinar, ao que ensinar e para quem ensinar.⁵⁸

2.1.2. As relações entre a pedagogia e o futebol: o ensinar

“A Pedagogia, não tem como campo exclusivo de aplicação a escola.”⁵⁹

Com esta significativa frase, aliada aos esclarecimentos a respeito dos conceitos, cabe a nós relacioná-los.

Portanto, se entendemos a pedagogia como um caminho refletido que nos leva ao saber, logo estamos falando de: o que, como e para quem ensinar futebol, sendo este entendido como um jogo, construído historicamente, carregados de signos populares, símbolos, fantasias e sonhos.

Mas, ao assumirmos o conceito de pedagogia diretamente ligado a ensinar (futebol), devemos refletir o que representa este ensinar.

Segundo os estudos de Regis de Moraes: *“In-signare: marca com um sinal; marca com o sinal da paixão de viver e de conhecer, conviver e participar. Esta é a razão pela qual o ensinar e o educar jamais poderão ser apolíticos”⁶⁰*

Esta marca deixada pelo ensinar, segundo o autor, não deve ser ruim nem “marca de propriedade” e sim, uma forma de intervir em vidas humanas, mas pelo convite e não pela invasão.

Já o saudoso Mestre Paulo Freire, destaca algumas responsabilidades, obrigações e princípios, quando aponta algumas exigências do ensinar:

- ensinar exige rigorosidade metódica;
- ensinar exige pesquisa;
- ensinar exige respeito ao saberes do educando;
- ensinar exige criticidade;
- ensinar exige estética e ética;
- ensinar exige corporeificação das palavras pelo exemplo;

⁵⁸ GHIRALDELLI JR., op. cit., 1991.

⁵⁹ MESQUITA, I. “A importância da análise do processo de treino em voleibol”. In “As ciências do Desporto e a Prática Desportiva”. Faculdade de ciências do desporto e de Educação Física - Universidade do Porto. Actas, 1991.

⁶⁰ MORAES, R. “O que é ensinar”, p. 39, 1986.

- ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação;
- ensinar exige reflexão crítica sobre a prática;
- ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando;
- ensinar exige bom senso;
- ensinar exige reconhecimento e a assunção da identidade cultural
- ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.⁶¹

Portanto, ao ensinarmos futebol, ou qualquer outro esporte, devemos entendê-lo impregnado por todos estes princípios e condutas pedagógicas, pois, sob a ótica do conceito ensinar não existe diferença entre o ensinar futebol e ensinar português.

Ensinar não é, e nunca será, tarefa simples e desprovida de responsabilidades. Ao ensinar tem-se o compromisso com o formar. Formar o cidadão que, para se superar e ser sujeito histórico no mundo, necessita desenvolver sua criticidade, sua autonomia, sua liberdade de expressão, sua capacidade de reflexão, sintetizando sua cidadania. Assim sendo, aluno/sujeito/cidadão, lapidado por quem ensina, não será mais aquele que simplesmente se adapta ao mundo, mas o que se insere, deixando a sua marca na história.

“O objetivo primário da educação é, evidentemente, revelar a um filho de homem a sua qualidade de homem, ensiná-lo a participar na construção da humanidade e, para tal, incitá-lo a tornar-se o seu próprio criador, a sair de si mesmo para poder ser sujeito que escolhe o seu percurso e não um objecto que assiste submisso à sua própria produção.”⁶²

Nos pensamentos de Jacquard, entendemos que o ensinar é o fator decisivo para a construção da humanidade⁶³, e ao homem não cabe adquirir os atributos acumulados pela transmissão passiva, pois a natureza do homem o faz não ser apenas um produto dela.

O ensinar, também no futebol, não é uma simples transmissão de conhecimento ou imitações de gestos, onde o aluno seja apenas um receptor passivo, acritico, inocente e indefeso. Ensinar futebol deve ser entendido como uma prática pedagógica, desenvolvida

⁶¹ FREIRE, P. “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁶² JACQUARD, A. “Herança...”, op. cit., p. 179

⁶³ O conceito de humanidade criado por Jacquard foi explicado na introdução deste tópico e se refere a contribuição de todos os homens, de outrora ou de hoje, para cada homem. Ibid., p. 179

dentro de um processo de ensino-aprendizagem, que leve em conta o sujeito aluno, criando possibilidades para a construção desse conhecimento, inserindo e fazendo interagir o que o aluno já sabe, com o novo, ampliando-se assim, sua bagagem cultural/motora. A aula deve permitir a troca, a interação, sujeito (aluno) - meio (classe; turma) - esporte (futebol), *“...o respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola”*⁶⁴

Pensando o educando na sua totalidade (corpo-alma-natureza-sociedade), inserido em um paradigma holístico, o aprender futebol, ou outro esporte qualquer, necessita se configurar um desafio, uma busca desenfreada do superar-se, do ser mais; do transcender.⁶⁵

*“É demasiadamente importante que o esporte seja para a criança um meio que a leve a ser melhor, no sentido de construir valores que sejam decisivos e definitivos na busca de uma melhoria da sua qualidade de vida”*⁶⁶

Continuando nesta linha de reflexão, para Manuel Sérgio, o esporte (portanto, também o futebol) deve sempre estar ciente de seu papel, na renovação e transformação, pois: *“...o desporto há-de ser uma actividade instauradora e promotora de valores. Na prática desportiva, o Homem tem de aprender a ser mais Homem”*⁶⁷

Carregar o aluno apenas de conhecimentos técnicos, sem uma correspondente reflexão, é uma forma de ensino bancário⁶⁸, depositário, aplicado no esporte, pois estamos apenas adestrando - eufemisticamente se retratando -, treinando o educando no desempenho de destrezas, sem permitir-lhe o desenvolvimento e a assunção de uma capacidade crítica sobre o conteúdo ensinado.

Tendo o aluno como centro do processo, percebemos que ele se transforma assimilando conhecimentos, transformando o seu tempo. O educando é, ao mesmo tempo, impregnado e impregnante de uma época.

Emprestando as palavras de Paulo Freire:

“É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o

⁶⁴ FREIRE, P. op. cit., p. 71

⁶⁵ SÉRGIO, M. “Motricidade Humana: o paradigma emergente”. Blumenau: ed. da FURB, 1995.

⁶⁶ SANTANA, W. C. “Futsal: metodologia da participação”. Londrina., 1996. p. 131

⁶⁷ SÉRGIO, M. “Para um desporto do futuro”. Lisboa: Desporto, 1985. P. 5

seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar.”⁶⁹

E formar, como já mencionamos, é muito mais que capacitar um aluno com gestos técnicos. Pois, assim fazendo, estaremos reproduzindo uma sociedade, ou melhor, um esporte, sem transformá-lo, sem permitir que novos esportistas venham a reconfigurá-lo no futuro.

Ensinando o aluno a pensar criticamente o jogo, damos-lhe a oportunidade de manifestar um comportamento que é fruto do seu entendimento, do seu aprendizado, fazendo seu jogo ser não apenas a imitação e reprodução de performances existentes. “*É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.*”⁷⁰

Portanto, pedagogicamente pensando, o que ensinar do futebol ?

O que deve ser ensinado é, além do aprendizado do jogo em si e de seus fundamentos dentro do seu contexto, a aquisição de hábitos e condutas motoras (ampliando-se o repertório motor), e o entendimento do futebol como uma fator cultural (por consequência, humano), estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade. Valores éticos, sociais e morais também devem ser ensinados, para que se possa fazer do educando um agente transformador do seu tempo, preocupado com uma cidadania que lhe permita viver bem, qualquer que seja o caminho do esporte/futebol escolhido por ele a seguir: o esporte como profissão ou como lazer.

Para quem ensinar futebol ?

O futebol deve ser ensinado a todos. Todos os alunos dentro de uma sala de aula têm o direito de aprender e com igualdades de condições. Mas será que no esporte deve ser assim também? Não seria melhor e mais fácil, e com melhores resultados, ensinar só os mais talentosos, mais altos, mais fortes...

É difícil pensar que o esporte possa ter outras características, outros objetivos, além de revelar talentos nacionais. Porém, Tubino nos apresenta três “novas” dimensões no conceito de esporte, uma voltada para o esporte educação, outra para o esporte participação

⁶⁸ FREIRE, P. op. cit., 1996.

⁶⁹ FREIRE, P. op. cit., p. 37

⁷⁰ FREIRE, P. op. cit., p.44

e a última para o esporte performance⁷¹. Infelizmente, o espelho do esporte é a performance, sendo somente esta a dimensão, para muitos, que o justifica.

Diferentemente, pensamos que não. Mais importante que revelarmos recordistas infantis é criarmos condições a todos os alunos de desenvolverem uma cultura esportiva, pois, inserido nesse processo, nada impede o craque de se desenvolver e os outros de se beneficiarem dos proveitos que o esporte traz.

Adquirir uma cultura esportiva é hábito que se carrega para toda a vida, portanto, se ensinado bem, este aprendiz só colherá satisfação e proveito de sua prática esportiva, tanto se ele se tornar um especialista, como um consumidor passivo do esporte, pois aprenderá a assumir uma posição crítica diante do fenômeno esportivo.⁷²

Obviamente, queremos mostrar que aprender a jogar futebol não é diferente de aprender matemática ou português na escola, pedagogicamente analisando. O professor de futebol deve ser tão capaz e preparado quanto os de outras disciplinas. Portanto, não cabe a um leigo ensinar futebol. Mas, no Brasil existe algum leigo em futebol? Pode ser que não, mas em pedagogia do futebol...

E então, como ensinar futebol na iniciação?

Antes de respondermos a isso, devemos rever a posição que muitas vezes se assume no tocante à iniciação esportiva e, especialmente no futebol, em que, muitas vezes a criança é subordinada à aprendizagem de estereótipos descritos em manuais técnicos, que em suas “bulas” prometem resultados imediatos, e onde os doutrinadores não se preocupam em determinar uma posologia para adequar os graus de dificuldade que serão transmitidos às crianças.

Como resultado, produz-se, às vezes, atletas espetaculares, mas, como nos diz Medina, não se dá conta do processo de desumanização que envolve os rituais para a sua produção.⁷³

É esta estereotipação de gestos técnicos aliada à automação de movimentos que deve dar lugar a uma pedagogia que humanize todo este processo, que não se preocupe

⁷¹ TUBINO, M. G. “Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI”. In MOREIRA, W. W. “Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI” Campinas: Papyrus, 1992.

⁷² BETTI, M. “Educação e Sociedade” São Paulo: Movimento, 1991.

⁷³ MEDINA, J. P. S. “Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo”. In MOREIRA, W. W. “Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI” Campinas: Papyrus, 1992. p. 145.

somente em produzir um atleta, mas que, em primeiro lugar, produza o homem/cidadão, que virá a ser o atleta do futuro, mais completo e seguro das suas possibilidades.

Uma boa pedagogia não é aquela que demonstra um gesto para ser imitado, automatizado, mas é aquela que permite ao educando vivenciar um processo de ensino aprendizagem, onde, através da possibilidade de exploração, a criança constrói o seu gesto motor.

Segundo Incarbone:

“O professor deve ter muito em conta que não deve modelar o menino à semelhança de ..., e sim ele deve dar uma grande bagagem de experiências motoras contribuindo para o armazenamento de seu acervo motor, o qual permita desenvolver-se no futuro com grande variedade de habilidades motoras, que não só apontariam para um esporte, mas também à sua vida diária.”⁷⁴

Mas não é fácil formar homens quando o sistema pede robôs. Não é fácil desenvolver atletas cidadãos, críticos, conscientes, educados e criativos, quando o sistema pede apenas “máquinas” obedientes e automaticamente descartáveis quando deixam de produzir o rendimento esperado.⁷⁵

Contudo, longe de uma especialização precoce, o futebol, como qualquer outro esporte, deve permitir à criança iniciante a obtenção de uma boa cultura motora. Ou seja, proporcionando ao jovem uma aprendizagem adequada, além de estarmos tornando a prática esportiva possível a todos, possibilitamos que os aprendizes construam um rico repertório motor, útil não somente na prática futebolística, mas também na aprendizagem de outros esportes ou situações que exijam certo nível de habilidade motora.

Depois desta introdução e de todo o caminho teórico percorrido até o momento, fica evidente a nossa posição ao afirmar que não basta saber jogar para saber ensinar a jogar; são coisas diferentes. Saber jogar ajuda em muito, mas de nada vale sem um conhecimento teórico básico, sem ter claro o seu papel e a sua responsabilidade quando se assume o papel de professor.

Ao se propor a ensinar alguma coisa, deve-se ter em mente algo que direcione a sua ação, que aponte, se não todos, alguns fatores que são inerentes ao ato de ensinar, e, para

⁷⁴ INCARBONE, O. Iniciação desportiva. “Revista brasileira de ciência e movimento”, 4 (3): 98 – 103, 1990.

⁷⁵ MEDINA, J. P. S. op. cit., p. 152

isto, deve-se ter algum conhecimento sobre as teorias pedagógicas e seus processos de ensino aprendizagem.

2.2. DA ESCOLA À ESCOLINHA DE FUTEBOL

Escola é um estabelecimento onde se ministra, de forma sistemática e coletiva, o ensino dos conhecimentos elaborados e construídos ao longo da história da humanidade, e que devem ser transmitidos a todas as novas gerações, servindo-lhes de base ou alicerce para o desenvolvimento.

Portanto, esse ensino se traduz em possibilidade, meio para um aumento de conhecimento. E conhecimento, segundo Luckesi, significa uma forma de entendimento da realidade, ou seja, através do conhecimento se constrói uma forma de compreensão de alguma coisa, tanto no seu modo de ser quanto no modo de operar com ela.⁷⁶ Através do acúmulo e assimilação dos conhecimentos pode-se entender melhor o mundo; adquire-se liberdade.

Assim, entendemos que a função da escola está diretamente ligada a possibilitar uma compreensão da realidade e do mundo, constituindo-se também responsável pela propagação de culturas e ideologias. Para Luckesi: *“A função essencial da escola é mediar a apropriação, pelas novas gerações, da cultura acumulada pela humanidade”*⁷⁷

Guiomar de Mello, vem confirmar as palavras de Luckesi ao dizer que a função da escola é, obviamente, ensinar; cabe a ela transmitir a todos, sem fazer distinção social, uma cultura universal.⁷⁸

Para a autora seu papel é:

“... dar acesso a noções científicas corretas sobre o mundo físico e social; é desenvolver o domínio da língua como instrumento de organização e expressão do pensamento e das emoções humanas, e de compreensão dos outros; é ensinar o manejo dos números e quantidades de modo a desenvolver o raciocínio abstrato, lógico e matemático; é habilitar para formas não verbais de comunicação pela

⁷⁶ Luckesi, C. C. op. cit. p. 86

⁷⁷ Ibid., p. 78

⁷⁸ MELLO, G. “Social democracia e Educação: teses para discussão”. 2.ed São Paulo: Cortez: editores Associados, 1990. p. 19

aquisição de habilidades físicas, de compreensão da imagem, da literatura, da música.”⁷⁹

Mas nossos estudos nos obrigam a entender a escola inserida dentro de uma sociedade, e, sendo assim, não está imune a interesses dos grupos e classes sociais. Nossa sociedade é capitalista, portanto, nossa escola tende a reproduzir a ideologia burguesa dominante, procurando deixar cada vez mais explícitas as estratificações sociais.

Portanto, deparamo-nos com a inquietante questão: qual o posicionamento que a escola atual tem assumido perante a sociedade?

Antes de responder a esta questão, vamos nos apropriar, novamente, dos estudos de Luckesi, para entender as três tendências ideológicas que podem caracterizar e explicar a ação gerada pela escola.

A primeira é a tendência redentora que procura direcionar a vida social, salvando-a.

*“A educação, neste sentido, tem por significado e finalidade a adaptação do indivíduo à sociedade. Deve reforçar os laços sociais, promover a coesão social e garantir a integração de todos no corpo social.”*⁸⁰

Esta educação é acrítica pois não leva à contextualização dentro da sociedade, ou seja, o todo orgânico deve ser mantido e restaurado, salvo, pela educação.

Enquanto a tendência redentora procura corrigir os desvios ideológicos pela educação, a tendência reprodutora, tem por papel conservar, reproduzir, o modelo ideológico de poder atual, perpetuando-o. Portanto, essa tendência é crítica - desde que vista pelos seus fatores determinantes, ou seja, seu agir consciente - e reprodutora da ideologia dominante, em que as hierarquias de poder estão asseguradas, bem como a grande mão-de-obra operária, que limitada de saber, submete-se à dominação, sem forças para contra atacar e mudar a situação.

Dentro de uma visão de escola reprodutivista, Luckesi, refletindo os estudos de Athusser sobre este tema, diz que:

⁷⁹ Ibid., p. 20

⁸⁰ LUCKESI, C. C. op. cit., p. 38

“A escola, (...), é o instrumento criado para otimizar o sistema produtivo e a sociedade a que ele serve, pois ela não só qualifica para o trabalho, socialmente definido, mas também introjeta valores, que garantem a reprodução comportamental compatível com a ideologia dominante. Tornar um aluno mais competente tecnicamente não é o suficiente. Ele deve tornar-se mais competente para manter uma sociedade determinada.”⁸¹

Já a educação transformadora se faz crítica no momento em que não assume o otimismo ilusório da tendência redentora em salvar, corrigir os desvios da sociedade, nem cai no pessimismo assumido da tendência reprodutivista que, vista como aparelho ideológico do estado, confirma as relações de poder, mantendo a sociedade. Ela procura, assumindo-se, também inserida na sociedade, compreender a educação dentro dos seus condicionantes e agir estrategicamente para a sua transformação.

Depois destas importantes considerações, ao analisarmos a escola de hoje, vemo-la inserida, enraizada, numa ideologia neoliberal globalizante. Este neoliberalismo, segundo Garcia⁸², cria tanto os desejos de consumo quanto as impossibilidades de se consumir. Determina, através da mídia, o que é interessante à população saber, segundo o discurso hegemônico, tendo por trás, como consequência, um ganho econômico de alguma natureza. O que hoje, na maioria das vezes, impera não é somente a mais valia (lucro) do capitalismo, mas a possibilidade de alcançá-la a qualquer preço, ou seja, quase não há restrições ética ou morais que determinem limites para o lucro.

E a escola inserida neste contexto, neste tempo histórico neoliberal, assume o seguinte discurso, desvendado por Garcia:

“A educação desempenha papel estratégico no projeto neoliberal. Os discursos dos governantes, dos empresários, da mídia enfatizam todo o tempo a importância de uma escola de qualidade. Fala-se até em qualidade total, a qualidade absoluta buscada pelos que detêm o poder. Isto porque é indispensável que a educação atenda aos objetivos empresariais de preparação adequada para o trabalho com vistas à competitividade do mercado internacional e, de incorporação dos valores neoliberais que facilitem a consolidação da hegemonia.”⁸³

⁸¹ Ibid., p. 45.

⁸² GARCIA, R. L. “A educação escolar na virada do século”. In COSTA, M. V. “Escola básica na virada do século”. São Paulo: Cortez, 1996.

⁸³ Ibid., p. 160

Portanto, fica-nos claro que, por mais carregadas de boa vontade que sejam as intervenções do governo na administração da grande máquina educacional, nossa escola ainda nada tem de democrática.

Um aluno que frequenta uma escola pública não adquire os mesmos conhecimentos dos alunos das escolas particulares, pois os segundos, além de assegurada a vida universitária, têm a possibilidade de ingressar nas melhores universidades, onde o ensino é, na maioria das vezes, de boa qualidade. O que vem da escola pública, quando muito, frequenta no período noturno, uma universidade particular.⁸⁴

Quando falamos num ensino para todos, estamos nos referindo, como Luckesi, Mello e Rodrigues, às escolas públicas e privadas, pois é comum atualmente, em nosso sistema de ensino, parte do conhecimento virar segredo, sendo revelado apenas à classe dominante.

Ao possibilitar o acesso ao conhecimento universal produzido pela humanidade, asseguramos às classes marginalizadas uma tomada de consciência da realidade, em que essa não compreenderá apenas o mundo à sua volta, tendo acesso a parte do conhecimento, mas, para além de uma educação utilitária, a escola geraria novas perspectivas para o alunado.

Sendo assim, a escola cumpre o seu papel dentro da sociedade neoliberal, mantendo a hegemonia das classes dominantes. Mas, aceitar esta realidade e cruzar os braços, seria deixar-se levar por essa ideologia. Pois, ao mesmo tempo que a escola sofre, maciçamente, influências da sociedade e sua ideologia, é, segundo Rodrigues: “... *a instância das mais importantes na luta pela transformação social...*”⁸⁵

A escola forma um indivíduo social, ou seja, através de um aumento do conhecimento individual, este se reflete numa ação social, coletiva. O educando, entendendo a sociedade, descobre-se como cidadão e com sua cidadania age sobre a sociedade, acarretando sua transformação.

⁸⁴ MELLO, G. “Social democracia...”, op. cit., 1990.

⁸⁵ RODRIGUES, N. “Lições de Principes e outras lições”. 17 ed. São Paulo: ed. Cortez, 1996. p. 72

Neidson Rodrigues, confirmando e complementando os pensamentos dos autores acima citados, diz que a escola deve ser competente ao ensinar, para assim cumprir o seu papel de agente transformadora da sociedade.⁸⁶

O referido autor traz à luz da reflexão os pensamentos de Gramsci, que diz ser objetivo primeiro do ato educativo o possibilitar ao educando adquirir a capacidade de pensar, estudar, dirigir e controlar quem dirige.⁸⁷ Portanto, além da transmissão de um conhecimento universal, a escola deve formar o educando, ensiná-lo a ser um cidadão que atuará de forma efetiva no seu mundo. Com isso, a escola deixa de ser informante da história para ser a conscientizadora da realidade atual. E cumprirá melhor o seu papel se mediar, de maneira competente, a síntese do conhecimento histórico-cultural construído, com as atualidades presentes hoje no país.

“Portanto, a função da escola não é apenas informar o educando sobre o passado histórico de uma nação ou transmitir um conhecimento morto, mas situar os cidadãos no âmbito da sua atualidade”⁸⁸

Quando transportamos esta discussão para o âmbito das escolas de futebol a reflexão deve ser a mesma. A função das escolas de futebol, evidentemente, é ensinar futebol⁸⁹. Mas como toda escola, mesmo que de ensino não formal, deve ir além do instrumentalizar tecnicamente os alunos, dando condições a estes de adquirirem um conhecimento crítico a respeito do universo do futebol em que estão ou em que irão se inserir, ou seja, começar a compreender a sociedade futebolística.

Ao afirmar que sua função é ensinar futebol, não queremos dizer que seja responsável pela formação de craques, pois as escolas tratam de um conhecimento fundamental – básico – e este deve ser garantido a todos, não só aos melhores. Os que se sobressaem no final do processo, devem ser encaminhados aos vestibulares – peneiras – das escolas superiores de futebol, as “faculdades” (equipes de base dos grandes clubes), que hoje, infelizmente, estão alocadas embaixo das arquibancadas dos grandes clubes, vivendo das migalhas do futebol profissional.

⁸⁶ RODRIGUES, N. op. cit., 1996.

⁸⁷ Ibid., p. 58

⁸⁸ Ibid., p. 60

⁸⁹ Apesar de viver numa época em que nosso ex-ministro dos esportes (Edson Arantes do Nascimento), diz que futebol não se ensina, só se pode dar dicas, pois quem sabe jogar já nasce sabendo, estas foram as palavras de Pelé para jornalista da TV Globo, no Jornal Nacional, do dia 21 de janeiro de 1999.

Mas o nosso estudo neste tópico refere-se à base, ao fenômeno escolas de futebol, tão em moda nos dias atuais. E como toda moda vira mania, e mania, ou se espalha sem dar tempo para devidos estudos sobre suas conseqüências, ou viram objeto de estudo por terem se tornado manias, começando a trazer conseqüências que afetam a sociedade que a consome.

Nesses últimos tempos temos nos deparado, com certa freqüência, escândalos no mundo esportivo⁹⁰, ou somos expostos à cenas lastimáveis de violência no futebol, entre dirigentes, torcedores, jogadores. Onde a TV e o jornal não cobrem os acontecimentos, chegam a ser até piores, o que nos revela indícios de que as escolas, no nosso estudo de futebol, estão reproduzindo o discurso hegemônico da sociedade futebolística (a que consome o futebol).

Campeonatos de futebol categoria fraldinha reproduzem fielmente, até nas ofensas dirigidas aos árbitros, o futebol adulto. São pais, técnicos e dirigentes – donos das escolinhas – expondo crianças a verdadeiras batalhas campais. O futebol, nas categorias menores, guardadas as devidas proporções, principalmente em relação às habilidades, só diferem em idade e altura para o futebol adulto.⁹¹

Então, essas escolas de futebol parecem assumir as características de uma educação reprodutivista, perdendo desta maneira, a oportunidade de, com sua pedagogia, transformar ou renovar os valores do futebol, pelo menos entre os menores. As escolas podem não formar de imediato os jogadores, craques do futuro, mas com certeza formarão os consumidores de futebol.

As escolas de futebol devem ensinar que os valores negligenciados, ou em muitos casos abolidos na cultura esportiva podem ser resgatados. Portanto, a ética, a moral, o fair-play (jogo justo), valores tão esquecidos na nossa sociedade globalizante, devem ser valorizados, abolindo-se a idéia de se buscar a vitória a qualquer preço, principalmente no jogo das crianças.

⁹⁰ Só para citar os atuais: representantes do COI envolvidos no escândalo da escolha da próxima sede da Olimpíadas de inverno, quando esses ganhavam presentes, dinheiro e outros benefícios para escolher determinada cidade em detrimento de outra (revista veja 20/01/99); O ex presidente da FIFA pode estar envolvido no mesmo esquema; O deputado federal Eurico Miranda, invadiu a quadra achando-se no direito de ofender e tentar agredir o árbitro de basquete ao não concordar com a marcação de uma falta contra o seu time. O mesmo Deputado Eurico Miranda invadiu o campo de futebol, paralisando e encerrando o jogo do Vasco da Gama; Quatro jogadores que atuaram em seleções amadoras do Brasil em torneios internacionais foram considerados “gatos”, ou seja, jogavam com idade adulterada.

⁹¹ Observações realizadas por este pesquisador ao assistir e participar constantemente de competições de categorias menores, entre escolinhas.

A escola, compromissada com uma educação transformadora, possibilitará às crianças a oportunidade de serem crianças, e não profissionais em miniatura; devem proporcionar o jogar com a alegria de criança que antes de jogar futebol estão brincando de bola.

As competições nas escolas de futebol, não devem ser negadas, mas precisam assumir características de eventos festivos, locais para trocas de experiências e novas amizades. Tudo isto porque acreditamos que também a competição pode ser democrática e pedagógica⁹², portanto pensamos na competição construtiva, em detrimento da destrutiva e seletiva.

Como vemos, é chegado o momento de pararmos para refletir o quanto uma escola de futebol pode ensinar, além do futebol. A sociedade que consome o futebol, ativa ou passivamente, poderá ser ou não alterada, mediante a ação pedagógica utilizada nas escolas de futebol na atualidade.

Talvez seja uma tarefa um tanto quanto grandiosa demais para uma simples escola de futebol, todavia podemos vislumbrar um futuro próximo onde todas as crianças que queiram aprender a jogar futebol terão que passar, em algum momento da vida, por estas instituições não formais de ensino, portanto se constituirão sementes que germinarão, podendo espalhar seus contributos.

Enfim a escola de futebol que defendemos é a que tenha plena consciência de sua função, estando compromissada e vinculada com o conceito de esporte educação, contribuindo, na parte que lhe cabe, com a construção e consolidação de novos valores para nossa sociedade. Fazendo uso das idéias de João Batista Freire, cabe às escolas de futebol⁹³:

- ensinar futebol a todos;
- ensinar bem futebol a todos;
- ensinar mais que o futebol a todos;
- ensinar a gostar de esportes.

⁹² A este respeito encontramos os relatos de experiência de torneios pedagógicos realizados no Clube Grêmio Recreativo da cidade de Rio Claro, como foi descrito por mim (SCAGLIA, A. J.) no capítulo do livro: *Pedagogia dos esportes*, organizado pela Prof. Dra. Vilma N. Picollo, editado pela Papyrus no ano de 1999.

⁹³ FREIRE, J. B. "Pedagogia do Futebol". Londrina: Midiograf, 1998. p. 8-11

2.2.1. Do Professor ao professor de futebol

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”

Rubem Alves⁹⁴

Queremos, neste tópico, discutir o papel do principal responsável pelo desenrolar de qualquer processo de ensino-aprendizagem. Aquele que, independentemente da forma (pedagogia), conduz as crianças ao mundo encantado dos saberes: o professor, quer seja ele de disciplinas escolares ou de modalidades esportivas. Porque, principalmente nas escolas que ensinam esportes, antes do técnico, é imprescindível o professor.

Segundo o Aurélio, o verbete professor traz a seguinte definição:

“1- Aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina; mestre. 2- Homem perito ou adestrado. 3- Aquele que professa publicamente as verdades religiosas.”⁹⁵

Depois de lido este conceito, pensamos: será que, somente com esta definição, o detentor deste título consegue conduzir as crianças a um mundo encantado qualquer?

Todo dicionário é marcado pela sua frieza. Com poucas palavras, às vezes cruéis, define um substantivo, um verbo, um adjetivo, enfim, cria um verbete. Aos olhos do dicionário, professor não passa de mais um verbete.

Mas, ser professor é uma arte, uma vocação - entendendo vocação como algo que emana das profundezas de um ser, não inata, mas aprendida na medida que encontra em si o prazer de ensinar. O professor é responsável por ensinar a alegria, como salienta Rubem Alves: *“Pois ser mestre é isso: ensinar a felicidade”⁹⁶*. Continuando, ele complementa:

“Ah! Retrucarão os professores, ‘a felicidade não é a disciplina que eu ensino. Ensino ciência, ensino literatura, ensino história, ensino matemática...’ Mas será

⁹⁴ ALVES, R. “A alegria de ensinar”. 5 ed. São Paulo: ArsPoética, 1994.

⁹⁵ FERREIRA, A. B. H., “Novo dicionário...”, op. cit., p. 531.

⁹⁶ ALVES, R. op. cit., p. 11.

*que vocês não percebem que essas coisas que se chamam disciplinas, e que vocês devem ensinar, nada mais são que taças multiformes coloridas, que devem estar cheias de alegria? Pois o que vocês ensinam não é um deleite para a alma? Se não fosse, você deveria ensinar. E se é, então é preciso que aqueles que recebem, os seus alunos, sintam prazer igual ao que vocês sentem. Se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão...*⁹⁷

George Snyders, também traz à tona a discussão da alegria na escola, permeando a todo momento a ação do professor.⁹⁸ Educar a alegria é conseguir transpor a barreira, que parte do afetivo e chega ao intelectual. A felicidade que se ensina é a da descoberta. Cada novo saber aprendido é uma página a mais no livro da vida que a criança, junto com o professor, vira, descobrindo novos estímulos que a desafia a ir mais adiante. Devemos enterrar a idéia do professor “enciclopédia”; ele só é superior ao aluno no tocante ao acúmulo de experiência no decorrer dos anos a mais que tem; a todo o momento o professor também aprende, segundo Paulo Freire: “...quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.”⁹⁹

Para Snyders, o professor não se encontra à parte, sentado em sua nuvem; ele revive os sentimentos e as aspirações dos alunos como se fossem as dele.¹⁰⁰

*“A relação será feliz na medida em que o professor não se envergonhar de ser um adulto que permaneceu um pouco mais criança do que os outros, ou antes, um adulto que, melhor que os outros, reconquistou a sua infância.”*¹⁰¹

Ainda buscando complementar e dar vida, calor e sentimento ao conceito de professor, tentando ir além do frio verbete aureliano, encontramos nos estudos de Freinet, outro aliado. Para aquele educador, ser professor era educar para a vida; era plantar sementes no coração dos seus educandos, regando-as com o conhecimento. Negando a servidão e a escola vista como um fim em si mesma, valorizando o trabalho e a cooperação.

Freinet, partindo da perspectiva de quem aprende, encontra no respeito à criança, sua livre expressão e o seu tateio experimental, os pontos relevantes de sua pedagogia.

⁹⁷ Ibid., p. 11-12

⁹⁸ SNYDERS, G. “Alunos Felizes” Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

⁹⁹ FREIRE, P. op. cit., p. 25

¹⁰⁰ SNYDERS, G. op. cit., p. 87

¹⁰¹ SNYDERS, G. op. cit., p. 87

Como Snyders, Freinet também destaca.

“Se você não voltar a ser como uma criança... não entrará no reino encantado da pedagogia... Ao invés de procurar esquecer a infância, acostume-se a revivê-la;... Compreenda que essas crianças são mais ou menos o que você era há uma geração. Você não era melhor do que elas, e elas não são piores do que você; portanto, se o meio escolar e social lhes fosse mais favorável, poderiam fazer melhor do que você, o que seria um êxito pedagógico e uma garantia de progresso.”¹⁰²

Tão importante quanto as novas técnicas e inovações pedagógicas apresentadas por Freinet, como: a aula passeio, o jornal escolar, o texto livre, o livro da vida, os ateliers, entre outros¹⁰³, foi a sua postura de educador. Quem se diz Freinetiano, antes de aplicar o método natural da escrita¹⁰⁴, deve entendê-lo enquanto educador, e ser impregnado por seu estado de espírito, que é advindo de seus ideais, construídos pela sua sofrida história de vida¹⁰⁵.

Freinet não era acadêmico, pois era professor primário¹⁰⁶; além de uma teoria¹⁰⁷, desenvolveu uma prática construída na relação diária com seus alunos. Por incrível que possa parecer, foi um dos primeiros a descobrir que dentro da classe não havia nada que realmente motivasse as crianças, sendo que estas permaneciam sentadas em suas carteiras, pregadas no chão.

“Infeliz educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produziria apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes...”¹⁰⁸

Portanto, através de sua postura de educador, intolerante com as regras rígidas das escolas, inconformado com a postura tradicional dos professores aliada à frieza e o

¹⁰² FREINET, C. “Pedagogia do bom senso”. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 23

¹⁰³ SAMPAIO, R. M. W. F. “Freinet: evolução histórica e atualidades”. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

¹⁰⁴ Teoria construída por Freinet abordada nos livros “O método natural da escrita”, volume I e II.

¹⁰⁵ A história de C. Freinet é contada no livro de SAMPAIO, R. M. W. F. op. cit., 1994.

¹⁰⁶ Não estamos querendo dizer que na universidade não existam professores, mas, às vezes, muitos se esquecem disso.

¹⁰⁷ C. Freinet construiu sua teoria baseado nos estudos de: Montaigne, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Cousinet, Montessori, Dewey, Makarenko, Korczak, Ferrière, Piaget, entre outros, segundo os estudos de Y. M. S. PAIVA, abordados no seu texto: “Pedagogia Freinet: seus princípios e práticas”, in M. D. C. Elias (Org.) “Pedagogia Freinet: Teoria e prática”, p. 9-20, 1996.

¹⁰⁸ FREINET, C. op. cit., p. 42

desrespeito com que tratavam os alunos, Freinet buscou formar um ser que compreende a realidade, nutrindo-o com o conhecimento para, assim, possibilitar o seu crescimento e desenvolvimento.

Sendo assim, o professor, através de sua práxis pedagógica, tem o poder de intervir na realidade a curto e a longo prazo, como salienta Freire¹⁰⁹, pois, todos, do Presidente da República e altos executivos, aos operários, passaram pelas mãos de alguns professores, que, com certeza, influenciaram e ou possibilitaram suas conquistas.

Os professores devem, acima de tudo, ensinar os alunos a pensar, porque, como salientou Luckesi, quem não pensa é pensado pela sociedade e seu discurso hegemônico.¹¹⁰

Depois de ler todos estes professores, antes de pesquisadores, Alves, Freire, Snyders, Freinet, acreditamos ter podido acrescentar vida à definição proposta pelo Aurélio. Portanto, ser professor é ostentar um título, que por si só o faz um ser diferente, nobre, trazendo consigo uma imensa responsabilidade, acrescida de amor à vida e ao ser humano. Pois: *“Um bom professor consegue ensinar qualquer coisa... ele nos leva aonde quiser.”*¹¹¹

Portanto, escolinhas de futebol necessitam muito mais de professores do que técnicos, logicamente reduzindo este conceito ao de um mero adestrador de técnicas, muitas delas estereotipadas e reprodutoras de um padrão preestabelecido por uma instância superior, no caso do futebol seria o modelo profissional, e o professor ciente do seu compromisso de encantar e alegrar seu aluno através da magia proveniente de conhecimentos assimilados, que permitam fazer com que eles pensem e reflitam para além da simples prática ou reprodução do modelo atual de futebol.

Como vimos, é grande a responsabilidade que recai aos ombros dos educadores de futebol. A eles deve ser atribuída a função de transformar para melhor a cultura esportiva futebolística da nossa sociedade. Isto para os olhos daqueles que não acreditam mais no poder transformador dos professores e da escola, pode parecer a maior de todas as utopias, tamanha é a falta de valores éticos e morais que se instaura hoje no mundo da bola. Porém, para outros, ainda idealistas, que nutrem suas esperanças ao assumirem como verdades os conhecimentos provenientes, por exemplo, de autores, como os citados acima, a ação dos

¹⁰⁹ FREIRE, P. “Professor sim tia não: cartas a quem ousa ensinar”, São Paulo: ed. Olho d’Água, 1993.

¹¹⁰ LUCKESI, C. op. cit., p. 25.

¹¹¹ SNYDERS, G. op. cit., p. 75

professores em escolinhas de futebol se compara ao do jardineiro, que com sua dedicação formará mais um belo canteiro.

Metaforicamente falando, ser professor de futebol é ser jardineiro de sonhos! Pois trabalha-se com crianças, todas elas detentoras de um mesmo desejo: ser jogadores de futebol. Portanto, como todo bom jardineiro, deve criar o melhor ambiente (preparo da terra) para que as sementes germinem, independentemente de no final, gerarem roseiras (craques de bola) que produzirão belas rosas para belos ramalhetes (equipes profissionais), ou então, realizando-se como singelas flores do campos que, mesmo não sendo colhidas para a feição de ramalhetes, exercerão outras importantes e fundamentais funções no canteiro, como, por exemplo, a de agradável fundo (torcida), completando a tela e ressaltando a obra de um sensível pintor realista, dando-lhe significado e sentido.

CAPÍTULO III

Pesquisa bibliográfica: o futebol nas páginas dos livros

3.1. COMO ENSINAR FUTEBOL: UMA REVISÃO NA LITERATURA

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, procuramos levantar a literatura que discorre sobre o ensino do futebol. Selecionamos os trabalhos de autores que almejavam, com seus estudos, apontar um caminho ou apresentar um modelo para se ensinar futebol às crianças. Essa seleção nos serviu como material de estudo, para análise e discussão a respeito das propostas pedagógicas apresentadas, que se materializam em metodologias práticas para o desenrolar de um processo de ensino-aprendizagem aos jovens futebolistas. As obras pesquisadas, dentro das suas limitações, asseguram um caminho para se ensinar futebol.

Apresentaremos, na seqüência, um breve resumo sobre cada obra que se mostrou relevante ao nosso estudo e, ao final, discutiremos criticamente todas, embasados em nosso referencial teórico .

Na obra do alemão Knut Dietrich¹¹², a seqüência da sua proposta para o aprendizado do jogo de futebol se dá em três etapas:

- 1- chute a gol (fazer gol e defender)
- 2- Jogo com um gol (criar oportunidades de gol e de defesa da meta)
- 3- Jogo com dois gols (montagem e desmontagem; desenvolvimento do jogo)

Na primeira etapa, para as crianças iniciantes no futebol, as brincadeiras ou jogos são dirigidos para que se marquem muitos gols, através de atividades simples de chutes ao gol com um goleiro.

Para o autor: *“Uma simples brincadeira de fazer gols pode representar para os garotos de 8 anos a síntese do jogo de futebol”*¹¹³

¹¹² DIETRICH, K “O futebol: aprendido e jogado corretamente” Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984.

¹¹³ Ibid., p. 28

O adversário é colocado nos jogos da segunda etapa, caracterizando-se num jogo com opositores; mas apenas um gol se configura como objetivo de ambos. Encontramos nesta etapa jogos de 1X1, 2X2... 6X6...

Já a terceira fase se configura em atividades mais próximas do jogo formal, com duas equipes e duas metas, caracterizando o posicionamento de ataque e defesa, bem como suas fases de transição.

Antes de apresentar uma série de atividades para o desenvolvimento de sua proposta, Dietrich apresenta alguns cuidados metodológicos importantes a serem ressaltados no desenrolar do processo, que se mostram facilitadores da aprendizagem. Como por exemplo:

- Alterações no número de jogadores. Menos jogadores aumentam a intensidade do jogo, bem como um contato mais freqüente entre bola e aluno;
- Dimensões menores do campo de jogo (traves e campo);
- Pequenas adaptações das regras (três toques na bola, pontuação de determinadas situações, impedimento dentro da área).

Interações do professor no transcorrer do jogo:

- pequenas interrupções para conversa contextualizada;
- orientações durante o jogo;
- esquemas táticos básicos (ataque, meio-campo e defesa)
- explicar e exemplificar melhor as funções dos jogadores;
- jogar junto;
- criar situações de desigualdade (2x3, 4x3...)

Ao final, o autor descreve uma série de atividades detalhadas para o desenvolvimento prático da proposição.

Num segundo estudo pesquisado, intitulado Iniciação ao Futebol, dos autores W. Männler e H. Arnold¹¹⁴, encontramos uma obra que se caracteriza mais como um manual ilustrado de exercícios que, com descrições ricas em detalhes, procura mostrar ao jovem iniciante como executar corretamente as técnicas (fundamentos) do jogo.

¹¹⁴ MÄNNLER, W., ARNOLD, H. "Iniciação no futebol". Lisboa: Presença, 1989

Basicamente, o livro se constitui na elaboração de dois programas de treinamento complementares, para as idades de 10-12 anos e 12-16 anos, ou seja, tarefas para serem executadas como complementos dos treinamentos realizados nos clubes ou escolas.

As atividades e exercícios descritos estão relacionados a chutes, condução de bola, domínio, cabeceio e passe, havendo uma ênfase em atividades individuais e em duplas. Os autores ainda afirmam que, para se tornar um grande jogador de futebol, o aluno deve, além de conhecer as regras, dominar perfeitamente todas as técnicas do jogo.

Günter Lamminch¹¹⁵ e seus colaboradores, no livro “Jogos para o Treinamento do Futebol”, propõem 117 jogos para o treinamento de futebol, dividindo-o em 5 partes:

- 1- Jogos e competições para aquecimento: brincadeiras para motivar os alunos, exercitando-os.
- 2- Jogos para aperfeiçoar as aptidões físicas: atividades, muitas vezes lúdicas, que dão ênfase para o desenvolvimento de capacidades físicas.
- 3- Jogos para a aprendizagem da técnica: jogos e brincadeiras são utilizados para a aprendizagem dos fundamentos do futebol.
- 4- Jogos para a formação tática: que desenvolvem não só a tática individual, mas também a coletiva, exigindo dos aprendizes uma grande agilidade mental e uma percepção rápida do jogo.
- 5- Jogos de complementação: o autor utiliza jogos para descontração psíquica, ou seja, recreação.

N. Rogalski e E. G. Degel¹¹⁶ nos apresentam o planejamento de semanas de treinamento; separam a aula em três tradicionais partes: aquecimento, parte principal e higiene do corpo, com a duração da aula de 1 hora.

Como aquecimento eles indicam alguns exercícios de alongamentos e ginásticas. A parte principal tem por objetivo a melhora do padrão físico geral, a assimilação da técnica – gesto técnico do futebol, bem como a aprendizagem do comportamento tático em campo. E a terceira parte justifica-se pela necessidade do corpo de voltar ao normal. Para isso, utilizam marchas aceleradas ou pequenas brincadeiras.

¹¹⁵ LAMMINCH, G. “Jogos para o Treinamento do futebol”. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984.

Em meia página do livro afirma que pequenas brincadeiras ajudam a aprender futebol:

“Vocês mesmos já devem ter reparado que elas são muito apropriadas para se aprender a técnica e a tática do futebol. Além do mais obrigam vocês a fazer uso, mesmo em recintos menores, de toda sua técnica e de toda sua tática.”¹¹⁷

Na seqüência, os autores dividem o livro em duas partes: uma para a técnica e outra para a tática. E, em cada uma, tecem muitas explicações a respeito de detalhes e erros técnicos, bem como, propõem vários exercícios.

Alan Denoeud¹¹⁸, em seus artigos, procura determinar algumas relações existentes durante o jogo, propondo etapas progressivas para a aprendizagem do futebol.

- Relação aluno com a bola (individual, domínio das técnicas do jogo);
- Relação aluno com os companheiros;
- Relação aluno com os adversários;
- Organização coletiva dos alunos, companheiros e adversários e a mobilidade do jogo.

Portanto, levando-se em conta a necessidade de combinar estes elementos, o autor segue o artigo indicando e descrevendo atividades práticas para cada uma das fases.

Depois de apresentadas estas propostas metodológicas para o ensino do futebol, é chegado o momento de refletir sobre elas, tendo como suporte teórico os conceitos de pedagogia e futebol, bem como suas inter-relações abordadas anteriormente.

É interessante notar que, apesar de isoladas, as obras analisadas buscam avanços pedagógicos. Insatisfeitos, os autores procuram novos caminhos (métodos), para o ensino do futebol. Alguns mais embasados, como Dietrich¹¹⁹, que se preocupa em destacar relevantes detalhes pedagógicos, outros, ainda influenciados pelo paradigma cartesiano, encontram na exagerada busca da perfeição dos gestos técnicos o fim do aprendizado do futebol, fragmentando o ensino.

¹¹⁶ ROGALSKI, N., DEGEL, E. G. “Futebol para juvenis”. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984.

¹¹⁷ Ibid., p. 22

¹¹⁸ Foram consultadas duas publicações: DENOEUDE, A. “Situacione de juego del novato al futbolista avezado”. Revista Stadium. Ano 21, n. 124, p. 03 – 08, 1987. DENOEUDE, A. “Situacione de juego del novato al futbolista avezado”. Revista Stadium. Ano 21, n. 125, p. 24 – 27, 1987.

¹¹⁹ DIETRICH, K. op. cit., 1984.

Ao fragmentar-se o ensino, caminha-se das técnicas analíticas para o jogo formal, ocasionando uma super valorização e hierarquização das técnicas, o surgimento de ações mecânicas pouco criativas e comportamentos estereotipados, o que acarreta sérios problemas na compreensão do jogo, ou seja, leituras deficientes e soluções pobres, como mostra Garganta em seus estudos¹²⁰. Priorizando o ensino da técnica, estamos nos distanciando do criativo, do imprevisível, do lúdico e do coletivo, pois a estereotipação técnica é limitadora, monótona, repetitiva e individual.

Werner, Bunker e Thorper¹²¹, classificam como modelo tradicional este processo de aprendizagem que segue uma série altamente estruturada de níveis, confiando-se pesadamente no ensinamento de habilidades técnicas. Afirmando que, quando o aluno tiver conseguido dominar as técnicas, ele poderá usá-las nas situações de jogo. Mas esses autores apontam esse modelo como ultrapassado, condenando-o, atribuindo-lhe a razão da desistência prematura dos jovens menos habilidosos no processo de aprendizagem dos esportes. Muitas crianças conseguem pouco sucesso devido à ênfase dada à performance. Em consequência desistem rapidamente, ou seja, apenas os mais habilidosos avançam.

Em síntese, tanto Garganta quanto o trio de autores ingleses, afirmam que o processo que prioriza o ensino da técnica, formará jogadores pouco criativos, mas muito habilidosos, tendo um reduzido conhecimento sobre o jogo e serão pobres e limitados nas tomadas de decisões exigidas pelo jogo.

Mas, pensando um processo que parta do jogo para as suas particularidades, teremos um aprendizado voltado muito mais às situações exigidas pelo jogo, em detrimento das correções técnicas, e exacerbadas buscas de estereótipos seletivos.

É o princípio do jogo que deve regular a necessidade do surgimento da técnica. É partindo de um processo de ensino de complexidade crescente, que decompõe o jogo em unidades funcionais (situações particulares), e não em fragmentos técnicos, que desencadearmos um comportamento no educando que viabilize a técnica dentro das exigências do jogo. Ou seja, a criança não só aprende o gesto técnico, mas, principalmente, compreende quando e como usá-lo, dependendo do exigido pela situação de jogo. Ela descobre o seu gesto ao apresentar a sua eficiência e competência.

¹²⁰ GARGANTA, J. "Para uma teoria dos jogos coletivos desportivos", p. 20. In GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

¹²¹ WERNER, P., THORPER, R., BUNKER, D. "Teaching Games for Understanding - Evolution of de model" Joperd, Reston/VA, v. 67, n. 1, p. 28 - 33, 1996.

Outro aspecto relevante encontrado nas obras estudadas foi que, alguns autores utilizam brincadeiras e atividades lúdicas como alternativas pedagógicas, fugindo dos exercícios maçantes de repetições, mas se distanciam do contexto em que o jogo acontece, pois utilizam-nas apenas para aquecimento, volta à calma e/ou recreação. Portanto, resumem muitas vezes suas obras em fichários de elaboradas atividades criativas, que não seguem um planejamento, nem um embasamento que as justifique. Portanto, enquadram-se nos chamados “livros de receitas”, o que, na mão de professores coerentes e conscientes da sua prática pedagógica, não é de todo mal, ou seja, não queremos aqui desprovê-los de sua importância, nem tão pouco fazer sua apologia.

Não podemos deixar de mencionar que muitos autores, na suas proposições, esquecem que o ato de ensinar carrega consigo o peso do formar, a responsabilidade de possibilitar o transcender, a necessidade de estimular a criticidade, a importância de buscar a cidadania. Todo processo de ensino deve propiciar o superar-se, o ir além do aprendizado do futebol, pois é preciso resgatar os seus valores.

A seguir, continuando nossa discussão, novas e recentes propostas surgiram, destacando e relevando um novo olhar à pedagogia do futebol. Um olhar mais respaldado e justificado pelas teorias pedagógicas que, ao criticar as propostas aqui estudadas, configuram-se em métodos conscientes de sua função e coerentes na sua aplicação, tendo como eixo central o aluno e sua bagagem de conhecimentos e possibilidades.

3.2. A ofensiva pedagógica ao ensino do futebol: nosso referencial teórico sobre a pedagogia do futebol

Ao refletirmos sobre o que aqui chamamos uma ofensiva pedagógica à aprendizagem do futebol, nos conectamos às idéias de Jorge Olímpio Bento, quando nos diz que é tempo de pensar o desporto mais em função do homem que o pratica, dando oportunidade a todos de aprender; é tempo de aprofundar e reforçar a confiança no seu papel educativo, sobretudo no tocante a crianças e jovens.¹²²

Depois de revisadas, analisadas e discutidas as mais relevantes publicações relativas à aprendizagem do futebol, faz-se oportuna a construção de um corpo teórico que balizará o nosso estudo. Para isso selecionamos as propostas teórico-práticas que tratam especificamente da aprendizagem do futebol, as que se mostraram mais consistentes e embasadas. Buscamos construir um referencial que atenda às necessidades eminentes levantadas anteriormente, procurando refutar o modelo tradicional.

Entendemos o futebol, não como uma modalidade estanque que se esgota em si, mas como um esporte construído historicamente ao longo dos séculos e totalmente integrado à nossa cultura corporal e social. Sendo assim, ao ser ensinado, deve ser visto como um meio formativo por excelência “...na medida em que sua prática, quando correctamente orientada, induz o desenvolvimento de competências em vários planos, de entre os quais nos permitimos salientar o tático-cognitivo, o técnico e o sócio-afetivo”¹²³.

Destacaremos, neste capítulo, cinco relevantes estudos preocupados e comprometidos com o ensino do futebol. Os pesquisadores, com suas propostas teórico-práticas, que constituirão nossa linha mestra, são os autores portugueses do Jogos Desportivos Coletivos¹²⁴, os autores americanos do TGFU (Teaching Games for Understanding)¹²⁵, Houseworth com o seu trabalho desenvolvido na Associação Cristã de moços nos Estados Unidos¹²⁶, Alcides José Scaglia com seu relato de experiências da

¹²² BENTO, J. O. “Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva”, p. 113-146. In “O desporto do século XXI: os novos desafios”, 1991.

¹²³ GARGANTA, J. “Para uma... op. cit., p. 11

¹²⁴ GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

¹²⁵ WERNER, P., THORPER, R., BUNKER, D., op. cit., 1996.

¹²⁶ HOUSEWORTH, S. D. “Y soccer Strikers: manual for 3rd-4th grade players. Champaign:Y.M.C.A., 1985.

Escolinha de futebol da FEF-UNICAMP¹²⁷ e do trabalho realizado junto ao Clube Grêmio Recreativo de Rio Claro-SP¹²⁸, e, finalizando, João Batista Freire com sua obra *Pedagogia do Futebol*¹²⁹.

Esses estudos que, longe de divergirem, dialogam, configuram-se em práticas fundamentadas por teorias, viabilizando a construção de uma pedagogia para o futebol, ressaltando inovações pedagógicas e uma nova perspectiva para a aprendizagem do futebol.

Portanto, estas abordagens teórico-práticas, mais todos os outros estudos teóricos desenvolvidos e abordados no corpo desta dissertação, serão nossos referenciais nas reflexões, discussões e análise dos trabalhos desenvolvidos pelos profissionais pesquisados em nosso estudo de campo.

3.2.1. Inovações pedagógicas no ensino do futebol: revisão de relatos de experiências

3.2.1.1. Jogos Desportivos Coletivos

Seguindo esta linha de reflexão, encontramos um grupo de autores portugueses pensando sobre como ensinar jogos desportivos coletivos (JDC), dando grande importância à utilização de jogos adaptados e ressaltando alguns princípios pedagógicos relevantes.

Júlio Garganta é um dos autores deste grupo que levanta pontos interessantes para uma discussão, propondo a construção de uma teoria para o ensino dos JDC. Ele parte do pressuposto que, nas suas estruturas fundamentais e funcionais, os jogos coletivos apresentam semelhanças, o que permite serem agrupados em categorias. Deste modo, por exemplo, temos o basquetebol, o handebol e o futebol enquadrados na mesma categoria, pois, segundo os critérios de Garganta:

“- no plano energético funcional, são jogos que fazem apelo a esforços intermitentes, mistos alternados (aeróbico-anaeróbico) e podem ser considerados actividades de resistência em regime de velocidade, de força e de coordenação táctica-técnica (Teodorescu, 1984).

¹²⁷ SCAGLIA, A. J. “Escolinha de futebol: uma questão pedagógica”. Motriz. Revista de Educação Física - UNESP - Rio Claro, v.2, n.1. 1996. / SCAGLIA, A. J. Escolas de esportes: uma questão pedagógica. Campinas, 1995. Monografia (conclusão do curso de graduação) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1995.

¹²⁸ SCAGLIA, A. J. “Escola de Futebol: uma prática pedagógica”. In NISTA PICCOLO, V. “Pedagogias dos esportes”. Campinas: Papirus, 1999.

¹²⁹ FREIRE, J. B. “Pedagogia... op. cit., 1998.

- dum ponto de vista tático-técnico, em todos estes jogos existe luta directa pela posse de bola, há invasão do meio de campo adversário e as trajetórias predominantes são de circulação da bola."¹³⁰

Assim podemos aceitar como pertinentes as idéias colocadas por Bayer¹³¹, que afirma a existência da possibilidade da transferencia de habilidades, ou seja, os conhecimentos adquiridos numa prática podem ser transferidos para outra, assim *que "o aluno perceba, numa estrutura de um jogo, uma identidade com uma estrutura já encontrada e que ele reconhece no mesmo ou nouro JDC."*¹³²

Os jogos desportivos coletivos também se caracterizam pela necessidade, quase sempre eminente, de um apelo à cooperação entre os elementos da equipe para vencer os problemas e desafios que surgem no decorrer do jogo, bem como o uso da inteligência, entendida como a capacidade de adaptações às novas situações.¹³³

Pois, no decorrer de um jogo, não se tem como prever a freqüência, a ordem cronológica, nem o grau de complexidade apresentada por uma determinada situação, ou seja, não existe um modelo de execução fixo. Cabe ao jogador se adaptar ao jogo, na medida que surgem tarefas motoras mais complexas. Garganta salienta:

*"Na construção de tal atitude, a seleção do número e qualidade das acções depende obviamente do conhecimento que o jogador tem do jogo. Quer isto dizer que a forma de atuação de um jogador está fortemente condicionada pelos seus modelos de explicação, ou seja, pelo modo que ele concebe e percebe o jogo."*¹³⁴

Como pudemos entender, a resposta motora apresentada por um jogador no momento da tomada de decisão e da execução de uma ação no jogo, será o reflexo da organização, percepção e compreensão do jogo que lhe foi apresentado, aliado ao seu repertório motor, ou melhor, pode ser entendida como a externalização de um comportamento assimilado que, devido à compreensão do jogo como um todo, permite a criação de variações deste comportamento segundo a exigência do meio, entendido aqui como solicitações do jogar.

¹³⁰ GARGANTA, J. "Para uma teoria... op. cit., p. 17

¹³¹ BAYER, C. "O ensino dos desportos coletivos". Lisboa: Dina livros, 1994.

¹³² GARGANTA, J. "Para uma teoria... op. cit., p. 16

¹³³ À respeito da capacidade de adaptabilidade do jogador às mudanças impostas pelas situação são abordadas e discutidas por TAVARES, F. no texto: "O processamento da informação nos jogos desportivos", p. 35-46, 1995.

Portanto, as exigências do jogo desencadeiam habilidades de natureza aberta.
Segundo Graça:

“...elas realizam-se sempre em situações de envolvimento imprevisível, a sua oportunidade e em parte a sua execução estão dependentes das configurações particulares de cada momento do jogo, que ditam o tempo e o espaço para a sua realização.”¹³⁵

Não é interessante para os jogos coletivos o ensino apenas das habilidades de natureza fechada, pois estariam desprovidas da sua razão de ser mais importante, que é a capacidade de as utilizar em cada momento do jogo de uma forma deliberada, oportuna e variada.¹³⁶

Nos estudos de Garganta, este faz críticas às propostas pedagógicas que se desenvolvem apenas com o jogo formal e as que, balizadas ainda por um paradigma cartesiano/mecanicista, separam e se debruçam em partes do jogo, partindo do princípio de que a soma das partes provoca um ganho qualitativo no todo/jogo. Estas propostas centram-se no ensino e aperfeiçoamento dos gestos técnicos, esquecendo-se que: *“Nesta perspectiva ensina-se o modo de fazer (técnica) separado das razões de fazer (tática).”¹³⁷*

Segundo a sua lógica, para se ensinar qualquer jogo desportivo coletivo, o processo deve estar centrado nos jogos condicionados, onde, do jogo parte-se para as situações particulares; o jogo é decomposto em unidades funcionais e o seu desenvolvimento se dá de forma sistemática e com complexidade crescente. Tem-se como consequência desta proposta o aparecimento das técnicas em função da tática, de forma orientada e provocada (jogos), e também o surgimento da inteligência tática, que nada mais é que a correta interpretação e aplicação dos princípios do jogo, através de uma viabilização criativa da técnica nas ações do jogo.¹³⁸

Sintetizando, com as palavras do aludido autor:

¹³⁴ GARGANTA, J. “Para uma teoria... op. cit., p. 13

¹³⁵ GRAÇA, A. “Os comos e os quando no ensino dos jogos”. p.28. . In GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

¹³⁶ Ibid., p. 27.

¹³⁷ GARGANTA, J. “Para uma teoria... , op. cit., p. 14.

¹³⁸ Ibid., p. 20.

“Importa sobretudo desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que transcenda largamente a simples automatização de gestos e se centre na assimilação de regras de acção e princípios de gestão do espaço de jogo, bem como de formas de comunicação e contra-comunicação entre os jogadores”¹³⁹

De maneira similar, Amândio Graça, posiciona-se dizendo que um modelo para o ensino dos jogos coletivos deve, inicialmente, partir da simplificação do jogo formal em formas modificadas de jogo, criando-se um modo de integrar formas de exercitação e formas de jogo no transcorrer das aulas.¹⁴⁰

Notamos que Garganta vai além de destacar princípios gerais para um processo de ensino de jogos coletivos. Junto com Jorge Pinto, apresenta uma proposta de trabalho alicerçada pelas teorias descritas acima para o ensino do futebol.¹⁴¹

Eles afirmam ser o futebol um jogo coletivo de oposição e de tática, que exige de seus praticantes um determinado número de habilidades específicas para se jogar, sendo que estas se apresentam influenciadas diretamente pelo acervo motor e compreensão do jogo (inteligência tática). Esta técnica deverá ser desenvolvida segundo o contexto lógico do jogo, respeitando as diretrizes gerais expostas acima.

Na seqüência, os autores determinam alguns princípios pedagógicos fundamentais para o ensino do futebol. Inicialmente, eles dizem respeito às estruturas funcionais: ao tamanho do campo, número de jogadores, tamanho dos alvos (gols) e duração das partidas, freqüência de finalizações e controle de bola. Sendo que muitas vezes os iniciantes não têm um bom domínio e controle da bola, bem como uma capacidade física e mental capaz de cobrir todos os espaços do campo de jogo de 11 jogadores. Por consequência, determinam que estas dimensões devem ser diminuídas de acordo com o desenvolvimento e nível de habilidades dos praticantes, para que possa haver um maior envolvimento e motivação dos alunos no jogo, dentro de suas competências.

Teoricamente os autores procuram explicar o jogo de futebol como um jogo cooperativo de oposição, resumindo-o em duas ações simultâneas, o ataque (com posse de bola) e a defesa (sem posse de bola).

¹³⁹ Ibid., p. 23.

¹⁴⁰ GRAÇA, A. op. cit., p. 31.

¹⁴¹ GARGANTA, J., PINTO, J. “O ensino do futebol”, p. 95. . In GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

Para cada uma dessas ações são elencados objetivos, fases e princípios específicos. O objetivo do ataque é, mantendo a posse de bola, progredir alcançando a finalização. Já a defesa procura, tentando recuperar a posse da bola, impedir o ataque por meio de coberturas e defender a baliza.

As fases de ataque constituem-se em: construção das ações, criação de situações de finalização e a finalização literalmente entendida. Cabe às fases de defesa se oporem, impedindo a construção de jogadas, anulando as situações de finalização e defendendo o gol.

Quanto aos princípios gerais que regem o jogo, tanto para o ataque quanto para defesa, Garganta e Pinto refletem uma preocupação assim resumida:

“...nas zonas de disputa da bola, relativamente ao efectivo de jogadores, deve procurar criar-se situações de superioridade numérica, evitar as situações de igualdade numérica e sobretudo rejeitar as de inferioridade numérica.”¹⁴²

Os princípios específicos, por sua vez, vêm sintetizar tudo o que foi dito. Nas ações de ataque podemos perceber a necessidade de um avanço no campo adversário (princípio de penetração); contrariamente a defesa tem de impedir esta progressão ofensiva (princípio de contenção). Estas ações desencadeiam outras, surgindo todo o dinamismo do jogo, por conseguinte, mais princípios específicos de ataque e defesa que se opõem, como a cobertura ofensiva e a defensiva; a mobilidade (busca da desigualdade numérica), tendo porpositor o princípio defensivo do equilíbrio (igualdade numérica); a importante procura de criação de espaço para finalização defrontando-se com a concentração defensiva, que visa diminuí-los.

Mas para que estas ações se realizem, temos a influência decisiva de alguns fatores. Esses fatores são, para os autores, as técnicas individuais, específicas e fundamentais de cada uma das ações ofensivas e defensivas, aliadas às movimentações coletivas, elementares (princípios específicos) e complexas (esquemas e sistemas táticos).

Compreendido o jogo de futebol, a atenção se volta para como ensinar ao aluno tudo isto.

¹⁴² Ibid., p. 106

“As estratégias mais adequadas para ensinar o futebol passam pelo recurso a formas motivantes, implicando o praticante em situações problema que contenham os ingredientes fundamentais do jogo, ou seja, a bola, a oposição, a cooperação, a escolha e a finalização”¹⁴³

Para tal tarefa é necessário a assunção de algumas condutas pedagógicas:

- adequar as situações propostas à linguagem motora do praticante;
- dar menos importância às situações/exercícios, descontextualizadas e analíticas dos gestos técnicos;
- deve se levar ao praticante um jogo acessível, com regras simples, com menos jogadores e num espaço menor;
- o ensino nunca pode se resumir numa redução em escalas graduadas dos processos e concepções do jogo do adulto.

Concluindo seus estudos, Garganta e Pinto, apresentam suas propostas práticas para a efetivação do ensino do futebol. Inicialmente, dividem o processo em cinco fases, com objetivos distintos em cada fase, para as ações de ataque e defesa:¹⁴⁴

- Fase 1: construir a relação com a bola;
- Fase 2: construir a presença dos alvos;
- Fase 3: construir a presença do adversário;
- Fase 4: construir a presença dos colegas e adversários;
- Fase 5: desenvolver as noções de espaço e tempo.

Cada uma das fases são ilustradas com situações exemplos, onde são determinadas as tarefas que os alunos/jogadores devem cumprir. Tarefas essas, de cunho individual e/ou coletivo, que visam a melhora das ações ofensivas e defensivas no jogo.

Mas, vale ressaltar que a divisão do ensino em fases não deve provocar a divisão do jogo em elementos (o passe, a conclusão, o desarme...), e sim, organizar a estruturação de unidades funcionais e facilitar a assimilação para os alunos.

Para a construção das situações de ensino-aprendizagem, que são tematizadas pelas fases de ensino, além de partir da hierarquização dos requisitos para jogar, ou seja, aquilo que o aluno já sabe e o que é fundamental saber, estas situações devem adequar-se ao nível de desenvolvimento e envolvimento do praticante e às exigências do jogo de futebol. Por

¹⁴³ Ibid., p. 115.

isso, algumas variantes devem ser levadas em consideração, como: bola (peso e perímetro), gols (dimensão e posição), campo (comprimento e largura), número de jogadores (reduzidos, em situações de igualdade e desigualdade numéricas) e regras (limitar o toque na bola, impor tipos específicos de marcação (defesa e zona), banir o fora de jogo, entre outras).

Em síntese:

“As posições por nós sustentadas conduzem à idéia de que, no ensino do futebol, deve propor-se ao principiante um jogo acessível, isto é, com regras ajustadas, com número de jogadores e espaço adequados, de modo a permitir a continuidade das ações, o domínio perceptivo do espaço, uma freqüente participação dos jogadores e variadas possibilidades de finalização”¹⁴⁵

Finalizando, os autores procuram nos alertar para o fato de que a importância do futebol, do ponto de vista educativo, repousa na possibilidade do seu ensino viabilizar o desenvolvimento de distintas habilidades e capacidades. No entanto, através do aprendizado do futebol, entendido como fator cultural, pretende-se, resgatando os seus valores educativos, desenvolver o aluno enquanto ser total, ultrapassando os limites do domínio das habilidades e capacidades variadas.

3.2.1.2. YMCA (Associação Cristã de Moços - ACM) dos Estados Unidos:

Houseworth, através da YMCA (ACM) dos Estados Unidos contribui para nossa discussão trazendo algo novo, criativo e organizado em termos de pedagogia para o ensino do futebol.

Inicialmente ele nos apresenta um manual para uma liga de futebol menor, a Liga Kickers¹⁴⁶, destinada a alunos de níveis de terceira e quarta séries – vale lembrar que nos Estados Unidos o esporte são ensinados nas escolas formais. Esta liga traz alguns princípios pedagógicos muito pertinentes à nossa discussão. Citemos alguns:

- alunos podem cometer erros;

¹⁴⁴ Ibid., p. 117.

¹⁴⁵ Ibid., p. 133.

¹⁴⁶ HOUSEWORTH S. D. “Y soccer kickers: manual for 3rd-4th grade players”. Champaign: Y.M.C.A., 1985.

- os alunos devem aprender a trabalhar em equipe;
- cada equipe é composta por 7 jogadores;
- o campo é menor;
- as traves são menores;
- a bola é mais leve e menor;
- todos os jogadores devem jogar, não importa tamanho, peso, habilidades, sexo,...
- todos devem se esforçar para aprender;
- aquecimento antes da aula (warm-up, não só físico, mas também para as habilidades do jogo)
- estar sempre aprendendo novas habilidades;
- todos os alunos devem aprender a jogar em todas as posições; um dia treina-se na defesa, outro no ataque;
- aprender com alegria, fazendo da aula um momento de diversão;
- terminar a aula com uma discussão em grupo.

Os técnicos da YMCA procuram, através de jogos e brincadeiras, desenvolver as seguintes habilidades básicas do jogo de futebol nesta liga:

- controle de bola: manter a bola perto dos seus pés, pois, se tentar um chute ou um drible com a bola longe dos seus pés o adversário sempre lhe roubará a bola;
- passe ou chute (usando qualquer parte dos pés): usar sempre os dois pés;
- domínio de bola;
- drible (drible com os dois pés, para os dois lados, mantendo a bola próxima dos pés, olhar com a cabeça erguida para observar o jogo e a colocação dos outros jogadores);
- posições no jogo (ataque, meio campo, defesa)

Além das habilidades básicas do jogo, os técnicos (coachs) na liga kickers ainda devem desenvolver algumas noções de jogo ofensivo e defensivo, como descrevemos a seguir:

jogo ofensivo

- manter-se em movimento;
- mover-se sem a bola;
- não aglomerar o jogo;
- troca de passes;

jogo defensivo

- marcar perto;
- antecipação;
- reduzir a chance do passe;
- reduzir o ângulo do chute;
- manter a bola longe da área;

Uma das mais importantes lições que os jovens alunos devem aprender, segundo a YMCA, é a assimilação destas fundamentais regras:

- aprender o fair play, traduzido como jogo-honesto;
- faça o seu melhor jogo, não se preocupe com o erro;
- jogue para o time;
- mostrar respeito a todos e acatar as decisões do juiz.
- respeitar as regras e o adversário (que não é seu inimigo);

Podemos sintetizar a idéia principal da filosofia desenvolvida na liga kickers, nesta citação:

“Se você der um mau chute ou, um mau passe, não se preocupe. Na ACM futebol, técnicos e jogadores compreendem que erros acontecerão. A coisa importante é tentar, para melhorar e se divertir. Então, não fique para baixo você e seu time. Mantenha sua cabeça levantada e fique no jogo.”¹⁴⁷

Também, no manual da Liga Jugglers¹⁴⁸ (controladores), destinado a alunos em níveis de quinta e sexta séries, os objetivos gerais: como fazer amigos, divertir-se, aprender e jogar futebol, continuam sendo os norteadores da prática.

Alguns outros princípios são acrescentados ao já citados na liga Kickers. São eles:

- aprender que ganhar e perder são conseqüências do jogo;
- aos alunos devem ser dadas as condições para sempre jogarem com outros do mesmo tamanho e da mesma idade;
- sempre respeitar os colegas, pois todas as pessoas são importantes;

¹⁴⁷ HOUSEWORTH S. D. “Y soccer kickers ... op. cit., p. 27 (Tradução)

- todos irrevogavelmente devem jogar;
- os campos e as traves continuam menores, porém maiores que os da liga anterior;
- bola mais leve, todavia mais pesada que da liga Kickers;

Nesta liga os técnicos têm como objetivos principais fazer com que os alunos aprendam e aperfeiçoem as habilidades básicas (passe, chute, drible, domínio, controle, cabeceio), bem como contextualizar todos os fundamentos junto às particularidades do jogo defensivo e ofensivo.

A liga Strikers¹⁴⁹ é para os alunos de níveis próximos à sétima e oitava séries. Para o manual da YMCA, esse é considerado um grupo mais avançado e que já passou pelas outras ligas menores, onde aprenderam e desenvolveram as habilidades básicas do jogo, através de jogos lúdicos. Neste manual também encontramos alguns jogos lúdicos, os quais procuram exigir mais habilidades dos praticantes.

Na liga Strikers já jogam 11 jogadores e se respeitam todas as 17 regras oficiais do futebol, sem nenhuma adaptação, ou seja, o campo é de tamanho oficial, bem como as traves e a bola e demais leis que caracterizam um jogo oficial de futebol, segundo a FIFA.

Para finalizar, este último manual procura falar mais detalhadamente da tática e suas diferentes estratégias (posicionamento) e dá pistas para a elaboração de táticas a serem construídas a partir do posicionamento tático do time adversário.

Como suporte para o desenvolvimento desta prática, difundida em algumas escolas dos Estados Unidos, encontramos a contribuição de outros autores americanos como Luxbacher¹⁵⁰, Reeves e Simon¹⁵¹ que, em seus respectivos livros, apontam uma infinidade de brincadeiras para aprendizagem do futebol.

Luxbacher coloca a necessidade e importância do uso de jogos lúdicos para o ensino do futebol. Nada de exercícios repetitivos chatos e desmotivantes. Os alunos devem se envolver com as atividades propostas e, para isso, nada melhor que jogos divertidos e envolventes. Assim, o aprendizado fica mais fácil e prazeroso. Luxbacher ainda ressalta: *“O importante está na qualidade e não na quantidade de exercícios executados nas sessões.”*¹⁵²

¹⁴⁸ HOUSEWORTH S. D. “Liga Jugglers”. Champaign: Y.M.C.A., 1985.

¹⁴⁹ HOUSEWORTH S. D. “Liga Strikers”. Champaign: Y.M.C.A., 1985.

¹⁵⁰ LUXBACHER, J. A. “Fun games for soccer training”. Illinois: leisure, 1987

¹⁵¹ REEVES, J. A. SIMON, J. M. “Soccer drills: the coaches collection of soccer drills”. Champaign: Leisure, 1981.

¹⁵² LUXBACHER, J. A. op. cit., 1987.

Através de jogos lúdicos o autor procura desenvolver as aptidões físicas, as habilidades do jogo e a tática, sendo de escolha do professor qual destes três aspectos ele quer dar ênfase quando propõe os jogos. Portanto, não fragmenta o conhecimento e, dentro de uma visão globalizante, procura ensinar o futebol através das situações desencadeadas nos jogos, que são mais prováveis de acontecer durante um partida formal.

O jogo de futebol é muito variável, ou seja, são raras ou talvez inexistentes as situações que se repetem de um lance para outro. Ilustrando, um passe sempre ocorrerá de maneira diferente, devido a inúmeras variáveis: situação do campo, posição do jogador, movimento da bola, equilíbrio, deslocamento do vento, posicionamento do adversário...

Ensinando o futebol, através de jogos, estamos dando oportunidade ao aluno de aprender o fundamento, levando-se em conta todas estas variáveis, pois um jogo é todo carregado, primeiro de motivação, segundo de movimentações variadas, terceiro, proximidade com o jogo real.

Reeves e Simon¹⁵³ nos apresentam um livro com mais de 100 atividades para o desenvolvimento das habilidades básicas para o jogo de futebol. Segundo os autores, os alunos devem construir um base sólida de habilidades gerais, para depois aperfeiçoar e automatizar estes gestos técnicos. As atividades são divididas em duas fases, a primária e a secundária, sendo enfatizadas as seguintes habilidades: controle de bola, técnicas ofensivas e defensivas, domínio, drible, cabeceio, marcação, movimentação com e sem bola, passe e habilidades exclusivas para os goleiros.

3.2.1.3. Ensinando jogos pela compreensão

Um grupo de pesquisadores centrou seus estudos no desenvolvimento de uma nova abordagem para o ensino de jogos, denominada “Teaching games for understanding”. Traduzindo, para um melhor entendimento, seria: ensinando jogos pela compreensão, elaborada, segundo Werner, Thorpe e Bunker¹⁵⁴, no final da década de 60 e início de 1970, na Universidade Loughborough, na Inglaterra, e atualmente divulgada e explorada por alguns pesquisadores nos Estados Unidos.

¹⁵³ REEVES, J. A. SIMON, J. M., op. cit., 1981.

¹⁵⁴ WERNER, P., THORPER, R., BUNKER, D. “Teaching Games for Understanding – Evolution of de model” Joperd, Reston/VA, v. 67, n. 1, p. 28 – 33, 1996.

Esta abordagem, baseada nas teorias construtivistas, não presume que a consciência estratégica ou tática¹⁵⁵ nos jogos devam esperar pelo desenvolvimento de sofisticadas habilidades. Ou seja, como coloca Oslin¹⁵⁶, em oposição a metodologias tradicionais para o ensino dos jogos, as abordagens táticas fazem com que os estudantes entendam os jogos, compreendendo suas estruturas, ficando sensíveis e participantes, desenvolvendo deste modo o gosto pelo jogo.

A aprendizagem dos jogos deve levar em consideração as habilidades que os alunos já possuem e que lhes permitem realizar os jogos. Sendo assim, segundo esta proposta, o professor não deve se ater inicialmente ao ensino das habilidades específicas exigidas para a realização da atividade, para só depois de adquiridas os alunos aprenderem a jogar. Isto se caracterizaria como um fator desmotivador no processo de aprendizagem dos jogos, pois Oslin afirma que é muito possível que os alunos se desmotivem no meio da aprendizagem e também, aqueles que não atingem certos níveis de habilidades nunca joguem.¹⁵⁷

Portanto, para o ensino dos jogos, segundo TGFU, os professores devem propor atividades que sejam compatíveis com o nível de habilidade dos alunos, e assim, através de desafios táticos eles são levados a obter sucesso durante todo o processo de aprendizagem do jogo, sentindo-se competentes a cada passo. Para isto, o professor pode e deve modificar os jogos, alterando suas regras e equipamentos, criando um ambiente desafiador que leva os alunos a melhorarem suas habilidades e a rapidez nas tomadas de decisão no momento de solucionar um problema exigido por uma situação de jogo qualquer.

As alterações são possíveis pois, segundo os autores deste modelo, as habilidades e a compreensão tática podem ser transferidas de um jogo para outro. Então, ao se aprender a habilidade de passar a bola no basquetebol, esta será utilizada durante um outro jogo qualquer que utilize passes efetuados com as mãos. A mesma situação pode ser aplicada para a compreensão da tática, em que, quando o aluno assimila a lógica do passe, com seus porquês e momentos, consegue transferi-la para outros jogos, que não exclusivamente os que utilizam as mãos, como, por exemplo, o futebol. Um exemplo dado por Bunker, Werner e Thorpe, acontece pelo simples fato de o professor aumentar ou diminuir o

¹⁵⁵ A palavra tática, que a todos momentos aparecerá neste tópico, deve ser entendida como uma maneira hábil de se resolver um problema com ordem, rapidez e organização, segundo as possibilidades existentes e as exigências do terreno.

¹⁵⁶ OSLIN, J. L. "Tactical Approaches to Teaching Games". *Joperd*, Reston/VA, v. 67, n. 1, 1996. p. 27.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 27

tamanho do alvo ou gol. Isto fará com que os alunos percebam se a marcação por zona ou individual será mais vantajosa.¹⁵⁸

Já as técnicas são desenvolvidas somente depois que os alunos reconhecem a sua necessidade dentro do jogo, ou seja, os professores devem levar os alunos a sentirem a necessidade de utilizar um passe quicado ou de peito num jogo de basquete. Sentindo esta necessidade, em decorrência de uma situação de jogo, o professor intervém, dando suas instruções.¹⁵⁹ Caracteriza-se, então, a aprendizagem das técnicas em função de uma exigência tática de jogo.

Para uma melhor aplicação desta metodologia, bem como sua organização, foi elaborada uma classificação dos jogos, levando em consideração as similaridades entre eles. Os jogos foram divididos em: jogos de alvo, jogos de rede ou parede e jogos de invasão.¹⁶⁰

“A idéia nos jogos para a compreensão é que deve-se ter uma ordem para se ensinar jogos para as crianças. Em geral os jogos de alvos são menos complexos e devem ser iniciados primeiro. Os jogos de passes devem vir depois e em terceiro viriam os jogos de rede ou parede. No final seriam colocados os jogos na sua forma oficial.”¹⁶¹

A partir desta inovadora classificação, torna-se possível ensinar os componentes essenciais de todos os jogos, ao invés de especificações superficiais de cada um, vem nos alertar Butler.¹⁶² Pois, nesta abordagem, os alunos descobrem as diferenças e similaridades entre os vários jogos, o que facilita a transferência do conhecimento adquirido de um para o outro.

Portanto, não se ensina um esporte de cada vez, mas sim vários que são agrupados segundo as suas semelhanças; por exemplo num mesmo módulo, em que se tem por objetivo ensinar os jogos de invasão ou passes, podem ser incluídos o basquete, o futebol, o handebol, etc...

Mas, neste sentido, não se quer dizer que isto aconteça automaticamente. O professor, que tem por função desequilibrar o aprendiz, ou seja, propor dificuldades

¹⁵⁸ WERNER, P., THORPER, R., BUNKER, D. “Teaching Games...”, op. cit., p. 29

¹⁵⁹ Ibid., p. 29

¹⁶⁰ Esta classificação foi elaborada por Ellis em 1983 e também por Werner & Almond em 1990, segundo os relatos de WERNER, P., THORPER, R., BUNKER, D. “Teaching Games...”, op. cit., p. 30.

¹⁶¹ Ibid. p. 30 (Tradução)

¹⁶² BULTER, J. “How would Socrates teach games? A constructivist approach”. Joperd, Reston/VA, v. 68, n. 9, 1997.

constantes e graduais que, instigando-o a ir além, superar novos desafios, leva-o a esta descoberta. E quando o aluno toma consciência disto, ocorre com muito mais facilidade o aprendizado e a transferência de habilidades efetiva-se.

Especificamente, em relação ao futebol, Griffin, Mitchel e Oslin, descrevem em sua obra uma seqüência pedagógica, dividida em cinco níveis e várias lições, balizadas pela abordagem tática. Antes de entrar nas propostas de atividades, os autores levantam alguns pontos relevantes que merecem a atenção do professor, por exemplo, o tamanho do campo e dos alvos apropriados, o peso e a quantidade de bolas adequadas, a utilização de materiais alternativos de auxílio pedagógico e, principalmente, a adequação progressiva da complexidade das tarefas.¹⁶³

Os problemas táticos propostos pelos autores no primeiro nível de exigência, que devem ser solucionados pelos alunos, concentram-se em conseguir manter a posse de bola e atacar o gol, criando-se espaços para isto. O segundo nível volta a atenção para o bloqueio dessas ações ofensivas, defendendo o espaço, o gol e recuperando a posse de bola, levando em consideração a participação de cada jogador da equipe, tanto com bola quanto sem ela, além da reposição da bola nas cobranças de laterais, faltas e escanteios. Portanto, estes são os primeiros problemas táticos criados, que gerarão nos alunos a aprendizagem de habilidades para a solução destes, tanto com a bola quanto sem ela.

Vencidas estas etapas, o próximo desafio tático (terceiro nível) é colocado sobre o anterior, aumentando a complexidade das atividades para o aprendizado da criação de espaços para atacar.

No quarto nível, dois são os enfoques. Primeiramente volta-se à preocupação quanto à manutenção da bola, mas agora em campos maiores, o que favorecerá o aparecimento de passes longos, lançamentos e, em consequência, um melhor controle de bola com as coxas e peito. Na seqüência, trabalha-se a diminuição do espaço para se defender, criando-se meios táticos para isto.

O último nível é taticamente complexo, aproximando-se das formas mais maduras de jogo. O aprendizado se dá em campo grande, semelhante às medidas oficiais, requerendo para a solução tática dos problemas, movimentos mais avançados e trabalho em equipe. No ataque são criados problemas mais avançados, para a solução em equipe. E, na defesa, é

introduzida a aprendizagem da tática de cobrir, ou seja, os jogadores aprendem a necessidade da criação de um sistema de cobertura defensiva. Este nível culmina com a ajuda na pesquisa de soluções mais elaboradas, tanto para o ataque quanto para a defesa, no tocante à reposição da bola, por exemplo a criação de jogadas ofensivas num escanteio.

Um ponto que merece destaque nesta abordagem, é o fato de que em todas as atividades existem perguntas que os alunos devem responder. A todo momento e, principalmente, frente aos problemas, o professor faz perguntas, instigando os alunos a descobrirem uma solução. O professor ajuda com perguntas e não dando respostas prontas que sugerem apenas um caminho para a solução de um problema e a dependência constante em relação ao professor.

3.2.1.4. Escola de Futebol da FEF (Faculdade de Educação Física) -UNICAMP

Em minha monografia de final do curso de bacharelado em Educação Física, Scaglia, objetivei relatar as experiências que haviam sido realizadas na escolinha de futebol da FEF-UNICAMP. Este relato foi publicado pela revista Motriz, organizada pela Faculdade de Educação Física da UNESP - Rio Claro.¹⁶⁴ Vale destacar ainda que este projeto ultrapassou os limites da Universidade e foi aplicado com enorme sucesso no Clube Grêmio Recreativo da cidade de Rio Claro – SP¹⁶⁵.

A escolinha de futebol da FEF-UNICAMP foi um projeto idealizado, orientado e coordenado pelo Prof. João Batista Freire, onde se deu início à elaboração de uma pedagogia que procura ensinar as crianças a jogar futebol através de brincadeiras resgatadas da cultura infantil e adaptadas.

Esse projeto era regido por um conjunto de princípios pedagógicos, norteadores de sua prática:

“O primeiro conjunto de princípios está ligado aos atributos que regem um processo de ensino aprendizagem coerente e adequado; já o segundo conjunto de

¹⁶³ GRIFFIN, L. L., MITCHELL, S. A., OSLIN, J. L. “Teaching Sport Concepts and Skill: A tactical games approach”. Champaign: Human Kinetics, 1997.

¹⁶⁴ SCAGLIA, A. J. “Escolinha de futebol: uma questão pedagógica”. *Motriz*. Revista de Educação Física - UNESP - Rio Claro, v.2, n.1, p. 36-42, 1996.

¹⁶⁵ Isto pode ser conferido no livro organizado pela Prof. Dra. Vilma Nista Piccolo, intitulado “Pedagogia dos esportes”, onde um dos capítulos é destinado ao relato destas experiências. NISTA PICCOLO, V. op. cit., 1999.

*princípios procura se ater à determinação das características relevantes de uma metodologia de trabalho; o terceiro conjunto de princípios procura determinar a importância de se levar em conta a bagagem motora que a criança já traz consigo, dando um grande destaque para a utilização da cultura infantil como instrumento para a aprendizagem significativa do futebol.*¹⁶⁶

Para a concretização do aprendizado, foi utilizada uma metodologia planejada e elaborada segundo as características das teorias construtivistas, possibilitando o acesso ao conhecimento através de desafios adequados e oportunos a todos os alunos, estes divididos em categorias etárias.

A aula sempre tem o seu momento de conversa entre o professor e alunos, sempre no começo e no fim da aula, espaço onde se estimula o aluno a recordar o tema e as atividades da aula anterior, para depois explicar o tema da atual, possibilitando que o educando perceba e tenha consciência da seqüência de seu aprendizado. A conversa final gira em torno dos acontecimentos da aula, desenvolvimento das brincadeiras e possíveis problemas que podem surgir no transcorrer da mesma. Mas nada impede que no meio da aula, frente a um problema ou dúvida, o professor reúna os alunos para uma melhor explicação.

A exploração do tema é o momento onde o aluno tem a oportunidade de descoberta, de criação sobre a temática da aula, ou seja, através de uma atividade lúdica, uma brincadeira adaptada, a criança usa de seu repertório motor para aprender, desenvolver, criar, descobrir um novo movimento que será utilizado na prática do futebol. Por exemplo, na brincadeira de “mãe da rua”, realizada com a bola nos pés, ou seja, utilizando uma brincadeira que já é familiar aos alunos, estes apenas adaptam e acrescentam ao seu repertório motor o controle da bola com os pés com os movimentos exigidos pela brincadeira.¹⁶⁷

Já a exploração técnica do tema é contemplada na situação de aula, onde o professor tem a preocupação de corrigir um possível gesto técnico, mas sempre atentando para a faixa etária na qual o aluno se encontra, pois é uma incoerência exigir a execução de um gesto técnico muito preciso em uma criança de 7 anos, mas é uma necessidade em uma de 14 anos. Portanto, a diretividade do tema é colocada em uma seqüência e graduação que se alia

¹⁶⁶ SCAGLIA, A. J. “Escolinha...”, op. cit., p. 38.

ao desenvolvimento do aluno, contrariando o conceito de especialização precoce, e preparando-o para que, ao final de seus estudos na escolinha de futebol, ele possa vir a se especializar.¹⁶⁸

O jogo é o momento onde o aluno se utiliza do que foi aprendido na aula, aplicando este conhecimento numa situação real de prática do futebol. Portanto, o jogo se constitui numa situação de conclusão do tema e por consequência avaliação da aula.

“É nesta situação de jogo que a criança extravasa as suas vontades, liberta suas fantasias, seus inocentes desejos..., e demonstra, pelo seu comportamento, a assimilação do que foi proposto.”¹⁶⁹

Como se pode notar, todo o desenvolvimento da aula gira em torno de um tema, em que este é determinado segundo uma sistematização do conteúdo futebol, adequada para os diferentes grupos etários. Os fundamentos são divididos em, básicos, que são essenciais à prática do jogo: o passe, o drible, o domínio de bola e sua condução, chute, cabeceio e desarme; os derivados, que como o próprio nome já diz, são derivados dos básicos: cruzamento, lançamento, cobranças de falta e pênalti, tabelinhas e escanteio; já os específicos resumem as posições dos jogadores nas diferentes estratégias e esquemas táticos.

“Os fundamentos básicos começam a ser trabalhados aos 7 anos, mas seu aprendizado não tem um fim em si mesmo, ou seja, os fundamentos do futebol são meios para a aquisição e ampliação do vocabulário motor das crianças. A ênfase do trabalho nesta faixa etária paira sobre a exploração das habilidades motoras... Aos 9/10 anos estes fundamentos básicos começam a tomar características de fim, com isso uma ênfase maior é dada para a execução destes, o que não ocorria em idades menores... Aos 11/12 anos, com uma base sólida construída e uma bagagem motora desenvolvida, a preocupação se volta para o aprimoramento e desenvolvimento dos fundamentos derivados... Aos 13/14 anos a ênfase é dada para o aprendizado do posicionamento tático e das posições dos jogadores durante o jogo.”¹⁷⁰

¹⁶⁷ Ibid., p. 39

¹⁶⁸ Ibid., p. 39

¹⁶⁹ Ibid., p. 39

¹⁷⁰ Ibid., p. 40-41

No final do processo o aluno sai da escola com um sólida “bagagem” a respeito do futebol, tanto em níveis práticos, de domínio da dinâmica do jogo, quanto em nível de conhecimentos globais que cercam o futebol como um todo. Portanto, a proposta busca, mediante a atuação de um bom profissional de Educação Física, que domina a pedagogia e tenha consciência do seu papel de educador, é ir além do aprendizado de gestos técnicos e atitudes culturalmente determinadas pelo meio futebolístico, apresentando, ensinando e resgatando valores éticos, sociais e morais, permitindo assim, que o educando possa ser um agente transformador de seu tempo, independente do caminho escolhido por ele para acompanhar o futebol, ou seja, dentro ou fora dos campos.

3.2.1.5. Pedagogia do Futebol

João Batista Freire, em sua obra, que se caracteriza como um verdadeiro livro didático para o professor de futebol, além de ser um marco nacional em relação à pedagogia do futebol, centra seus estudos nas brincadeiras de rua, afirmando serem elas as grandes responsáveis pelo aprendizado de nossos craques. A todo este processo vivido pelas crianças na rua e suas brincadeiras com a bola nos pés, ele chamou de pedagogia da rua. *“Pés descalços, bola, brincadeiras, são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar Futebol melhor do que ninguém.”*¹⁷¹

Portanto, antigamente não tinha lógica falar em escolinhas de futebol, todos aprendiam na rua, com as rebatidas, as peladas. Hoje, no entanto, principalmente nos grandes centros urbanos, as escolinhas são uma realidade e os locais de onde surgirão os futuros craques brasileiros, que terão a responsabilidade de manter a hegemonia do futebol brasileiro no mundo.

Para isso, Freire propõe e defende a idéia de que as escolas de futebol devem ensinar as crianças através de brincadeiras, não apenas repetindo o que é ou era feito nas ruas, mas sim, pedagogizando a cultura das brincadeiras de bola com os pés destacadas acima: *“...rua e escola são instituições bem diferentes. Há, na pedagogia de rua, diversas*

¹⁷¹ FREIRE, J. B. “Pedagogia do Futebol”. Londrina: Midiograf, 1998. p. XIV

coisas que não gostaria de ver repetidas na escola."¹⁷². Então, para a concretização desta proposta, respaldado pelos teóricos da aprendizagem segundo a linha construtivista, o autor destaca quatro princípios pedagógicos norteadores de todo processo de ensino aprendizagem no futebol, resgatando o lúdico e criando espaço para utilização da cultura popular infantil.

O primeiro princípio diz respeito a necessidade de se ensinar futebol a todos, não discriminando os que têm menos habilidade para o jogo; o segundo princípio vem reforçar o primeiro, dizendo que não basta ensinar, deve-se ensinar bem a todos, ou seja, aqueles que já jogam bem devem aprender a jogar melhor e os que pouco sabem avançar em seus conhecimentos. O terceiro princípio levanta a questão de que não basta o ensino se restringir apenas à prática do futebol, mais deve-se possibilitar na práxis pedagógica o resgate de valores ético e morais entre outros, portanto, ao educador cabe ensinar mais que futebol a todos. Já o quarto e último, refere-se à necessidade premente de fazer com que os alunos gostem de esporte, levando-o assim para o resto de suas vidas.¹⁷³

Além destes princípios, Freire destaca vinte condutas pedagógicas que, alicerçadas pelos princípios, podem ser adotadas pelos profissionais das escolinhas, para evidenciar as características que fazem as escolas diferentes da rua e proporcionar um ambiente de aprendizagem mais satisfatório.

*"Rua e escola são instituições diferentes, com funções diferentes. Em alguns casos se assemelham, em outros se diferenciam radicalmente. Devemos saber aproveitar de uma e de outra, mas não podemos ensinar na escola exatamente como se ensina na rua... Muitas das coisas que eu fazia na rua e no estádio de futebol, jamais poderia fazer na Escola de Futebol."*¹⁷⁴

Quanto ao desenvolvimento das habilidades e coordenações motoras, Freire, diz que os músculos só podem realizar duas coisas: relaxar e contrair, aparecendo em meio às infinitas combinações destas ações um grupo de habilidades motoras que concretizam as necessidades e realizações humanas.¹⁷⁵ Estas habilidades se sustentam nas capacidades, que são propriedades do organismo, ou seja, são necessárias as capacidades físicas para a

¹⁷² Ibid., p. 6

¹⁷³ Ibid., p. 8-11

¹⁷⁴ Ibid., p. 11-12

consolidação e aparecimento das habilidades motoras. Já, a coordenação motora, termo tão banalizado e pouco compreendido na Educação Física, segundo Freire, deve ser entendido como: “... *movimentos ordenados espacial e temporalmente, para realizar as ações que concretizem as intenções de uma pessoa.*”¹⁷⁶. Isto faz com que a história de vida tenha um papel decisivo no futuro motor das pessoas.

Para Freire, as experiências motoras diversificadas, os desafios caracterizando-se em problemas possíveis aos quais as crianças são expostas, fazem com que elas ampliem em muito o seu acervo de possibilidades motoras, em consequência, a sua interação com o mundo, em todos os seus aspectos: motor, afetivo/social e cognitivo.

*“Uma história rica em experiências formará bases sólidas para a inteligência, para a afetividade ou para a sociabilidade da criança. Por outro lado, uma história pobre levaria a um comprometimento dessas estruturas.”*¹⁷⁷

Portanto, antes dos sete anos a criança necessita muito de uma diversidade de experiências para o seu desenvolvimento. Precisa adquirir e dominar as formas básicas de movimentos¹⁷⁸, pois, antes da fala aprende a se movimentar, depois da fala aprende a combinar estes movimentos adquiridos e, próximo aos sete anos, começa a perceber a necessidade de se socializar com as outras crianças, utilizando os movimentos aprendidos.

Neste sentido, nosso aludido autor defende a idéia de que as escolas de esportes, portanto, também as de futebol, devem ter seu início somente a partir dos seis, sete anos, momento em que a criança se encontra com sua estrutura madura o suficiente para um aprendizado mais sistematizado; não, em hipótese alguma, especializado. É preciso que as escolas de esportes em geral, possibilitem às crianças continuarem adquirindo, ampliando e coordenando suas habilidades básicas e suas noções de espaço e tempo de maneira paulatina, junto às necessidades que a motivem e, ainda, por intermédio das brincadeiras.¹⁷⁹ Nas escolas de futebol, este deve ser ensinado como brincadeira, pois a brincadeira é coisa séria para as crianças, e na seriedade de aprender a brincadeira aprende-se o futebol.

¹⁷⁵ Ibid., p. 28

¹⁷⁶ Ibid., p. 30

¹⁷⁷ Ibid., p. 31

¹⁷⁸ FREIRE defende uma classificação diferente para as habilidades inespecíficas do ser humano que, segundo ele, estão coerentes com as suas necessidades adaptativas, são elas: um grupo de habilidades de locomoção, outro de habilidades manipulativas e um terceiro destinado a manutenção da postura. (Ibid., p. 37)

¹⁷⁹ Ibid., p.36

Na seqüência de sua obra, o autor nos apresenta uma série de brincadeiras, com níveis de dificuldades – variações - para serem ultrapassados, mediante o ganho das habilidades. Estas atividades são divididas segundo as habilidades específicas, elencadas mediante as exigências para se alcançar os objetivos do jogo de futebol, ou seja, as habilidades básicas do ser humano combinam-se de forma muito particular dando origem às finalizações, passes, conduções com bola, chutes, desarmes, dribles, controle de bola, lançamentos, cruzamentos e as defesas dos goleiros... Então, as atividades lúdicas e as brincadeiras infantis adaptadas são utilizadas para o aprendizado de alguns dos fundamentos do futebol

Mas, para se jogar futebol são necessárias várias combinações destas habilidades, pois não acontecem no jogo apenas passes, ou apenas dribles, mas momentos únicos que exigem a combinação de todas estas formas de expressão. Preocupado com isto, Freire propõe uma variedade de jogos adaptados, que têm por função enfatizar um fundamento do futebol dentro de um jogo em que todas as outras habilidades específicas estão também fazendo parte, sem nunca perder de vista o contexto do jogo de futebol, propriamente dito.

Sendo assim, o autor discute a importância e dispõe de uma devida atenção sobre a integração das habilidades ao conhecimento do jogo, pois as habilidades individuais perdem sentido quando o jogo coletivo não é compreendido.

“Se suas habilidades individuais puderem ser utilizadas no contexto geral do jogo, elas serão úteis, caso contrário, ele será apenas um malabarista, mais indicado para exibições que para desempenhar um papel relevante no jogo de futebol.”¹⁸⁰

Para melhor entendermos esta integração de todos os aspectos – motor, cognitivo e afetivo/social – com o aprendizado do futebol, e para uma didática organização do planejamento das aulas, que devem partir do mais individual – simples, egocêntrico - para o mais coletivo – complexo, heterocêntrico, hipotético, tático -, Freire divide as habilidades do jogo, agrupando-as em:

- Habilidades individuais: finalização, condução, cabeceio, controle;
- Habilidades coletivas de oposição: dribles, desarmes e defesas do goleiro;
- Habilidades coletivas de cooperação: passe, cruzamento, lançamento;

- Habilidades cognitivas de integração: constituídas pelas habilidades de compreender o jogo como um todo, tornando o jogador capaz de antecipar jogadas, de criar hipóteses de jogo, de analisar o jogo, de aplicar planos táticos.¹⁸¹

Então a aula, seguindo uma organização pedagógica para dar conta de todo o conhecimento levantado acima, é dividida em cinco partes, onde a primeira é destinada à formação de uma roda de conversa em que o professor expõe e explica a aula; na segunda parte realiza-se um jogo adaptado dando-se ênfase a uma das particularidades do jogo, de preferência a última trabalhada na aula passada, pois em cada aula se destaca dois fundamentos para serem trabalhados; já na terceira parte, de preferência de forma lúdica, exercita-se uma das habilidades do futebol, ou seja, uma nova não enfatizada na aula anterior; no quarto momento deve-se realizar um jogo de futebol que pode conter ou não algumas regras adaptadas. A aula se encerra sempre com uma roda de conversa onde ela é discutida e avaliada pelo grupo em conjunto com o professor.¹⁸²

Freire ainda mostra e demonstra passo a passo como organizar uma escola de futebol, apresentando as divisões de categorias, apontando níveis dentro destas e uma certa flexibilidade na faixa etária ao compô-las, além de elencar os conteúdos que as crianças devem aprender em passagem por cada categoria.

Ao final de seu livro, o autor propõe uma possível forma de avaliação objetiva dos alunos em meio ao seu processo de aprendizagem do jogo. Esta avaliação tem por finalidade mensurar de forma qualitativa e quantitativa a evolução dos alunos, através de observações subjetivas de aulas e competições, e testes práticos específicos, segundo os fundamentos do jogo. *“Sugiro que, em cada nível dos que foram aqui definidos, sejam avaliados quatro itens: Atuação Individual, Atuação Coletiva, Competições, Conduta”*¹⁸³.

Assim, depois de sintetizarmos as várias teorias que atualmente abordam e refletem sobre a questão da pedagogia do futebol, finalizamos a construção de nosso corpo teórico, que servirá de alicerce para a análise dos dados obtidos junto à pesquisa de campo que agora assume a parte principal da nossa dissertação.

¹⁸⁰ Ibid., p. 109

¹⁸¹ Ibid., p. 110

¹⁸² Ibid., p. 91

¹⁸³ Ibid., p. 137-138.

Todo este caminho teórico percorrido nos permitirá inferir com certa segurança os dados colhidos junto às várias entrevistas realizadas na pesquisa de campo. Ou seja, as mais novas e inovadoras teorias e metodologias relativas ao como ensinar futebol, serão referências para a práxis pedagógica desenvolvida dentro do âmbito das escolinhas de futebol, pois estas, entendidas como estabelecimentos de ensino, mesmo que de maneira informal, têm como responsabilidade assumir as funções atribuídas a uma instituição escolar.

CAPÍTULO IV

Pesquisa de campo: a relação entre o aprender e o ensinar futebol

4.1. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO:

Mas se tudo o que fizeram
Já fugiu de sua lembrança
Fiquem sabendo o que eu quero:
Mais respeito eu sou criança
Pedro Bandeira¹⁸⁴

Depois de termos percorrido todo este caminho teórico, onde procuramos esmiuçar as várias teorias que dizem respeito ao nosso tema central, debruçamo-nos sobre nossa pesquisa de campo.

Esta pesquisa configura-se como o ponto central e principal do estudo, pois até o presente momento procuramos construir um corpo teórico para alicerçar toda a nossa reflexão e que também pudesse sustentar todo o processo de ensino-aprendizagem, oferecendo conhecimentos pedagógicos aos profissionais e leigos que atuam nesta área.

O objetivo que almejamos atingir com a nossa pesquisa é diagnosticar como ex-jogadores profissionais de futebol¹⁸⁵, que hoje estão ministrando aulas nas escolinhas, aprenderam a jogar futebol, tentando entender como se deu na prática este processo. Feito isto, na seqüência procuramos levantar como esses ex-jogadores, atuais professores, estão ensinando as crianças a jogar futebol nas escolinhas.

Para a coleta destes dados, lançamos mão de uma entrevista semi-estruturada, tendo em vista que esse se constitui uns dos principais meios para a conquista de nosso objetivo. Nossa pesquisa se caracteriza como uma investigação qualitativa, que, longe de quantificar

¹⁸⁴ BANDEIRA, P. "Mais respeito, eu sou criança!". São Paulo: Moderna, 1994.

¹⁸⁵ Optamos por entrevistar ex-jogadores profissionais que hoje atuam ministrando aulas nas escolinhas, pois acreditamos que se estes conseguiram chegar ao profissionalismo, independente de terem se tornado famosos, é sinal de que conseguiram aprender a jogar bem futebol. Por essa razão têm uma história de vida de sucesso em relação à aprendizagem no futebol, o suficiente para poderem ensinar outras crianças a jogar.

resultados, busca absorver ao máximo as informações apuradas com os relatos orais, discutindo e analisando seus conteúdos evidentes e latentes.

Portanto, com as entrevistas semi-estruturadas, temos em mãos os dados que evidenciam como nossos ex-jogadores aprenderam a jogar, e outros que apontam como eles ensinam, atualmente, as crianças, em suas aulas. Faz-se necessário ressaltar que as entrevistas foram gravadas em fita K-7 e depois cuidadosamente transcritas na íntegra para as posteriores análises, configurando-se numa importante preocupação metodológica, como salienta e recomenda Triviños:

“Nós recomendamos a gravação da entrevista, ainda que seja cansativa sua transcrição. Somos partidários disto fundamentalmente por duas razões surgidas de nossa prática como investigadores. A gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre seguindo outro meio. Por outro lado, e isto tem dado para nós muitos bons resultados, o mesmo informante pode ajudar a completar, aperfeiçoar e destacar etc. as idéias por ele expostas, caso fizermos escutar suas próprias palavras gravadas.”¹⁸⁶

Vale ressaltar que as perguntas, tanto as referentes à prática profissional quanto as que tinham por objetivo levantar dados relativos à história de vida de nossos entrevistados, procuraram, na medida do possível, ser correlatas, para assim evidenciarmos as possíveis discrepâncias e ou semelhanças entre como se deu todo o processo de aprendizagem dos entrevistados e como eles preconizam o processo atual, através de suas aulas durante suas atuais atividades profissionais.

O local escolhido para a pesquisa foi a cidade de Campinas, e os entrevistados, todos obrigatoriamente ex-jogadores de futebol profissional, são professores de escolinhas de futebol particulares e de clubes de associados. Já a determinação do número de entrevistados se deu quando, depois de oito entrevistas realizadas, notamos que os dados estavam, na sua grande maioria, sempre se repetindo.

As entrevistas aconteceram segundo a seqüência de um roteiro preestabelecido, em que inicialmente os entrevistados respondiam as perguntas relativas às suas respectivas práticas profissionais, para depois responder as relativas às suas histórias de vida.

¹⁸⁶ TRIVIÑOS, A. N. S. “Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação”. São Paulo: Atlas, 1987, p. 148

Com estes dados em mãos, recorremos novamente a Triviños¹⁸⁷, procurando em seus estudos encontrar subsídios teóricos, para que os dados levantados a partir das entrevistas pudessem ser discutidos, ou melhor confrontados.

E foi através dos estudos do referido autor que viemos a ter um primeiro contato com o método de investigação denominado Análise de Conteúdo, sendo este então o escolhido para organizar e ditar os passos e procedimentos metodológicos que possibilitaram dar andamento à pesquisa.

Portanto, a partir de Triviños partimos para o estudo do livro de Laurence Bardin¹⁸⁸, intitulado: “Análise de Conteúdo”, a fonte que o alicerçou nas análises sobre o referido método, e assim, apoiados em seguro e comprovado método de investigação, foi-nos possível construir nossas inferências, possibilitando o desabrochar de novas idéias a partir das informações coletadas.

A análise de conteúdo, entendida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, tem seu campo de atuação extremamente vasto¹⁸⁹. E foi por nós escolhido porque nos possibilitou, de um modo sistemático, organizar os dados coletados de tal forma que as inferências comparativas, advinda de deduções lógicas, permitiram-nos chegar, com certa segurança, a decisivas e pertinentes conclusões.

Todavia, faz-se necessários conhecermos melhor este método, compreendendo sua proposta de organização e esquema estrutural a partir de seqüenciais etapas.

4.1.1. O método análise de conteúdo e seu esquema estrutural

A análise de conteúdo é um método de investigação que pode ser utilizado tanto em pesquisa qualitativa quanto quantitativa. Este método tem uma história antiga, tendo seu início quando os primeiros homens começaram a realizar tentativas de interpretação das sagradas escrituras.

Com o passar dos séculos foi evoluindo, e depois da segunda guerra mundial alcançou a sua maturidade. Em 1955, na “Conferência de Alberton”, reuniram-se

¹⁸⁷ Nesta parte do seu livro o autor explica passo a passo como se valer da análise de conteúdo como metodologia para pesquisa. Triviños se baseia na obra de Bardin, expondo didaticamente o método e exemplificando-o na prática, através da análise de conteúdo de uma pesquisa na área educacional. *Ibid.* p. 160

¹⁸⁸ BARDIN, L. “Análise de conteúdo”. Lisboa: Edições 70, 1977.

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 32

especialistas de diferentes áreas com experiências em análise de conteúdo, para tentar aprofundar o entendimento dos significados, princípios e regras do método.

Mas, é em 1977, com a publicação da obra de Bardin: “L’ analyse de contenu”, que este método foi configurado em detalhes. Então, sustentado pelos estudos de Bardin, Triviños diz que este método é recomendado para o estudo das motivações, atitudes, valores, crenças e tendências,¹⁹⁰ e “... *para desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes etc., que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza.*”¹⁹¹

Portanto a análise de conteúdo é, segundo Bardin, transcrito por Triviños:

*“um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimento sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens,, obter indicadores (quantitativos ou não), que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens”.*¹⁹²

Baseado neste conjunto de técnicas, que determinam procedimentos que vão, desde a classificação dos conceitos, até sua inferência, passando pela codificação e classificação dos mesmos, a análise de conteúdo é instrumento para estudar as comunicações entre os homens, depositando-se ênfase no conteúdo das mensagens.

Mas, salienta Triviños, todos estes suportes de nada valem se “*o pesquisador não possuir amplo campo de clareza teórica*”.¹⁹³ Pois, como poderá inferir os conteúdos latentes e manifestos se não dominar os conceitos que alimentam as suas hipóteses, ou seja, guiam seu raciocínio, e que estariam imbuídas, também, dentro das mensagens levantadas.

A análise de conteúdo segue três etapas para a concretização do processo:

- pré-análise;
- descrição analítica;
- interpretação inferencial.

¹⁹⁰ TRIVINÓS, A. N. S. “Introdução...”, op. cit., p. 159

¹⁹¹ Ibid., p. 160

¹⁹² BARDIN, L., “Análise de conteúdo”, op. cit., p. 42.

¹⁹³ TRIVINÓS, A. N. S. “Introdução...”, op. cit., p. 160

Pré-análise é, simplesmente, a organização do material. Esta etapa visa determinar, por exemplo, como serão recolhidos os dados, as informações que serão analisadas. Ou seja, depois de uma leitura geral de todo o material, é o momento de:

“...formular os objetivos gerais da pesquisa, as hipóteses amplas da mesma e determinar o corpus da investigação que não é outra coisa que a especificação do campo no qual os pesquisadores deviam fixar sua atenção.”¹⁹⁴

A descrição analítica é um momento de pré-análise; sobre os documentos que formam o corpo do trabalho é feito um estudo aprofundado, balisado pelas hipóteses e teorias de suporte.

Nesta etapa, os procedimentos de codificação, classificação e categorização são básicos, pois permitem avançar na busca de sínteses coincidentes, divergentes e neutras, localizadas no interior das mensagens.

Já na terceira etapa, caracterizada como interpretação inferencial, as reflexões iniciadas na fase anterior atingem maior intensidade, ou seja, não cabe neste método de pesquisa deter a atenção única e exclusivamente nos conteúdos manifestos, mas sim, aprofundar sua análise, desvendando o conteúdo latente que eles certamente possuem. Pois, a análise superficial, segundo Triviños, nos permite apenas a construção de denúncias negativas aos indivíduos e à sociedade, e, muitas vezes, apoiadas nos dados quantitativos. Já na análise mais aprofundada, abre-se perspectivas para se descobrir ideologias e tendências que são características dos fenômenos sociais. Portanto, este tipo de análise é dinâmico, estrutural e histórico.¹⁹⁵

“Os analisadores do conteúdo latente, além do manifesto, têm também raízes idealistas, especialmente quando se realizaram as tentativas de interpretação dos livros e documentos sagrados, em primeiro lugar, e logo nas tentativas de desvendar pressupostos especialmente de natureza cultural, como os valores característicos dos indivíduos, sem outras vinculações”.¹⁹⁶

¹⁹⁴ Ibid., p. 161

¹⁹⁵ Ibid., p. 162.

¹⁹⁶ Ibid., p. 162

Enfim, optamos pelo método de análise de conteúdo, porque acreditamos que este de conta de contemplar todas as necessidades requeridas tanto na organização e desenvolvimento da pesquisa de campo quanto na análise dos dados obtidos.

4.1.2. Organização da pesquisa de campo: A pré análise entendida como momento de elaboração do roteiro e categorização da entrevista

Para uma melhor organização dos dados para suas futuras confrontações, dividimos em categorias, para facilitar a descrição analítica e por consequência a posterior análise inferencial. Com a categorização das perguntas, foi possível levantarmos os conteúdos manifestos em cada pergunta, impedindo-nos de nos ater a detalhes, que não são pertinentes ao nosso objetivo central, configurando-se apenas saudosas recordações dos entrevistados que continuamente afloram de suas falas.

Outro cuidado metodológico referente à organização e execução das entrevistas, foi o de, em primeiro lugar, realizar todas as perguntas que dizem respeito à prática profissional do entrevistado e só depois as perguntas que buscam levantar a sua história de vida. Ou seja, a entrevista é dividida em duas partes distintas: uma referente à prática profissional do entrevistado – como ensina – e outra de resgate da sua história de vida – como aprendeu.

A primeira categoria, coletou os dados relativos à iniciação no futebol, e teve por objetivo levantar dados relativos à idade para o início do processo de aprendizagem e, também, diagnosticar o que motivou e tem motivado crianças a começarem a aprender futebol.

A segunda categoria configura-se como a central e principal de nosso estudo: a pedagogia do futebol. Ela procurou organizar os conteúdos manifestos relativos ao aprender e ensinar futebol (o processo de ensino-aprendizagem), ou seja, como os entrevistados aprenderam e como eles ensinam; o que eles fizeram para aprender e o que fazem para ensinar; sua infância e sua aula. Portanto, esta categoria, que se dividiu em três subcategorias, abordou a questão do processo de ensino-aprendizagem, as metodologias (como aprendeu e como ensina) e os instrumentos pedagógicos (o que fez e o que faz para aprender futebol – os exemplos).

A terceira categoria, por sua vez, procurou levantar o ponto de vista dos entrevistados a respeito da função das escolinhas nos dias de hoje e o papel que o local onde eles aprenderam a jogar futebol exerceu nos seus respectivos aprendizados, ou seja, nesta categoria analisou-se os devidos ambientes pedagógicos que, com suas próprias e distintas funções, possibilitaram a aprendizagem.

Abaixo segue o roteiro da entrevista semi estruturada:

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL	
Sub-categoria 1.1.: Idade de início no futebol	
<i>SUA PRÁTICA PROFISSIONAL</i>	<i>SUA HISTÓRIA DE VIDA</i>
Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?	Com que idade você começou a jogar futebol ?
Sub-categoria 1.2.: A motivação para aprender futebol	
O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas?	O que fez você aprender a jogar futebol?

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL	
Sub-categoria 2.1.: O processo de ensino-aprendizagem	
<i>SUA PRÁTICA PROFISSIONAL</i>	<i>SUA HISTÓRIA DE VIDA</i>
Descreva uma de suas aulas.	Como eram os dias de sua infância ? O que você fazia nos campinhos?
Sub-categoria 2.2.: A metodologia	
Como você ensina as crianças a jogar futebol?	Como você aprendeu a jogar bem futebol?
Sub-categoria 2.3.: Os instrumentos pedagógicos	
Cite três ou mais atividades que você utiliza nas suas aulas para ensinar as crianças.	Quais as brincadeiras que você fazia na sua infância, que foram importantes para aprender ou melhorar as suas habilidades no futebol.

CATEGORIA 3: O AMBIENTE PEDAGÓGICO E SUA FUNÇÃO	
Sub-categoria 3.1.: A função dos campinhos e das escolinhas de futebol	
<i>SUA PRÁTICA PROFISSIONAL</i>	<i>SUA HISTÓRIA DE VIDA</i>
Qual é a função das escolinhas de futebol?	Que importância tiveram os campinhos de várzea no seu aprendizado do futebol durante sua infância?

UNICAMP
 BIBLIOTECA CENTRAL
 SEÇÃO CIRCULANTE

4.1.3. As descrições analíticas: etapa de síntese das informações

Esta fase foi destinada, depois de cuidadosa transcrição das fitas, ao levantamento dos conteúdos manifestos em meio às falas dos entrevistados, procuramos assim, separar e destacar os conteúdos pertinentes à nossa investigação, descartando os excessos e as informações que não dizem respeito diretamente à nossa pesquisa.

Com isso, procuramos ao máximo ser pragmáticos, para alcançar com sucesso o nosso objetivo, sem o perigo de nos perdermos em meio às excessivas e prolongadas falas dos entrevistados – fato comum nas entrevistas semi-estruturadas. Porém as entrevistas na íntegra se encontram no final desta dissertação, em anexo.

Vale ressaltar que antes das entrevistas foram recolhidas algumas informações referentes aos dados pessoais do entrevistado, contudo, em nome da ética científica, omitimos os nomes dos entrevistados.

Portanto, a etapa denominada descrição analítica nos serviu de fase para separar os dados que não respondiam direta ou indiretamente às perguntas, daqueles que se constituíram objetos de estudos sistemáticos.

Abaixo seguem os dados pessoais dos entrevistados, discriminados por números.

Entrevistado 1

- Idade: 35 anos
- Infância em no interior do Estado de São Paulo
- Especialização no futebol: Ponte Preta aos 12 anos
- Jogador profissional na Ponte Preta
- Professor de Educação Física: Sim, formado na PUCC
- Experiência profissional em escolinhas: 10 anos

Entrevistado 2

- Idade: 47 anos
- Infância no estado do Paraná
- Especialização no futebol: Britânia (atual Paraná Clube) aos 12 anos

- Jogador profissional no Pinheiros PR.
- Professor de Educação Física: Não
- Experiência profissional em escolinhas: 4 anos

Entrevistado 3

- Idade: 45 anos
- Infância no interior do estado de Santa Catarina
- Especialização no futebol: Guarani aos 18 anos
- Jogador profissional no Guarani ...
- Professor de Educação Física: formado na PUCC
- Experiência profissional em escolinhas: 2 anos

Entrevistado 4

- Idade: 35 anos
- Infância no interior do estado de Mato Grosso do Sul
- Especialização no futebol: Ponte Preta aos 15 anos
- Jogador profissional na Ponte Preta
- Professor de Educação Física: Não
- Experiência profissional em escolinhas: 2 anos

Entrevistado 5

- Idade: 34 anos
- Infância no interior do estado do Paraná
- Especialização no futebol: Guarani aos 15 anos
- Jogador profissional no Santos, CRB, Ituano, São José...
- Professor de Educação Física: formado na PUCC
- Experiência profissional em escolinhas: 8 anos

Entrevistado 6

- Idade: 41 anos
- Infância no interior do Estado de São Paulo
- Especialização no futebol: Guarani aos 14 anos
- Jogador profissional na Ponte Preta
- Professor de Educação Física: Não
- Experiência profissional em escolinhas: 6 anos

Entrevistado 7

- Idade: 46 anos
- Infância no interior do Estado de São Paulo
- Especialização no futebol: Corinthians aos 14 anos
- Jogador profissional no Corinthians
- Professor de Educação Física: Não
- Experiência profissional em escolinhas: 6 anos

Entrevistado 8

- Idade: 32 anos
- Infância no interior do Estado de São Paulo
- Especialização no futebol: Palmeiras aos 16 anos
- Jogador profissional no São José, Ituano...
- Professor de Educação Física: Formado na faculdade de Taubaté - SP
- Experiência profissional em escolinhas: 6 anos

4.2. INICIANDO A ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DADOS COLETADOS:

4.2.1. Análise inferencial comparativa individual

Através da análise inferencial, compararemos a história de vida de cada entrevistado com sua respectiva prática profissional, com objetivo de, ao confrontá-las, levantar pontos pertinentes à nossa pesquisa para, na seqüência discuti-los.

A análise inferencial nos permitirá refletir e discutir os conteúdos manifestos e latentes alicerçados pelo nosso referencial teórico, pois a inferência é a análise por meio de raciocínio lógico, em que o pesquisador expõe os seus argumentos e hipóteses acerca do objeto estudado. Ao inferir, o pesquisador revela o seu ponto de vista construído e consolidado por meio dos estudos realizados durante todo o processo.

Vale ressaltar que, tanto as entrevistas transcritas na íntegra quanto as descrições analíticas condensadas na forma de texto contínuo e não fragmentado como segue-se abaixo, encontram-se na forma de anexos no final desta dissertação e podem ser facilmente consultadas a partir das referências indicadas nas notas de rodapé.

ENTREVISTA 1¹⁹⁷

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.1.: Idade de início no futebol

Prática Profissional

Para o entrevistado 1 a questão da idade é muito relativa, pois podem aparecer crianças com 5 e 6 anos com uma coordenação motora um pouco mais madura e crianças de 7 e 8 anos que ficaram muito presas, muito agarradas em casa. Então, determina uma média entre 5 e 7 anos, desde que o aluno passe por um período de trinta dias de experiência.

¹⁹⁷ Anexo I – Descrições analíticas: pg. 180
Anexo II – Entrevista na íntegra: pg. 198

História de Vida

O entrevistado 1 diz que sempre jogou futebol, pois se lembra que, desde 3 ou 4 anos, trocava a bola por qualquer diversão. Começou a jogar dando chutinhos e só jogava na rua.

Inferência por comparação

Ao confrontarmos sua história de vida com sua prática profissional, vemos que o entrevistado 1 relata que desde muito cedo o futebol era sua grande diversão, sua brincadeira favorita, todavia para iniciar numa escolinha de futebol é preciso, não só ter um limite de idade, como também apresentar certo amadurecimento motor. Portanto, analisando as respostas do entrevistado 1 fica claro sua posição seletiva, ao entender que as crianças necessitam de pré-requisitos para iniciar seu processo de aprendizagem no futebol. O que não aconteceu em sua infância, pois cresceu brincando na escola da rua. Sem os pré-requisitos supõe-se que a criança não conseguirá participar da aula, ou seja, é a criança que se adequa à aula e não esta a ela. Mas e aquelas que hoje, não tendo o privilégio de brincar com segurança nas ruas, ou então, ainda não têm um razoável desenvolvimento motor devido à falta de estímulos por viverem confinadas em suas redomas, onde poderão dar seus primeiros chutinhos? (a pré-escola da bola, parece hoje ser uma necessidade)

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.2: A motivação para aprender futebol

Prática Profissional

Segundo o entrevistado a motivação das crianças para jogar futebol nasce, ou decorrente da excessiva exposição ao mundo futebolístico na mídia, onde associa dinheiro e fama ao futebol, ou, muitas vezes, da frustração dos pais por não terem sido jogadores, querendo então realizar-se através dos filhos. Portanto, os alunos não vão às escolinhas para se recrear e sim para treinar.

História de Vida

Basicamente levanta três pontos que acredita tê-lo levado a aprender a jogar futebol: o pai que sempre o levava ao campo de futebol para assistir jogos, os amigos com os quais jogava futebol e a existência de mais campinhos para se jogar, sendo que na sua infância a vida era mais tranqüila e menos perigosa.

Inferência por comparação

Para o entrevistado 1 a sua motivação para aprender futebol estava muito relacionada à liberdade de brincar e jogar futebol com os amigos, influenciados pelos jogos profissionais, contrariando o que constata em sua prática profissional, pois hoje futebol é dinheiro, sucesso, possibilidade de ascensão social rápida, sem falar na garantia de diplomas sociais que vão desde o de Professor de Educação Física, passando por várias áreas do jornalismo e chegando em alguns campos da administração pública e privada, adquiridos depois da aposentadoria. Portanto, se o fim é esse, as crianças devem treinar nas escolinhas e se esforçar muito desde pequenos para alcançá-lo, e é isto o que o entrevistado oferece, descartando a possibilidade de levar em consideração sua história de vida.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.1.: O processo de ensino aprendizagem

Prática Profissional

Diz ter uma metodologia para cada faixa etária com que trabalha, sendo a idade o referencial para a determinação da intensidade, da cobrança e da ludicidade das aulas. Portanto, existe uma aula padrão para todas as turmas da escolinha, sendo diferentes apenas nos pontos destacados acima. A aula sempre é iniciada com um aquecimento que, se for para os menores, é mais recreativo, uma brincadeira de pega por exemplo; se for para os

maiores - 11 a 15 anos – o aquecimento é baseado nos fundamentos e entrando um pouco na questão física e no alongamento. Terminada esta etapa entra o trabalho de fundamentos com bolinhas de borracha, por exemplo. Depois temos o jogo, momento em que as crianças aprendem todas as noções de posicionamentos básicos para o futebol. Sempre termina a aula dando uma palestra aos alunos sobre algum tema importante, como alimentação, escola.

História de Vida

Na sua época de infância, reunia-se a garotada e, dependendo do número de crianças, era determinado o que seria realizado. Com um número razoável, dividiam-se em 2 equipes e jogavam o futebol; quando o número diminuía, realizavam brincadeiras como classe, rebatida, 2 na linha um no gol.

Inferência por comparação

Fica evidente que nosso entrevistado 1, enquanto, durante a sua infância, aprendeu e aperfeiçoou suas habilidades para futebol brincando, tanto com jogos de “peladas” quanto com outros pertencentes ao universo da cultura das brincadeiras de bola com os pés, atualmente, ao ensinar, prefere dar à sua aula uma conotação que se aproxima mais a um treino, onde o objetivo maior é aperfeiçoar os fundamentos do jogo. Nosso entrevistado 1 prefere utilizar as brincadeiras apenas como recreação e só se as crianças forem pequenas, mesmo tendo consciência de que chegou ao profissionalismo brincando com essas brincadeiras que hoje podem lhe servir apenas de aquecimento.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.2.: A metodologia

Prática Profissional

O entrevistado 1 acredita que, para ensinar, deve-se ter paciência, e diz que os garotos têm de ouvi-lo e vê-lo executar os movimentos específicos exigidos pelo jogo. E assim, ao ver e ouvir repetidas vezes e tentando copiar os movimentos mostrados, acabam aprendendo.

História de Vida

Acredita que aprendeu a jogar porque estava no meio de pessoas que jogavam bem futebol, até melhor que ele, mas graças à sua força de vontade, sua abnegação e uma coisa muito individual, superou-se. Diz ter aprendido sozinho, não tendo orientação nenhuma, ficava vendo os outros para daí tentar imitar. Afirma que se tivesse tido orientação teria se tornado um jogador muito melhor. Segundo o entrevistado, depois de 11 anos o jogador deve desenvolver muito os fundamentos, pois não dá para aprender a jogar futebol se não dominar os fundamentos.

Inferência por comparação

Ao analisar suas respostas podemos dizer que o entrevistado acredita que para se ensinar futebol é necessário o professor ter um bom domínio dos fundamentos do jogo, pois o aprendizado dos seus alunos dependerá de suas demonstrações, ou seja, o aluno aprenderá por repetição e adquirirá um padrão de movimento estereotipado, em que o correto será apenas o próximo a um padrão de excelência preestabelecido pelo seu executor (o professor).

Ao contrário da forma com que aprendeu, nosso entrevistado descarta a possibilidade de se aprender com os outros alunos ou modelos, pois na sua escola só se pode aprender com o professor. Este é o detentor de todo o conhecimento, a enciclopédia prática do futebol. Aliás, futebol que se resume em domínio dos fundamentos. Fica evidente na sua fala que só será bom jogador o malabarista de bola, descartando toda e qualquer participação dos aspectos cognitivos e afetivos (emocionais).

O entrevistado 1 não se dá conta de que, durante a sua infância, sua abnegação, sua força de vontade, levaram-no a superar seus amigos e não um possível professor, que de lá do alto de seu pedestal apontava o caminho do bem (execução correta do movimento) e afastava-o do mal (errada), anulando, ou não levando em consideração, outros caminhos paralelos que podem levar ao mesmo fim (o sucesso com a execução dos movimentos, que não necessariamente deva ser padronizado).

Sub-Categoria 2.3.: Os instrumentos pedagógicos

Prática Profissional

As atividades que mais utiliza para ensinar as crianças a jogar futebol são os exercícios de correção de postura – gesto técnico - e coordenação motora, utilizando materiais possíveis de serem encontrados em escolas. Além disso lança mão de exercícios recreativos e exercícios específicos para a aprendizagem dos fundamentos.

História de Vida

Questionado quanto a como aprendeu a jogar futebol, o entrevistado 1 diz que não teve acompanhamento e orientação de ninguém, por isso nunca trabalhou os fundamentos. Só fazia brincadeiras de criança, mas que, para ele, não tinham nada a ver com o futebol.

Inferência por comparação

Infelizmente o entrevistado 1 não dá importância ao fato, ou mesmo não leva em consideração que aprendeu a jogar futebol com as brincadeiras que citou na resposta à primeira pergunta desta categoria. Ou seja, ele aprendeu de uma maneira (vale ressaltar que aprendeu com sucesso pois chegou a ser profissional) e ensina de outra. E a forma com que aprendeu não exigia padrões “perfeitos” de gestos técnicos, pelo contrário exigia o espontâneo, o criativo, o imprevisível, o que fosse eficiente para o sucesso na brincadeira. Mas, em sua prática profissional o que faz para ensinar é corrigir as posturas para a realização perfeita dos fundamentos. O entrevistado 1 se preocupa excessivamente com a correção de gestos técnicos. Ensinar bem futebol para ele é possibilitar que o aluno domine alguns padrões de movimentos, todavia ele aprendeu a jogar bem futebol durante a sua iniciação não se preocupando com isso.

CATEGORIA 3: O AMBIENTE PEDAGÓGICO E SUAS FUNÇÕES

Sub-Categoria 3.1.: A função dos campinhos e das escolinhas de futebol

Prática Profissional

Quanto à função das escolinhas, afirma que não é tirar crianças das ruas. Seu objetivo centra-se no entretenimento, alcançando o seu objetivo ao destacar o aspecto social do aluno, através de jogos, interação com os pais e no prazer em estar com outros garotos de sua idade. Outro objetivo da escolinha é, quando aparecer algum talento, encaminhá-lo para as equipes profissionais, levando-se em conta um trabalho adequado.

História de Vida

O entrevistado 1 diz ainda que foi graças a estes espaços – a rua, os campinhos e as quadras da escola - que aprendeu a jogar, pois não existia escolinha em seu tempo. Nos campinhos e na rua se formavam os times e aconteciam os jogos. Nas quadras da escola tinha aquele professor que soltava a bola e sentava para ler o jornal, então só jogávamos também. Apesar disto tudo, acredita que faltou orientação para que pudesse se tornar um jogador melhor e que, portanto, o ideal seria misturar o “swing” da rua e dos campinhos, aliado a uma boa instrução dos professores das escolinhas para que os alunos progredissem no futebol, independente do fim deste aprendizado, ou seja se este garoto vai ser ou não jogador de futebol. E ainda diz que as escolas de futebol devem corrigir os alunos como as escolas formais.

Inferência por comparação

Comparando o que nosso entrevistado 1 relata sobre a função das escolinhas e dos campinhos de várzea, afirma que foi graças aos campinhos e à rua que aprendeu a jogar futebol, mas hoje sua escolinha tem um objetivo que se centra no entretenimento, tanto é que, se aparecer um talento, ele deve ser encaminhado para outro local.

Do modo como o entrevistado 1 se coloca, parece que escolinha de futebol e bons jogadores são incompatíveis, ou seja, escolinha não tem função para aqueles que jogam bem, e também não são responsáveis em formar bons jogadores. Ao contrario da rua e dos campinhos, que mesmo sem ter um profissional para instruí-lo, ensinou e divertiu nosso

entrevistado 1, e ensinou bem, pois com seu aprendizado conseguiu chegar ao profissionalismo.

O entrevistado 1 enfatiza que um bom trabalho nas escolinhas seria aquele que conseguisse aliar o que se fazia nas ruas (com seu “swing”) com a instrução de bons profissionais, todavia ao longo da entrevista ele se mostra contrário à sua própria afirmação, pois em nenhum momento mostrou levar em consideração em sua prática profissional o que viveu em sua história de vida.

ENTREVISTADO 2¹⁹⁸

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.1: Idade de início no futebol

Prática Profissional

O entrevistado 2 diz que a idade ideal para a iniciação numa escolinha se dá por volta de seis anos, quase fazendo sete anos. Uma criança com menos de cinco anos não conseguirá prender sua atenção apenas no futebol. Segundo o nosso entrevistado 2, a criança está mais interessado em aprender outras coisas que não só jogar futebol.

História de Vida

Sempre, desde pequenino, o entrevistado 2 gostava de jogar futebol. Não existia escolinhas na época de sua infância, e então jogava bola com os grandes. E quando ganhava uma bola passava o dia brincando com ela.

Inferência por comparação

Ao confrontar a idade que o nosso entrevistado 2 começou a jogar, com a que ele acredita ser a ideal, constatamos um certa diferença, pois ele começou a jogar, ou melhor brincar, desde pequenino, porém acredita que as crianças devam iniciar por volta dos sete anos, pois o entrevistado 2 diz que as crianças pequenas não são interessadas em aprender só futebol.

Esse é um dos pontos em que o entrevistado 2 não consegue fazer uma relação entre sua prática profissional e sua história de vida. Ele iniciou cedo mantendo com o futebol uma relação centrada no brincar, portanto, começou a jogar brincando com a bola nos pés, mas parece que não é assim que as crianças hoje devem iniciar, pois segundo ele é só por volta dos sete anos que as crianças conseguirão se concentrar apenas no futebol.

¹⁹⁸ Anexo I – Descrições analíticas: pg. 182

Anexo II – Entrevista na íntegra: pg. 206

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.2.: A motivação para aprender futebol

Prática Profissional

Questionado quanto ao que tem levado as crianças a aprender a jogar futebol, ele diz que são os pais, pois estes queriam ter se tornado jogadores, todavia não tendo conseguido, querem que seus filhos realizem este sonho por eles.

História de Vida

Questionado quanto ao que o motivou a jogar futebol, respondeu que acredita que o futebol está no seu “sangue”, porque nasceu numa família de desportistas, em que o avô era lutador e o tio jogador de futebol.

Inferência por comparação

Do modo como o entrevistado 2 se posicionou dá a entender que o futebol pode ser transmitido geneticamente. Todavia, podemos, ao compararmos as respostas do entrevistado 2 por outro ângulo, encontrar lógica e coerência em suas indagações, mesmo que ingênuas. Pois ele aponta a importantíssima influência do meio social (familiar) como desencadeador motivacional das crianças à prática esportiva. Tanto os pais, que segundo nosso entrevistado 2, querem se realizar nos filhos, quanto seu avô e tio são agentes influenciadores para a prática esportiva, e não doadores de genes.

Portanto, a motivação para aprender futebol está relacionada à influência do meio, por exemplo o familiar, tanto foi assim em sua história de vida quanto parece que vem se repetindo em sua prática profissional.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.1: O processo de ensino aprendizagem

Prática Profissional

Suas aulas sempre se iniciam com alongamento e exercícios “calestênicos”, como: *“vinte vezes no joelho”, “vinte vezes no calcanhar”, polichinelo, na frente, em cima e alternado.* Depois trabalha-se a parte técnica, no exemplo citou exercícios para o desenvolvimento do domínio de bola e cabeceio, executando-os dois a dois, alterando a seqüência de movimentos em combinação com partes do corpo, como: peito, coxa e peito de pé. Com crianças menores o treino tem o mesmo objetivo, ganho de qualidade técnica, variando apenas o nível de cobrança e a execução de alguns exercícios. Sempre são estimulados igualmente os dois pés. Ao final, a aula termina com um coletivo ou um ração

História de Vida

Teve uma infância muito rica e diversificada, com muita liberdade. Brincava com bola, nadava e corria, entre outras coisas. Gostava de brincadeiras emocionantes, pois não tinha medo.

Inferência por comparação

O processo pelo qual passou em sua infância apresenta muitas qualidades que estão longe de aparecer em sua prática profissional. Por exemplo, enquanto nosso entrevistado 2 se desenvolvia em meio a uma rica variedade de estímulos, em que a liberdade estava sempre presente, em sua prática profissional o processo de aprendizagem centra-se no desenvolvimento de habilidades técnicas que apresentam um estereótipo, pois são treinadas e não exigidas e desenvolvidas em uma possível situação de jogo. Outro exemplo contraditório se constitui quando o entrevistado 2 diz que brincava muito de jogar bola, mas em sua aula o jogo se configura como a parte final, e não principal, de todo o processo.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.2.: A metodologia

Prática Profissional

Ao responder a questão sobre como ensina o futebol ao seus alunos, o entrevistado 2 disse que para ensinar utiliza os treinos que aprendeu durante a sua carreira profissional. Porém, ressalta que o futebol é um dom, e para os alunos que possuem esse dom, ele tenta ensiná-los a colocar o corpo e a driblar.

História de Vida

O entrevistado 2 diz que não sabe como aprendeu a jogar bem futebol. Porém, tem certeza que ninguém lhe ensinou, por essa razão acha que veio dele mesmo.

Inferência por comparação

O entrevistado afirma categoricamente que é impossível se ensinar a jogar futebol. As crianças que jogam já nascem sabendo. Seu papel nas aulas seria apenas o de lapidar alguns gestos técnicos, e para isso se baseia nos treinos aprendidos durante sua carreira profissional. Mais uma vez o entrevistado 2, não leva em consideração sua infância (história de vida) e acredita que aprender futebol é uma vocação, um dom genético. Os treinos que executava ao longo de sua carreira profissional tinham por objetivos melhorar as qualidades técnicas de quem já sabia jogar bem futebol, logo, utilizá-los em suas aulas logicamente só permitirá que os alunos que já possuem um certo domínio das habilidades melhorem. Assim, seu trabalho será mesmo o de apenas lapidar gestos. Já os infelizes que não têm este dom, que descubram os seus e saiam do campo, não pisem na grama.

Portanto, ao confrontarmos o como aprendeu com o como ensina, não é possível encontrar qualquer semelhança, ou seja, sua prática profissional não leva em consideração sua história de vida.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.3: Os instrumentos pedagógicos

Prática Profissional

Já as atividades que mais utiliza para ensinar o futebol são os treinamentos técnicos: dominar no pé, coxa e peito. Para ele ensinar os fundamentos é essencial.

História de Vida

Diz ainda que hoje as crianças chegam numa certa idade e param de brincar. Antigamente, nos campinhos, com 11, 12 anos brincava de esconde-esconde e de sete quedas com crianças maiores, mas sua brincadeira predileta era jogar futebol, para jogar parava tudo. Acredita que as crianças de antigamente eram mais ingênuas e sem maldades.

Inferência por comparação

Mais uma vez é destacada a diferença de como nosso entrevistado aprendeu a jogar futebol para como ensina atualmente. Em nenhum momento em sua infância nosso entrevistado diz ter ficado treinando fundamentos (técnicas) para aprender ou melhorar no futebol, mas sim, brincava muito, não só de futebol, mas também com outras brincadeiras pertencentes ao universo da cultura infantil, o que de certo modo ampliou seu repertório motor e com certeza facilitou a sua aprendizagem no futebol.

Portanto, nosso entrevistado 2, ao mesmo tempo que diz que as crianças de hoje param de brincar cedo, não abre espaço na sua aula para que elas continuem brincando. Então, foi brincando que ele aprendeu a jogar futebol tão bem, mas não leva isso em consideração em sua prática profissional (pensando a respeito do que fazer para ensinar).

CATEGORIA 3: O AMBIENTE PEDAGÓGICO E SUA FUNÇÃO

Sub-Categoria 3.1.: A função dos campinhos e das escolinhas de futebol

Prática Profissional

Quanto à função das escolinhas, o entrevistado 2 diz que esta pode ser vista como o começo para uma carreira como treinador profissional. As escolas dentro dos clubes servem para aumentar a frequência dos associados. Quanto às outras – particulares - acredita que são apenas “comerciais”, ou seja, só visam o lucro. *“Ninguém pensa em fazer uma escolinha para revelar um atleta”*.

História de Vida

Todo dia, toda hora ele estava nos campinhos jogando bola, pois em qualquer terreno vago existia um campo. Perto de sua casa havia cinco campinhos, portanto sempre tinha espaço para se brincar. Mesmo quando sobravam apenas duas crianças não paravam de brincar, pois jogava-se um contra o outro.

Inferência por comparação

Ao confrontarmos as funções atribuídas pelo nosso entrevistado 2 às escolinhas e aos campinhos, percebemos a existência de um grande contraste. Os campinhos, segundo ele, constituíam locais destinados para se brincar de futebol, e por consequência aprendê-lo e aperfeiçoá-lo, mas as escolinhas apresentam outras características, servindo para aumentar a frequência nos clubes e o capital nos bolsos de seus donos, que vendem às crianças a ilusão de poderem ser craques, pois não existe escolinhas que visem formar jogadores.

Nosso entrevistado 2 não diz que as escolinhas são importantes para as crianças aprenderem a jogar futebol, mas é para ele, pois elas podem ser o início da carreira de um treinador de futebol profissional.

Portanto, para ele, nos campinhos se brincava e jogava futebol, possibilitando uma boa aprendizagem, nas escolinhas de futebol as funções parecem ser outras mais prementes do que ensinar futebol às crianças.

ENTREVISTA 3¹⁹⁹

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.1: Idade de início no futebol

Prática Profissional

O entrevistado 3 afirma que a partir dos 4 anos de idade já é possível iniciar as crianças no futebol, mas desde que elas tenham vontade de aprender.

História de Vida

O entrevistado 3 diz que sempre jogou futebol de rua, “pelada”, não passando por categorias amadoras como infantil, juvenil e juniores. Da sua infância até sua juventude jogava apenas futebol de rua.

Inferência por comparação

A idade de início para nosso entrevistado 3, se deu quando ele começou a brincar com bola nos pés nas peladas. Todavia em sua prática profissional acredita que existe uma idade ideal a partir dos 4 anos.

Nosso entrevistado 3 aprendeu a jogar futebol na rua brincando de “pelada”, e mesmo sem participar, nem freqüentar nenhuma escolinha ou equipe amadora durante a sua infância e juventude se tornou um grande jogador, reconhecido nacionalmente. Para brincar na rua e, por consequência, aprender futebol, não existia limite de idade, mas hoje para começar a jogar o entrevistado 3 acredita que é preciso estabelecer uma idade limite aliada à motivação.

¹⁹⁹ Anexo I – Descrições analíticas: pg. 184
Anexo II – Entrevista na íntegra: pg. 212

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.2: A motivação para aprender futebol

Prática Profissional

Acredita que as crianças procuram as escolinhas porque o futebol é uma paixão nacional muito divulgada pela mídia, destacando assim, alguns ídolos que motivavam as crianças para aprender o futebol.

História de Vida

Como toda criança, adorava o futebol. Quando pequeno sempre pedia uma bola de natal. Onde tinha qualquer espaço livre, que podia ser na rua, no colégio ou num campinho, lá estava ele e os amigos jogando futebol, portanto acredita que isto tudo o levou a aprender a jogar futebol.

Inferência por comparação

A paixão e o fascínio do futebol parece ainda exercer grande influência na nossa sociedade. Brincar de futebol era grande diversão, e ela podia ser feita em qualquer lugar. Um pouco diferente dos dias de hoje, em que jogar futebol, além de, na maioria das vezes, ter de ser praticado em escolinhas, está ligado mais a uma possibilidade de alcançar o sucesso, ser famoso, ganhar dinheiro. Isto devido ao futebol ter se tornado um grande veículo financeiro, figurando como uma potente alavanca social para todos, em especial para os menos favorecidos.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.1: O processo de ensino aprendizagem

Prática Profissional

Suas aulas sempre são divididas em três partes: aquecimento, fundamentos e jogo. A bola está presente em todas elas, servindo de motivação para os alunos. O jogo no final da aula tem por objetivo recrear e descontrair as crianças.

História de Vida

O entrevistado 3 salientou ainda ter tido uma ótima infância, muito melhor que a das crianças de hoje. Por ter passado sua infância numa cidade pequena, tinha muita liberdade, servindo-se dela para brincar e se divertir nas praias, rios, matos e campos.

Inferência por comparação

Nosso entrevistado se orgulha em salientar que teve uma infância muito melhor que a das crianças de hoje em dia. Enquanto ele passou sua infância com muita liberdade, tendo tempo de sobra para brincar e se divertir em diferentes e estimulantes ambientes, seus alunos são obrigados a seguir sempre um padrão determinado de aula. Nosso entrevistado 3, viveu um processo de ensino aprendizagem pautado pela liberdade, explorando ambientes diversificados e variados. Mas em suas aulas, parece possibilitar isso apenas em uma de suas partes, o jogo final.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.2: A metodologia

Prática Profissional

Para começar a ensinar seus alunos a jogar futebol faz uma avaliação inicial. Então, de acordo com a individualidade de cada um, intensifica o trabalho na carência do aluno, aquilo que este ainda deixa a desejar. Já para os que sabem jogar um pouco o trabalho centra-se no desenvolvimento dos fundamentos técnicos. E para os menores o trabalho é mais voltado para a coordenação motora

História de Vida

Questionado a respeito de como aprendeu a jogar futebol, revelou que sempre foi muito dedicado, e afirmou que foi graças a sua força de vontade que aprendeu a jogar, procurando a todo momento corrigir os seus defeitos. Mas acredita, fazendo questão de ressaltar, que boa parte de sua habilidade é inata, proveniente de Deus. Portanto, Deus lhe deu o Dom e ele soube lapidá-lo.

Inferência por comparação

Apesar da enorme dedicação e força de vontade, qualidades estas destacadas pelo nosso entrevistado 3, elas foram responsáveis pela lapidação de suas habilidades inatas, pois ele acredita que recebeu de Deus o dom para jogar futebol. Sendo assim, o entrevistado nos leva a pensar que futebol não se ensina, ou melhor, ninguém que não seja portador de certo dom divino, será capaz de aprender a jogar bem futebol. Portanto, sua avaliação prévia, parece procurar separar os talentosos dos que não possuem determinadas qualidades. Aos talentosos a lapidação do dom, aperfeiçoando-se os gestos técnicos, e ao restante, trabalho centrado em suas carências. Todavia não dá para se ensinar um dom divino.

Ou seja, nosso entrevistado 3, nasceu com um dom que ele próprio lapidou, enquanto que atualmente em sua prática profissional, para começar a ensinar o futebol, separa os possíveis talentos para a lapidação e para os outros desenvolve trabalho diferente.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.3: Os instrumentos pedagógicos

Prática Profissional

Em seu planejamento de aula, primeiro trabalha condução de bola, para a criança ter um primeiro contato com a bola, depois realiza passes curtos, para aumentar o contato com a bola, além de desenvolver noção de peso e de tempo. Outra atividade que realiza é ensinar a criança a fazer um drible curto em cima de um obstáculo.

História de Vida

Quanto às brincadeiras que ele achou importante para o seu aprendizado no futebol foram: brincadeiras de pega-pega e outras de corridas, caça, pesca e nos campinhos jogava muito futebol com traves pequenas, rebatida e bobinho.

Inferência por comparação

Para aprender futebol, nosso entrevistado 3, evidencia o quanto as brincadeiras foram importantes, incluindo não apenas brincadeiras com bola. Porém, para ensinar destaca apenas exercícios com bola, com características mais voltadas para o treinamento, por exemplo quando as crianças aprendem a driblar um objeto inanimado. O pega-pega que lhe ensinou a simular fantásticos e diferentes olés, na sua aula foi substituído pelo cone que permite apenas duas variações de deslocamento: uma lateral pela direita e outra pela esquerda. O bobinho, foi substituído pelo passe curto, trocado apenas entre duas crianças. E assim, segue-se, na substituição de brincadeiras ricas e diversificadas, por treinos mais específicos e limitados na sua amplitude de variações, criando contradições entre o que ele fez para aprender e o que ele faz para ensinar atualmente.

CATEGORIA 3: O AMBIENTE PEDAGÓGICO E SUA FUNÇÃO

Sub-Categoria 3.1: A função dos campinhos e das escolinhas de futebol

Prática Profissional

Quanto ao objetivo das escolinhas de futebol, diz que não é criar jogadores e sim ensinar os princípios básicos do jogo, tendo uma grande preocupação em desenvolver a coordenação e a socialização das crianças, não se esquecendo do intelecto, enfim, promovendo a saúde. Diz ainda que se aparecer alguns talentos este seguirá o seu caminho.

História de Vida

O entrevistado 3 afirma que os campinhos foram muito importantes no seu aprendizado, pois ofereciam um espaço, para ele fundamental, onde se criavam muitas brincadeiras que não necessariamente voltadas para o futebol. Diz ainda ser muito importante possibilitar este espaço para que as crianças possam criar, inventar jogos, pois a garotada de hoje não tem o mesmo privilégio que ele teve na sua infância.

Inferência por comparação

Confirmando sua posição de que jogar futebol é um dom, nosso entrevistado não acredita ser a escolinha de futebol o local mais adequado para se formar um jogador. Fica claro na sua resposta que se aparecer um talento na escolinha, esta não terá como ajudá-lo pois, segundo nosso entrevistado 3, ele seguirá o seu caminho. Nada que ultrapasse os limites do básico devem ser ensinados numa escolinha de futebol.

Isto nos permite dizer que a rua, os campinhos e os outros espaços livres que concediam às crianças o direito a brincar com liberdade, e que por sinal não eram, nem são chamadas de escolas, ensinou futebol e muitas outras coisas (até as citadas pelo entrevistado 3), tanto para ele – como nos mostrou em sua história de vida - como para muitas outras crianças, talentosas ou não. Ou seja, o que fica claro é que, segundo nosso entrevistado 3, os espaços que permitiam às crianças inventar, criar e brincar de futebol, além de serem mais ricos, oferecendo uma gama de conhecimentos que vão muito além dos básicos, permitiam que todas as crianças aprendessem, independentes de suas qualidades.

Portanto, enquanto as escolinhas se restringem ao básico, sua história de vida vem mostrar que as funções dos campinhos iam além disso, ultrapassando os limites do futebol. Fato esse destacado quando nosso entrevistado 3 aborda a questão da liberdade para criar que existia nos campinhos, mas que hoje é cerceada, ou deixada para além das funções das escolinhas, revelando assim, existir contrapontos entre sua história de vida e sua prática profissional.

ENTREVISTA 4²⁰⁰

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.1.: Idade de início no futebol

Prática Profissional

O entrevistado 4 afirma que a partir dos 5 anos os pais já podem colocar, sem problemas, os seus filhos nas escolinhas. Porque a partir dessa idade as crianças, que já gostam do futebol, começam a ter um mínimo de coordenação e assim já conseguem correr com a bola.

História de Vida

O entrevistado 4 começou a jogar futebol cedo, com 5 anos já jogava “peladas” na sua cidade natal.

Inferência por comparação

Todos nascemos com um mínimo de coordenação que nos permite começar a aprender tudo aquilo a que somos estimulados. Por isso, generalizar para cinco anos a idade ideal para se iniciar um aprendizado no futebol torna-se um tanto equivocado, se não levarmos em consideração os estímulos do meio e os meios para se atingir os objetivos, como por exemplo, podemos perceber ao compararmos sua hipótese com sua história de vida. Ou seja, se utilizarmos nosso entrevistado 4 como referência, podemos perceber em sua resposta que os estímulos para que ele jogasse futebol eram grandes, pois lembra que jogava desde cedo, e os meios utilizados para isso eram as brincadeiras de “peladas”, em que as crianças brincavam de jogar futebol, tendo como única preocupação a diversão e a satisfação.

Peladas exigem a coordenação que o seu praticante já possui, ao contrário do que diz o entrevistado 4. Para iniciar nas escolinhas os alunos necessitam de uma certa coordenação para a prática do futebol. As peladas se adequavam à coordenação das

²⁰⁰ Anexo I – Descrições analíticas: pg. 186
Anexo II – Entrevista na íntegra: pg. 217

crianças. Já na prática nas escolinhas é o aluno que se adequa às exigências impostas pelo futebol. Portanto, quando ele iniciou e a forma com que iniciou não levava em consideração sua idade ou nível de coordenação. Todavia, hoje em sua prática profissional isto tem que ser levado em consideração, pois é o aluno que terá que se adaptar às aulas e não elas a eles.

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.2: A motivação para aprender futebol

Prática Profissional

Quanto ao que vem motivando as crianças a aprender futebol, nosso entrevistado 4 acredita que o futebol é uma paixão e sendo assim, a maioria das crianças nascem e já ganham uma bola. Mas, dentro das cidades, as crianças não têm espaço para brincar, então os pais procuram as escolinhas para garantir o lazer de seus filhos.

História de Vida

O que o fez aprender a jogar futebol foi o grande incentivo de seu pai. O entrevistado diz ainda que desde os seus 8 anos que o pai já havia determinado um objetivo para a sua vida: ser jogador de futebol, e se isso não se realizasse seria hoje um frustrado.

Inferência por comparação

Na sua história de vida o entrevistado 4 apresenta uma das facetas, muitas vezes irracional, do brasileiro pelo futebol, em que o pai procura transmitir para o filho um legado cultural. Já, quando questionado quanto ao que vem motivando as crianças a jogar futebol, o entrevistado 4 apresenta uma outra faceta, em que os pais ainda preocupados em garantir aos filhos uma herança futebolística, os presenteiam com bolas, porém, os tempos são

outros e os meios para se garantir esta transmissão passam pelas escolinhas, ficando dependentes do trabalho desenvolvido por estas instituições.

Portanto, enquanto em sua história o grande fator motivacional foi o pai, que queria vê-lo um jogador de futebol profissional, em sua prática profissional levanta a hipótese de que os pais continuam exercendo um papel de destaque motivacional, tanto ao comprar bolas, quanto encaminhando seus filhos para as escolinhas, porém entendendo-as como um local de lazer e recreação.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.1: O processo de ensino aprendizagem

Prática Profissional

Sua aula se inicia sempre com um aquecimento seguido de alongamento. Depois começa um trabalho de velocidade e condução de bola, para daí entrar na parte dos fundamentos técnicos, onde ensina como dominar e chutar corretamente uma bola; na seqüência realiza um chute a gol, que pode durar até o final da aula ou então termina a aula com um joguinho. Portanto sua aula pode ter duas ou três partes: aquecimento e alongamento, trabalho técnico e finalização, ou essas duas partes acrescida de um jogo no final. Vale ressaltar que, quando a aula tem apenas duas partes, a próxima é inteira destinada ao jogo.

História de Vida

O entrevistado 4 afirma que seu lazer era jogar futebol. Apesar de ter afazeres impostos pelo pai, sempre que podia, independentemente do clima, das condições do campo ou da bola, estava lá ele jogando futebol. Sempre jogava bola com os amigos num campinho e não via a hora de chegar o domingo para poder jogar contra outros times. Enfim, sua infância se resumiu em correr atrás de uma bola.

Inferência por comparação

Nosso entrevistado 4, durante seu processo de ensino aprendizagem, mantinha com o futebol uma relação um tanto quanto informal, carregada de prazer e ludicidade, pois na sua infância jogar bola era o seu lazer predileto. Já, ao ensinar futebol em suas aulas, impõe um padrão, um ritmo e seqüência de procedimentos que devem ser seguidos antes de se chegar ao jogo de futebol propriamente dito. Enquanto em sua infância, quando estava aprendendo, o entrevistado 4 desenvolvia as suas habilidades jogando futebol com prazer, em sua atividade profissional, ele se preocupa mais em lapidar certos gestos técnicos fora de um contexto de jogo, destinando até uma aula inteira só para isso, do que em ensinar as crianças a jogar. Ele dá um valor muito maior para o desenvolvimento das habilidades técnicas por meio de treinamentos, do que para o aprendizado dessas dentro das situações próprias do jogo, ao contrário de como se deu seu processo de aprendizagem.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.2.: A metodologia

Prática Profissional

Mas o entrevistado 4 diz ser impossível ensinar futebol, pois futebol é um dom, que uns têm outros não. O que faz nas aulas é apenas dar dicas e tentar passar para seus alunos os macetes que aprendeu durante a sua carreira profissional. Para confirmar, diz ainda que as crianças de hoje estão aprendendo a jogar nas escolinhas, pois não existe mais espaço para poderem brincar, e nestas escolinhas estão aprendendo com ex-jogadores, que são as pessoas mais indicadas para orientar os iniciantes, pois eles passam tudo aquilo que aprenderam durante as suas carreiras profissionais. Mas no final faz uma ressalva, dizendo que em cidades do litoral ou do nordeste, as crianças têm a possibilidade de ficar o tempo todo jogando bola, nas praias ou nos campinhos, então estas evoluem mais e assim serão mais habilidosas que os seus alunos na escolinha.

História de Vida

Questionado a respeito de como aprendeu a jogar disse não saber com precisão, mas acredita que foi graças à sua força de vontade, correndo sempre atrás de uma bola com a molecada e o incentivo de seu pai. Nunca teve um professor e por isso diz ter aprendido tudo sozinho, fazendo embaixadas, brincando de domínio com os amigos e brincando de rebatida, brincadeira esta que diz ser completa, pois ensina tanto a ser goleiro quanto driblar, marcar, passar e chutar. Então acredita que foi assim que aprendeu a jogar, brincando livremente com seus amigos e tentando imitar os mais velhos.

Inferência por comparação

Nosso entrevistado 4 afirma categoricamente que procura ensinar futebol alicerçado por sua carreira profissional, o que explica a utilização de treinos adaptados em suas aulas, diferentemente da maneira como aprendeu a jogar, em que, as brincadeiras, em que ele fez questão de explicar e ressaltar as suas qualidades pedagógicas, possibilitaram o seu aprendizado.

Portanto, fica evidente que nosso entrevistado 4 aprendeu de uma maneira e ensina de outra. Como criança aprendeu brincando, como professor ensina crianças treinando.

Mas, sem querer entrar no mérito da questão do dom inato para jogar futebol, nosso entrevistado não vê a possibilidade de, com seus treinos na escolinha, ensinar seus alunos a jogar melhor do que as crianças que não frequentam suas aulas. Ou seja, apesar dele dizer que as pessoas mais capacitadas para ensinar futebol são os ex-jogadores, estes não chegam, apesar de todas as suas respectivas bagagens profissionais, à competência das brincadeiras de bola com os pés, desenvolvidas ao sabor da liberdade e coordenadas pelas próprias crianças, sem a presença de um professor, ou melhor, sendo uma criança a professora da outra para cada situação do jogo.

Enfim, para o entrevistado 4, as brincadeiras, como as destacadas por ele, apresentam um grande potencial pedagógico para ensinar futebol, mas são substituídas por treinos adaptados da sua carreira profissional, mesmo ele tendo consciência de que as crianças que aprendem brincando e com liberdade sempre jogarão melhor que seus alunos treinando.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.3.: Os instrumentos pedagógicos

Prática Profissional

As atividades que mais utiliza para ensinar seus alunos são as mesmas de outras escolinhas, que é chutar a gol, aprendendo assim a como bater na bola, fazer passes curtos e domínio um de frente com o outro. Insiste muito no aprimoramento da técnica e principalmente, dá muita ênfase para o chute, dizendo ser este o que oportuniza o grande momento do jogo: o gol.

História de Vida

Dentre as várias brincadeiras relacionadas com o futebol que realizava na sua infância, aponta o “pic-salva” como a grande responsável pela sua velocidade e agilidade. Outras brincadeiras importantes para treinar e melhorar as suas habilidades foram: ver quem fazia mais embaixadas com a bola (brincadeira que faziam durante horas) e a rebatida.

Inferência por comparação

Para ensinar futebol, o entrevistado 4, utiliza como falamos anteriormente, de treinamentos, que exigem dos alunos um aperfeiçoamento e automatização de certos gestos técnicos, para assim poderem melhorar no jogo. Mas, contrariamente, ele aprendeu brincando, dando até grande importância para uma determinada brincadeira que nem bola utiliza.

Enquanto seus alunos, em sua aula, realizam repetidas vezes chutes ao gol, tendo por único objetivo a lapidação do fundamento, nosso entrevistado realizava a brincadeira de rebatida, que além de estimular o aperfeiçoamento de variadas formas de chute, mantinha a sua característica de jogo lúdico, muito semelhante, no que diz respeito à suas exigências, ao jogo de futebol propriamente dito.

CATEGORIA 3: O AMBIENTE PEDAGÓGICO E SUA FUNÇÃO

Sub-Categoria 3.1: A função dos campinhos e das escolinhas de futebol

Prática Profissional

O entrevistado 4 diz que a função das escolinhas é tirar um pouco as crianças de frente da TV, do computador e do vídeo-game, proporcionando a elas uma hora de esportes, coisa que segundo ele é excelente para a saúde. Além disso, as escolinhas possibilitam uma possível carreira profissional dentro do futebol no futuro. Antes de finalizar faz uma ressalva dizendo que gostaria de ter tido uma escolinha de futebol na sua infância, pois então poderia ter se tornado um jogador melhor. Pois o que ele não tem nas peladas é a teoria que se aprende com os ex-jogadores. Enfim, diz que as escolinhas representam uma segurança que os pais podem oferecer aos seus filhos nos dias de hoje.

História de Vida

Os campinhos de várzea tiveram uma função primordial para o entrevistado 4, pois não existiam escolinhas. Diz ter aprendido tudo de futebol jogando nesses locais até os 15 anos. Disse ainda que a maioria dos craques de sua época aprenderam a jogar neste campinhos, pois, antes das décadas de 80 e 90, as ruas e os campos de várzea eram o locais para o aprendizado do futebol.

Inferência por comparação

Ao comparar a sua história de vida com sua prática profissional, percebemos o quanto, de uns tempos para cá, as coisas se modificaram. Antes aprendia-se futebol na rua como aconteceu com nosso entrevistado 4, hoje ele ensina futebol em escolas especializadas, que garantem às crianças, além de segurança, a possibilidade dessas saírem do sedentarismo.

Porém os campinhos formaram grandes craques, em meio a milhões de outras crianças que, envolvidas no processo, também aprenderam a jogar. Hoje a mesma função deve ser atribuída às escolinhas, apesar de nosso entrevistado 4 dizer que futebol não se ensina, mas, mesmo assim, afirma que se existissem escolinhas em sua época de infância, teria se tornado um jogador melhor.

ENTREVISTA 5²⁰¹

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.1.: Idade de início no futebol

Prática Profissional

O entrevistado 5 acredita que seis anos é a idade ideal para se iniciar em uma escolinha, mas para se recrear, pois, para aprender realmente, só é possível por volta dos 9, 10 anos.

História de Vida

O entrevistado 5 começou a brincar de futebol com uns seis anos no terreiro de café, na fazenda onde morava.

Inferência por comparação

O entrevistado 5 mantém certa coerência em relação à idade que começou a brincar de futebol para com a idade que acredita ser a ideal. Outro fato interessante é que o entrevistado 5 acredita que as crianças pequenas devam brincar de futebol, todavia, para ele brincar de futebol não significa aprender a jogar e sim apenas se recrear. Logo aprender só será realmente possível mantendo-se uma relação diferente com o processo, ou seja, sem brincadeiras.

²⁰¹ Anexo I – Descrições analíticas: pg. 189
Anexo II – Entrevista na íntegra: pg. 224

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.2: A motivação para aprender futebol

Prática Profissional

Para ele as crianças procuram as escolinhas, se não por indicação médica, devido à forte influência da mídia e dos ídolos criados pelo futebol, fazendo com que as crianças tentem imitá-los.

História de Vida

Começou a gostar mais de jogar futebol devido à influência exercida pelos primos maiores, pois eles tinham um time de futebol amador que sempre jogava nos finais de semana.

Inferência por comparação

Sabemos que estamos trabalhando apenas com uma fonte de informação para duas situações diferentes, em que apenas um entrevistado formula duas hipóteses. Porém o objetivo não é chegar a uma conclusão a respeito da motivação para aprender a jogar, mas sim comparar a história de vida do nosso entrevistado, comparando o que o motivou para a aprendizagem, com o que ele tem vivido na prática ao receber seus alunos, para analisarmos se é possível manter alguma relação. No caso particular do nosso entrevistado 6, o que o motivou a jogar futebol foi bem diferente do que ele acredita que vem motivando as crianças a aprender atualmente. Ou seja, enquanto o que o motivava estava mais próximo, quase palpável, mantendo-se um vínculo afetivo muito grande, hoje, sem contar a recomendação (imposição) médica, as crianças se motivam por intermédio da mídia. A mídia leva a criança a consumir ídolos, e, muitas vezes, a motivação não parte do princípio de imitar as jogadas, os gols e os dribles, mas sim de comprar as mesmas chuteiras, o mesmo uniforme, a mesma caneleira etc...

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.1.: O processo de ensino aprendizagem

Prática Profissional

A sua aula começa com um aquecimento, onde ele faz uma brincadeira, depois uma sessão de alongamentos, antes de entrar na parte mais específica que é o trabalho com os fundamentos técnicos. No finalzinho da aula tem um joguinho com características lúdicas. O entrevistado 5 acredita que para se ensinar futebol deve-se sempre procurar motivar os alunos, valorizando muito os seus pontos positivos, para só depois começar a focar os negativos, mas sempre deixando o aluno à vontade para ter direito de escolha.

História de Vida

Depois da escola pela manhã passava a tarde jogando futebol nos campinhos, onde não tinha medo de nada e jogava sem compromisso. Nos finais de semana ia ver os tios e primos jogarem futebol. Tem muitas saudades dessa época, para ele muito saudável.

Inferência por comparação

Nosso entrevistado 5, não diz que em sua infância aquecia ou alongava para começar a jogar futebol nos campinhos, muito menos utilizava as brincadeiras como forma de aquecimento. O processo pelo qual passou em sua infância e que o levou a ser um grande jogador de futebol pode se comparar apenas com o finalzinho do processo que desenvolve com seus alunos. Enquanto, ele passava as tardes jogando futebol, atualmente, para ensinar, destina apenas a terceira parte final de sua aula. Portanto, nosso entrevistado parece não levar em consideração o seu processo de aprendizado (como ele aprendeu) ao desenvolver os procedimentos de ensino aos seus alunos.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.2: A metodologia

Prática Profissional

Depois dos 12 anos começa a cobrar mais dos alunos, que o obedecem graças a uma educação esportiva estabelecida em meio ao processo. Ainda, o entrevistado 5 destaca que o professor deve ter uma grande empatia com os alunos, brincando, ensinando os fundamentos e incentivando-os quando erram, assim as crianças avançam.

História de Vida

Questionado sobre como aprendeu a jogar, o entrevistado 5 diz ter aprendido a jogar observando os outros jogadores, em especial os seus ídolos no futebol, e depois tentava imitar o que eles faziam.

Inferência por comparação

Ao confrontarmos sua história de vida com sua prática profissional vemos que, enquanto ele tentava imitar seus ídolos, movido apenas por seus desejos e vontades interiores para sua satisfação, hoje cobra de seus alunos que eles aprendam, determinando até uma idade quando começa a cobrar mais. Já seus alunos devem respeitá-lo e obedecê-lo à medida que avançam no processo, respeitando uma provável educação esportiva. Fica parecendo que ele, como professor, é o único detentor do saber. Durante sua história de vida seus professores eram os ídolos os quais tentava imitar, hoje não existe mais este espaço, e os alunos avançam mediante cobranças.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.3: Os instrumentos pedagógicos

Prática Profissional

Para ensinar as crianças a jogar, utiliza nas aulas os cones para explorar a lateralidade. Preocupa-se também com a explosão no momento da condução de bola, para que esta fique sempre perto dos pés. E outra atividade que utiliza para ensinar o futebol é o zigue zague entre os cones conduzindo a bola, estimulando o aluno a não ficar olhando só para a bola.

História de Vida

As brincadeiras que o entrevistado 5 achou importante para o seu aprendizado no futebol, foram: o pega-pega, que fazia à noite com os amigos, e o jogo “cada um por si”, onde ficava um no gol e os outros na linha disputando para ver quem marcava o gol para tirar o outro.

Inferência por comparação

Não levando em consideração sua história de vida, o entrevistado 5, acredita que para se ensinar bem é preciso se ater a detalhes da ordem das capacidades e habilidades motoras, e da perfeição na execução dos gestos técnicos. Quando falamos que o entrevistado não leva em consideração sua história de vida, é devido ao fato dele não observar e perceber que as mesmas brincadeiras que lhe possibilitaram o aperfeiçoamento de suas habilidades podem substituir os treinos que atualmente utiliza em sua prática profissional. Ou seja, para ensinar o drible prefere que seus alunos driblem um cone inanimado, enquanto ele aprendeu a driblar brincando de cada um por si com bola e pega-pega, sem bola.

Portanto, nosso entrevistado 5 não utiliza as mesmas atividades e brincadeiras que lhe ensinaram futebol atualmente em sua prática profissional.

CATEGORIA 3: O AMBIENTE PEDAGÓGICO E SUA FUNÇÃO

Sub-Categoria 3.1: A função dos campinhos e das escolinhas de futebol

Prática Profissional

Antes de mais nada, o entrevistado 5 diz que a função das escolinhas é contribuir para o combate às drogas, pois ele diz que os professores devem ser como pais para seus alunos, conversando e alertando contra os problemas causados pelas drogas. Outra função das escolinhas diz respeito à socialização das crianças, tirando-as da frente da TV, do vídeo-game e do computador. Finalizando, fala que escolinha de futebol tem várias funções, não é só ensinar futebol, tem muita coisa psicológica e filosófica para se ensinar às crianças, por exemplo: convivência, compartilhar, como ganhar, como perder, como cair, como levantar, como chorar, como sorrir. Enfim, partindo do global deve-se ensinar um pouquinho de tudo e não apenas os fundamentos do futebol.

História de Vida

O entrevistado 5 acredita que nos campinhos você não tinha a cobrança para jogar bem, como hoje se tem nas escolas de futebol particulares. Então, sem essa responsabilidade a mais, ele pôde aprender com mais tranquilidade. Outro ponto que destacou foi a possibilidade de aprender a lidar com seu lado psicológico, conseguindo controlar a sua agressividade e não se irritar com a provocação dos outros, fato comum nos campinhos de antigamente.

Inferência por comparação

É interessante a visão que nosso entrevistado 5 apresenta como sendo a função das escolinhas de futebol, em que sua abrangência não se limita, finaliza e justifica na ação de ensinar o futebol. Todavia, ao contar sobre a importância dos campinhos, da rua, no seu aprendizado, e compará-lo com as escolinhas, dá a entender que nas escolinhas de futebol, locais destinados à aprendizagem de muitas outras coisas além do futebol, como ele

destaca, as crianças sofrem uma certa cobrança para jogar bem. Com isso, podemos chegar a pensar que o ambiente nas escolinhas tendem a reproduzir o do futebol profissional, onde ganhar é o que interessa, independente dos meios, processo, para se alcançar este objetivo, diferentemente do que acontecia nos campinhos, onde o ganhar era proveniente de fatores internos e não externos que se configuram como cobranças e não estímulos.

ENTREVISTA 6²⁰²

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.1: Idade de início no futebol

Prática Profissional

O entrevistado 6 diz que 7 anos é a idade ideal para as crianças começarem a iniciação numa escolinha de futebol. Antes disso elas não têm capacidade para assimilar o aprendizado técnico do futebol.

História de Vida

O entrevistado 6 começou a brincar de futebol nas ruas, correndo atrás de uma bola desde os 9 anos, mas sem nem pensar em ser jogador de futebol.

Inferência por comparação

Ao compararmos a história de vida do nosso entrevistado 6 com sua prática profissional, podemos dizer que escolinha de futebol é um local destinado ao aprendizado de gestos técnicos, por isso crianças com menos de 7 anos não teriam capacidade de reproduzi-los. Todavia, nosso entrevistado 6 brincava de futebol desde os 9 anos, e brincando, já com essa idade, conseguiu aprender a jogar bem futebol.

Portanto, nosso entrevistado 6 não leva em consideração sua história de vida ao determinar uma idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol, pois com 9 anos ele ainda brincava de futebol, mas hoje com menos de 7 as crianças não têm capacidade para aprender os gestos técnicos, treinando.

²⁰² Anexo I – Descrições analíticas: pg. 191
Anexo II – Entrevista na íntegra: pg. 229

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.2: A motivação para aprender futebol

Prática Profissional

Mas não são tanto as crianças que estão procurando as escolinhas, e sim os pais que, interessados no desenvolvimento físico e social dos seus filhos, levam-nos para freqüentar as aulas.

História de Vida

Porém, por assistir muitos jogos, começou realmente a se interessar pelo futebol, indo jogar no time do seu clube, onde teve orientação de um treinador que o ajudou a ter uma noção melhor do jogo, coisa que não tinha nas ruas.

Inferência por comparação

Nosso entrevistado 6 levanta uma nova hipótese, a de que os pais preocupados, pois seus filhos não podem mais brincar nas ruas com segurança, procuram escolinhas de esportes para que eles possam fazer amigos e se desenvolver motoramente. Fato esse, totalmente contrário ao vivido por nosso entrevistado 6, pois ele foi para um clube, que ainda não se chamava escolinha, para receber uma instrução que a rua não lhe proporcionava.

Temos consciência de que os tempos e os contextos são outros, porém faz interessante e ao mesmo tempo preocupante a colocação do entrevistado 6, em que não são tanto mais as crianças (não generalizando) que procuram as escolinhas motivadas a aprender futebol, levando-nos a pensar que esta “motivação exterior” está longe de alcançar o sucesso e a satisfação advindas da “motivação interior” descrita na história de vida de nosso entrevistado 6.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.1.: O processo de ensino aprendizagem

Prática Profissional

Ao descrever sua aula diz que a divide em três partes: aquecimento, trabalho técnico e jogo. Começa com um alongamento e completa o aquecimento com corridas e exercícios de coordenação. A segunda parte é com bola, em que são trabalhados os fundamentos técnicos do jogo, sendo considerada pelo entrevistado 6 a parte mais importante da aula. A aula termina com um joguinho entre duas equipes escolhidas, assumindo características lúdicas.

História de Vida

Mas, apesar de ressaltar que passava todas as tardes jogando futebol com os amigos nos campinhos, mesmo assim, o futebol tinha uma importância secundária em sua infância, sendo os estudos a coisa mais importante. Tempo que deixou saudades na memória do entrevistado.

Inferência por comparação

Enquanto o entrevistado 6 passava as tardes jogando futebol, hoje, em suas aulas diz que o mais importante é aprender os gestos técnicos do jogo, ao invés do jogo propriamente dito. Independentemente de ser secundário ou não, o jogo de futebol tinha um grande espaço em sua infância, porém, em sua prática profissional não leva isso em consideração, pois o que era lúdico e mais importante no seu aprendizado (o jogo), foi substituído pelo treino dos fundamentos, sobrando ao jogo o encerramento das aulas. Outro ponto relevante é que o entrevistado 6 resalta a necessidade de iniciar as suas aulas sempre com sessões de aquecimentos e alongamentos, porém, antes das tardes futebolísticas de sua história, em nenhum momento evidencia a realização dessas ações preliminares.

Portanto, o processo pelo qual se deu seu aprendizado, ao se confrontar com sua história de vida deixa evidentes as contradições, e em aberto a questão do produto que será

formado por esse processo, sendo que o processo antigo já formou excelentes produtos, onde um dele é o próprio entrevistado 6.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.2.: A metodologia

Prática Profissional

Questionado sobre como ensina seus alunos, o entrevistado 6 diz que futebol não se ensina. Ele apenas pode dar algumas dicas para que o aluno possa ter alguma noção a respeito do jogo, ou fazer um trabalho técnico, em que o aluno aprenderá a executar o movimento corretamente. Mas, para aprender mesmo a jogar, o aluno tem que ter o dom.

História de Vida

Questionado sobre como aprendeu a jogar, o entrevistado 6 afirma ter aprendido a jogar futebol no clube com auxílio de um treinador. Mas disse que antes de chegar ao clube, tamanho era o seu interesse pelo futebol, que assistia aos jogos pela TV, prestando muita atenção nos jogadores para depois tentar imitá-los.

Inferência por comparação

O entrevistado 6, apesar de afirmar ter aprendido a jogar futebol, diz que futebol não se ensina. Novamente, encontramos um entrevistado que levanta a hipótese de que jogar futebol é um dom, por conseguinte inato, em que ele em sua prática profissional pode apenas desenvolver as habilidades técnicas, enfocando a maneira correta para se executá-las. O que talvez explique o porquê de se dar tanta ênfase para a fase de correção dos fundamentos, como foi salientado na análise acima.

Portanto, o entrevistado 6, diz ter aprendido a jogar e com o auxílio de um profissional, mas não é capaz de perceber a possibilidade de ele ensinar futebol da mesma forma como aprendeu.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.3: Os instrumentos pedagógicos

Prática Profissional

Em sua aula, ensina o passe fazendo o aluno chutar a bola muitas vezes na parede, tanto com o pé direito quanto com o esquerdo. Diz ser a convivência em grupo outro fundamento que precisa ser muito trabalhado, para que os alunos respeitem os seus companheiros e os adversários; O chute é trabalhado da seguinte maneira: um aluno faz zigue-zague entre os cones e passa a bola para outro, que está parado esperando a bola para ajeitá-la. Enquanto isso o entrevistado 6 fica orientando a maneira correta de posicionar o corpo, bater na bola e olhar para o goleiro.

História de Vida

Para treinar brincava exaustivamente de rebatida, uma brincadeira que desenvolvia muito o chute além de outras habilidades para o jogo, salientando que esta brincadeira foi muito importante na iniciação. Outra brincadeira que realizava muito era o bobinho, onde podia aprimorar o passe.

Inferência por comparação

O entrevistado 6 revela que durante o seu processo de aprendizagem brincava com algumas brincadeiras que desenvolviam muitas habilidades do futebol ao mesmo tempo, porém agora que é responsável pela iniciação de outras crianças (seus alunos), prefere utilizar treinos específicos com o objetivo de corrigir e aperfeiçoar determinado gesto técnico. Enquanto nosso entrevistado 6 brincava exaustivamente, atualmente faz com que seus alunos repitam exaustivamente treinos com a parede, ou então joguem contra um cone.

Outro ponto para se destacar ao comparar sua história de vida com sua prática profissional é o fato de que no futebol é preciso desenvolver muito trabalhos em grupos, e era isso que acontecia durante a sua infância, pois rebatida e bobinho são brincadeiras

realizadas sempre em grupos, mas em sua prática profissional o entrevistado 6 destaca apenas treinos em que o fator coletivo não interfere, e muitas vezes não está presente, como no passe contra a parede.

CATEGORIA 3: O AMBIENTE PEDAGÓGICO E SUA FUNÇÃO

Sub-Categoria 3.1: A função dos campinhos e das escolinhas de futebol

Prática Profissional

Questionado quanto à função da escolinha de futebol, afirmou que seu papel é ensinar uma educação futebolística, que para o entrevistado se refere a ensinar aos alunos o respeito esportivo e o companheirismo, vícios estes que muitas vezes vêm de casa. Portanto, nisto se resume a função das escolas de futebol, porque ensinar futebol é muito difícil, segundo o entrevistado 6.

História de Vida

Portanto, acredita que os campinhos de várzea e a rua foram os responsáveis pelo início de todo o seu aprendizado. Afirmando ser nesses campinhos que aprendeu a jogar futebol. Sendo que sem eles não poderia se interessar pelo jogo, pois não teria onde praticá-lo.

Inferência por comparação

O entrevistado 6 diz que os campinhos foram responsáveis pelo início do seu aprendizado, portanto ele aprendeu a jogar futebol, todavia hoje em sua prática profissional, diz que isso é muito difícil. Sendo assim, acredita que nas escolinhas de futebol não é possível aprender futebol, mas nos campinhos isso era possível. Se era possível nos campinhos, que parece também contemplava a referida educação futebolística, analisada por um outro prisma - o da criança -, fica difícil entender por que uma escolinha de futebol não pode assumir essa função.

ENTREVISTA 7²⁰³

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.1: Idade de início no futebol

Prática Profissional

O entrevistado 7 acredita que a idade ideal para se começar um trabalho nas escolinhas de futebol deva ser por volta dos 5 ou 6 anos, pois as crianças Nessa idade já demonstram vontade para jogar futebol.

História de Vida

O entrevistado 7 diz ter começado a jogar futebol com 5 ou 6 anos, na rua, pois não havia escolinhas nessa época.

Inferência por comparação

Vemos que nosso entrevistado 7 afirma que a idade ideal para se iniciar numa escolinha é a mesma com a qual ele iniciou. Todavia, ele começou a jogar na rua e agora acredita que as crianças devam iniciar nas escolinhas, mesmo porque a rua, principalmente nos grandes centros, não é mais o parque de diversões das crianças.

Podemos supor então que, as escolinhas, em sua visão devem se constituir como os locais responsáveis por ensinar às crianças de 5 e 6 anos, tudo sobre o futebol que outrara se aprendia na rua.

²⁰³ Anexo I – Descrições analíticas: pg. 193
Anexo II – Entrevista na íntegra: pg. 234

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.2: A motivação para aprender futebol

Prática Profissional

Diz ainda que as crianças estão procurando as escolinhas, na maioria das vezes, por vontade dos pais, pois estes querem que seus filhos sejam jogadores. Mas também destacou a influência da mídia e dos ídolos, famosos jogadores.

História de Vida

O que o motivou a jogar futebol foi a paixão que envolve o futebol, então começou a brincar com a molecada na rua, de jogar futebol.

Inferência por comparação

Enquanto a paixão pelo futebol o levou a brincar de jogar, hoje nosso entrevistado 7 acredita que a motivação vem de outros fatores bem diferentes aos seus. Ou seja, a paixão que estava na diversão de jogar futebol, hoje, em alguns casos, parece ter se tornado uma obrigação imposta pelos pais, para que seus filhos obtenham o mesmo sucesso que os craques excessivamente expostos pela mídia.

Nosso entrevistado 7, apresenta uma das contradições que, somadas às dos demais entrevistados vem mostrar uma inversão de valores, em que o brincar, a diversão, deu lugar a uma possível alavanca de ascensão social, como enfatiza os veículos de comunicação. A paixão que emana do futebol levou nosso entrevistado 7 a brincar de jogar na rua, enquanto que hoje, o futebol, intermediado pelos pais, levam as crianças às escolinhas.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.1.: O processo de ensino aprendizagem

Prática Profissional

Quanto a sua aula, essa sempre se inicia com duas voltas no campo society, depois, na seqüência, vem o alongamento, para daí iniciar um trabalho com os fundamentos técnicos para o jogo. O entrevistado 7 ressalta que esta é a parte mais importante da aula. Finaliza sempre com um joguinho de 20 minutos, sendo que a aula toda tem duração de 1 hora e freqüência de 2 vezes na semana.

História de Vida

Na sua infância a brincadeira que mais gostava de fazer era jogar futebol. Toda a tarde, os amigos iam passando de casa em casa chamando o pessoal para jogar futebol. Era só jogo, não tinha parte técnica nem física.

Inferência por comparação

Ao compararmos a história de vida com a prática profissional de nosso entrevistado 7, percebemos claramente o quanto ela é contraditória. Enquanto nosso entrevistado brincava de jogar futebol todas as tardes, hoje destina apenas 20 minutos, duas vezes por semana, para ensinar o jogo aos seus alunos. O aquecimento, se é que podemos chamar isso como tal, era feito passando-se de casa em casa convocando seus amigos para brincar de futebol, ao contrário do acontece em suas aulas.

Nosso entrevistado 7, só brincando de jogar futebol todas as tardes, sem se preocupar com o treino específico para o aprimoramento dos gestos técnicos e nem com exercícios para melhorar seu condicionamento físico, conseguiu atingir um nível de habilidade que o permitiu ter se tornado jogador de futebol profissional. Porém, não leva em consideração sua história de vida ao desenvolver sua prática profissional atualmente,

pois suas aulas se assemelham mais a um treino, em que aprimorar o aprendizado dos gestos técnico constitui-se o objetivo maior da aula.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.2.: A metodologia

Prática Profissional

Ao ser questionado a respeito de como ensina as crianças, diz que não foi da maneira como aprendeu a jogar, pois diz ter aprendido na rua. Apesar disto afirma que futebol é um dom. Sendo assim, tem crianças que já sabem jogar, então ele só tem o trabalho de mostrar como elas devem executar corretamente os fundamentos, como passe e chute. Mas as suas crianças que não têm o dom, também puderam aprender um pouco. Enfim, o entrevistado 7 diz que procura, nas aulas, passar para os alunos tudo aquilo que aprendeu na sua carreira profissional.

História de Vida

O entrevistado 7 disse que é difícil falar como aprendeu a jogar futebol, porque diz ele: *“você começa a jogar e quando vi estava me destacando dos outros”*. Portanto, acredita que para jogar futebol tem que se ter um dom, mas apesar disso o que determina mesmo é a dedicação e a força de vontade. Finaliza dizendo que aprendeu a jogar futebol através de um processo natural, ou seja, sozinho e na rua.

Inferência por comparação

Nosso entrevistado 7 tem plena consciência de que não ensina futebol da maneira como aprendeu, mesmo porque, para ele, jogar futebol é um dom. O seu dom ele aprimorou sozinho nas ruas, enquanto que hoje, em suas aulas, ele tenta auxiliar aqueles que têm dom.

Ao invés de passar para os alunos como ele conseguiu aprimorar o seu dom, visto que seus alunos são crianças como ele outrora fora quando estava aprendendo a jogar,

prefere ter como ideal transmitir-lhes tudo o que aprendeu na sua carreira profissional, ou seja, descartando todo o processo que seu deu na rua, o qual lhe possibilitou aperfeiçoar as suas habilidades e chegar ao profissionalismo com destaque.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.3.: Os instrumentos pedagógicos

Prática Profissional

As três atividades que mais utiliza para ensinar as crianças são: balãozinho, para que as crianças aprendam a controlar a bola; o chute a gol para eles aprenderem a bater corretamente na bola e o passe em duplas, um de frente para o outro realizando passes curtos e depois longos.

História de Vida

A brincadeira que o entrevistado 7 realizava na sua infância, que foi importante para o seu aprendizado no futebol foi o “salva”, uma brincadeira de rua, variação de pega-pega, que segundo ele, proporcionou-lhe muita agilidade e velocidade, o que, incorporado ao futebol, ajudou muito.

Inferência por comparação

Enquanto nosso entrevistado 7 consegue relacionar a brincadeira de salva com requisitos importantes para seu aprendizado no futebol, ao mesmo tempo descarta-a de suas aulas. Para ele, em sua prática profissional é mais importante aprimorar os gestos técnicos,

treinando-os repetidas vezes para automatização do gesto, do que realizar uma brincadeira de pega-pega, como fez durante a sua infância.

CATEGORIA 3: O AMBIENTE PEDAGÓGICO E SUA FUNÇÃO

Sub-Categoria 3.1: A função dos campinhos e das escolinhas de futebol

Prática Profissional

Quanto a função das escolinhas, o entrevistado 7 diz que é educacional, mas no fundo, também tem o objetivo de levar as crianças a se tornarem jogadores de futebol.

História de Vida

Quanto aos campinhos de várzea e a rua, diz que foram tão importante para o seu aprendizado que se eles não existissem, talvez não teria sido um jogador de futebol. E o mesmo, ressalta, vale para todos os jogadores da sua geração. O entrevistado 7 fez ainda questão de destacar que os campinhos e a brincadeira “salva” foram as grandes responsáveis pela sua velocidade e agilidade, características estas que o promoveram no futebol profissional. E ainda, finalizou: *“eu acredito que os jogadores formados como eu tinham muito mais habilidade para jogar que os de hoje em dia, pois os craques terão que sair das escolinhas que é a rua de antigamente”*.

Inferência por comparação

Segundo nosso entrevistado 7, as escolinhas hoje não têm por objetivo principal formar jogadores, apesar dele salientar que os jogadores do futuro serão formados por elas, ao contrário do que aconteceu em sua história de vida.

O entrevistado 7 tem plena consciência de que a maneira com que foi formado, ou seja, brincando nos campinhos e nas ruas, possibilitou-lhe aprender a jogar com muito mais habilidades que os craques de hoje em dia que, por sinal, deverão ser formados pelas

escolinhas. Mas, mesmo assim, até afirmando que a escolinha é a rua de antigamente, continua ministrando suas aulas sem levar em consideração sua história de vida.

Quanto às escolinhas, o entrevistado 7, com a desculpa de um trabalho voltado para questões educacionais, parece não querer assumir a responsabilidade pela formação da nova geração de jogadores do país. Ou seja, parece, da maneira com se expõe, que formar jogadores é contra os princípios educacionais, por isso deve ser abordado com um certo sigilo. Todavia ao falar da rua, dos campinhos, fala abertamente, desprovido do receio, principalmente ao afirmar que o processo pelos quais os jogadores de sua geração foram formados ensinava mais que o atual, desenvolvido por ele e pelas demais escolinhas.

Enfim, nosso entrevistado 7 valoriza sua história de vida, ao destacar as funções dos campinhos de várzea e da rua, porém descarta totalmente a possibilidade de ela ser levada em consideração ao formular um conceito sobre a função das escolinhas de futebol. Para o entrevistado 7, apesar de as duas terem por objetivo final formar jogadores, nas ruas crianças brincando tornam-se melhores jogadores que, nas escolinhas, crianças treinando.

ENTREVISTA 8²⁰⁴

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.1.: Idade de início no futebol

Prática Profissional

O entrevistado 8 acredita que crianças com 4 ou 5 anos já podem iniciar no futebol, desde que sem cobranças dos pais e com características livres e recreativas, pois as crianças com essa idade não conseguem absorver o conteúdo. Então para se iniciar no aprendizado mais específico do futebol, as crianças devem ter por volta de 8 anos.

História de Vida

Devido ao pai jogar futebol, o entrevistado 8 diz que foi criado à beira de um campo de futebol, por isso ganhou a sua primeira bola com 3 ou 4 anos e, a partir daí, sempre jogou futebol.

Inferência por comparação

Ao comparar sua história de vida com sua prática profissional, vemos que enquanto o entrevistado 8 passou a sua infância jogando futebol, hoje acredita que crianças pequenas devam brincar de futebol, mas existe um conteúdo específico que só pode ser ensinado para crianças acima de oito anos. As características livres e recreativas, que para o entrevistado 8 devem ser desenvolvidas para crianças de 4 e 5 anos, parecem não resumir características que possibilitem o ensino de um determinado conteúdo do futebol.

²⁰⁴ Anexo I – Descrições analíticas: pg. 195
Anexo II – Entrevista na íntegra: pg. 238

CATEGORIA 1: A INICIAÇÃO NO FUTEBOL

Sub-Categoria 1.2: A motivação para aprender futebol

Prática Profissional

O que tem motivado as crianças para procurarem as escolinhas são: a copa do mundo, a televisão, os artigos esportivos chamativos e bonitos e o destaque que os jogadores conseguem, devido à grande divulgação que envolve o mundo do futebol.

História de Vida

Questionado a respeito do que o levou a jogar futebol, foi categórico em afirmar a decisiva influência de seu pai, que era goleiro.

Inferência por comparação

Para nosso entrevistado 8 a motivação para jogar estava próxima, fortemente ligada por laços afetivos. Seus alunos parecem se motivar por algo mais distante que, em vez de laços afetivos, ata-se com laços financeiros ou que podem vir a trazer determinados destaques sociais.

Logicamente, vale a pena reforçar, temos consciência da particularidade do fato apresentado pelo nosso entrevistado 8, todavia, esse nos possibilita uma rica reflexão, em que podemos formular novas hipóteses (*esta categoria não tem por objetivo chegar a conclusões, apenas discutir as hipóteses levantadas pelos entrevistados ao comparar sua história de vida com o que se observa em sua prática profissional, criando-se assim novas hipóteses*).

Portanto, o que motivou nosso entrevistado 8 para jogar futebol foi o exemplo do pai. Já seus alunos se motivam intermediados pela mídia, que junto à apresentação do jogo veicula uma ideologia capitalista de consumo.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.1: O processo de ensino aprendizagem

Prática Profissional

Sua aula é dividida em três partes: um aquecimento e alongamento, em que as crianças fazem os exercícios básicos de aquecimento, isto dura uns 12 minutos; na seqüência, com a duração de 25 minutos, é realizado o treinamento técnico, momento em que são trabalhados os fundamentos de passe, chute, condução e domínio. A aula termina sempre com um joguinho, que pode ser com dois toques ou com alguma adaptação nas suas regras.

História de Vida

Na sua infância acordava cedo e, depois de despertar assistindo um pouco de TV, saía de bicicleta para a rua, onde passava as manhãs jogando futebol e brincando de queimada. À tarde ia para escola, mas à noite a sua turma se reunia na rua para continuar a jogar e brincar.

Inferência por comparação

Enquanto nosso entrevistado 8 passava dois períodos da sua infância brincando de jogar futebol e queimada, em sua aula acredita numa padronização, onde o ensino do futebol deva ser dividido em partes, e em nenhuma destas partes encontramos a presença de algumas brincadeiras, ao contrário, encontramos treinamentos técnicos. Ou seja, nosso entrevistado 8 em sua infância brincava de futebol, mas em sua prática profissional ensina seus alunos através de treinamentos técnicos, possibilitando-nos inferir que, por exemplo, a queimada nunca poderá fazer parte da sua prática profissional, como outrora marcou a sua história de vida.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.2: A metodologia

Prática Profissional

Para ensinar futebol, o entrevistado 8 procura começar pela parte técnica, permitindo assim que as crianças tenham um contato maior com a bola. Primeiro começa com passes curtos em duplas, explorando o uso dos dois pés alternadamente e o domínio. Portanto, diz que pode apenas ensinar a melhorar e aperfeiçoar os fundamentos, passando-lhes o que aprendeu na sua carreira profissional, porque ensinar mesmo a jogar futebol, depende muito de uma situação particular de aula, onde ele pára o jogo e procura mostrar o que a criança poderia fazer.

História de Vida

Portanto, diz que aprendeu a jogar na rua, graças à sua perseverança e dedicação, pois jogava muito futebol, assistia muito futebol pela TV e conversava sobre futebol com seu pai.

Inferência por comparação

Ao compararmos sua prática profissional com sua história de vida, encontramos pontos discordantes, que mostram o quanto nosso entrevistado 8 não leva em consideração sua rica história que poderia ser o alicerce de sua prática. Enquanto nosso entrevista 8 se preocupa excessivamente em transmitir tudo o que aprendeu em sua carreira profissional, não leva em consideração que não foi assim que conseguiu chegar ao profissionalismo. O aprendizado advindo de sua carreira profissional foi-lhe importante enquanto era profissional, hoje, para ensinar seus alunos (crianças) deveria, em vez de treinos técnicos para o aperfeiçoamento dos fundamentos, estar incentivando-os com jogos, brincadeiras, conversas e até assistindo bons jogos, como aconteceu em sua história de vida.

Portanto, para ensinar as crianças como jogar futebol, usa treinos aprendidos, quando já era adulto, durante sua carreira profissional, descartando os jogos e brincadeira,

que conviveram com ele lado a lado quando era criança e estava aprendendo a jogar futebol.

CATEGORIA 2: A PEDAGOGIA DO FUTEBOL

Sub-Categoria 2.3.: Os instrumentos pedagógicos

Prática Profissional

O entrevistado 8 utiliza muito as atividades em duplas, fazendo os alunos realizarem passes curtos inicialmente, para depois ir aumentando as distâncias. Outra atividade muito utilizada é a finalização fazendo zigue-zague entre os cones. Ele utiliza ainda uma atividade que se resume num pequeno jogo sem gol, no qual, em determinado momento, ao seu apito, as crianças abandonam o pequeno campo partindo em direção de um goleiro que está defendendo o gol.

História de Vida

As brincadeiras, que para o entrevistado 8 foram importante para o seu aprendizado, são: o “tenteio”, jogo realizado por três jogadores que dominavam a bola para depois chutar no gol; o bobinho que, apesar de não gostar muito, brincava bastante; e o rachinha, que acontecia nas ruas, com o lateral sendo cobrado quando a bola subia na calçada. O entrevistado 8 ressaltou que, apesar de ter sido goleiro, foi nesses rachinhas que desenvolveu todas as suas habilidades para o futebol.

Inferência por comparação

Ao compararmos sua história de vida com sua prática profissional fica evidente que o modo como nosso entrevistado 8 aprendeu a jogar não é levado em consideração na hora que ensina. Isto pode ser evidenciado e exemplificado quando comparamos que para cada treino que o entrevistado 8 utiliza em sua prática profissional (consciente do que quer objetivar com cada um), durante o seu processo de aprendizagem nosso entrevistado 8 utilizava uma brincadeira que, se analisarmos-as enquanto suas exigências, veremos que englobam seus atuais treinos e ainda desenvolvem e potencializam outras tantas habilidades

importantes para o aprendizado do futebol. Por exemplo: enquanto em sua aulas faz com que seu alunos troquem passes com o único objetivo de aperfeiçoar o gesto de passar, ele brincava de bobinho, uma brincadeira que, mantendo uma característica de jogo, estimula as crianças a trocarem passes das mais variadas formas, formas estas mais próximas das exigidas pelo jogo de futebol propriamente dito.

Nosso entrevistado 8 ainda acredita que para ensinar futebol deve se trabalhar muito em duplas, todavia, diz que desenvolveu todas as suas habilidades para o futebol fazendo “rachinhas”, que se caracterizam como um jogo coletivo de caráter lúdico, ou seja, uma brincadeira de criança que ensina futebol, e que por sinal ensinou nosso entrevistado 8 tão bem que este teve a oportunidade de chegar ao profissionalismo.

Portanto, podemos dizer que as brincadeiras que lhe possibilitaram aprender a jogar bem futebol, não são utilizadas em suas aulas, mesmo nosso entrevistado 8 tendo consciência de que elas foram as grandes responsáveis pelo seu aprendizado.

CATEGORIA 3: O AMBIENTE PEDAGÓGICO E SUA FUNÇÃO

Sub-Categoria 3.1: A função dos campinhos e das escolinhas de futebol

Prática Profissional

Quando questionado a respeito da função das escolinhas de futebol, o entrevistado 8 afirmou que deveria se resumir à parte educacional e para preencher o tempo livre das crianças. Mas fez questão de salientar que existem escolinhas que visam profissionalizar os garotos, dando ênfase para uma carreira que eles possam vir a ter.

História de Vida

Atribui à rua e aos campinhos todo o seu sucesso, porque esses eram espaços destinados ao seu lazer e diversão e, então, foram os locais que possibilitaram o seu aprendizado sobre o futebol, e disse ainda que todos os craques da sua época saíram

também da rua, pois: *“O campinho era o nosso Maracanã, um espaço onde a gente colocava dois tijolos ou dois chinelos e jogávamos futebol”*.

Inferência por comparação

Nosso entrevistado 8 afirma que seu sucesso no futebol só foi possível por utilizar os campinhos e as ruas para aprender futebol brincando. Mas entende que, diferentemente, as escolinhas devem apenas preencher o tempo das crianças com treinos (como vimos nas respostas anteriores) ao invés de brincadeiras, pautando-se por princípios educacionais. Enquanto ele utilizava os campinhos para brincar, as crianças, seus alunos, devem ir para as escolinhas treinar, e treinar sem o objetivo de se tornarem jogadores profissionais, pois acha que essa não se constitui função das escolinhas, mesmo delatando que existem algumas interessadas em profissionalizar precocemente alunos que se destacam.

Portanto, o entrevistado 8, não consegue fazer uma comparação entre o que acontecia nos campinhos e nas ruas, e o que acontece nas escolinhas. Ou seja, para ele os campinhos, com seus “rachas” e brincadeiras, formaram os craques de uma geração, transformando-se simbolicamente no seu Maracanã, mas as escolinhas, na qual desenvolve sua prática profissional, com seus treinos adaptados resgatados de sua carreira profissional, parecem que não apresentam condições, ou pelo menos um ambiente mais favorável e adequado para uma possível aprendizagem pautada pela ludicidade.

Os tempos e os contextos são outros mas, apesar do nosso entrevistado 8 reconhecer que as escolinhas devem assumir responsabilidades de uma instituição de ensino que vão além do aprendizado de sua especificidade (no caso o futebol) como vimos ao longo do corpo-teórico, entendemos que o aprendizado do futebol nas escolinhas pode se dar de maneira lúdica, tendo como principal referência histórias de vida tão ricas quanto as desenvolvidas nos campinhos e na rua pelo nosso entrevistado 8. É assim que nos leva a pensar nosso entrevistado 8 ao compararmos suas respostas relativas à sua prática profissional e sua história de vida.

4.2.2. Análise inferencial comparativa coletiva

Nesta etapa reuniremos todos os dados coletados junto aos oito entrevistados, para que a partir do índice de freqüência de convergências, ou seja, pontos que se repetem nas falas dos entrevistados ao longo da pesquisa, possamos realizar uma análise comparativa coletiva que nos permitirá construir uma visão mais ampla de nosso objeto de estudo.

Portanto, serão destacados os pontos principais encontrados nas respostas dadas pelos entrevistados em cada uma das categorias, tanto os relativos às suas histórias de vida quanto aos de suas práticas profissionais de ensino, para em seguida confrontá-los.

Categoria 1: A iniciação no futebol

subcategoria 1.1.: *Idade para o início no futebol*

Entrevistado	Prática Profissional	História de Vida
1	<ul style="list-style-type: none">- Idade relativa (maturação)- Idade ideal 5 a 7 anos- período de experiência	<ul style="list-style-type: none">- Sempre jogou futebol- Começou a jogar com 3 ou 4 anos- Trocava o futebol por qualquer diversão
2	<ul style="list-style-type: none">- Idade ideal 6 – 7 anos- Menos de 5 anos não aprende, as crianças estão interessadas em aprender outras coisas e não só o futebol	<ul style="list-style-type: none">- Sempre jogou futebol- Jogava com os grandes (garotos mais velhos)
3	<ul style="list-style-type: none">- Idade ideal a partir dos 4 anos- Precisa de vontade para aprender	<ul style="list-style-type: none">- Sempre jogou futebol- Jogava na rua
4	<ul style="list-style-type: none">- Idade ideal a partir dos 5 anos- Ter um mínimo de coordenação- Gostar de futebol	<ul style="list-style-type: none">- Com 5 anos já jogava- Brincava de “pelada”
5	<ul style="list-style-type: none">- Idade ideal 6 anos para recrear	<ul style="list-style-type: none">- Começou a jogar com 6 anos

	- Idade ideal 9 e 10 anos para aprender realmente	- Jogava no terreiro de café
6	- Idade ideal a partir dos 7 anos - Antes não conseguem aprender	- Brincava na rua desde os 9 anos
7	- Idade ideal 5 e 6 anos - Já tem vontade para aprender	- Começou a jogar com 5 ou 6 anos - Jogava na rua
8	- Idade ideal 4 e 5 anos como recreação - Idade ideal 8 anos para um aprendizado mais específico	- Sempre jogou futebol - Começou por volta dos 3 ou 4 anos

Índice de frequência de convergências:

História de vida:

- brincava na rua: 5
- sempre jogou futebol: 4
- lembra-se de jogar desde os 3 ou 4 anos de idade: 2
- lembra-se de jogar desde os 5 anos de idade: 2
- lembra-se de jogar desde os 6 anos de idade: 1
- brincava desde os 9 anos de idade: 1

Prática profissional:

- necessidades de alguns pré requisitos: 6
- idade ideal 5, 6 ou 7 anos de idade: 5
- idade ideal 4, 5 ou 6 anos para se recrear: 2
- 9, 8 ou 10 anos, idade ideal para aprender realmente: 2
- idade ideal 4 anos de idade: 1

Análise: em relação à idade de início da aprendizagem do futebol percebemos, ao confrontar o índice de frequência dos dados obtidos junto às histórias de vida e práticas profissionais de nossos entrevistados, que todos começaram a jogar brincando de futebol.

Apesar de todos os entrevistados, direta ou indiretamente, dizerem que iniciaram muito cedo e através de brincadeiras, eles, ao confrontarmos suas histórias com suas práticas, demonstram que essas não são levadas em consideração.

Independentemente da possibilidade de confrontar a idade ideal para se iniciar com a idade com que nossos entrevistados iniciaram, mesmo porquê não é precisa a lembrança (memória) de nossos entrevistados a esse respeito, é possível detectar que não existe uma lógica para eles que defina a possibilidade de se determinar uma idade ideal, pois suas justificativas, mostram-se inconsistentes. Principalmente, quanto levantam as questões de pré-requisitos (um mínimo de coordenação, vontade e interesse para aprender, além de outros fatores maturacionais) para o início da aprendizagem no futebol. Primeiro, quanto a certa coordenação e maturação para o início, podemos repetir que em suas histórias de vida eram as brincadeiras que se adaptavam à coordenação das crianças e não o contrário, ou seja, parece que em suas aulas são os alunos que necessitam se adequar a um certo padrão inicial de exigência, o que não acontecia quando eles brincavam, por exemplo de “peladas”, como foi levantado por alguns entrevistados. Segundo, quanto ao interesse e à vontade para começar a aprender, esses nada mais são que estímulos que na rua eram de responsabilidade das brincadeiras e hoje deveriam ser desencadeadas e/ou estimuladas pelo professor, através de sua prática pedagógica

Todavia, hoje em suas práticas profissionais, estes pré-requisitos são os que mais chamam atenção, permitindo-nos deduzir que as crianças iniciantes no futebol devem estar preparadas para a execução de treinos específicos para o desenvolvimento das habilidades específicas do jogo, os chamados gestos técnicos. E, ainda, estas habilidades não podem ser desenvolvidas mantendo-se características lúdicas, como salientam dois entrevistados.

Portanto, os entrevistados, em sua grande maioria, quando tinham 5 anos de idade já haviam começado a aprender futebol brincando, mas os mesmos determinam, também em sua grande maioria, que as crianças devam iniciar só depois dos 5 anos, ou melhor, entre os 5 e 7 anos de idade.

Categoria 1: A iniciação no futebol
subcategoria 1.2.: *O começo e sua motivação*

Entrevistado	Prática Profissional	História de vida
1	- Escolinha para treinar - Pais (frustrados) - Futebol na mídia	- Liberdade para brincar/jogar - Amigos - Assistir jogos (profissionais)
2	- Pais (frustrados)	- Família (tio e avô)
3	- Paixão pelo futebol - Futebol na mídia - Ídolos	- Paixão pelo futebol - Liberdade para brincar/jogar - Amigos
4	- Paixão pelo futebol - Pais (preocupados com lazer) - Ganhar bola	- Família (pai)
5	- Indicação médica - Futebol na mídia - Ídolos	- Família (primos)
6	- Pais (preocupados)	- Assistir jogos - Orientação do treinador
7	- Pais (preocupados) - Futebol na mídia - Ídolos	- Paixão pelo futebol - Liberdade para brincar/jogar - Amigos
8	- Futebol na mídia - Ídolos	- Família (pai)

Índice de frequência das convergências:

História de vida:

- Família incentivo: 4

- Liberdade para brincar e jogar: 3
- Amigos: 3
- Paixão pelo futebol: 2
- Orientação do treinador: 1

Prática profissional:

- Futebol na mídia: 5
- Ídolos: 4
- Pais preocupados: 3
- Pais frustrados: 2
- Paixão pelo futebol: 2
- Escolinhas para treinar: 1
- Ganhar bola: 1

Análise: ao confrontarmos as hipóteses levantadas por nossos 8 entrevistados referentes às suas respectivas histórias de vida e prática profissional, podemos claramente perceber que os tempos são outros, a relação das crianças e pais com o futebol parece ter sofrido várias influências que, sem entrar no mérito de julgar se foram positivas ou negativas, modificaram a motivação das crianças atualmente para jogar futebol, comparativamente à história de vida de nossos entrevistados.

Analisando os índices de frequência dos dados relacionados a história de vida de nossos entrevistados, observamos que a família era a grande responsável pela motivação das crianças para aprender o jogo. Assistir os pais, tios e primos jogar futebol despertava a paixão pelo jogo.

Mas, ao compararmos com o índice de frequência obtidos junto às práticas profissionais, ficam evidentes as modificações. Os índices apontam duas categorias de pais: uns que, frustrados por não terem se tornado jogadores de futebol, procuram se realizar com o possível sucesso dos filhos; já outros, cientes da impossibilidade de seus filhos jogarem na rua, levam-nos para as escolinhas, tanto para jogar futebol quanto para fazer amigos, pois, muitas vezes, moram nas prisões verticais de crianças, e não se relacionam (brincam) com outras crianças da mesma idade (problemas dos grandes centros).

Outro ponto conflitante diz respeito à excessiva exposição do futebol e seus ídolos junto à mídia. Nossos entrevistados, ao contarem partes de suas histórias de vida para responder às perguntas solicitadas, falam que um grande fator que desencadeava a motivação para aprender o futebol era assistir vários jogos e, principalmente, tentar imitar as jogadas dos ídolos.

Todavia, hoje, esses mesmos entrevistados apontam, a partir do que observam em suas respectivas práticas profissionais, que o fator motivacional que tem trazido as crianças para as escolinhas é o lado do sucesso financeiro e social possibilitado pelo jogo, pois a todo momento os craques da nossa atualidade aparecem na mídia, em decorrência do marketing, ostentando um reconhecimento mundial (fama) com salários altíssimos.

Portanto, antes nossos entrevistados assistiam jogos para depois tentar imitar as jogadas magistrais e os gols marcados por seus ídolos, hoje muito de seus alunos procuram imitar mais os uniformes oficiais, os acessórios esportivos e o visual de seus ídolos do que suas jogadas.

Todavia, a paixão pelo futebol continua a mesma, firme e forte. Este esporte continua sendo o número um do país, levando milhões de brasileiros a aprender a jogá-lo desde cedo, porém, com uma ressalva, antes, como revelam nossos entrevistados, ele era aprendido nas ruas e nos campinhos de várzea, e a motivação para aprendê-lo nascia em meio à liberdade que as crianças tinham para brincar com a bola nos pés junto aos amigos; já nos dias atuais, em centros urbanos como Campinas, que se constitui o local de nossa pesquisa e estudo, o futebol não tem mais espaço nas ruas, a liberdade para brincar de bola quase não mais existe, pois as crianças, que ainda assim se motivam a aprender o jogo, têm que procurar as escolinhas especializadas, para, treinando com outros companheiros, tentar aprender o futebol.

Categoria 2: A pedagogia do futebol

Sub categoria 2.1: *O processo de ensino-aprendizagem*

Entrevistado	Prática Profissional	História de Vida
1	<ul style="list-style-type: none"> - uma metodologia para cada idade - aula dividida em três partes: aquecimento/alongamento, fundamentos técnicos e jogo 	<ul style="list-style-type: none"> - o número de crianças determinava o que era feito nos campinhos - quando tinha poucas crianças, brincavam com algumas brincadeiras de bola com os pés - um número razoável, jogava-se futebol
2	<ul style="list-style-type: none"> - aula dividida em três partes: aquecimento/alongamento, fundamentos técnicos e jogo - ênfase na parte técnica - metodologia um pouco diferente 	<ul style="list-style-type: none"> - infância rica e diversificada - tinha liberdade - brincava de bola, nadava e corria entre outras coisas
3	<ul style="list-style-type: none"> - aula dividida em três partes: aquecimento/alongamento, fundamentos técnicos e jogo - jogo final para recrear 	<ul style="list-style-type: none"> - ótima infância - muita liberdade - brincava nas praias, rios, matos e campos
4	<ul style="list-style-type: none"> - aula dividida em três partes: aquecimento/alongamento, fundamentos técnicos e jogo - aula com 2 partes sem jogo - aula só com jogo 	<ul style="list-style-type: none"> - seu lazer era jogar futebol - jogava com os amigos nos campinhos - sua infância se resumiu em correr atrás de uma bola
5	<ul style="list-style-type: none"> - aula dividida em três partes: aquecimento/alongamento, fundamentos técnicos e jogo - jogo com características lúdicas no final da aula 	<ul style="list-style-type: none"> - passava a tarde jogando nos campinhos - jogava sem compromisso - nos finais de semana ia ver os tios jogar

		- tem saudade dessa época
6	- aula dividida em três partes: aquecimento/alongamento, fundamentos técnicos e jogo - ênfase nos fundamentos técnicos - jogo com características lúdicas no final da aula	- passava as tardes jogando futebol - futebol era secundário - estudo era primário - tempos que deixaram saudade
7	- aula dividida em três partes: aquecimento/alongamento, fundamentos técnicos e jogo - ênfase nos fundamentos técnicos - jogo final com 20 minutos	- brincadeira preferida era futebol - passava a tarde jogando - era só jogo
8	- aula dividida em três partes: aquecimento/alongamento, fundamentos técnicos e jogo - aula termina com um jogo que pode ser com alguma regra adaptada	- passava as manhãs jogando futebol e brincando de queimada - a noite brincava e jogava futebol

Índice de frequência das convergências:

História de vida:

- Brincava com bola e outras brincadeiras: 6
- Passava um período do dia jogando futebol: 4
- Infância rica e livre: 2
- Tem saudade: 2
- Número de crianças determinava o que seria feito: 1

Prática profissional;

- Aula com três partes: 8
- Ênfase no trabalho técnico: 8
- Joguinho lúdico no final: 3
- Metodologia um pouco diferente: 2
- Aula com 2 partes sem jogo: 1
- Aula só com jogo: 1

Análise: ao confrontarmos os dados obtidos junto aos índices de frequência, ou seja, a quantidade de unidades semelhantes que se repetiram ao longo das 8 entrevistas, fica evidente o quanto o processo de ensino aprendizagem, responsável pelo enriquecimento das habilidades de nossos entrevistados durante suas respectivas iniciações no futebol, é desprezado, não sendo levado em consideração no desenrolar de suas práticas profissionais.

Enquanto eles se deleitavam com o rico universo das brincadeiras de bola com os pés, passando um período do dia pelo menos jogando futebol, desfrutando da liberdade que possibilitava o imprevisível e a quebra das rotinas e padrões. Em suas práticas profissionais, todos seguem o mesmo padrão de aula, em que esta é dividida em três partes, a primeira destinada ao aquecimento e alongamento, a segunda, por sinal a mais importante de acordo com a unanimidade, é destinada ao aprimoramento e lapidação dos gestos técnicos e, somente na última, acontece um jogo, muitas vezes com características lúdicas.

A padronização das aulas, aproxima-as de um treino, a seqüência é a mesma utilizada nos treinamentos profissionais, em que as equipes treinam as partes durante a semana para na véspera do jogo realizar um coletivo.

Todavia, a liberdade possibilitada pelos campinhos e pela rua fugia de qualquer padrão e rigor técnico, os gestos técnicos - fundamentos necessários para se jogar futebol -, eram desenvolvidos durante a realização dos jogos e brincadeiras. As crianças não separando as partes (treinando os fundamentos separados do contexto do jogo), para melhorar o todo (o jogo), partiam do todo para melhor as particularidades.

Podemos analisar e deduzir que o processo que ensinou nossos entrevistados a jogar bem futebol (pois todos chegaram ao profissionalismo), possibilitava-os ampliar o seus respectivos vocabulários de possibilidades criativas para o jogo de futebol, do que os

processos que desenvolvem em suas aulas para seus alunos, pois as brincadeiras que faziam, ou propriamente o jogo, não exigiam um movimento perfeito apenas para se chegar ao objetivo de suas exigências, porém, seus treinos buscam a perfeição dos gestos técnicos, estereotipados pelo modelo do professor (chegando ao ponto de ocupar uma aula inteira para isto), e destinam apenas para o final um joguinho, que por sinal tem um caráter secundário, apesar de ser o que caracteriza e legitima o trabalho.

Enfim, apesar de encontrarmos dois entrevistados citando que têm saudades daqueles tempos, nenhum deles oferece espaço, ou condições em suas respectivas aulas para que pudessem reviver essa época. Não permitem que seus alunos aprendam o futebol partindo do mesmo processo de ensino aprendizagem que os ensinou, sem a presença de um adulto caracterizado como professor, tão bem a jogar futebol.

Categoria 2: A pedagogia do futebol

Sub categoria 2.2: *As metodologias*

Entrevistado	Prática Profissional	História de Vida
1	<ul style="list-style-type: none"> - Paciência - ver e ouvir para reproduzir - repetição dos movimentos pelos alunos buscando imitar os apresentados pelo professor 	<ul style="list-style-type: none"> - aprendeu por estar no meio de pessoas que jogavam bem, e/ou até melhor que ele, futebol - aprendeu sozinho - tentava imitar outros colegas - dedicação
2	<ul style="list-style-type: none"> - utiliza treinos que aprendeu em sua carreira profissional - futebol é um dom - ensinar dicas (“macetes”) 	<ul style="list-style-type: none"> - não sabe como aprendeu - mas tem certeza que ninguém lhe ensinou - veio dele mesmo (dom)
3	<ul style="list-style-type: none"> - avaliação inicial - centra-se no desenvolvimento dos fundamentos técnicos para aqueles que já sabem jogar, aos demais trabalha coordenação 	<ul style="list-style-type: none"> - dedicação e força de vontade - dom divino
4	<ul style="list-style-type: none"> - impossível ensinar futebol - futebol é um dom - dá dicas nas aulas - passar o que aprendeu no profissional - nas praias e campinhos se aprende mais que nas escolinhas 	<ul style="list-style-type: none"> - não sabe como aprendeu - força de vontade, dedicação e incentivo dos pais - aprendeu sozinho - aprendeu brincando com os amigos - tentava imitar os mais velhos
5	<ul style="list-style-type: none"> - motivar os alunos - reforçar os aspectos positivos - professor deve criar empatia com os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> - observando outros jogadores, seus ídolos - tentando imitá-los

	- ensinar os fundamentos	
6	- futebol não se ensina - ela dá dicas nas aulas - trabalho técnico para correção dos movimentos - futebol é um dom	- aprendeu num clube com o auxílio de um treinador - assistia jogos - tentava imitar seus ídolos
7	- Não ensina com aprendeu - futebol é um dom - demonstra como as crianças devem executar os movimentos corretamente - passar para os alunos o que aprendeu durante sua carreira profissional	- difícil falar como aprendeu - futebol é um dom - dedicação e força de vontade - aprendeu sozinho - aprendeu na rua
8	- começa a ensinar pela parte técnica - trabalho técnico em duplas - ensina o que aprendeu no profissional - ensinar a jogar só parando a aula	- aprendeu na rua - dedicação e perseverança - assistia muito futebol

Índice de frequência das convergências:

História de vida:

- aprendeu com dedicação e força de vontade: 5
- aprendeu brincando na rua ou nos campinhos com os amigos: 4
- aprendeu imitando ídolos ou outros colegas: 4
- aprendeu sozinho: 4
- não sabe como aprendeu 3

- futebol é um dom: 3
- aprendeu observando os ídolos e assistindo jogos: 3
- aprendeu num clube com o auxílio de um treinador: 1

Prática Profissional:

- ensina através de treino com muitas repetições dos gestos técnicos: 5
- futebol é um dom: 5
- condutas do professor (paciência, empatia, avaliação...): 5
- ensina o que aprendeu na sua carreira profissional: 4
- ensina apenas dando dicas: 3
- futebol não se ensina: 2
- demonstra o gesto técnico para ser imitado: 2
- não ensina como aprendeu
- nas praias e nos campinhos se aprende melhor: 1
- ensina a jogar parando o jogo: 1

Análise: ao confrontarmos as metodologias, tanto a que ensinou nossos entrevistados quanto a que eles adotam atualmente para ensinar seus alunos, durante a prática de suas atuais atividades profissionais, notamos o quanto eles divergem.

Verificando o índice de frequência colhidos junto as histórias de vida, notamos que nossos entrevistados aprenderam brincando de futebol em campinhos que possibilitavam e exigiam deles uma grande dedicação.

Enquanto, nos campinhos, as brincadeiras, vestidas de ingênua metodologia, impunham-lhes níveis de dificuldades que os desafiavam a ir sempre à frente, buscando a cada momento o superar-se, em sua prática profissional eles preferem adotar uma metodologia pautada na repetição de gestos técnicos, visando a obtenção de movimentos perfeitos na execução dos fundamentos exigidos pelos futebol.

Infelizmente, fica evidente que nossos entrevistados ainda preferem dividir o futebol em partes, para assim lapidá-las, e tentar ao final juntá-las e atingir um ganho significativo no todo, ou seja, treinar os fundamentos a parte e depois, ao juntá-los, obter como resultado um jogo melhor.

Mas, isto pode ser explicado quando percebemos que nossos entrevistados usam como referência para suas aulas a metodologia com a qual aprimoraram suas qualidades técnicas ao longo de suas respectivas carreiras profissionais e não tomam como referência a metodologia que lhes ensinaram durante o processo de aprendizagem inicial (básica) do jogo, mesmo tendo explícita consciência, em pelo menos um dos casos, em que o entrevistado diz que nas ruas, praias e campinhos o jogador aprende mais que com sua intervenção pedagógica.

Parte de nossos entrevistados explicitam que ainda não conseguem entender nem como aprenderam a jogar, muito menos se, de fato, é possível ensinar futebol. Para muitos futebol é um dom e, como tal, impossível de ser ensinado no seu todo (apenas em partes), cabendo ao professor, mediante algumas condutas preestabelecidas, apenas dar dicas e mostrar os gestos técnicos para que seus alunos tentem imitá-los.

Antes, segundo a história de vida de nossos entrevistados, eles também imitavam, porém a motivação e o como se desenrolava o processo de observação e imitação se dava completamente diferente da possibilitada pelas suas atuais metodologias. Muitos de nossos entrevistados se deslumbravam com as jogadas realizadas pelos seus respectivos ídolos que os impeliam a buscar imitar esses movimentos, mas, logicamente, no desenrolar do processo de imitação o grau de habilidade motora muitas vezes, ao invés de reproduzir movimentos permitiam a criação de novos, parecidos com o original.

Mas, a metodologia que desencadeia o processo de imitação do professor fica centrada nos limites impostos pela execução correta do gesto técnico exigido, empobrecendo assim o acervo de possibilidades motoras de seus alunos.

Ao busca imitar nossos entrevistados durante os ensaios e erros, construíam novos movimentos específicos para o futebol, todavia hoje a maneira como nosso entrevistados ensinam não oportunizam este processo criativo.

Portanto, a metodologia desenvolvida através de brincadeiras próprias de crianças, ensinou nossos entrevistados a jogar futebol enquanto os próprios eram crianças, todavia hoje, ao desenvolver suas respectivas práticas profissionais direcionadas ao público infantil (crianças), preferem utilizar a metodologia que lhes possibilitou aperfeiçoar e aprimorar suas habilidades enquanto eram jovens adultos.

Categoria 2: A pedagogia do futebol
Sub categoria 2.3: Instrumentos Pedagógicos

Entrevistado	Prática Profissional	História de Vida
1	<ul style="list-style-type: none"> - exercícios de correção dos gestos técnicos - utilizar exercícios recreativos e específicos para aprender os fundamentos 	<ul style="list-style-type: none"> - Nunca trabalhou os fundamentos - só fazia brincadeiras que não tinham nada a ver com o futebol
2	<ul style="list-style-type: none"> - treinos técnicos para ensinar os fundamentos 	<ul style="list-style-type: none"> - brincava de esconde esconde e sete quedas - brincava de jogar futebol
3	<ul style="list-style-type: none"> - treinos de condução - treinos de passes curtos dois a dois - treinos de driblar obstáculos 	<ul style="list-style-type: none"> - brincava de pega-pega, corridas, caçava e pescava - jogava muito futebol com traves pequenas nos campinhos - brincava de rebatida - brincava de bobinho
4	<ul style="list-style-type: none"> - atividades de chute a gol - atividades de passes curtos dois a dois - objetivo principal das atividades aprimoramento da técnica 	<ul style="list-style-type: none"> - brincava de pic- salva - brincava de disputa de embaixadinhas - brincava de rebatida
5	<ul style="list-style-type: none"> - atividades com cones para treino da lateralidade - zigue zague entre os cones - atividades para explorar a explosão durante a condução de bola 	<ul style="list-style-type: none"> - brincava de pega-pega - jogo cada um por si
6	<ul style="list-style-type: none"> - atividade de chutar a bola na 	<ul style="list-style-type: none"> - brincava de rebatida para aprimorar o

	parede repetidas vezes, ora com o pé direito ora com o esquerdo - treino orientado de chute a gol	chute - brincava muito de bobinho
7	- fazer balãozinhos para aprimorar domínio de bola - chute a gol para aprimorar o chute - passe curto e longo em duplas	- brincava muito de salva, uma variação de pega-pega
8	- passes em duplas - finalização (chute) ziguezagueando os cones - um pequeno jogo adaptado sem gol	- brincava de tenteio (controle) - brincava de bobinho - brincava de rachinha para desenvolver as habilidades do jogo

Índice de frequência das convergências:

História de vida:

- brincadeiras de bola com os pés (rebatida, bobinho...): 8
- utiliza brincadeiras para aprender: 8
- brincadeiras sem bola: 6
- jogo de futebol (com gols pequenos e rachinha): 3
- nunca trabalhou os fundamentos: 1

Prática Profissional:

- treinos com ênfase no aprimoramento dos gestos técnicos: 8
- treinos individuais (Chute, condução e domínio): 6
- treinos com objetos inanimados: 5
- treinos em duplas: 4
- pequeno jogo adaptado: 1
- exercícios recreativos: 1

Análise: chamamos de instrumentos pedagógicos o que possibilita o aprendizado, ou seja, o que os nossos entrevistados fizeram para aprender a jogar futebol e o que eles fazem atualmente para ensinar seus alunos.

Novamente, ao confrontarmos história de vida com prática profissional constatamos o quanto são diferentes os modos pelos quais nossos entrevistados aprenderam a jogar futebol durante a sua iniciação e a maneira com que se propõem ensinar.

Todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que aprenderam a jogar brincando, utilizando para isso as brincadeiras de bola com os pés (rebatida, rachinha, controle, bobinho...), todavia, para ensinar acreditam que devem utilizar treinos, atividades dirigidas, tendo como objetivo principal o aprimoramento do gesto técnico.

Para os entrevistados, ensinar futebol é ensinar a técnica correta, mesmo que para isso seja preciso que seus alunos fiquem chutando a bola repetidas vezes contra a parede, trocando passes curtos e longos com apenas um parceiro, ou então, driblando cones inanimados.

Enquanto nossos entrevistados se preocupam excessivamente com as partes, almejando assim estar melhorando o todo, durante suas respectivas histórias a grande maioria descreve, com detalhes, como as brincadeiras possibilitavam a aprendizagem e o aperfeiçoamento das mesma habilidades exigidas por eles nas aulas, e que, ainda por cima, com as características de jogo que toda brincadeira assume, eram desenvolvidas dentro de um contexto muito próximo de um jogo.

Até as brincadeiras sem bola, como por exemplo, as brincadeiras de pega com suas variações, foram descritas como importantes para o ganho e melhora de certas qualidades utilíssimas no desenvolvimento do jogo de futebol.

Mas, estes mesmos entrevistados que, podemos dizer, são conscientes dos instrumentos que utilizaram para aprender futebol e por conseguinte lhes possibilitaram uma boa base durante suas respectivas iniciações ao jogo futebol, parecem não conseguir visualizar como poderiam estar levando em consideração suas histórias de vida para o interior de suas aulas.

Assumindo em suas práticas profissionais postura de treinador que adentra por meio de treinamentos, muitas vezes maçantes, seus comandados, e ainda por cima acreditando que para ensinar futebol devem transmitir o que aprenderam ao longo de suas carreiras

profissionais, fica evidente a impossibilidade e até a falta de sensibilidade para utilizar em suas aulas atividades lúdicas com e sem bola, não como forma de recreação pura e simples, mas como instrumentos pedagógicos para o ensino e aperfeiçoamento do futebol.

Nunca existirá no meio de um campo de futebol uma parede, muito menos a possibilidade de se trocar passes com a permissão dos adversários, ou então encontrar pela frente oponentes que, iguais cones, não imponham grandes dificuldades, porém, com base até no que alguns dos próprios entrevistados ressaltaram, durante uma partida de futebol haverá a necessidade de se utilizar um passe com a mesma dificuldade exigida pela brincadeira de bobinho, um drible, como os que ocorrem nos espaços reduzidos dos “rachinhas”, ou então, chutes precisos e estratégicos iguais aos que são frequentemente utilizados nas rebatidas.

Todavia, para os entrevistados crianças devem aprender futebol, durante o processo de iniciação, por meio de instrumentos – treinos técnicos - utilizados por nossos entrevistados apenas durante seus respectivos processos de aperfeiçoamento das habilidades exigidas pelo jogo, descartando totalmente a possibilidade de que seus alunos (crianças) venham utilizar as mesmas brincadeiras utilizadas no processo de iniciação do futebol.

Categoria 3: O ambiente pedagógico e suas funções

Sub categoria 3.1: A função das escolinhas e dos campinhos (rua)

Entrevistado	Prática profissional	História de vida
1	<ul style="list-style-type: none"> - entretenimento - socialização - interação com os pais - encaminhar talentos para outras equipes - funções educacionais 	<ul style="list-style-type: none"> - aprendeu a jogar nas ruas e nos campinhos - escolinhas deveriam levar em consideração o “swing” da rua - não existia escolinhas
2	<ul style="list-style-type: none"> - início para a carreira de um treinador profissional - as escolinhas em clubes de associados para aumentar frequência - escolinhas particulares para dar lucros - escolinha não é para revelar craques 	<ul style="list-style-type: none"> - espaço para brincar de futebol, mesmo se fosse com apenas duas crianças
3	<ul style="list-style-type: none"> - não é função revelar jogadores - ensinar princípios básicos do futebol - desenvolvimento motor, social e cognitivo - promover saúde 	<ul style="list-style-type: none"> - espaço importante para o aprendizado - criava muitas brincadeiras, não só jogavam futebol - as escolinhas deveriam possibilitar este espaço para as crianças de hoje
4	<ul style="list-style-type: none"> - tirar crianças do sedentarismo - melhora da saúde - possibilitar uma carreira profissional aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> - local onde aprendeu a jogar futebol - a maioria dos craques de sua geração aprendeu a jogar nos campinhos - antes da década de 80 e 90 não

	- segurança para os pais	existiam escolinhas
5	- combate às drogas - socialização - tirar do sedentarismo causado por TV, vídeo e computador - ensinar um pouco de tudo, não só os fundamentos do futebol	- não se tinha cobranças para jogar bem - pôde aprender com tranquilidade - aprendeu mais que jogar futebol
6	- ensinar uma educação futebolística - ensinar futebol é muito difícil	- local onde aprendeu a jogar - não existia outro lugar para se jogar
7	- funções educacionais - possibilitar às crianças uma carreira como jogadores	- local onde aprendeu a jogar - os jogadores de sua geração aprenderam a jogar nas ruas e nos campinhos - aprendeu melhor que os jogadores atualmente
8	- funções educacionais - preencher o tempo livre dos pais - levar as crianças ao profissionalismo	- local onde aprendeu a jogar futebol - local de lazer e diversão - local onde os craques de sua geração aprenderam a jogar

Índice de frequência de convergências:

História de vida:

- a rua e os campinhos como ambientes propícios para a aprendizagem do futebol: 6
- os craques de sua geração também aprenderam a jogar futebol nos campinhos e na rua: 3
- não existiam escolinhas de futebol: 3

- as ruas e os campinhos eram locais para brincadeiras: 3
- as escolinhas deveriam levar em consideração o ambiente das ruas e dos campinhos: 2
- nos campinhos e na rua aprendeu mais que o futebol: 1
- a rua e os campinhos formaram jogadores que jogavam melhor que os da atualidade: 1
- nas ruas e nos campinhos não se cobrava resultado: 1

Prática profissional:

- escolinhas como locais de entretenimento (contra o sedentarismo), sociabilização e promotoras de saúde: 10
- escolinhas com funções outras que não ensinar futebol: 5
- as escolinhas impregnadas de funções educacionais que vão além do futebol: 5
- possibilitar que os alunos se tornem jogadores de futebol (carreira profissional): 4
- a função das escolinhas não é revelar jogadores: 2
- ensinar os princípios básicos: 1
- ensinar mais que os fundamentos do futebol: 1
- ensinar futebol é muito difícil: 1

Análise: Inicialmente, queremos deixar claro a nossa consciência a respeito das diferentes épocas sociais que fazem parte, mesmo que implicitamente, dos relatos referentes tanto à história de vida quanto à prática profissional de nossos entrevistados, porém, mesmo levando essa variável em consideração, é possível confrontarmos os dados recolhidos.

A função dos campinhos e da rua torna-se evidente quando nossos entrevistados afirmam terem aprendido a jogar nesses ambientes. E foi em meio à liberdade e brincadeiras, tanto com a bola nos pés quanto sem a sua efetiva presença, que a grande maioria dos entrevistados destaca que se desenrolou o processo de aprendizagem.

Graças ao ambiente propiciado pela rua e pelos campinhos, parece que as escolinhas de futebol não se faziam necessárias, pois alguns entrevistados chegam a afirmar que os craques de sua geração, que como eles aprenderam a jogar nos campinhos, jogam melhor, até com mais habilidade, que os jogadores atuais.

Na rua e nos campinhos se jogava sem cobrança, se jogava para satisfazer a principal necessidade das crianças: brincar. Brincando nossos entrevistados aprenderam a jogar tão bem a ponto de ter a possibilidade de jogar futebol profissionalmente.

Mas, nos dias atuais, em grandes centros urbanos como, por exemplo, a cidade de Campinas, brincar na rua já faz parte da história. Campinhos, os poucos que sobraram (todavia vale lembrar que os que restam já estão condenados, cumprindo pena em regime semi-aberto esperando apenas o dia, após o julgamento, da execução) são pontos de encontro para outras turmas que não as que jogam futebol.

A função desempenhada pelos campinhos, como dois entrevistados citaram, deveriam ser agora de responsabilidade das escolas de futebol. Porém, o que percebemos ao analisar as funções atribuídas por nossos entrevistados às escolas de futebol, locais onde desenvolvem suas respectivas práticas profissionais é que não estão claras.

Nossos entrevistados vêem as escolinhas como locais destinados a, com segurança, tirar os alunos da vida sedentária que levam.

Refletindo sobre suas respostas, parece até que ensinar futebol é uma das últimas funções de uma escola de futebol, chegando ao ponto de um dos entrevistados afirmar que ensinar futebol é muito difícil (confirmando o que outros entrevistados responderam ao longo das suas respectivas entrevistas). Todavia, parece fácil atribuir funções outras impregnadas de valores educacionais, reforçando a socialização, a promoção da saúde, que até vão além do simples ato de ensinar o jogo.

Mas, ao mesmo tempo que levantamos junto à prática profissional de nossos entrevistados uma, até certo ponto, exacerbada preocupação com os valores subjetivos, alguns outros entrevistados, em certos momentos de suas respectivas falas, destacam que dentre as várias funções assumidas pelas escolinhas, uma delas é levar, ou então possibilitar, que os alunos possam seguir uma carreira profissional como jogadores.

Incoerentemente, mostrando o quanto não estão claras quais as reais funções de uma escolinha de futebol, dois entrevistados são categóricos em afirmar que não é função das

escolinhas revelar nenhum jogador, ou seja, possibilitar que estes se tornem jogadores profissionais.

Confrontando a função desempenhada pelos campinhos e pela rua ao longo do relato sobre a história de vida de nossos entrevistados, com as funções por eles mesmos atribuídas aos locais onde desenvolvem suas práticas profissionais, podemos dizer que, mesmo encontrando dois entrevistados que apontam a necessidade de se levar em consideração os estímulos propiciados pelos ambientes rua e campinhos, esses não influenciam nem o discurso, muito menos a prática desenvolvida.

Nossos entrevistados não vacilam em dizer que encontravam na rua e nos campinhos um adequado ambiente “pedagógico” que os possibilitou, além de satisfazer suas necessidades infantis (tais como fazer amigos, brincar e se divertir), aprender a jogar futebol de maneira muito significativa. Mas se contradizem, e muitas vezes não têm ainda definidas quais são as reais funções de suas práticas profissionais desenvolvidas nas escolinhas de futebol.

Portanto, a rua e os campinhos se caracterizam como os locais onde nossos entrevistados aprenderam, além de outras coisas, a jogar futebol. Já as escolinhas, segundo os mesmos entrevistados, não conseguem levar em consideração a experiência adquirida ao longo de suas histórias de vida, para construir e delimitarem as funções de suas práticas profissionais.

4.2.3. Finalizando nossas análises...

Ao final do processo de análises das entrevistas, apesar de não se constituir nosso objetivo entrar no mérito da questão, determinando um veredicto final que julgue corretas ou equivocadas as práticas profissionais desenvolvida por nossos entrevistados, fica para nós evidenciado o quanto nossos oito ex-jogadores, atuais professores de escolinhas de futebol que ministram aulas para crianças da iniciação aos 12 anos – como predeterminado por nossos requisitos metodológicos -, não levam em consideração o processo que os ensinou a jogar futebol.

Depois das comparações entre suas histórias de vida e respectivas práticas profissionais, podemos dizer que suas aulas se pautam, ou melhor se alicerçam, única e exclusivamente, nas experiências adquiridas ao longo de suas carreiras como jogadores profissionais.

Portanto, podemos afirmar que nossa hipótese preliminar foi confirmada e o objetivo do estudo alcançado, na medida que levantamos os processos de ensino-aprendizado que ensinaram nossos oito entrevistados e os comparamos, tanto individual, ao confrontarmos com suas respectivas práticas profissionais, quanto coletivamente.

Todavia, neste momento de finalização das análises, além de evidenciar os processos e destacar os resultados obtidos ao confrontá-los, podemos dizer que todos os oito entrevistados mostram-se atrelados a princípios presentes nos conceitos tradicionais de ensino, como os levantados por parte dos autores que compõem o corpo teórico desta dissertação.²⁰⁵

Estes princípios tradicionais para se ensinar esporte, começam a ser vistos como prejudiciais, até por profissionais de outras áreas, ou então ex-jogadores que, mesmo não assumindo hoje a função de professores de futebol, mostram-se sensíveis e conscientes da necessidade da valorização do processo de aprendizagem desenvolvido na rua e nos campinhos. Como é o caso do ex-jogador Johan Cruyff:

“A minha geração se formou na rua, e não há melhor lei que a da rua. (...) Hoje, ao contrário, acredita-se em meios artificiais para criar jogadores. A organização do futebol acabou tirando a espontaneidade. As crianças disputam campeonatos desde os seis anos. Os técnicos não ensinam, só treinam.”²⁰⁶

E também de Tostão:

“... a melhor maneira de se formar um craque é nos campos de terra, sem regras, onde os meninos, em total descontração e improviso, brincam e se divertem com a bola, e aí fez-se a diferença do futebol brasileiro para os outros países”²⁰⁷

Apesar de alguns entrevistados ainda acreditarem que jogar futebol é um dom inato ou mesmo divino, a grande maioria dos entrevistados afirma que aprender futebol se resume em apenas adquirir gestos padronizados de movimentos, avançando-se no aprendizado somente depois de se tornar um certo malabarista de bola. Ou seja, dentro de um modelo tecnicista, fragmenta-se o conhecimento para se ver o todo através do mosaico de suas partes.

Segundo as suas práticas, as crianças devem treinar futebol, coisa que eles fizeram só depois que deixaram de ser crianças. Seus alunos, para melhorarem no futebol devem, desde de cedo, aprender padrões técnicos de movimentos, e só evoluirão no aprendizado à medida que chegarem próximos aos padrões determinados como corretos e perfeitos, coisa que também nossos entrevistados só começaram a se preocupar depois de certa idade.

Nossos entrevistados não compreendem o tamanho do prejuízo que um trabalho que evidencia em demasia o aprendizado dos fundamentos técnicos, fazendo deles o seu fim, trazem ao repertório de possibilidades de seus alunos. A padronização dos movimentos impede o aparecimento do inesperado, do imprevisto, marcas registradas do futebol dos jogadores que aprenderam nos campinhos e nas ruas.

Se o ensino nas escolinhas tiver seu fim no aprendizado das técnicas do jogo, podemos dizer o quanto este processo será seletivo desde o seu início, pois crianças

²⁰⁵ No capítulo três, destinado à pesquisa bibliográfica levantamos as várias literaturas que abordam a questão da aprendizagem do futebol, dentre elas podemos citar as teorias desenvolvidas tanto pelos americanos (TGfU) quanto a dos portugueses (JDC), que são contrários a esta visão tradicional para se ensinar esportes.

²⁰⁶ CRUYFF, J. Cadernos de Esportes - Folha de São Paulo 06-09-1998

²⁰⁷ TOSTÃO Caderno de esportes - Estado de São Paulo, 02-11-1997

pequenas não poderão, ou melhor, não conseguirão se adaptar às exigências impostas pelas aulas.

Diferentemente, nosso corpo teórico-prático, construído com base em recentes e inovadores estudos referentes à pedagogia do esporte, mais especificamente relativos ao processo de ensino-aprendizagem do futebol, permite-nos apresentar práticas pedagógicas que vêm no ensino do futebol algo mais do que o simples aprendizado dos gestos técnicos, principalmente quando estes são desenvolvidos descontextualizados de suas prementes urgências do jogo.²⁰⁸

Sendo assim, tendo com referência principal a obra do Prof. João Batista Freire²⁰⁹, defendemos a idéia de que, ao longo do processo de iniciação no futebol – até a idade de 12-13 anos – deveria ser levado em consideração, no trabalho desenvolvido nas escolinhas de futebol, a pedagogia evidenciada pelos nossos entrevistados nos relatos de suas respectivas história de vida.

“A rua tem a pedagogia da liberdade, da criatividade, do desafio e até da crueldade. (...) No tempo em que havia fartura de espaço e de brincadeira, nem se fazia sentido falar de Escolinhas de Futebol. Dos campinhos de pelada saiam os Didis, os Garrinchas, os Gersons, os Romários.”²¹⁰

Logo, afirmamos que a cultura das brincadeiras de bola com os pés pode e deve ser resgatada. O processo pautado pela liberdade de as crianças se expressarem como crianças (não mini atletas), possibilitando a expressão de potenciais criativos, até mesmo para a criação de novas técnicas, permitindo através de estímulos variados o enriquecimento do vocabulário de possibilidades (motoras, cognitivas e afetivas/sociais) dos alunos, deve ser evidenciado e almejado.

Temos consciência de que os tempos são outros, porém também temos respaldo e referências comprovadas em nosso corpo teórico, para afirmar que ainda é possível ensinar futebol brincando, mesmo sendo este aprendizado todo desenvolvido dentro de instituições informais de ensino, as escolinhas. Como oportunamente salienta o aludido médico e escritor Moacyr Scliar em uma de suas coletâneas de literatura infanto-juvenil:

²⁰⁸ Ao final do terceiro capítulo apresentamos os estudos de Freire, Scaglia, Houseworth, Garganta e um coletivo de autores americanos (TGFU), compondo assim o referencial teórico-prático assumido ao longo desta dissertação.

²⁰⁹ FREIRE, J. B. “Pedagogia do fut...”, op. cit., 1998.

“... já se foi a época em que o garoto se tornava craque nas peladas de rua; as ruas hoje são perigosas. Além disto, futebol agora se aprende – nas escolinhas.”

211

Porém, as escolinhas de futebol devem, assumindo todas as responsabilidades advindas do conceito de escola, possibilitar que este aprendizado não se reduza a mero reprodutor do modelo profissional vigente, apresentado no âmbito do alto nível desse esporte, mas sim, configure-se em ambientes pedagógicos que permitam a todos, sem distinção entre os mais habilidosos e os de menores brilhos, além do aprendizado do futebol, a reflexão sobre esse modelo.

As escolinhas de futebol devem oportunizar que os alunos comecem a formar consciência crítica, à medida que constroem novos pensamentos e valores em relação ao futebol, possibilitando assim possíveis transformações, principalmente frente a exacerbados modelos de competição reforçados pela cultura futebolística da atualidade.

Isto posto, logo pensamos como Freire:

“Aqueles que acreditam poder praticar educação, querem que o ensino do esporte não seja algo isolado, desvinculado de compromissos maiores com a formação da cidadania. Ou seja, que o aluno, aprendendo esporte, aprenda valores morais, aprenda a pensar melhor, aprenda a ser autônomo e criativo. Não querem que a educação desportiva se restrinja a um mero jogo de pernas e braços, corridas e saltos, manuseio de bola e obediência a regras.”²¹²

Portanto, ao final, nossas análises inferenciais constituem-se oportuno momento para profunda reflexão a respeito do processo de ensino-aprendizado que envolve a iniciação no futebol. E aponta, respaldado pelo corpo teórico previamente elaborado, que é possível construir uma ponte pedagógica que relacione e leve em consideração, ao se desenvolver práticas de ensino, a pedagogia que ensinou nossos entrevistados de maneira tão efetiva, prazerosa e significativa.

²¹⁰ Ibid., p. XIV.

²¹¹ SCLLIAR, M. “Um país chamado infância”. Para gostar de ler volume 18. São Paulo: ática, 1997.

Assim, finalizamos nossos estudos com as oportuníssimas palavras do jornalista José Geraldo Couto, pois elas sintetizam as nossas reflexões e opiniões:

“Não é preciso ser pobre ou menino de rua para saber jogar. Mas, para chegar a ser um certo tipo de jogador, é preciso, nos anos de formação, um espaço de liberdade em que o jogo seja praticado por puro prazer.”²¹³

²¹² FREIRE, J. B. “Esporte educacional”. In. BARBIERI, C. A. S. (Org.) “Esporte educacional: uma proposta renovada”. Recife: Universidade de Pernambuco/UPE-ESEF MEE/INDESP, 1996, p. 79

²¹³ COUTO, J. G., op.cit., 05-05-1999

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, centrando nossa atenção no processo de ensino-aprendizagem do futebol, buscamos evidenciar as diferenças entre o modo de aprender e o modo de ensinar futebol.

Ao final, confirmamos nossa hipótese inicial ao detectar que nossos ex-jogadores aprenderam a jogar futebol nas ruas e nos campinhos, mas este fato não se torna referência para as suas respectivas práticas profissionais.

Em suas práticas profissionais, nossos entrevistados têm como referência os treinos sistematizados aprendidos ao longo de suas respectivas carreiras como profissionais jogadores de futebol.

Enfim, confirmados, discutidos e analisados estes fatos, cabe-nos neste momentos, tecer algumas considerações, que, apesar de não se constituírem conclusões definitivas, apontam direções para futuros estudos a respeito do tema.

Acreditamos que a grande questão que paira neste momento, é entender porque nossos entrevistados não levam em consideração suas histórias de vida como ponto de partida para o desenvolvimento de suas práticas de ensino.

Isto nos fez pensar em três grandes suposições, que abrem perspectivas para futuras investigações, visto que o tema urge ser estudado com mais profundidade e abrangência pela Educação Física, mais especificamente pela pedagogia do esporte.

Em nossa primeira suposição, acreditamos que essa incoerência entre o modo como se aprendeu e o modo como se ensina, venha do fato de que não é comum ter consciência das práticas. A prática que ensinou nas ruas, possivelmente não é consciente para os professores das Escolinhas de futebol, daí não a levarem em consideração.

Isso ficou claro na fala dos entrevistados. Eles não têm consciência da riqueza do processo de aprendizagem ao qual foram submetidos, processo esse que lhes possibilitariam um exercício profissional coerente com as suas respectivas formações como iniciantes jogadores de futebol.

Nossa segunda suposição nos leva a compreender que não é fácil criar, numa escola, cercada de muros e regras impostas que limitam o extravasar de potenciais criativos, um ambiente coerente com o ambiente tão favorável, para o futebol, como o da rua e dos campinhos.

Por isso, é premente o aparecimento de novos conhecimentos, como os advindos dos recentes estudos teórico-práticos a respeito da pedagogia dos esportes apresentados no corpo teórico desta dissertação, para que possam ser criados, dentro das escolinhas, ambientes pedagógicos favoráveis para o aprendizado, se não iguais, pelo menos parecidos com os que rua e os campinhos proporcionaram.

Criar em escolinhas ambientes favoráveis ao aprendizado, que vão muito além do domínio de gestos técnicos estereotipados e padronizados, não é tarefa fácil, porém, tendo por referência, conhecimentos teórico-práticos relacionados à pedagogia dos esportes, é possível visualizar alternativas metodológicas que possibilitem um rico aprendizado ao alunos, permitindo que estes desenvolvam mais amplamente os seus potenciais para a prática do futebol.

Por último, pensamos que os professores sofrem, nas escolinhas, fortes influências dos procedimentos da escola. Escola para quase todos nós, é o lugar onde se ensina com rigidez e sistematização.

Dizer, portanto, que o aluno vai à escola para brincar de futebol, parece a maior de todas as incoerências. Brincar parece ainda estar longe de uma associação com o aprender.

Antes se aprendia futebol brincando nas ruas, nos campinhos de várzea ou em qualquer lugar onde a fértil imaginação infantil pudesse construir um campo com traves alternativas, como pudemos confirmar através da fala de nossos entrevistados, contudo, quando este aprendizado necessitou ser levado para dentro das escolinhas, pois a rua, os campinhos e a imaginação das crianças estão voltadas e destinadas à outras funções, sua sistematização e regras trouxeram prejuízos ao aprendizado do futebol se comparado ao modo como antes se aprendia.

Tostão, ex-jogador da seleção brasileira, atualmente médico e cronista esportivo, é um dos poucos, diretamente ligado a área futebolística, que se mostrou sensível ao fato de que este aprendizado sistematizado e burocrático realizado nas Escolinhas de Futebol vêm contribuindo para a efetivação de uma maneira de jogar bem diferente da antes

possibilitada pelos que aprendiam em meio à liberdade e à criatividade oportunizadas pela pedagogia da rua.

“No Brasil, a pobreza e a falta de escola em período integral para o garoto de baixa renda fazem com que ele viva a maior parte de sua infância jogando bola na rua. Nesse ambiente, ele descobre e desenvolve a habilidade e o talento para o futebol. Primeiro, fazendo embaixadas com as tampinhas de garrafas, bolas de borracha, de pano e finalmente de futebol, quando passam a atuar em equipes uniformizadas.

Somente após essa rica experiência é que ele vai, na adolescência, para as categorias de base dos clubes profissionais, nas quais aprende a tática, disciplina em campo e pratica os fundamentos de sua posição. Essa seqüência – respeitando o prazer e o desenvolvimento psicomotor do menino – é determinante no aparecimento de grandes talentos no futebol brasileiro. O craque repete na vida profissional as jogadas maravilhosas que fazia na rua.

Hoje, os futuros jogadores estão aprendendo, precocemente, nas escolinhas, a tática, as regras, a participação coletiva e escolhendo posições em campo, sem passar pelo estágio de diversão dos meninos de rua. O resultado desta inversão é a transformação progressiva do alegre, lúdico e criativo futebol brasileiro, num esporte burocrático, disciplinado e feio.”²¹⁴

Assim, entendemos que os tempos e contextos sociais são outros, porém muito do que era desenvolvido por essa pedagogia da rua pode ser adaptado e transportado para o interior das Escolinhas de Futebol, principalmente a maneira lúdica com que se aprendia.

Mas infelizmente, parece que as escolinhas de futebol estão fadadas a reproduzir o que é feito nas escolas formais, pois em ambas, a história de vida do aluno e do professor são ignoradas.

Todavia cabe-nos mostrar que é possível levar em consideração histórias de vida tão ricas, tanto para o desenvolvimento de práticas de ensino quanto para a ampliação do vocabulário de possibilidades a partir da bagagem que a criança traz consigo.

²¹⁴ TOSTÃO. Caderno de Esporte, Folha de São Paulo, 07/11/99.

Portanto, acreditamos ter cumprido nosso objetivo ao salientar as incoerências e divergências entre a maneira como se aprendia e o modo como se ensina hoje futebol. Mas, é importante neste momento final, dizer que nosso estudo não teve em nenhum momento a intenção de tecer críticas aos trabalhos desenvolvidos por nossos entrevistados, no sentido de dizer que eles se mostram incompetentes para o desempenho de suas atuais funções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALVES, R. “A alegria de ensinar”. 5 ed. São Paulo: ArsPoética, 1994.
- BANDEIRA, P. “Mais respeito eu sou criança!”. 4 ed. São Paulo: Moderna, 1995.
- BARDIN, L. “Análise de conteúdo”. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAYER, C. “O ensino dos desportos coletivos”. Lisboa: Dina livros, 1994.
- BENTO, J. O. “Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva”, p. 113-146. In “O desporto do século XXI: os novos desafios”, 1991.
- BETTI, M. “Educação e Sociedade” São Paulo: Movimento, 1991.
- BRUGGER, W. “Dicionário da filosofia”. 2 ed. São Paulo: Herder, 1969.
- BULTER, J. How would Socrates teach games? A constructivist approach. “Joperd”, Reston/VA, v. 68, n. 9, 1997.
- CASTRO, J. A. “Histórias da bola: 135 anos da história do futebol”. São Paulo: Edipromo, 1998.
- CAPINUSSÚ, J. M. “Comunicação e transgressão no esporte”, São Paulo: Ibrasa, 1997.
- Coleção Placar História do Futebol. “As origens do planeta bola”. São Paulo: Abril, n.1, 1998.
- Coleção Placar História do futebol “Copa do mundo: o sonho vira realidade”. São Paulo: Abril, n. 2 , 1998.

Coleção de Vídeos da revista Placar, “Histórias do futebol : as origens do planeta bola”,
n. 1, 1998.

COUTO, J. G., “Proibido jogar bola na rua; fumar crack pode”. Cadernos de esportes
(3) - Folha de São Paulo, p. 12, 05/05/1999

CRUYFF, J. “Férias mantêm Cruyff sempre no ataque”. Cadernos de Esportes – Folha
de São Paulo, p. 6, 06/09/1998

DAÓLIO, J. “Cultura, Educação Física e Futebol”. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

DENOEUD, A. Situacione de juego del novato al futbolista avezado. “Revista
Stadiun”. Ano 21, n. 124, p. 03 – 08, 1987.

DENOEUD, A. Situacione de juego del novato al futbolista avezado. “Revista
Stadiun”. Ano 21, n. 125, p. 24 – 27, 1987.

DIETRCH, K “O futebol: aprendido e jogado corretamente” Rio de Janeiro: Tecnoprint,
1984.

FERREIRA, A. B. H., “Novo dicionário básico da língua portuguesa “Folha/Aurélio”.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FREIRE, J. B. “De corpo e Alma: o discurso da motricidade”. São Paulo: Summus,
1991.

FREIRE, J. B. “Pedagogia do Futebol”. Londrina: Midiograf, 1998.

FREIRE, J. B. “Esporte educacional”. In. BARBIERI, C. A. S. (Org.) “Esporte educacional: uma proposta renovada”. Recife: Universidade de Pernambuco/UPE-ESEF MEE/INDESP, 1996, p. 79

FREIRE, P. “Professor sim tia não: cartas a quem ousa ensinar”, São Paulo: ed. Olho d’Água, 1993.

FREIRE, P. “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREINET, C. “Pedagogia do bom senso”. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GARCIA, R. L. “A educação escolar na virada do século”. In COSTA, M. V. “Escola básica na virada do século”. São Paulo: Cortez, 1996.

GARGANTA, J. “Para uma teoria dos jogos coletivos desportivos”. In GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

GARGANTA, J., PINTO, J. “O ensino do futebol”. In GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

GRAÇA, A. “Os comos e os quando no ensino dos jogos”. In GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

GRIFFIN, L. L., MITCHELL, S. A., OSLIN, J. L. "Teaching Sport Concepts and Skill: A tactical games approach". Champaign: Human Kinetics, 1997.

GUIRALDELLI JR., P. "O que é Pedagogia". São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

GUITTON, J. et al. "Deus e a ciência: em direção ao metarrealismo". 5a. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: 1992.

HOUSEWORTH, S. D. "Y soccer kickers: manual for 3rd-4th grade players". Champaign: Y.M.C.A., 1985.

HOUSEWORTH, S. D. "Y soccer Jugglers: manual for 5rd-6th grade players". Champaign: Y.M.C.A., 1985.

HOUSEWORTH, S. D. "Y soccer Strikers: manual for 7rd-8th grade players". Champaign: Y.M.C.A., 1985.

INCARBONE, O. Iniciação desportiva. "Revista brasileira de ciência e movimento", 4 (3): 98 – 103, 1990.

JACQUARD, A. "Herança da Liberdade: da animalidade à humanidade". Lisboa, Portugal: Publicações dom Quixote, 1988.

JACQUARD, A. "Todos semelhantes, todos diferentes". São Paulo: Ed. Augustus, 1993.

KLEIN, M. A., AUDININO, S. A. "O Almanaque do Futebol Brasileiro". São Paulo: Ed. Escala, 1996.

- LAMMINCH, G. "Jogos para o Treinamento do futebol". Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984.
- LIMA, L. O. "Pedagogia: reprodução ou transformação" 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LUCKESI, C. C. "Filosofia da educação". São Paulo: Cortez, 1991.
- LUXBACHER, J. A. "Fun games for soccer training". Illinois: leisure, 1987.
- MÄNNLER, W., ARNOLD, H. "Iniciação no futebol". Lisboa: Presença, 1989.
- MEDINA, J. P. S. "Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo". In MOREIRA, W. W. "Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI" Campinas: Papirus, 1992.
- MELLO, G. "Social democracia e Educação: teses para discussão". 2.ed São Paulo: Cortez: editores Associados, 1990.
- MORAIS, R. "o que é ensinar". São Paulo: E.P.U., 1986.
- OSLIN, J. L. Tactical Approaches to Teaching Games. "Joperd", Reston/VA, v. 67, n. 1, 1996.
- PAIVA, Y. M. S. "Pedagogia Freinet: seus princípios e práticas". In ELIAS, M. D. C. (Org.) "Pedagogia Freinet: Teoria e prática", 1996.
- PESSOA, F. "Tabacaria e outros poemas". 3 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- REEVES, J. A. SIMON, J. M. "Soccer drills: the coaches collection of soccer drills". Champaign: Leisure, 1981.

RODRIGUES, N. "Lições de Príncipes e outras lições". 17 ed. São Paulo: ed. Cortez, 1996.

ROGALSKI, N., DEGEL, E. G. "Futebol para juvenis". Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984.

SAMPAIO, R. M. W. F. "Freinet: evolução histórica e atualidades". 2 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

SANTANA, W. C. "Futsal: metodologia da participação". Londrina: Lido, 1996.

SAVIANI, D. "Do senso comum à consciência filosófica" 9 ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.

SCAGLIA, A. J. "Escolas de esportes: uma questão pedagógica". Campinas, 1995. Monografia (conclusão do curso de graduação) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1995.

SCAGLIA, A. J. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. "Motriz". Revista de Educação Física - UNESP - Rio Claro, v.2, n.1, 1996.

SCAGLIA, A. J. "Escola de Futebol: uma prática pedagógica". In NISTA PICCOLO, V. "Pedagogias dos esportes". Campinas: Papyrus, 1999.

SCLIAR, M. "Um país chamado infância". São Paulo: ática, para gostar de ler, volume 18, 1997.

SCLIAR, S., CATTANI, M. A. O. R. "A História Ilustrada do Futebol Brasileiro". São Paulo: Edobras, v. I, 1968.

SCLIAR, S., CATTANI, M. A. O. R. “A História Ilustrada do Futebol Brasileiro”. São Paulo: Edobras, V. 4, 1968.

SÉRGIO, M. “Para um desporto do futuro”. Lisboa: Desporto, 1985.

SÉRGIO, M. “Motricidade Humana: o paradigma emergente”. Blumenau: ed. FURB, 1995.

SNYDERS, G. “Alunos Felizes”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOARES, S. B. C. (Comp.) “Referências bibliográficas: norma técnica (NBR 6023). Seleção de esquemas e exemplos”. Rio Claro: UNESP, 1994. (Mímeog.)

TAVARES, F. “O processamento da informação nos jogos desportivos”, p. 35-46. In GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Org.) O ensino dos jogos desportivos. 2a. edição. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. “Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação”. São Paulo: Atlas, 1987.

TOSTÃO. “Escolinhas de Futebol”. Caderno de Esportes - Estado de São Paulo, 02/11/1997

TOSTÃO. “Boleiros”. Caderno de Esportes – Folha de São Paulo, 07/11/1999

TUBINO, M. G. “Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI”. In MOREIRA, W. W. “Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI” Campinas: Papirus, 1992.

VERRÍSSIMO, L. F. “Futebol de rua”, in Novaes, C. E., et all., “Para gostar de ler: volume 7 - crônicas”. 4. ed., São Paulo: ed ática, 1986.

WERNER, P., THORPER, R., BUNKER, D. Teaching Games for Understanding – Evolution of de model. “Joperd”, Reston/VA, v. 67, n. 1, p. 28 – 33, 1996.

WITTER, J. S. “O que é futebol ?”. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

WITTER, J. S. “Breve história do futebol brasileiro”. São Paulo: FTD, 1996.

ANEXOS I

DESCRIÇÃO ANALÍTICA: SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

Entrevistado 1

- Idade: 35 anos
- Infância em no interior do Estado de São Paulo
- Especialização no futebol: Ponte Preta aos 12 anos
- Jogador profissional na Ponte Preta
- Professor de Educação Física: Sim, formado na PUCC
- Experiência profissional em escolinhas: 10 anos

Entrevista 1 – Prática profissional

Para o entrevistado 1 a questão da idade é muito relativa, pois podem aparecer crianças com 5 e 6 anos com uma coordenação motora um pouco mais madura e crianças de 7 e 8 anos que ficaram muito presas, muito agarradas em casa. Então, determina uma média entre 5 e 7 anos, desde que o aluno passe por um período de trinta dias de experiência.

Segundo o entrevistado a motivação das crianças para jogar futebol nasce, ou decorrente da excessiva exposição ao mundo futebolístico na mídia, onde associa dinheiro e fama ao futebol, ou, muitas vezes, da frustração dos pais por não terem sido jogadores, querendo então, realizar-se através dos filhos. Portanto, os alunos não vão às escolinhas para se recrear e sim para treinar.

Diz ainda ter uma metodologia para cada faixa etária com que trabalha. Sendo a idade o referencial para a determinação da intensidade, da cobrança e da ludicidade das aulas. Portanto, existe uma aula padrão para todas as turmas da escolinha, sendo diferentes apenas nos pontos destacados acima. A aula sempre se inicia com um aquecimento, que, se for para os menores, é mais recreativo, uma brincadeira de pega por exemplo; se for para os maiores - 11 a 15 anos – o aquecimento é baseado nos fundamentos e entrando um pouco na questão física e no alongamento. Terminada esta etapa entra o trabalho de fundamentos com bolinhas de borracha, por exemplo, depois temos o jogo, momento em que as crianças

aprendem todas as noções de posicionamentos básicos para o futebol. Sempre termina a aula dando uma palestra aos alunos sobre algum tema importante, como alimentação, escola.

O entrevistado 1 acredita que, para ensinar, deve-se ter paciência, e diz que os garotos têm de ouvi-lo e vê-lo executar os movimentos específicos exigidos pelo jogo. E assim, ao ver e ouvir repetidas vezes e tentando copiar os movimentos mostrados, acabam aprendendo.

Quanto às atividades que mais utiliza para ensinar as crianças a jogar futebol são os exercícios de correção de postura – gesto técnico - e coordenação motora, utilizando materiais possíveis de serem encontrados em escolas, além disso lança mão de exercícios recreativos e exercícios específicos para a aprendizagem dos fundamentos.

Quanto à função das escolinhas, afirmar que não é tirar crianças das ruas. Seu objetivo centra-se no entretenimento, alcançando o seu objetivo ao destacar o aspecto social do aluno, através de jogos, interação com os pais e no prazer em estar com outros garotos de sua idade. Outro objetivo da escolinha é, quando aparecer algum talento, encaminhá-lo para as equipes profissionais, levando-se em conta um trabalho adequado.

Entrevista 1 – história de vida

O entrevistado 1 diz que sempre jogou futebol, pois se lembra que, desde 3 ou 4 anos, trocava a bola por qualquer diversão. Começou a jogar dando chutinhos e só jogava na rua.

Basicamente levanta três pontos que acredita tê-lo levado a aprender a jogar futebol: o pai que sempre o levava ao campo de futebol para assistir jogos, os amigos com os quais jogava futebol e a existência de mais campinhos para se jogar, sendo que na sua infância a vida era mais tranqüila e menos perigosa.

Na sua época de infância, reunia-se a garotada e, dependendo do número de crianças, era determinado o que seria realizado. Com um número razoável, dividiam-se em 2 equipes e jogavam o futebol; quando o número diminuía, realizavam brincadeiras como classe, rebatida, 2 na linha um no gol.

Acredita que aprendeu a jogar porque estava no meio de pessoas que jogavam bem futebol, até melhor que ele, mas graças à sua força de vontade, sua abnegação e uma coisa

muito individual superou-se. Diz ter aprendido sozinho, não tendo orientação nenhuma, ficava vendo os outros para daí tentar imitar. Afirma que se tivesse tido orientação teria se tornado um jogador muito melhor. Segundo o entrevistado, depois de 11 anos o jogador deve desenvolver muito os fundamentos, pois não dá para aprender a jogar futebol se não dominar os fundamentos.

Questionado quanto a como aprendeu a jogar futebol, o entrevistado 1 diz que não teve acompanhamento e orientação de ninguém, por isso nunca trabalhou os fundamentos. Só fazia brincadeiras de criança, mas que, para ele, não tinham nada a ver com o futebol.

O entrevistado 1 diz ainda que foi graças a estes espaço – a rua, os campinhos e as quadras da escola - que aprendeu a jogar, pois não existia escolinha em seu tempo. Nos campinhos e na rua se formavam os times e aconteciam os jogos. Nas quadras da escola tinha aquele professor que soltava a bola e sentava para ler o jornal, então só jogávamos também. Apesar disto tudo, acredita que faltou orientação para que pudesse se tornar um jogador melhor e que, portanto, o ideal seria misturar o “swing” da rua e dos campinhos, aliado a uma boa instrução dos professores das escolinhas para que os alunos progredissem no futebol, independente do fim deste aprendizado, ou seja se este garoto vai ser ou não jogador de futebol. E ainda diz que as escolas de futebol devem corrigir os alunos como as escolas formais.

Entrevistado 2

- Idade: 47 anos
- Infância no Paraná
- Especialização no futebol: Britânia (atual Paraná Clube) aos 12 anos
- Jogador profissional no: Pinheiros PR.
- Professor de Educação Física: Não
- Experiência profissional em escolinhas: 4 anos
-

Entrevista 2 – prática profissional

O entrevistado 2 diz que a idade ideal para a iniciação numa escolinha se dá por volta de seis anos, quase fazendo sete anos. Uma criança com menos de cinco anos não

conseguirá prender sua atenção apenas no futebol, segundo o nosso entrevistado 2, a criança está mais interessado em aprender outras coisas que não só jogar futebol.

Questionado quanto ao que tem levado as crianças a aprender jogar futebol, ele diz que são os pais, pois estes queriam ter se tornado jogadores, todavia não tendo conseguido, querem que seus filhos realizem este sonho por eles.

Suas aulas sempre se iniciam com alongamento e exercícios “calestênicos”, como: *“vinte vezes no joelho”, “vinte vezes no calcanhar”, polichinelo, na frente, em cima e alternado.* Depois trabalha-se a parte técnica, no exemplo citou exercícios para o desenvolvimento do domínio de bola e cabeceio, executando-os dois a dois, alterando a seqüência de movimentos em combinação com partes do corpo, como: peito, coxa e peito de pé. Com crianças menores o treino tem o mesmo objetivo, ganho de qualidade técnica, variando apenas o nível de cobrança e a execução de alguns exercícios. Sempre são estimulados igualmente os dois pés. Ao final, a aula termina com um coletivo ou um ração

Ao responder a questão sobre como ensina o futebol ao seus alunos o entrevistado 2 disse que para ensinar utiliza os treinos que aprendeu durante a sua carreira profissional. Porém, ressalta que o futebol é um dom, e para os alunos que possuem esse dom, ele tenta ensiná-los a colocar o corpo e a driblar.

Já as atividades que mais utiliza para ensinar o futebol são os treinamentos técnicos: dominar no pé, coxa e peito. Para ele ensinar o fundamento é essencial.

Quanto à função das escolinhas, o entrevistado 2 diz que esta pode ser vista como o começo para uma carreira como treinador profissional. As escolas dentro dos clubes servem para aumentar a freqüência dos associados. Quanto às outras – particulares - acredita que são apenas “comerciais”, ou seja, só visam o lucro. *“Ninguém pensa em fazer uma escolinha para revelar um atleta”.*

Entrevista 2 – história de vida

Sempre, desde pequenino, o entrevistado 2 gostava de jogar futebol. Não existia escolinhas na época de sua infância, e então jogava bola com os grandes. E quando ganhava uma bola passava o dia brincando com ela.

Questionado quanto ao que o motivou a jogar futebol, respondeu que acredita que o futebol está no seu “sangue”, porque nasceu numa família de desportistas, em que o avô era lutador e o tio jogador de futebol.

Teve uma infância muito rica e diversificada, com muita liberdade. Brincava com bola, nadava e corria, entre outras coisas. Gostava de brincadeiras emocionantes, pois não tinha medo.

O entrevistado 2 diz que não sabe como aprendeu a jogar bem futebol. Porém, tem certeza que ninguém lhe ensinou, por essa razão acha veio dele mesmo.

Diz ainda, que hoje as crianças chegam numa certa idade e param de brincar. Antigamente, nos campinhos, com 11, 12 anos brincava de esconde-esconde e de sete quedas com crianças maiores, mas sua brincadeira predileta era jogar futebol, para jogar parava tudo. Acredita que as crianças de antigamente eram mais ingênuas e sem maldades.

Todo dia, toda hora ele estava nos campinhos jogando bola, pois em qualquer terreno vago existia um campo. Perto de sua casa havia cinco campinhos, portanto sempre tinha espaço para se brincar. Mesmo quando sobravam apenas duas crianças não paravam de brincar, pois jogava-se um contra o outro.

Entrevistado 3

- Idade: 45 anos
- Infância no interior do estado de Santa Catarina
- Especialização no futebol: Guarani aos 18 anos
- Jogador profissional no: Guarani ...
- Professor de Educação Física: formado na PUCC
- Experiência profissional em escolinhas: 2 anos

Entrevista 3 – prática profissional

O entrevistado 3 afirma que a partir dos 4 anos de idade já é possível iniciar as crianças no futebol, mas desde que elas tenham vontade de aprender.

Acredita que as crianças procuram as escolinhas porque o futebol é uma paixão nacional muito divulgada pela mídia, destacando assim, alguns ídolos que motivam as crianças para aprender o futebol.

Suas aulas sempre são divididas em três partes: aquecimento, fundamentos e jogo. Sendo que a bola está presente em todas elas, servindo de motivação para os alunos. O jogo no final da aula tem por objetivo recrear e descontrair as crianças.

Para começar a ensinar seus alunos a jogar futebol faz uma avaliação inicial. Então, de acordo com a individualidade de cada um, intensifica o trabalho na carência do aluno, aquilo que este ainda deixa a desejar. Já para os que sabem jogar um pouco o trabalho centra-se no desenvolvimento dos fundamentos técnicos. E para os menores o trabalho é mais voltado para a coordenação motora

Em seu planejamento de aula, primeiro trabalha condução de bola, para a criança ter um primeiro contato com a bola, depois realiza passes curtos, para aumentar o contato com a bola, além de desenvolver noção de peso e de tempo. Outra atividade que realiza é ensinar a criança a fazer um drible curto em cima de um obstáculo.

Quanto ao objetivo das escolinhas de futebol, diz que não é criar jogadores e sim ensinar os princípios básicos do jogo, tendo uma grande preocupação em desenvolver a coordenação e a socialização das crianças, não se esquecendo do intelecto, enfim, promovendo a saúde. Diz ainda que se aparecer alguns talento este seguirá o seu caminho.

Entrevista 3 – história de vida

O entrevistado 3 diz que sempre jogou futebol de rua, “pelada”, não passando por categorias amadoras como infantil, juvenil e juniores. Da sua infância até sua juventude jogava apenas futebol de rua.

Como toda criança, adorava o futebol. Quando pequeno sempre pedia uma bola de natal. Onde tinha qualquer espaço livre, que podia ser na rua, no colégio ou num campinho, lá estava ele e os amigos jogando futebol, portanto acredita que isto tudo o levou a aprender a jogar futebol.

O entrevistado 3 salientou ainda ter tido uma ótima infância, muito melhor que das crianças de hoje. Por ter passado sua infância numa cidade pequena, tinha muita liberdade, servindo-se dela para brincar e se divertir nas praias, rios, matos e campos.

Questionado a respeito de como aprendeu a jogar futebol, revelou que sempre foi muito dedicado, e afirmou que foi graças a sua força de vontade que aprendeu a jogar, procurando a todo momento corrigir os seus defeitos. Mas acredita, fazendo questão de

ressaltar, que boa parte de sua habilidade é inata, proveniente de Deus. Portanto, Deus lhe deu o Dom e ele soube lapidá-lo.

Quanto as brincadeira que ele achou importante para o seu aprendizado no futebol foram: brincadeiras de pega-pega e outras de corridas, caça, pesca e nos campinhos jogava muito futebol com traves pequenas, rebatida e bobinho.

O entrevistado 3 afirma que os campinhos foram muito importantes no seu aprendizado, pois ofereciam um espaço, para ele fundamental, onde se criavam muitas brincadeiras que não necessariamente voltadas para o futebol. Diz ainda ser muito importante possibilitar este espaço para que as crianças possam criar, inventar jogos, pois garotada de hoje não tem o mesmo privilégio que ele teve na sua infância.

Entrevistado 4

- Idade: 35 anos
- Infância no interior do estado do Mato Grosso do Sul
- Especialização no futebol: Ponte Preta aos 15 anos
- Jogador profissional na: Ponte Preta
- Professor de Educação Física: Não
- Experiência profissional em escolinhas: 2 anos
-

Entrevistador 4 – Prática profissional

O entrevistado 4 afirma que a partir dos 5 anos os pais já podem colocar, sem problemas, os seus filhos nas escolinhas. Porque a partir dessa idade as crianças, que já gostam do futebol, começam a ter um mínimo de coordenação e assim já conseguem correr com a bola.

Quanto ao que vem motivando as crianças a aprender futebol, nosso entrevistado 4 acredita que o futebol é uma paixão e sendo assim, a maioria das crianças nascem e já ganham uma bola. Mas, dentro das cidades, as crianças não tem espaço para brincar, então os pais procuram as escolinhas para garantir o lazer de seus filhos.

Sua aula se inicia sempre com um aquecimento seguido de alongamento. Depois começa um trabalho de velocidade e condução de bola, para daí entrar na parte dos

fundamentos técnicos, onde ensina como dominar e chutar corretamente uma bola; na seqüência realiza um chute a gol, que pode durar até o final da aula ou então termina a aula com um joguinho. Portanto sua aula pode ter duas ou três partes: aquecimento e alongamento, trabalho técnico e finalização, ou essas duas partes acrescida de um jogo no final. Vale ressaltar que, quando a aula tem apenas duas partes, a próxima é inteira destinada ao jogo.

Mas o entrevistado 4 diz ser impossível ensinar futebol, pois futebol é um dom, que uns têm outros não. O que faz nas aulas é apenas dar dicas e tentar passar para seus alunos os macetes que aprendeu durante a sua carreira profissional. Para confirmar, diz ainda que as crianças de hoje estão aprendendo a jogar nas escolinhas, pois não existe mais espaço para poderem brincar, e nestas escolinhas estão aprendendo com ex jogadores, que são as pessoas mais indicadas para orientar os iniciantes, pois esses passam tudo aquilo que aprenderam durante as suas carreiras profissionais. Mas no final faz uma ressalva, dizendo que em cidades do litoral ou do nordeste, as crianças tem a possibilidade de ficar o tempo todo jogando bola, nas praias ou nos campinhos, então estas evoluem mais e assim serão mais habilidosas que os seus alunos na escolinha.

As atividades que mais utiliza para ensinar seus alunos são as mesmas de outras escolinhas, que é chutar a gol, aprendendo assim a como bater na bola, fazer passes curtos e domínio um de frente com o outro. Insiste muito no aprimoramento da técnica e principalmente, dá muita ênfase para o chute, dizendo ser este o que oportuniza o grande momento do jogo: o gol.

O entrevistado 4 diz que a função das escolinhas é tirar um pouco as crianças de frente da TV, do computador e do video-game, proporcionando a elas uma hora de esportes, coisa que segundo ele é excelente para a saúde. Além disso, as escolinhas possibilitam uma possível carreira profissional dentro do futebol no futuro. Antes de finalizar faz uma ressalva dizendo que gostaria de ter tido uma escolinha de futebol na sua infância, pois então poderia ter se tornado um jogador melhor. Pois o que ele não tem nas peladas, é a teoria que se aprende com os ex-jogadores. Enfim, diz que as escolinhas representam uma segurança que os pais podem oferecer aos seus filhos nos dias de hoje.

Entrevistado 4 – história de vida

O entrevistado 4 começou a jogar futebol cedo, com 5 anos já jogava “peladas” na sua cidade natal.

O que o fez aprender a jogar futebol foi o grande incentivo de seu pai. O entrevistado diz ainda que desde os seus 8 anos que o pai já havia determinado um objetivo para a sua vida: ser jogador de futebol, e se isso não se realizasse seria hoje um frustrado.

O entrevistado 4 afirma que seu lazer era jogar futebol, apesar de ter afazeres impostos pelo pai, sempre que podia, independente do clima, das condições do campo ou da bola, estava lá ele jogando futebol. Sempre jogava bola com os amigos num campinho e não via a hora de chegar domingo para poder jogar contra outros times. Enfim, sua infância se resumiu em correr atrás de uma bola.

Questionado a respeito de como aprendeu a jogar disse não saber com precisão, mas acredita que foi graças a sua força de vontade, correndo sempre atrás de uma bola com a molecada e o incentivo de seu pai. Nunca teve um professor e por isso diz ter aprendido tudo sozinho, fazendo embaixadas, brincando de domínio com os amigos e brincando de rebatida, brincadeira esta que diz ser completa, pois ensina tanto a ser goleiro quanto driblar, marcar, passar e chutar. Então acredita que foi assim que aprendeu a jogar, brincando livremente com seus amigos e tentando imitar os mais velhos.

Dentre as várias brincadeiras relacionadas com o futebol que realizava na sua infância, aponta o “pic-salva” como a grande responsável pela sua velocidade e agilidade. Outras brincadeiras importantes para treinar e melhorar as suas habilidades foram: ver quem fazia mais embaixadas com a bola (brincadeira que faziam durante horas) e a rebatida.

Os campinhos de várzea tiveram uma função primordial para o entrevistado 4, pois não existia escolinhas, então diz ter aprendido tudo de futebol jogando nesses locais até os 15 anos. Disse ainda que a maioria dos craques de sua época aprenderam a jogar neste campinhos, pois, antes das décadas de 80 e 90, as ruas e os campos de várzea eram os locais para o aprendizado do futebol.

Entrevistado 5

- Idade: 34 anos
- Infância no interior do estado do Paraná
- Especialização no futebol: Guarani aos 15 anos
- Jogador profissional no: Santos, CRB, Ituano, São José...
- Professor de Educação Física: formado na PUCC
- Experiência profissional em escolinhas: 8 anos
-

Entrevistado 5 – prática profissional

O entrevistado 5 acredita que seis anos é a idade ideal para se iniciar em uma escolinha, mas para se recrear, pois, para aprender realmente, só é possível por volta dos 9, 10 anos.

Para ele as crianças procuram as escolinhas, se não por indicação médica, devido a forte influência da mídia e dos ídolos criados pelo futebol, fazendo com que as crianças tentem imitá-los.

A sua aula começa com um aquecimento, onde ele faz uma brincadeira, depois uma sessão de alongamentos, antes de entrar na parte mais específica que é o trabalho com os fundamentos técnicos. No finalzinho da aula tem um joguinho com características lúdicas. O entrevistado 5 acredita que para se ensinar futebol deve-se sempre procurar motivar os alunos, valorizando muito os seus pontos positivos, para só depois começar a focar os negativos, mas sempre deixando o aluno a vontade para ter direito de escolha. Depois dos 12 anos começa a cobrar mais dos alunos, que o obedecem graças a uma educação esportiva estabelecida em meio ao processo. Ainda, o entrevistado 5, destaca que o professor deve ter uma grande empatia pelos alunos, brincando, ensinando os fundamentos e incentivando-os quando erram, assim as crianças avançam.

Para ensinar as crianças a jogar, utiliza nas aulas os cones para explorar a lateralidade. Preocupa-se também com a explosão no momento da condução de bola, para que esta fique sempre perto dos pés. E outra atividade que utiliza para ensinar o futebol é o zigue zague entre os cones conduzindo a bola, estimulando o aluno a não ficar olhando só para a bola.

Antes de mais nada, o entrevistado 5 diz que a função das escolinhas é contribuir para o combate às drogas, pois ele diz que os professores devem ser como pais para seus alunos, conversando e alertando contra os problemas causados pelas drogas. Outra função das escolinhas diz respeito a socialização das crianças, tirando elas da frente da TV, do video game e do computador. Finalizando, fala que escolinha de futebol tem várias funções, não é só ensinar futebol, tem muita coisa psicológica e filosófica para se ensinar às crianças, por exemplo: convivência, compartilhar, como ganhar, como perder, como cair, como levantar, como chorar, como sorrir. Enfim, partindo do global deve-se ensinar um pouquinho de tudo e não apenas os fundamentos do futebol.

Entrevistado 5 – História de vida

O entrevistado 5 começou a brincar de futebol com uns seis anos no terreiro de café, na fazenda onde morava.

Começou a gostar mais de jogar futebol devido a influência exercida pelos primos maiores, pois eles tinham um time de futebol amador que sempre jogava nos finais de semana.

Depois da escola pela manhã passava a tarde jogando futebol nos campinhos, onde não tinha medo de nada e jogava sem compromisso. Nos finais de semana ia ver os tios e primos jogarem futebol. Tem muita saudades dessa época, para ele muito saudável.

Questionado sobre como aprendeu a jogar, o entrevistado 5 diz ter aprendido a jogar observando os outros jogadores, em especial os seus ídolos no futebol, e depois tentava imitar o que eles faziam.

As brincadeiras que o entrevistado 5 achou importante para o seu aprendizado no futebol, foram: o pega-pega, que fazia à noite com os amigos, e o jogo “cada um por si”, onde ficava um no gol e os outros na linha disputando para ver quem marcava o gol para tirar o outro.

O entrevistado 5 acredita que nos campinhos você não tinha a cobrança para jogar bem, como hoje se tem nas escolas de futebol particulares. Então, sem essa responsabilidade a mais, ele pôde aprender com mais tranquilidade. Outro ponto que destacou foi a possibilidade que os campinhos lhe proporcionou foi de aprender a lidar com

seu lado psicológico, conseguindo controlar a sua agressividade e não se irritar com a provocação dos outros, fato comum nos campinhos de antigamente.

Entrevistado 6

- Idade: 41 anos
- Infância no interior do Estado de São Paulo
- Especialização no futebol: Guarani aos 14 anos
- Jogador profissional na: Ponte Preta
- Professor de Educação Física: Não
- Experiência profissional em escolinhas: 6 anos

Entrevista 6 – prática profissional

O entrevistado 6 diz que a partir dos 7 anos é a idade ideal para as crianças começarem a iniciação numa escolinha de futebol. Antes disso elas não tem capacidade para assimilar o aprendizado técnico do futebol.

Mas não são tanto as crianças que estão procurando as escolinhas, e sim os pais que, interessados no desenvolvimento físico e social dos seus filhos, levam-nos para frequentar as aulas.

Ao descrever a sua aula diz que a divide em três partes: aquecimento, trabalho técnico e jogo. Começa com um alongamento e completa o aquecimento com corridas e exercícios de coordenação. A segunda parte é com bola, em que é trabalhado os fundamentos técnicos do jogo, sendo considerada pelo entrevistado 6 a parte mais importante da aula; A aula termina com um joguinho entre duas equipes escolhidas, assumindo características lúdicas.

Questionado sobre como ensina seus alunos, o entrevistado 6 diz que futebol não se ensina. Ele apenas pode dar algumas dicas para que o aluno possa ter alguma noção a respeito do jogo, ou fazer um trabalho técnico, em que o aluno aprenderá a executar o movimento corretamente. Mas, para aprender mesmo a jogar, o aluno tem que ter o dom.

Em sua aula, ensina o passe fazendo o aluno chutar a bola muitas vezes na parede, tanto com o pé direito quanto com o esquerdo. Diz ser a convivência em grupo outro

fundamento que precisa ser muito trabalhado, para que os alunos respeitem os seus companheiros e os adversários; O chute trabalha da seguinte maneira: um aluno faz zigue-zague entre os cones e passa a bola para outro, que está parado esperando a bola para ajeitá-la, enquanto isso o entrevistado 6 fica orientando a maneira correta de posicionar o corpo, bater na bola e olhar para o goleiro.

Questionado quanto à função da escolinha de futebol, afirmou que seu papel é ensinar uma educação futebolística, que para o entrevistado se refere a ensinar aos alunos o respeito esportivo e o companheirismo, vícios estes que muitas vezes vem de casa. Portanto, nisto se resume a função das escolas de futebol, porque ensinar futebol é muito difícil, segundo o entrevistado 6.

Entrevistado 6 – história de vida

O entrevistado 6 começou a brincar de futebol nas ruas, correndo atrás de uma bola desde os 9 anos, mas sem nem pensar em ser jogador de futebol.

Porém, por assistir muitos jogos começou realmente a se interessar pelo futebol, indo jogar no time do seu clube, onde teve orientação de um treinador que o ajudou a ter uma noção melhor do jogo, coisa que não tinha nas ruas.

Mas, apesar de ressaltar que passava todas as tardes jogando futebol com os amigos nos campinhos, mesmo assim, o futebol tinha uma importância secundária em sua infância, sendo os estudos a coisa mais importante.. Tempo que deixou saudades na memória do entrevistado.

Questionado sobre como aprendeu a jogar, o entrevistado 6 afirma ter aprendido a jogar futebol no clube com auxílio de um treinador. Mas disse que antes de chegar ao clube, tamanho era o seu interesse pelo futebol, que assistia aos jogos pela TV, prestando muita atenção nos jogadores para depois tentar imitá-los.

Para treinar brincava exaustivamente de rebatida, uma brincadeira que desenvolvia muito o chute além de outras habilidades para o jogo, salientando que esta brincadeira foi muito importante na iniciação. Outra brincadeira que realizava muito era o bobinho, onde podia aprimorar o passe.

Portanto, acredita que os campinhos de várzea e a rua foram os responsáveis pelo início de todo o seu aprendizado. Afirmando ser nesses campinhos que aprendeu a jogar futebol. Sendo que sem eles não poderia se interessar pelo jogo, pois não teria onde praticá-lo.

Entrevistado 7

- Idade: 46 anos
- Infância no interior do Estado de São Paulo
- Especialização no futebol: Corinthians aos 14 anos
- Jogador profissional no: Corinthians
- Professor de Educação Física: Não
- Experiência profissional em escolinhas: 6 anos

Entrevistado 7 – prática profissional

O entrevistado 7 acredita que a idade ideal para se começar um trabalho nas escolinhas de futebol deva ser por volta dos 5 ou 6 anos, pois as crianças nesta idade já demonstram vontade para jogar futebol.

Diz ainda que as crianças estão procurando as escolinhas, na maioria das vezes, por vontade dos pais, pois estes querem que seus filhos sejam jogadores. Mas também destacou a influência da mídia e dos ídolos, famosos jogadores.

Quanto a sua aula, essa sempre se inicia com duas voltas no campo society, depois, na seqüência, vem o alongamento, para daí iniciar um trabalho com os fundamentos técnicos para o jogo, o entrevistado 7 ressalta que esta é a parte mais importante da aula. Finaliza sempre com um joguinho de 20 minutos, sendo que a aula toda tem duração de 1 hora e frequência de 2 vezes na semana.

Ao ser questionado a respeito de como ensina as crianças, diz que não foi da maneira com que aprendeu a jogar, pois diz ter aprendido na rua. Apesar disto afirma que futebol é um dom, sendo assim, têm crianças que já sabem jogar, então ele só tem o trabalho de mostrar como elas devem executar corretamente os fundamentos, como: passe e chute. Mas as suas crianças que não tem o dom, também puderam aprender um pouco.

Enfim, o entrevistado 7, diz que procura, nas aulas, passar para os alunos tudo aquilo que aprendeu na sua carreira profissional.

As três atividades que mais utiliza para ensinar as crianças são: balãozinho, para que as crianças aprendam a controlar a bola; o chute a gol para eles aprenderem a bater corretamente na bola e o passe em duplas, um de frente para o outro realizando passes curtos e depois longos.

Quanto à função das escolinhas, o entrevistado 7 diz que é educacional, mas no fundinho, também tem o objetivo de levar as crianças a se tornarem jogadores de futebol.

Entrevistado 7 – história de vida

O entrevistado 7 diz ter começado a jogar futebol com 5 ou 6 anos na rua, pois não havia escolinhas nessa época.

O que lhe motivou a jogar futebol foi a paixão que envolve o futebol, então começou a brincar com a molecada na rua de jogar futebol.

Na sua infância a brincadeira que mais gostava de fazer era jogar futebol. Toda a tarde, os amigos iam passando de casa em casa chamando o pessoal para jogar futebol. Era só jogo, não tinha parte técnica nem física.

O entrevistado 7 disse que é difícil falar como aprendeu a jogar futebol, porque diz ele: *“você começa a jogar e quando vi estava me destacando dos outros”*. Portanto, acredita que para jogar futebol tem que se ter um dom, mas apesar disso o que determina mesmo é a dedicação e a força de vontade. Finaliza dizendo que aprendeu a jogar futebol através de um processo natural, ou seja, sozinho e na rua.

A brincadeira que o entrevistado 7 realizava na sua infância, que foi importante para o seu aprendizado no futebol foi o “salva”, uma brincadeira de rua, variação de pega-pega, que segundo ele, proporcionou-lhe muita agilidade e velocidade, o que incorporado ao futebol ajudou muito.

Quanto aos campinhos de várzea e a rua, diz que foram tão importante para o seu aprendizado que se eles não existissem, talvez não teria sido um jogador de futebol. E o mesmo, ressalta, vale todos os jogadores da sua geração. O entrevistado 7 fez ainda questão de destacar que os campinhos e a brincadeira “salva” foram as grandes responsáveis pela

sua velocidade e agilidade, características estas que o promoveram no futebol profissional. E ainda, finalizou: *“eu acredito que os jogadores formados como eu tinham muito mais habilidade para jogar que os de hoje em dia, pois os craques terão que sair das escolinhas que é a rua de antigamente”*.

Entrevistado 8

- Idade: 32 anos
- Infância no interior do Estado de São Paulo
- Especialização no futebol: Palmeiras aos 16 anos
- Jogador profissional no: São José, Ituano...
- Professor de Educação Física: Formado na faculdade de Taubaté - SP
- Experiência profissional em escolinhas: 6 anos

Entrevista 8 – prática profissional

O entrevistado 8 acredita que crianças com 4 ou 5 anos já podem iniciar no futebol, desde que sem cobranças dos pais e com características livres e recreativas, pois as crianças com essa idade não conseguem absorver o conteúdo. Então o ideal para se iniciar o aprendizado mais específico do futebol, as crianças devem ter por volta de 8 anos.

O que tem motivado as crianças para procurarem as escolinhas são: a copa do mundo, a televisão, os artigos esportivos chamativos e bonitos e o destaque que os jogadores conseguem, devido a grande divulgação que envolve o mundo do futebol.

Sua aula é dividida em três partes: um aquecimento e alongamento, em que as crianças fazem os exercícios básicos de aquecimento, isto dura uns 12 minutos; na sequência, com a duração de 25 minutos, é realizado o treinamento técnico, momento em que são trabalhados os fundamentos de passe, chute, condução e domínio. A aula termina sempre com um joguinho, que pode ser com dois toques ou com alguma adaptação nas suas regras.

Para ensinar futebol, o entrevistado 8 procura começar pela parte técnica, permitindo assim que as crianças tenham um contato maior com a bola. Primeiro começa com passes curtos em duplas, explorando o uso dos dois pés alternadamente e o domínio.

Portanto, diz que pode apenas ensinar a melhorar e aperfeiçoar os fundamentos, passando-lhes o que aprendeu na sua carreira profissional, porque ensinar mesmo a jogar futebol, depende muito de uma situação particular de aula, onde ele pára o jogo e procura mostrar o que a criança poderia fazer.

O entrevistado 8 utiliza muito as atividades e duplas, fazendo os alunos realizarem passes curtos inicialmente, para depois ir aumentando as distâncias. Outra atividade muito utilizada é a finalização fazendo zigue-zague entre os cones. Ele utiliza ainda uma atividade que se resume num pequeno jogo sem gol, que em determinado momento, ao seu apito, as crianças abandonam o pequeno campo partindo em direção de um goleiro que está defendendo o gol.

Quando questionado a respeito da função das escolinhas de futebol, o entrevistado 8 afirmou que deveria se resumir na parte educacional e para preencher o tempo livre das crianças. Mas fez questão de salientar que existem escolinhas que visam profissionalizar os garotos, dando ênfase para uma carreira que ele possa vir a ter.

Entrevistado 8 – história de vida

Devido ao pai jogar futebol, o entrevistado 8 diz que foi criado à beira de um campo de futebol, por isso ganhou a sua primeira bola com 3 ou 4 anos e, a partir daí, sempre jogou futebol.

Questionado a respeito do que o levou a jogar futebol, foi categórico em afirmar a decisiva influência de seu pai, que era goleiro.

Na sua infância acordava cedo e, depois de despertar assistindo um pouco de TV, saía de bicicleta para a rua, onde passava as manhãs jogando futebol e brincando de queimada. A tarde ia para escola, mas à noite a sua turma se reunia na rua para continuar a jogar e brincar.

Portanto, diz que aprendeu a jogar na rua, graças à sua perseverança e dedicação, pois jogava muito futebol, assistia muito futebol pela TV e conversava sobre futebol com seu pai.

As brincadeiras, que para o entrevistado 8 foram importante para o seu aprendizado, são: o “tenteio”, jogo realizado por três jogadores que dominavam a bola para depois chutar

no gol; o bobinho que, apesar de não gostar muito, brincava bastante; e o rachinha, que acontecia nas ruas, com o lateral sendo cobrado quando a bola subia à calçada. O entrevistado 8 ressaltou que, apesar de ter sido goleiro, foi nesses rachinhas que desenvolveu todas as suas habilidades para o futebol.

Portanto, atribui à rua e aos campinhos todo o seu sucesso, porque estes eram espaços destinados ao seu lazer e diversão e, então, foram os locais que possibilitaram o seu aprendizado sobre o futebol, e disse ainda que todos os craques da sua época saíram também da rua, pois: *“O campinho era o nosso Maracanã, um espaço onde a gente colocava dois tijolos ou dois chinelos e jogávamos futebol”*.

ANEXO II

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Entrevista 1

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 1 Idade ideal para começar a jogar futebol

Sua prática profissional:

Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?

Idade é uma coisa que, pela experiência que nos temos em escolinhas, é muito relativa, porque pode aparecer garotos com 5 ou 6 anos que já apresentam uma coordenação motora um pouco mais madura, como pode aparecer garotos com 7 ou 8 anos que ficou muito preso, muito agarrado em casa, então tem aquele problema de não ter corrido, de não ter uma parte social com os outros garotos. Então eu gostaria de colocar uma média entre 5 e 7 anos, mas desde que o garoto passasse por uma experiência na própria escola de uns trinta dias, para saber se realmente ele tem condições de receber um ensinamento.

Sua história de vida:

Com que idade você começou a jogar futebol ?

Eu sempre joguei futebol, minha paixão sempre foi o futebol, eu me lembro que desde os meus 3 e 4 anos sempre pedia bola, bola... para jogar. Eu trocava bola por qualquer diversão, comecei a jogar dando aqueles chutinhos e cheguei na Ponte Preta com 11 anos, um pouco assustado porque até então só jogava na rua com os amigos, eu não tinha preparação nenhuma, que hoje tem nas escolas. Então cheguei para fazer uma peneira, coisa que acho de deve ser abolida, pois é muito ingrata, às vezes o garoto não dormiu a noite devido a ansiedade e por isso não conseguiu mostrar todo o seu potencial e daí não passa. Ainda bem que não tinha nenhum outro garoto que jogasse como eu naquele dia, então passei, e fui fazer parte de uma equipe de competição fortíssima.

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 2 A motivação para aprender futebol

Sua prática profissional:

O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas de futebol?

Primeiro o futebol é o esporte mais divulgado aqui no Brasil, talvez até no mundo, mas eu acho que mais pela própria mídia, Ronaldinho, e ficam todos com aquela idéia que todos terão o mesmo sucesso. Ou talvez pelo pai que não teve realmente o sucesso que queria ter tido, jogando toda esta responsabilidade para filho. Poucos garotos estão nas escolinhas por recreação, todos, pelo menos na faixa etária entre 10 e 15 anos, tem como objetivo pelo menos tentar ser uma atleta de futebol. Esta é uma imagem onde eles (os garotos) não buscam a escola de futebol como parte recreativa, como ocupação.

Sua história de vida:

O que fez você aprender a jogar futebol?

A gente não tinha muita diversão, era carrinho de rolemã, bicicleta, na minha época não tinha vídeo-game e essas coisas, se tivesse até acho que não iria gostar. Então era aquele negócio de subir na árvore... aquelas coisas todas, uma coisa mais natural. E o futebol foi levado pelos amigos, pelo meu pai. Então quer dizer você tinha mais campos, mais espaço, menos perigos, era mais tranquilo. Acho que foi uma coisa natural, desde criancinha ganhava bola, gostava de jogar futebol, gostava de assistir futebol. Então ia para o campo com os amigos, lógico que você tem influência daqueles amigos mais velhos. Acho que tive estas influências, tanto da minha família, especialmente do meu pai, por exemplo quando a Ponte Preta jogava em Campinas, não tinha um Domingo que ele não me levava, e isto foi me influenciando, então você sai de um jogo de futebol com toda aquela emoção, daí você vem encontra os amigos e vai jogar. Resumindo foi meu pai, meu amigos, ser uma época mais tranquila não tendo tantos perigos e os campinhos que tinham perto da minha casa. Eu morava a cinquenta metros de um campinho onde passei toda a minha infância, só sai de lá para ir à escola, quanto acabava a aula eu voltava para o campo.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 1 O processo de ensino-aprendizagem do futebol

Sua prática profissional:

Descreva uma aula sua.

Aqui na escolinha nós trabalhamos com várias categorias, divididas por faixas etárias. Com garotos de 5,6 e 7 anos nós temos uma metodologia, e conforme os garotos vão crescendo e

passando de categorias, esta metodologia vai mudando, tanto no começo, como no meio e no fim; a intensidade, a forma de cobrança elas mudam. Então, se eu for fazer um aquecimento com garotos de 5, 6 e 7 anos será um aquecimento diferente de um garoto de 13 e 14 anos, quer, dizer farei um aquecimento mais recreativo com os menores e com os outros (12, 13 e 14 anos) um aquecimento mais voltado para os fundamentos e até entrando um pouquinho na questão física, ou seja algumas noções da parte física. Por exemplo: um aluno pergunta por que nós corremos ou por que nós fazemos este trabalho de mudança de direção, então nós procuramos explicar para este garoto/atleta, que já está questionando, os motivos. Às vezes eles perguntam por que os menores fazem uma brincadeira de pega e nós não, então eu explico que não é que vocês não possam fazer uma brincadeira de pega, mas é que o tempo na escolinha é muito escasso (nós fazemos 1 hora de 30 minutos de aula) para passar tudo o que queremos. Mas, para responder mais diretamente sua pergunta vou escolher uma faixa de idade que eu tenho certeza que já dá para você trabalhar, não que a escola de futebol esteja aí para formar jogadores, mas para você ter uma idéia. Vou pegar a faixa de 11 e 15 anos, mas logicamente subdivididos; se você tem um grupo de 50 garotos você pode subdividi-lo em 11/12 e 13 e 14 15 anos no mesmo grupo mas com trabalhos distintos. Eu faria um aquecimento, um aquecimento já com fundamentos, com bolinha de borracha, de tênis usando bastante os fundamentos, depois uma noção de alongamento bem superficial, também posso incluir uma parte recreativa para a aula poder começar, ou melhor o treino poder começar, mas basicamente um trabalho com bolinha de borracha e de tênis, podendo ser um trabalho de fundamento mais visando o futebol como chutes, noções de chutes, noções de cruzamento, para garotos de 11 à 15 anos. Passando esta parte do aquecimento, o trabalho mais visando os fundamentos do futebol, todos os dias aqui na escolinha nós fazemos um trabalho de jogo, nós deixamos os garotos jogarem, sentirem como é o jogo e também dando noções de posicionamento, mas não da posição especificamente, mas dos setores, por exemplo: defesa, não especificamente o lateral, o zagueiro mas sim defesa, meio campo e ataque. Na 1ª aula da semana um jogador que jogou na defesa, se na próxima aula ele quiser jogar no ataque tem toda a liberdade de mudar para ir conhecendo, inclusive nós fazemos isto para que o garoto não fique jogando só em uma posição, até que ele por livre e espontânea vontade ele descubra a sua posição. Depois destas três partes, que é o aquecimento, o trabalho mais voltado para os fundamentos e o

jogo aí nós voltamos a calma, fazendo uma movimentação leve e na seqüência eu, todos os dias, falo alguma coisa, dou uma palestra sobre alimentação, como está na escola, a gente bate este papo de professor, de amigo, eu acho que o meu sucesso depende muito disso. Só para completar, se o trabalho for com garotos de 5, 6 e 7 anos seria a mesma coisa, com um pouquinho a mais de recreativo, um pouquinho menos de cobrança, então eu só faço uma coisa eu diminuo a intensidade. O garoto de 13 e 14 anos tem uma carga de trabalho diferente daquele (menores), só que aqueles farão a mesma coisa, dentro da suas limitações de sua idade.

Sua história de vida:

Como eram os dias de sua infância ? O que você fazia?

Vamos jogar, quantos tem, 10, 15, 20, 10 de cada lado, 5 de cada lado. Se não tivesse todos este número, tivesse, por exemplo, só 4, a gente brincava de classe, ficava dois e um goleiro..., brincávamos do jogos da infância como rebatida, se acertasse a trave valia 3 gols, se o goleiro rebatesse valia 2, ai sai dois contra um, tinha até uma brincadeira com um nome estranho que eu não vou falar aqui. Mas era brincadeira mesmo. Volto a falar, você está crescendo e pode estar cabeceando errado, eu carrego isto comigo que só não fui um jogador melhor porque eu não dominava alguns fundamentos.(apesar de dominá-los mais que a média)

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 2 A metodologia: como fazer para ensinar futebol (pergunta 4)

Sua prática profissional:

Como você ensina as crianças a jogar futebol?

Dependendo da idade você tem que ter muita paciência, você deve passar para o garoto, ele deve ouvir e ver você fazendo os movimentos. Acredito se o garoto ver e ouvir. Por exemplo eu vou fazer o movimento de cabeceio, então vou explicar para o garoto, e se ele fizer errado, vou tentar reexplicar para ele que o movimento de cabeceio é normalmente feito de boca fechada, com os olhos abertos. Se durante a minha aula ele continuar executando errado eu vou deixar, mas na próxima aula ele vai ouvir novamente eu falar que o cabeceio dele esta errado. Então dentro deste processo de ouvir e ver, ele executa o

movimento. Por exemplo vamos fazer somente um chute ao gol, não usando somente a perna boa e sim usando as duas independente da dificuldade, você deve passar para o garoto, até mesmo para mostrar que ele tem dificuldades, e dentro disso você elaborar o plano de aula para que ele não fique chateado.

Sua história de vida:

Como você aprendeu a jogar bem futebol?

Bom, primeiro eu acho que esta pergunta é inteligente, é muito boa, principalmente eu que trabalho hoje com o futebol, que fui criança e jogador profissional. Vou tentar explicar do jeito que estou pensando aqui, eu joguei futebol de alto rendimento, mas eu acho que se tivesse uma orientação, que mesmo eu estando na Ponte Preta com 11, 12 anos me aperfeiçoando, especializando-me, se tivesse nesta época tido professores, técnicos e até diretores, etc, ou seja tudo que um departamento de futebol deveria ter, incentivando-me, corrigindo os meus erros eu teria sido muito melhor profissional. Então eu tenho certeza que aprendi a jogar futebol porque estava no meio de pessoas capacitadas, que achava que jogavam melhor do que eu na época, mas aprendi a jogar muito com minha força de vontade, muita abnegação, muito de uma coisa muito minha, individual. Eu tive pouca ajuda, pouca orientação, tive muita cobrança para resultados e pouca cobrança para aperfeiçoar os fundamentos, por exemplo cabecear, sei tudo de cabeceio, mas porque tive orientação, mas eu não sei driblar, eu não sei por uma bola no peito, dominar e partir em cima de um zagueiro, não tive esta orientação. Por que eu sei cabecear? Porque eu ficava depois do treinamentos vendo o Oscar, Polozzi, e eles me chamavam para fazer um pouquinho de cabeceio com eles. Então, mesmo eles não sendo professores, nem preparadores físicos, eu estava vendo participando. Agora eu fui para Ponte com 11 e 12 anos para ser cobrado resultado, eles queriam a vitória, não que eu progredisse na profissão. Com 12 anos eu tinha que ganhar do Palmeiras, senão era mandado embora, só interessava ser campeão. Com 18 anos no juniores eu não conseguia fazer mais de 20 casquinhas com uma bola de borracha . Eu acho que aprendi a jogar futebol porque tinha muita força de vontade, fui um abnegado, fiz tudo sozinho da parte técnica, treinei sozinho. Eu vendo queria fazer, não tive orientação, se tivesse teria sido no mínimo 40% melhor do que fui. Tecnicamente falando eu acredito que o jogador ele tem que, quando atinge a idade de 11 e

12 anos, trabalhar essencialmente os fundamentos, porque jogar, ele vai ter tempo de jogar. Agora não adianta eu jogar e não saber os fundamentos, por exemplo um goleiro, ele vai jogar mas não sabe sair do gol, não sabe cair. Então tenho certeza pelos meus 10 anos de experiência com escolinha, o fundamental para se aprender a jogar futebol, além do jogo, são os fundamentos.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 3 O que fazer (exemplos) para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Cite três ou mais atividades que você utiliza nas suas aulas para ensinar as crianças.

Exercícios que exigem que o garoto corrija sua postura para realizar os fundamentos; trabalhos com coordenação motora, como carregar a bola com a mão esquerda quem é destro; usamos vários materiais como cordas, bolas; não sei se estou te respondendo a pergunta, mas procuramos usar todos os materiais possíveis em uma escola; procuramos corrigir postura na corrida, muitos garotos correm com postura errada, com os calcanhares em vez das pontas dos pés. Então a gente procura dentro disso daí, não só com o futebol, mas também corrigir uma postura, coordenação motora, tem garoto que não sabe nem fazer um polichinelo. Portanto, nos procuramos por tanto a parte recreativa como a informativa e a parte do próprio fundamento. Eu acho que deve, inclusive converso com quem for, que escola de futebol tem que ensinar fundamentos, senão não tem sentido.

Sua história de vida:

Quais as brincadeiras que você fazia na sua infância que foram importantes para aprender ou melhorar as suas habilidades no futebol?

Nada, não tinha um acompanhamento, eu fazia aquelas brincadeiras de criança, mas que não tinham nada a ver com a prática do futebol, mesmo na Ponte com 11 e 12 anos eu nunca trabalhei fundamento. Eu só fui fazer trabalho de fundamento com 15 anos. Quando cheguei na Ponte nem posição eu sabia direito qual era a minha, escolhi a que estava sobrando. Então eu não fiz nada que alguém pudesse falar, bem no máximo ficava chutando um para o outro, só vale de cabeça, agora só vale com o pé esquerdo, não vale marcar gol, sabe estas coisas muito raramente.

Categoria 3: A função das escolas de futebol

Sua prática profissional:

Qual é a função das escolinhas de futebol?

Vou responder baseado no objetivo da minha escolinha, onde não partilho da idéia de usá-la para tirar criança da rua, pois para isto preciso da participação do governo. Quero enchê-la com muitos alunos, atletas, mas o objetivo principal da minha escolinha é entretenimento. O garoto ele está fazendo o que gosta, dentro da possibilidade de não poder ficar mais na rua, pois a mãe tem medo. Ele participa de viagens, joga campeonatos, na minha escola o aluno não joga só futebol, ele tem a possibilidade de ir ao playcenter, ao shopping, andar no taquaral. Então o objetivo principal a parte social, entretenimento, jogos, interação dos pais, prazer de estar no meio de pessoas da sua idade fazendo aquilo que você gosta. Dentro deste objetivo vão aparecer talentos para o futebol que você de repente com um trabalho adequado, você pode encaminhá-los para equipes profissionais.

Sua história de vida:

Qual função os campinhos de várzea, ou quadras das escolas, tiveram no seu aprendizado?

Para mim foi tudo, pois não existia escolinhas de futebol, você ia para uma quadra de futebol de salão e jogava com as regras e a bola de futebol de campo. Foi assim importante por eu não ter um espaço como o das escolinhas. Realmente se tivesse uma escolinha de futebol com certeza eu teria um aprendizado melhor, como disse na pergunta anterior. Agora um campinho de várzea era onde se faziam os timinhos com os amigos, eram jogos, então eles influenciou nisto, pois você tinha o espaço para jogar. As quadras das escolas onde você aprendia com os ridículos professores de Educação Física, que jogavam a bola para cima, liam o jornal e mandavam os próprios alunos apitarem, isto é ridículo porque não me orientavam, eu acredito que os professores daquela época tinham pelo menos um grau de instrução para que pudesse me corrigir e os meus amigos, ou que a gente pudesse fazer pelo menos um exercício correto. E a rua, aquele joguinho de rua. Eu acho que tudo é importante, que o grande jogador, acho que ele tem que ter hoje a mistura, de campinho de

várzea, de quadra de escola, de rua com o aprendizado na escola de futebol. Mas o aprendizado na escola de futebol com professores competentes, aqueles que não vieram sacanear, que não jogam a bola para o alto, aqueles que corrigem que estão dispostos a ver os seus alunos progredirem, não estão dispostos apenas na parte financeira. Para que eles possam ver um garoto de 5, 6, de 15 anos progredir, não importa se vai ser jogador de futebol ou não. O que é progredir? Vão saber fazer um fundamento, vão saber com o tempo a competir a saber ganhar, não só se aprender a perder, a respeitar o adversário, etc. Então se a gente misturar este swing da rua, dos campinhos, essa leveza que é jogar bola nos campinhos (como é gostoso!), com a instrução das escolinhas, aí está o grande “tchan” do futebol. Só para completar escola de futebol onde o professor, independente da idade do garoto, do mini atleta, se o professor não orientar, não participar, não estiver vivenciando o que o garoto está passando não é uma escola de futebol, porque o próprio nome diz “escola” de futebol. Por exemplo você está na escola e a professora de matemática está ali do seu lado corrigindo seus erros, então porque não um professor de futebol corrigir o erro do garoto, mesmo que naquele momento ele não consiga assimilar, mas você está participando com ele. O professor de futebol ou de qualquer outro esporte tem que participar da vida do seu atleta, desde os cinco anos independente do trabalho, vivenciou; ele (o aluno) correu, correu, correu, chutou a bola e errou, está bom, ele tentou. Você não via fazer um crítica à ele, você apenas dá dicas, olha você poderia ter tocado, ter driblado mais, aqui você pode driblar à vontade, mas se tiver um companheiro melhor você deve passar. O professor deve dar atenção ao seu aluno independente da idade e da capacidade dele.

Entrevista 2

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 1 Idade ideal para começar a jogar futebol

Sua prática profissional:

Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?

Para mim a idade ideal é a partir dos seis anos de idade. Porque, hoje em dia, um garoto de seis anos que gosta de jogar futebol, que desde “pequeninho” já vem de berço, você pode chegar e explicar para ele o que eu quero que ele faça. Agora uma criança de cinco anos, que está naquela fase de querer aprender alguma coisa, vai chegar lá para jogar bola e ficará brincando na areia, como já peguei no início da minha carreira como professor de futebol. As crianças estavam brincando na areia, então tinha que tirá-los de lá e daí jogava a bola, eles chutavam, e depois voltavam a brincar na areia. Então a idade ideal é de seis, quase fazendo sete anos.

Sua história de vida:

Com que idade você começou a jogar futebol?

Profissionalmente com 21 anos. Voltando ao passado, na minha época não tinha escolinha. Eu sempre fui um garoto que gostei de futebol, se ganhasse uma bola de presente eu dormia com ela, acordava o outro dia e enquanto a bola não ficasse gasta não parava. Ficava chutando a bola na parede, só com o pé esquerdo, ninguém me ensinou a chutar com o pé direito, quem foi me ensinar foi Zé Duarte, desde de pequenininho só chutava com o pé esquerdo. Daí com 10 anos, eu tinha um padrinho que me via jogar no meio dos grandes, pois eu só jogava com os grandes, e todos falavam “pô você sabe jogar”, então ele – meu padrinho – me levou para o Britania, que hoje em dia fez fusão para formar o Paraná Clube, eu era velocista, tinha 12 anos, era ponteiro, fiquei lá até uns dezessete anos, comecei a ter noção do que era marcar, do que era usar o pé direito. Daí em Curitiba mudou a organização das idades das categorias, então, neste meu o time, o treinador ficou só com quem tinha 16 anos, quem tinha 17 foi dispensado. Então eu parei e fui trabalhar com meu tio, fiquei uns dois meses e recebi um convite para jogar no Santa Equitéira, lá era amador então pude jogar. Joguei neste time até os 20 anos, foi quando apareceu uma peneirada no

Pinheiros, fiz o teste e o treinador me dispensou, daí voltei a trabalhar com meu tio. Depois de 2 meses eles me ligaram falando que precisavam inscrever mais um jogador num campeonato que iria logo começar. Foi fiz um contrato, e comecei a receber 500 cruzeiros - eu recebia 300 do meu tio -, não parei de trabalhar treinava apenas duas vezes na semana e conciliava o treinamento com o trabalho, eu era preneiro. Daí, “burro” casei! Era 1974, ano de copa do mundo, não teve campeonato no Paraná, a gente fazia alguns jogos para ganhar 100 cruzeiros por jogo, e eu casado. Passei este ano no Pinheiros, mas em 1975 fui emprestado para o Erechim, no Rio Grande do Sul, fiquei lá uns seis meses, não recebia. Estou lá sozinho chega a minha mulher, meu filho e minha avó, sabe onde eu morei num quartinho do lado de um campo de boliche; os “caras” ficavam jogando até 4 horas da manhã e eu tinha que treinar no outro dia. Sofri prá caramba para chegar onde eu cheguei. Terminei o ano desanimado, o “caras” deviam dinheiro para mim, mas não queriam pagar. Resolvi para de jogar e voltar a trabalhar com meu tio. Mas quando cheguei em Curitiba, um diretor do Pinheiros – pois o meu passe ainda era do Pinheiros – veio com um papo mole, uma conversa fiada e me trouxe para São Paulo, em Campinas na Ponte Preta. O pessoal gostou de mim, fiz um contrato bom, pulei de 500 para 4.500 cruzeiros. Comecei no banco, aprendi um pouco com o Zé Duarte, passei a titular daí não parei mais. Em 78 fui para a seleção fiquei entre os 40 melhores, e hoje estou no Bonfim, mas sou ambicioso, o treino que dou aqui para molecada é muito bom, amanhã posso estar em qualquer time grande como treinador.

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub- categoria 2 A motivação para aprender futebol

Sua prática profissional:

O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas?

Quem traz as crianças, geralmente, para as escolinhas são os pais. Os pais se interessam mais pelo futebol. Hoje em dia, no Brasil, não é aquele garoto que joga futebol bem, que você vai nos raspadões para buscar o menino para jogar numa equipe. Hoje em dia são os pais que se interessam mais pelo futebol querendo que os filhos joguem futebol. Eles são apaixonados; eles queriam ser jogadores, então eles tentam fazer dos filhos atletas profissionais. O que eles não foram querem que seus filhos sejam.

Sua história de vida:

O que fez você aprender a jogar futebol?

Eu sempre gostei, porque a minha família é de esportistas, meu avô era lutador de boxe, depois luta livre, meu tio foi jogador de futebol profissional. Então acho que puxei eles, veio no sangue.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 1 O processo de ensino-aprendizagem do futebol

Sua prática profissional:

Descreva uma aula sua

A aula começa com um alongamento; independente da faixa etária em que trabalho sempre começo com o alongamento. Depois do alongamento, eu faço eles fazerem “vinte vezes no joelho”, “vinte vezes no calcanhar”, polichinelo, na frente, em cima e alternado. Daí começo o trabalho com bola, um trabalho técnico, conduzir a bola com o lado direito até o outro lado do campo, voltar com o esquerdo, depois levar a bola entre as duas pernas tocando com os pés, volta tocando normalmente, depois pedalando, depois o drible do "Ronaldinho", então este é um treino. Na seqüência, trabalho um pouco de velocidade com cruzamento, e chute ao gol, um trabalho básico. Tem um treinamento, também, que eu começo com alongamento, depois faço devolver a bola de peito de pé; dominar com a coxa e devolver de peito de pé; dominar no peito, na coxa e devolver de peito de pé, isto com o pé direito depois com o esquerdo; depois usando o lado do pé, também esquerdo e direito e finalizando este treinamento com cabeceio, cabeceios fixos e em deslocamento, depois destes treinos eu finalizo ou com ração ou com coletivo. Estes treinamentos eu utilizo com garotos de 12, 13 e 14 anos, se fosse garotos menores que nem eu falei na faixa de 6, 7 até 10 anos e mais aqueles que não soubessem jogar ainda, eu faria um treinamento diferente, como: jogar a bola para cima e dominar com o pé direito, com o pé esquerdo; jogar para cima e dominar no peito, na coxa; deixar quicar depois dominar; fazer bastante condução com o pé direito e esquerdo, toque de frente para o outro, também com os dois pés, pois criança tem que se educar treinar com o pé direito e esquerdo.

Sua história de vida:

Como eram os dias de sua infância ? O que você fazia?

Eu não gostava de brincar muito de carrinho, brincava sempre de bola, de bicicleta, jogar bola, brincava de espada, correr atrás de balão, nadar. Eu gostava sempre de coisas emocionantes, nunca tinha medo, gostava muito de correr. Gostava de caçar passarinho, passei fome... não sei se um dia vou passar novamente mais...

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 2 A metodologia: como fazer para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Como você ensina as crianças a jogar futebol?

Quem tem dom, o dom mesmo, e tem dificuldade de colocar o corpo para receber a bola, eu tento ensinar a colocar o corpo. O drible, eu tento ensinar. Eu aprendi uma coisa quando estava em Portugal, quando fui com a Portuguesa fazer uma excursão, que era um treinamento técnico, onde do lado da trave fica os laterais e os zagueiros, ou seja, do lado direito ficam o lateral direito e zagueiro central, do lado esquerdo ficam o lateral esquerdo e o quarto zagueiro, quando tem muitos garotos você coloca os dois volantes também, então do meio campo solto um atacante e de trás da trave solto um zagueiro para interceptá-lo fora da área grande, mas antes disso, eu já ensinei para o atacante a pedalar, o drible do “Ronaldinho”, então ele já vem balançando de longe, o zagueiro relou na bola já para o treinamento e já sai outros.

Sua história de vida:

Como você aprendeu a jogar bem futebol?

Eu nunca tive medo acho que isto me ajudou bastante. Nunca tive medo de dividir. Acho que... não sei, pois a experiência eu fui adquirir mais tarde, como este lance de por o corpo, cruzar. Eu me destacava dos outros porque driblava, corria muito. Ninguém me ensinou, acho que veio de mim mesmo.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 3 O que fazer (exemplos) para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Cite três ou mais atividades que você utiliza nas suas aulas para ensinar as crianças.

O que eu mais ensino é o treinamento técnico, mais os fundamentos. Jogar a bola com as mãos e dominar no peito, na coxa, nos pés, tanto com o direito quanto o esquerdo. Fundamento para mim é essencial, prá, vamos dizer assim, pegar mais contato com a bola. Diariamente utilizo este treinamento, tanto é que agora vou fazer este treinamento.

Sua história de vida:

Quais as brincadeiras que você fazia na sua infância que foram importantes para aprender ou melhorar as suas habilidades no futebol?

Nos campinhos aquele tempo as crianças não tinham maldade, hoje as crianças numa certa idade não brincam mais, eu com meus 12, 13 anos brincava de esconde-esconde. As crianças de 15 brincavam com as de 13, pois a gente não era tão desenvolvido. Eu com 15 anos era pequeno, hoje as crianças evoluíram muito. Nós éramos ingênuos, brincávamos de sete quedas, aquela brincadeira que faz sete buracos e depois joga na parede, brigava muito. Estas eram as minhas brincadeiras, era um garoto normal, ficava mais na rua que em casa, mas se alguém viesse me convidar para jogar bola, eu parava tudo que estava fazendo e ia jogar, nem que fosse para subir num caminhão eu ia.

Categoria 3: A função das escolas de futebol

Sua prática profissional:

Qual é a função das escolinhas de futebol?

Para nós aqui no Bonfim, enquanto técnicos, é um começo de carreira como treinador. Pois eu comecei tudo de novo, do zero, estou no dente de leite para tentar chegar no profissional. Para o clube, aqui se almeja trazer mais o sócio ao clube. Mas a função hoje das escolinhas de futebol, todas as escolinhas, acho que é comercial. Estes campinhos de grama sintética cobram R\$ 45,00 por hora; em qualquer bairro que você vai, uma escolinha cobra 20, 25 reais. Eu acho que quem gosta mesmo de futebol e quer ensinar,

quer tirar esta garotada da rua não cobraria este preço, cobraria no máximo 10 reais, só para cobrir o gasto com bola, camisa. Hoje em dia nas escolinhas eles vendem, também, todos os materiais para os alunos, como shorts, camisetas, agasalho, boné ... então eles visam muito comercialmente. Ninguém pensa em fazer uma escolinha para revelar um atleta, hoje nas escolinhas passou de 15 anos eles não trabalham mais com estes alunos, por quê? Acho que é porque os alunos com 15 anos numa escolinha já acham que sabem muito, então jogam com um garoto menor que não sabe tanto e fica ridicularizando, aí o que acontece o dono da escolinha está perdendo um cliente.

Sua história de vida:

Qual função, os campinhos de várzea, ou quadras das escolas, ou a rua, tiveram (exerceram) no aprendizado de futebol?

Naquela época qualquer lote vago nós fazíamos um campinho, perto da minha casa tinha cinco campinhos, se um estava cheio tinha outro vazio. Então, sempre tinha um lugar para você brincar, o que hoje em dia não tem, se você não for sócio de um clube ou pagar uma escolinha você não tem lugar para jogar. Todo dia, toda tarde, era só me convidar para jogar que eu ia, às vezes ficava sozinho, então jogávamos um contra o outro. Ia para a escola, mas repeti quatro vezes a 4ª série, hoje não sou formado, quem me ensinou foi a vida. Eu sei muita coisa na prática, o que eu fiz, se sei muito de esquemas táticos é porque joguei futebol.

Entrevista 3

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 1 Idade ideal para começar a jogar futebol

Sua prática profissional:

Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?

Bom eu acho que a partir de 4, 5 anos de idade você já pode começar fazer a iniciação ao futebol; 4 anos já é uma idade boa onde a criança já tem a vontade de jogar futebol. Acho que a partir disso as coisas ficam mais fáceis, mas desde que a criança tenha vontade de jogar futebol.

Sua história de vida:

Com que idade você começou a jogar futebol?

Bom eu jogava muito futebol de rua porque na minha época não existia escola de futebol, talvez se eu tivesse tido uma escola de futebol, tem um aprendizado dentro de uma escola de futebol eu teria sido 10 vezes melhor. Embora muita gente fala que o melhor caminho para você ser um jogador de futebol é jogar na rua, é pelada de rua, essa coisas, mas eu acho que se você tiver bons professores com certeza você vai desenvolver muito mais rápido as suas habilidades. E eu entrei no futebol por acaso não passei por júnior, juvenil, essas coisas, eu só brincava na rua, time de rua, time de pelada e acho que foi o destino que me reservou esta profissão de atleta de futebol.

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub- categoria 2 A motivação para aprender futebol

Sua prática profissional:

O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas?

Bom o futebol é uma paixão. O futebol é praticamente a primeira modalidade esportiva do Brasil, por isso a maioria adora o futebol. A mídia também que dá muita importância ao futebol, até jogadores que se sobressaem e as crianças se apegam em alguns deles e os tem como ídolos, isto tudo faz com a criança se volte para o futebol

Sua história de vida:

O que fez você aprender a jogar futebol?

Como eu falei para você o futebol é uma paixão, então toda a criança adora futebol. No natal a primeira coisa que você pedia para o pai e mãe era uma bola, porque o futebol sempre foi uma evidência entre as modalidades esportivas, então as crianças jogam futebol, e eu sempre gostei de jogar futebol também na rua, no colégio, em qualquer lugar que tinha um campinho, um espaço pequeno que fosse estava eu e meus amigos batendo uma bolinha e eu acho que foi isto que me levou a jogar futebol.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 1 O processo de ensino-aprendizagem do futebol

Sua prática profissional:

Descreva uma aula sua.

Nós temos aqui um plano de trabalho que é realizado pelos professores, então nós temos a parte de aquecimento, a parte de fundamento e por fim a parte da bola em si, o jogo em si. A gente nunca trabalha apenas a parte física sem o instrumento bola, sem o material bola, então a gente sempre dá a motivação bola para a realização de todo tipo de atividade, desde a parte de aquecimento que é o início, ai vem a parte de fundamento no meio e por fim o futebol que é mais voltado para o recrear a criança para se descontrair num joguinho.

Sua história de vida :

Como eram os dias de sua infância? O que você fazia?

A minha infância foi muito boa, nem se compara com a infância destas crianças de hoje. Onde um morava lá em Tubarão-SC, era uma cidade pequena, tinha muita liberdade, com praia perto, rios, matos, campos, enfim era muita coisa para você se divertir, então eu posso dizer que fui um privilegiado como criança porque realmente eu curti a minha infância

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 2 A metodologia: como fazer para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Como você ensina as crianças a jogar futebol?

Bom primeiro você tem que ver a qualidade do garoto, se ele sabe chutar ou não. Se ele souber chutar fica mais fácil as coisas, porque daí você começa a trabalhar com ele os fundamentos, principalmente fundamentos técnicos. Agora quando a criança é pequena, vamos supor uma faixa de quatro a seis anos você tem que trabalhar muito a parte de coordenação motora da criança, que algumas tem certas dificuldades outras não, então de acordo com a individualidade de cada um, você tem que ou intensificar mais o trabalho naquela carência, ou então você procura realmente de todas as formas superar aquilo que ela não tem, aquilo que ela deixa a desejar.

Sua história de vida:

Como você aprendeu a jogar bem futebol?

Acho que foi a minha força de vontade e a minha linha a seguir. Eu peguei para mim todas essas coisas, e a partir do momento que eu entrei dentro deste campo que é o futebol, procurei sempre me dedicar, sempre tentar corrigir os meus defeitos, e isto partia sempre de mim. E eu acho que isto falta um pouco ao atleta hoje essa vontade de buscar sempre mais, então acho que isto me fez tornar um jogador diferente, de renome nacional, pela minha força de vontade.

E você acha que a sua infância (aquele contato com a bola desde de pequeno) ajudou-o a ser este jogador?

Olha eu acho que boa parte desta minha habilidade eu devo a Deus. Deus me deu o Dom para eu poder saber jogar futebol. Ele me deu o dom e eu soube como lapidá-lo, então a maior parte que eu devo é à Deus por ter me dado este dom de jogar futebol, eu que nunca pensei na minha infância ser um jogador de futebol, então eu entrei no futebol por acaso, e como eu falei, deram-me a chance, eu agarrei e me dediquei.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 3 O que fazer (exemplos) para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Cite três ou mais atividades que você utiliza nas suas aulas para ensinar as crianças.

Primeiro condução de bola, acho que a criança para começar a prática do futebol tem que saber ter o contato com a bola, então uma condução de bola já é uma iniciação ao futebol, a partir disto você tem o passe, fazer o passe curtinho para ela ter o contato com a bola, para ter noção de tempo de bola, noção de peso de bola, então todo este contato com a bola vai fazendo ela pegar maior habilidade. Outra atividade é para ensiná-la a fazer um drible curtinho em cima de algum obstáculo, uma movimentação dela, porque tudo isso vai ajudá-la nos próximos fundamentos

Sua história de vida:

Quais as brincadeiras que você fazia na sua infância que foram importantes para aprender ou melhorar as suas habilidades no futebol?

A gente brincava de tudo, aquele pega-pega, brincadeiras de corridas, eu pescava muito, caçava muito. Olha para te falar eu acho que brinquei de tudo, tudo o que você imaginar de brincadeiras de criança eu participei.

E nos campinhos?

Nos campos de futebol nós brincávamos muito de travinha pequena (futebol com traves pequenas), aquela brincadeira de rebatida com dois no gol e dois chutando, então sempre com a bola no meio, bobinho, que eu faço muito esta brincadeira de bobinho para recreação, e ao mesmo tempo você está descontraindo a criança para participar mais ativamente do contato com a bola e o contato com outras crianças.

Categoria 3: A função das escolinhas de futebol

Sua prática profissional:

Qual é a função das escolinhas de futebol?

Bom, o objetivo das escolinhas de futebol não é criar jogadores é a primeira coisa que eu falo para os pais aqui na minha escola, nós estamos aqui para ensinar os princípios básicos do futebol, se ela tiver qualidade ela vai seguir o caminho dela, mas o nosso intuito aqui é trabalhar mais a parte de coordenação da criança, fazer a parte de integração social, que a maioria dela não tem, entendeu este convívio com outras crianças, pois moram em prédios, então não tem este tipo de lazer com outras crianças. O nosso trabalho é este, desenvolvê-la

não só na parte física mais também na intelectual, para que ela cresça perfeita com saúde, acho que isto é o mais importante.

Sua história de vida:

Qual função, os campinhos de várzea, ou quadras das escolas, ou a rua, tiveram (exerceram) importância no aprendizado de futebol?

Acho que foram importantes para mim, porque você tendo o espaço você cria mil e um jogos, que não precisa ser unicamente o futebol, mas muitas modalidades esportivas você pode inventar dentro de uma área, se você tiver o espaço. Então eu penso que é muito importante se ter esse espaço dentro da nossa cidade para que nossas crianças de uma forma ou de outra possam criar, inventar jogos. Eu acho que é isto, o espaço é fundamental para que a criança possa desenvolver, satisfazendo-se, divertindo-se, criando, para mim foi assim. Uma árvore para mim já era suficiente para me divertir com ela. Infelizmente as crianças das grandes cidades grandes não tem este privilégio de ter tido a infância que eu tive.

Entrevista 4

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 1 Idade ideal para começar a jogar futebol

Sua prática profissional:

Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?

A idade ideal é a partir dos 5 (cinco) anos, pois já dá para você por o garoto para jogar bola, eu acho que a partir desta idade ele começa a tomar gosto, ou melhor o gosto por jogar ele já tem, ou seja a partir desta idade ele já começa ter o mínimo de coordenação, começa a conseguir correr com a bola. Eu acho que a partir desta idade não tem problema nenhum de o pai colocar o garoto para iniciar o aprendizado.

Sua história de vida:

Com que idade você começou a jogar futebol?

Eu já comecei a jogar futebol cedo, eu já com 5, 6 anos jogava futebol de “pelada” na cidade de Rio Brillhante. Eu desde pequenino tive incentivo do pai. O pai é fundamental no objetivo de um filho ser jogador de futebol mais tarde, mas tem que começar cedo. Então se o pai desde pequenino incentiva, dá esta oportunidade de jogador futebol, por exemplo se eu tivesse alguma obrigação para fazer mas estava jogando futebol ele (meu pai) admitia. Não existia escolinha de futebol, era reunir a molecada e ir para o jogo.

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub- categoria 2 A motivação para aprender futebol

Sua prática profissional:

O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas?

O futebol em si é uma paixão, no Brasil principalmente. O menino quando nasce já ganha uma bola, já tem o interesse pelo futebol, e numa cidade grande o pai necessita de um espaço, um tempo de lazer para o garoto porque ele precisa de espaço para brincar. As escolinhas estão aí para dar esta oportunidade, dar esta condição para que a criança um dia pelo menos para jogar futebol, coisa que está no sangue, o pai gosta, a criança gosta e numa

cidade grande não se tem espaço e as escolinhas abrem este espaço para que eles possam jogar futebol.

Sua história de vida:

O que fez você aprender a jogar futebol?

Primeiramente, lógico, o incentivo do meu pai, esse foi fundamental para que eu fosse um jogador de futebol profissional. Comecei jogando futebol de pelada e a partir dos 8, 9 anos de idade meu pai já tinha traçado um plano para mim, dizendo que depois que eu terminasse o colégio ele me levaria para um time grande em São Paulo, então isto já ficou determinado para mim. Se ele não cumprisse a promessa eu seria um frustrado, pois desde pequeno, desde os 8 anos de idade meu pai tinha me determinado um objetivo e eu corri atrás dele, esforcei-me muito, corri muito, graças a este incentivo extra do meu pai.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 1 O processo de ensino-aprendizagem do futebol

Sua prática profissional:

Descreva uma aula sua.

No início de uma aula é necessário o alongamento. O aquecimento, o alongamento é primordial para que eles não tenham lesões, então começa a aula sempre com um alongamento na parte de aquecimento. Ai você inicia uma aquecimento um pouco mais rápido em termos de velocidade e condução de bola, daí entra a parte fundamental que é a técnica para aprender domínio, aprender como bater na bola, isto é o início da aula, depois você vem com uma parte de chute a gol, a criança já está muito mais aquecida então você já pode soltar mais a perna, chutar mais forte e no final da aula que nós damos aqui a gente procura terminar com o coletivo. Apesar que eu também tenho a filosofia que você começa num dia a gente dá mais a parte técnica somente, então faz o menino aprender mais as técnicas, insiste mais nesta parte técnica e no outro dia da semana que ele vem você dá coletivo a aula toda. Então num dia ele aprendeu e no outro dia ele via colocar em prática o que ele aprendeu, praticando no coletivo o que ele aprendeu no dia anterior.

Sua história de vida :

Como eram os dias de sua infância ? O que você fazia?

Eu jogava muito futebol, meu lazer era futebol, mas tinha obrigações em casa, eu desde os seis anos levantava as seis horas da manhã para fazer o café do meu pai e da minha mãe e levava na cama, isto eu não esqueço nunca. Além disto eu tinha outros afazeres, então não era só jogar futebol. Mas a hora que fosse se me convidassem para jogar futebol eu ia, podia estar cansado mais ia, podia o sol estar quente mais estava lá eu brincando com uma bola, também não era bola, bola, era uma laranja, era uma bola de plástico, não era essa facilidade que é hoje, uma bolinha no pé cada um. Então a minha infância era ao deveres que o meu pai impunha e o lazer que era o futebol.

No local onde você jogava futebol na sua infância o que você fazia?

Eu jogava futebol com a molecada, com meus amigos e meus irmãos e o objetivo era sempre o jogo que se marcava, às vezes no domingo e isto deixava a gente numa expectativa muito grande, mas o meu dia era isso jogar futebol, levantava cedo já pensando em bola. Se reunisse oito moleques já começava o jogo e era uma chateação quando não arrumava. Basicamente a minha vida era essa correr atrás de uma bola.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 2 A metodologia: como fazer para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Como você ensina as crianças a jogar futebol?

Ensinar você não tem como. Você ensina a teoria o que longo da minha carreira eu aprendi, a gente procura passar para os meninos. Mas o dom é o dom que já vem com a criança. Você incentiva, você procura dar um incentivo maior para que eles tenham um gosto maior por tudo o que eles estão fazendo, ou seja, o futebol. Mas o dom alguns têm outros não têm, você melhora com os treinamentos táticos e técnicos, mas aquele que tem o dom evolui muito mais rápido do que aquele que não tem o dom. Então a gente procura ensinar os macetes que a gente aprendeu na carreira, isso aí eu procuro passar sempre além da condição técnica que é o aprimoramento do domínio fundamental para jogar futebol. Porque hoje as crianças das cidades grande estão aprendendo a jogar nas escolinhas, pois não existe espaço. As crianças estão jogando bola na rua e isto é horrível porque você não

pode cair nunca, tem que se ter um cuidado grande com o “meio fio” , seja existe um grande número de obstáculos que impedem que o menino tenha uma evolução. Já nas escolinhas eles estão aprendendo com pessoas que jogaram futebol, ou seja, pessoas indicadas para orientar os alunos para que eles tenham uma evolução, uma seqüência dentro da vida. Se o garoto tem por objetivo ser jogador de futebol profissional, é evidente que ele aprendendo na escolinha ele vai evoluir muito mais rápido que aquele que não está. Aqui ele está aprendendo mesmo aquilo que nós aprendemos dentro da carreira profissional. Então ele está aprendendo nas escolinhas, mas o ideal é como no Rio de Janeiro ou no Nordeste, onde eles (as crianças) vão para a praia e correm, dominam, driblam, ficam quase que o dia inteiro jogando bola aí eles evoluem, aí eles tem muito mais habilidade que os garotos que estão nas escolinhas. Mas nós não temos estas condições em Campinas, entendeu.

Sua história de vida:

Como você aprendeu a jogar futebol na sua infância?

Como eu aprendi não posso te dizer. Eu aprendi com o incentivo do meu pai e correndo atrás da bola com a molecada. Eu acho que meu pai gostava muito de futebol e desde pequenino me incentivava, levando-me assistir jogos, comprando revistas, jornal, então eu tinha esta influência dele para jogar futebol e o resto eu aprendi por conta, nunca tive um professor para me ensinar, tinha apenas o meu pai que tentava me ensinar alguma coisa. Então eu aprendi por conta, pegando a bola e ficando ali dominando, fazendo embaixadas e tocando um com o outro e isto é o que mais aprendi, é você estar com dois, três pegando a bola e jogando um com o outro, o outro domina devolve, faz embaixadas é o que mais aprende principalmente o domínio, já o chute nem tanto porque você não está chutando, para isto existia as rebatidas, eram dois defendendo, um chutando e um na rebatida, então isto aprende muito a chutar, aprende a ser goleiro, driblar, então tem todos estes macetes que se aprende de criança, mas sem uma pessoa especializada para te orientar. Portanto eu aprendi a jogar futebol fazendo estas coisas na minha infância, livremente com a molecada, olhando os mais velhos e tentando imitar.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 3 O que fazer (exemplos) para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Cite três ou mais atividades que você utiliza nas suas aulas para ensinar as crianças.

As atividades que completam o nosso trabalho são no sentido de velocidade, resistência, isto tudo faz parte do futebol, ajuda no futebol, então a corrida, um treinamento de judô ou outras artes marciais que ensinam disciplina, porque no futebol você precisa de disciplina para poder seguir. Aquele cara tem disciplina, determinação, que chega aqui e procura fazer sempre com vontade de aprender, vontade de evoluir, ele vai evoluir, então a disciplina é fundamental. Outras são as corridas o atletismo, que ajudam muito na velocidade que ele precisa para jogar futebol.

As atividades na escolinha é o que você vê sempre, chute a gol, é o aprimoramento de bater na bola, porque no futebol você tem que saber fazer um lançamento longo ou chutar ao gol, saber fazer um passe curto, então a gente trabalha muito com bola, aqui cada um tem uma bola para que ele tenha noção de tudo, de passe, de chute. Nós insistimos muito na técnica que é a parte de domínio e na parte de chute a gol, pois como que ele vai fazer gol, somente chutando, aprendendo a chutar. Então nós no futebol aprendemos muito chute, chute, chute, chute... porque é o gol, o grande momento do futebol, o objetivo do esporte.

Sua história de vida:

Quais as brincadeiras que você fazia na sua infância que foram importantes para aprender ou melhorar as suas habilidades no futebol?

Brincadeira relacionada com o futebol era o pic-salva, que tinha muita velocidade e agilidade, sair correndo um atrás do outro isto acontece dentro do futebol. Então velocidade, agilidade, livrar-se do cara que está te pegando, isto a gente fazia muito na pic-salva. Com tinha vários tipos de brincadeira, uma dela era para ver quem fazia mais embaixadinhas, ficávamos horas nesta brincadeira para ver quem fazia mais, então era uma outra brincadeira que fazíamos demais para treinar a habilidade, mas sempre na brincadeira com uma bola no pé. Tinha também a rebatida que fazíamos quando tinha apenas quatro moleques, se tinha seis dois ficavam esperando, quem perdia saia. Então posso dizer que fazíamos muito a rebatida, a embaixadinha e o pic-salva.

Categoria 3: A função das escolinhas de futebol

Sua prática profissional:

Qual é a função das escolinhas de futebol?

A função é trazer o aluno, aquele que está preso dentro de um apartamento, dentro de uma residência, jogando video-game, assistindo TV, às vezes engordando, que faz mal para a saúde dele, então as escolinhas estão aí para esses alunos terem uma hora de esportes, que é uma coisa excelente para a saúde, você sai de dentro de casa, de frente da TV, do video-game, e além de tudo é uma carreira que se o menino tem um objetivo de ser um profissional algum dia, todo mundo sabe que o jogador tem “n” vantagens, ganhasse muito dinheiro hoje com a prática do futebol, além de ter a fama, dinheiro e conhecer o Brasil todo, o mundo todo, então as escolinhas estão dando está oportunidade, pois eu gostaria muito de na minha infância ter tido uma escolinha de futebol, para que eu pudesse ter uma evolução bem mais rápida, porque eu já gostava, queria ser jogador de futebol profissional e se eu tivesse isto aqui, talvez, teria tido muito mais qualidade dentro da minha profissão. Então na cidade grande os craques do futuro sairão das escolinhas, mas nas cidades pequenas que tem um campo, onde o moleque tem um campo onde ele joga o dia inteiro, que tem as peladas, eu ainda acho que ali eles aprendem, às vezes, mais que nas escolinhas, eles apenas não tem a teoria, a pratica de você aprender com um ex-jogador como tem aqui, mas lá eles ficam mais tempo com a bola no pé. É a pelada, onde eles jogam, duas, três, até quatro horas por dia, então ele vai aprender muito mais que aqui onde o moleque faz apenas uma hora. Mas na cidade grande que ele não tem este espaço, que é perigoso, que pai nenhum deixa, então a escolinha é uma segurança que o pai tem de poder dar isto ao filho.

Sua história de vida:

Qual função, os campinhos de várzea, ou quadras das escolas, ou a rua, tiveram (exerceram) no aprendizado de futebol?

Os campinhos de várzea tiveram uma função primordial para mim, pois eu não tinha escolinha e na rua eu não jogava, então era só nos campinhos, mas eram campinhos assim dois pauzinhos aqui, dois lá, num espaçinho e lá nós estávamos jogando, era a típica pelada com buracos, matos, desviando de toco, pé todo arrebitado de espinho... Foi aí que eu

aprendi tudo, na minha infância até os meus quinze anos, nestes campinhos jogando pelada curtindo este espaço. E a maioria dos craques da minha época aprenderam nas peladas, pois as escolinhas mesmo começaram de um tempo para cá década de 80 e 90, antes era mais rua e peladas o locais para o aprendizado.

Entrevista 5

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 1 Idade ideal para começar a jogar futebol

Sua prática profissional:

Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?

Seis anos de idade. Escola de futebol é como se fosse recreação para as crianças de seis anos, já para ensinar realmente as crianças tem que ser por volta de 9, 10 anos, eu acredito que o moleque já tem condição de entender e aprender.

Sua história de vida:

Com que idade você começou a jogar futebol?

Acredito que como brincadeira com uns seis anos de idade por aí, nesta idade eu já dava uns pontapé no terreirão de café. Já saia o café e entrava nós e a bola, bola de meia na época ou bolinha de borracha que o fazendeiro tinha e dava para a gente jogar. Não existia escolinha, eu nem sabia o que era isto, para falar a verdade nem sabia que existia escola, escola tradicional. Nós jogávamos futebol no terreiro de café, nossos pais colhiam o café e colocavam para secar, nós empurrávamos para o lado todo o café e colocávamos dois chinelos, ou pedaços de tijolo para fazer os gols.

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub- categoria 2 A motivação para aprender futebol

Sua prática profissional:

O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas?

Tem um pouco mais o lado da medicina, em que a criança vai ao médico e este a manda praticar um esporte. A mídia hoje, que muito se espelha em Ronaldinho, Marecelinho e Zetti, então as crianças vêem os ídolos e querem fazer o que eles fazem, daí eles vão às escolinhas ou vão para o clube. Acho que é por aí, a mídia, o clube de futebol, e o se espelhar em algum ídolo.

Sua história de vida:

O que fez você aprender a jogar futebol?

Eu tinha uns primos lá no Paraná que tinham um clube de futebol, mas era amador, então meu primos me levavam, quando era pequenino, para ir com eles como mascotinho, daí eu ficava lá olhando, não tinha televisão e nem sabia o que era isto, daí acabei gostando. Lá dava uns chutinhos com eles, depois chegava na fazenda, reunia a molecada e ia jogar. Então acho foi por isto que me motivei a jogar, vendo os times de várzea, acompanhando meus primos, talvez se eles fosses jogar vôlei eu iria jogar também.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 1 O processo de ensino-aprendizagem do futebol

Sua prática profissional:

Descreva uma aula sua.

Um aquecimento, uma brincadeira lúdica, um alongamento, a parte específica, chute a gol, cabeceio, enfim, fundamentos um geral e no finalzinho o tradicional joguinho, o rachão, o coletivo. A aula é de uma hora, duas vezes na semana.

Sua história de vida :

Como eram os dias de sua infância ? O que você fazia?

De manhã eu acordava e com meus seis, sete anos ajudava meus pais na roça, carpir, colher café; à tarde ia para a escola, daí quando voltava jogava futebol como já falei, não tinha mais coisas para fazer, não tinha televisão, não tinha nada, então praticamente dentro de uma fazenda era isto. Nos finais de semana ia na casa de meu tio na cidade vizinha, onde lá assistia televisão, via meus tios jogarem futebol. Estudar não gostava muito, não via a importância, nem a necessidade de se estudar. Já um dia no campinho era muito gostoso, não tinha medo de nada, de pedra, de bolada no rosto, de nada..., quando minha mãe deixava eu ia no campinho, mas de repente ela já chamava, dizendo que já se tinha passado duas, três horas e eu nem tinha visto era a hora passar, era muito gostoso... Eu revivendo hoje, vejo que é um tempo que não deveria acabar nunca, o que hoje falta as crianças. Então foi uma fase muito gostosa, se eu pudesse voltar atrás naquele tempo, onde se jogava sem compromisso eu voltava com certeza, foi muito saudável.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 2 A metodologia: como fazer para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Como você ensina as crianças a jogar futebol?

Você tem que explorar o que o garoto tem de positivo, se é o chute, se o cabeceio, se é o domínio, se a coordenação, ou seja, o que ele tem de positivo, então em cima disto é que a gente começa a trabalhar o lado negativo dele, não cobrando, deixando-o bem a vontade para ter o direito de escolha, isto até os 12 anos, pois depois você começa com uma cobrança maior. Procuo cobrar na disciplina, na alimentação ... então através desta educação pelo esporte é que eles começam a te obedecer. É automático, pois aos poucos você vai falando, brincando, ensinando os fundamentos, dando dicas, quando o garoto erra você incentiva, então é uma coisa bem pessoal, você tem que se colocar no lugar da criança e aí você vai embora.

Sua história de vida:

Como você aprendeu a jogar futebol na sua infância?

Na época tinha um zagueiro que jogava lá no Araponga, então eu procurava fazer o que ele fazia, até na época pensava em ser zagueiro, mas sem fundamento nenhum, apenas me espelhava nele. Depois quando passei a ser lateral eu começava a observar os outros para ver como eles marcavam, como eles atacavam, como jogavam, então procurei sempre me espelhar neles. Quando criança eu achava bonito correr, então só corria, tinha muito resistência, mas posso dizer que aprendi me espelhando em outros jogadores, pois a parte de fundamentos aprendi rápido.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 3 O que fazer (exemplos) para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Cite três ou mais atividades que você utiliza nas suas aulas para ensinar as crianças.

Cone. Cone é muito importante, porque você explora a lateralidade, direita e esquerda. Explosão. Explosão é aquele arranque com a bola para você conduzir a bola perto dos pés,

então um faço muito, a longa distância eles começam devagar depois aceleram. Outra, você faz uma fileira de cone, perna direita, perna esquerda e, às vezes, eu uso um jogador na direita ou na esquerda para eles dominarem a bola e já tem um com a mão levantada indicando o lado que o aluno deve jogar a bola, eu não uso sinais, então o braço que está levantado é o lado que aluno faz um passe.

Sua história de vida:

Quais as brincadeiras que você fazia na sua infância que foram importantes para aprender ou melhorar as suas habilidades no futebol?

Pega-pega, o pega-pega que a gente fazia num espaço onde criava cavalo, e a noite ele ia para a cocheira, então se fazia o pega-pega a noite, então tinha que se movimentar para, para cá, abaixava, levantava, e isto me ajudou muito, até hoje a gente faz o pega-pega aqui na escolinha, na grama, no campo, ou na quadra, então a criança tem que perceber quem é o pegador porque se ela for pega tem que ajudar os outros a terminar de pega a turma. Já nos campinhos nós tínhamos a mania de fazer aquela brincadeira em que um ficava no gol e cinco na linha, mas cada um por si, então quem fizesse o gol tirava um, daí o que acontecia você não deixava os outros fazerem o gol mas você queria marcar, quando estava sem bola você marcava, quando estava com a bola você queria marcar o gol, então você tem que se virar, você tem várias funções dentro de campo, então acho que isso me ajudou, estas brincadeiras individuais, o coletivo também, mas no coletivo você queria que os outros fossem iguais a você, logo você não era sozinho, e isso é ruim no futebol todos do time não são iguais, então hoje nas escolinhas todos tem que ser iguais, então estas brincadeiras individuais são muito importantes, pelo menos foram para mim.

Categoria 3: A função das escolinhas de futebol

Sua prática profissional:

Qual é a função das escolinhas de futebol?

Hoje a escolinha tem um função muito importante, pois hoje no Brasil está com todos estes problemas com drogas, e o educar hoje, o professor de Educação Física, o profissional que está ali nas escolinhas é um pai para as crianças. Então tem aluno que as mães chegam para mim e dizem que seus filhos obedecem mais o professor que o pai, então é uma educação

que você passa para eles na convivência do dia a dia para eles se socializarem com a sociedade. Você vê hoje nas escolinhas de futebol, se tirar dois, três jogadores para fazer teste num clube é muito, então tem gente que põe o filhos na escolinha para se socializarem, fazer amizades com outras crianças, para você ensinar boas maneiras bons costumes, sair da frente do computador, do controle remoto, de ver televisão. Então aquela uma hora, duas horas por semana se transforma em cinco dias para eles. Hoje o pessoal da falando daquela lei Zico, que obriga todo treinador ser professor de Educação Física, foi a melhor coisa que fizeram, pois tem gente que você vê dar aula para criança que só cobra dela, cobrar, cobrar, só quer que ela compete, compete, ganha, ganha, então acho que não é por aí. A escolinha de futebol tem várias funções, não é só ensinar futebol, tem muita coisa psicológica, de filosofia para se ensinar às crianças, convivência, compartilhar, como ganhar, como perder, como cair, como levantar, como chorar, como sorrir, então eu acho que usando o global, tem que se ensinar um pouquinho de tudo, não é só os fundamentos, tem que se englobar tudo.

Sua história de vida:

Qual função, os campinhos de várzea, ou quadras das escolas, ou a rua, tiveram (exerceram) no aprendizado de futebol?

Ali no campinho de futebol você não tem cobrança de ninguém, uma cobrança específica de ter de jogar, como acontece hoje nas escola de futebol particulares, nós não tínhamos professores, nós sabíamos do potencial de cada menino que estava jogando, pois eram menino e não atletas, então você sabia quem tinha que marcar quem, aquele menino que chutava forte, aquele que era o melhor do outro time, então você começava a aprender como era importante marcar. Outra coisa que eu aprendi nos campinhos que foi muito importante, foi o lado psicológico, pois nos campinhos sempre tem aqueles mais nervosinhos e eu era uma pessoa muito calma, então eles tentavam me irritar e nunca conseguiam, então foi muito importante por causa disto.

Entrevista 6

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 1 Idade ideal para começar a jogar futebol

Sua prática profissional:

Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?

Eu acredito que a partir dos 7 anos é uma idade ideal, porque antes disso eu acho que o garoto não assimila aquilo que nós tentamos passar para ele, principalmente em termos de coordenação, de treinamento, tática de jogo, isto para um garoto até 6 anos não consegue assimilar. De cinco a seis anos é idade mais para o desenvolvimento muscular do garoto do que o desenvolvimento técnico do futebol. Então a partir dos 7 anos você já pode encucar algumas de futebol na cabeça do garoto.

Sua história de vida:

Com que idade você começou a jogar futebol?

Brincar de futebol desde os 9 anos, mas isso era pegar a bola ir para a rua ficar chutando ou se fazia dois times para ficarmos correndo atrás da bola, mas sem interesse de ser jogador, era apenas por gostar de futebol. Nunca pensaria em ser um jogador de futebol. Naquela época não existiam escolinhas, nós jogávamos na rua, nos campos de terra e nos terrenos baldios, não se tem a orientação que estes moleques tem hoje nas escolinhas.

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub- categoria 2 A motivação para aprender futebol

Sua prática profissional:

O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas?

Eu acredito que é o desenvolvimento que o futebol acarreta na parte física é muito importante para o desenvolvimento de uma criança, acho que uma criança que pratica esporte é bem mais evoluída fisicamente, ela suporta mais, ela tem uma auto defesa maior que uma criança que não faça esporte nenhum. Então acho que as mães os pais estão preocupados como desenvolvimento do garoto, na parte física e na parte de grupo, por isso a procura pelas as escolinhas está sendo boa de um tempo para cá.

Sua história de vida:

O que fez você aprender a jogar futebol?

Eu acho que em um determinado momento eu passei a realmente gostar de jogar futebol, mas na realidade eu nunca levei a sério isto. Daí por assistir muitos jogos comecei a me interessar pelo futebol, depois com meus 11, 12 anos passei a jogar no time do clube, daí você passa a ser orientado por uma pessoa e passa a ter uma noção melhor de como se joga futebol, porque nesses campos de várzea, terreno baldio e a rua você não tinha orientação nenhuma de como se jogar, ter um posicionamento dentro de campo, ter uma posição definida para jogar, pois quando se começa a jogar você quer ser atacante, você quer só fazer gol, mas na realidade não é assim, você tem que ter um dom e uma noção para fazer gol, atacar ou defender.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 1 O processo de ensino-aprendizagem do futebol

Sua prática profissional:

Descreva uma aula sua.

Eu procuro começar com um alongamento, uns 10 minutos de alongamento, depois a gente faz uma pequena corrida, nesta corrida a gente procura incrementar com alguns exercícios de coordenação, da parte de musculatura desde os braços até as pernas. Daí eu faço um exercício com bola, tanto de cabeceio, chute, passe e daí finalizo a aula com um bate bola e depois se sobrar tempo faço uma brincadeira em que se escolhe dois times e estes se enfrentam. Mas a parte que eu acho mais importante é a técnica que é dada com bola.

Sua história de vida :

Como eram os dias de sua infância ? O que você fazia?

Na realidade a última coisa que eu pensava era ser jogador de futebol, eu gostava muito de estudar, a minha prioridade era a escola, fazia todas as tarefas, interessava-me pelo estudo. Geralmente futebol ficava em segundo plano.

Mas depois que a gente chegava do colégio, chamávamos os colegas, um passa na casa do outro, então ia aquela turma definida. Ao chegarmos limpávamos o campo, porque,

geralmente, estava cheio de pedras, a trave ficava caindo, daí escolhíamos os dois times e ficávamos a tarde toda jogando futebol, quando chegava em casa era uma barro só, apanhava da mãe, do pai. Então eu tenho visivelmente aquela lembrança, mas que não volta mais e a gente não esquece porque foi uma parte da vida onde não tínhamos preocupação com nada, então só da para lembrar coisas boas e a amizades que duram até hoje.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 2 A metodologia: como fazer para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Como você ensina as crianças a jogar futebol?

Bom, na realidade ensinar a jogar futebol ninguém ensina. Eu acredito assim, cada criança já nasce com um dom de praticar o futebol. A gente procura passar para o garoto a parte técnica, onde você dá alguns trabalhos específicos para aprender a dar o passe direito, chute direito, dominar a bola corretamente, chutar a bola com a esquerda, dar um passe de cabeça, você cabecear para o gol que é uma coisa diferente. Então o principal que eu acho é a parte técnica. Ensinar você não ensina você dá uma noção do que seja o futebol, como é jogado e como é feito. Agora ensinar um garoto a ser craque isto dificilmente você consegue. Você pode passar os fundamentos, se ele tiver um dom melhor que os outro segue carreira, se não vai ser um jogador amador e não vai passar disto.

Sua história de vida:

Como você aprendeu a jogar futebol na sua infância?

Foi através do clube, quando entrei e comecei a jogar futebol, então o treinador me colocou de lateral esquerdo, posição que eu nunca pensei em jogar, daí comecei a ter noção de saber que não era todo mundo que fazia gol, principalmente ter noção de passe, procurar defender o sentido de grupo, tudo isto o treinador me passou muito bem. Daí para frente você vai assimilando, pegando uma coordenação dos exercícios que ele passava, então você passa a aprender e eu posso dizer que aprendi a jogar futebol. (E antes de chegar neste clube?) Aí é de tanto interesse, em ver na televisão, sabe você ficava prestando a atenção nas coisas que os jogadores faziam para depois fazer igual, e fazia repetidamente as coisas e no final você conseguia fazer, não igual mas parecido com o que você tinha visto.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 3 O que fazer (exemplos) para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Cite três ou mais atividades que você utiliza nas suas aulas para ensinar as crianças.

O passe é o fundamento primeiro no futebol, então os garotos chegam aqui e não sabem chutar uma bola ou fazer uma passe para outro companheiro, então o principal é você fazer o passe, para isto a gente faz o aluno chutar a bola na parede, e, muitas vezes, quanto mais repetições você executar mais ele vai assimilar. O passe é a primeira coisa, ai vem o chute, onde você aprende a pegar de peito de pé na bola, no meio da bola, chutar a bola com os dois pés, direito e esquerdo, isto também é muito importante. E outro fundamento é a convivência em grupo que é muito importante para o futebol, você saber respeitar limite do seu companheiro e o adversário. (Qual atividade você faz para trabalhar o chute?) Para chute eu coloco um goleiro, daí faço um trabalho com cones, fazendo os alunos passarem entre os cones, daí o próprio garoto ajeita para a bola para o seu chute, então você orienta a maneira com que ele vai bater na bola, para assim, ter direção e olhar para o goleiro, porque tem crianças que chegam aqui na escolinha chutando de bico e de cabeça baixa, sem olhar para o goleiro, então você tem que orientá-lo.

Sua história de vida:

Quais as brincadeiras que você fazia na sua infância que foram importantes para aprender ou melhorar as suas habilidades no futebol?

Uma delas é a rebatida, onde se coloca dois jogadores no gol e dois jogadores chutando, você não podia chutar forte só colocar a bola, se a bola batesse na trave valia três gols, se a bola fosse rebatida só valia dois gols, e todas as vezes que se rebatia você saia driblando para tentar fazer o gol. Nós fazíamos esta brincadeira repetidamente e exaustivamente, e isto talvez lhe desse algumas noções como altura de gol, de drible, de passe, de rapidez, então esta brincadeira no início é muito sadia e muito boa. (Tem alguma outra?) Tem a brincadeira de bobinho que a gente fazia, onde só podia dar um toque na bola e se colocava um ou, às vezes, dois no meio desta roda, o objetivo era não deixar os que estavam dentro

pegar a bola, daí você tem uma noção de passe que é como eu já falei, primordial para o futebol.

Categoria 3: A função das escolinhas de futebol

Sua prática profissional:

Qual é a função das escolinhas de futebol?

Acho que a principal é a educação futebolística ou esportiva, como eu chamo. Porque esta educação esportiva vai desde a postura do aluno como um atleta e até o respeito que ele tem que ter para os companheiros que jogam com ele e pelo adversário. Isto é muito importante porque o garoto vem de casa com muitos vícios. Vícios que eu falo é falta de companheirismo, muito individualismo; então na escolinha você consegue tirar alguma coisa. Então eu acho que a função das escolinhas é a de ensinar uma educação esportiva, futebolística, porque ensinar o futebol é muito difícil.

Sua história de vida:

Qual função, os campinhos de várzea, ou quadras das escolas, ou a rua, tiveram (exerceram) no aprendizado de futebol?

A função foi o início de tudo, se você não tivesse estes campinhos, estes terrenos baldios, você ficava restrito a jogar na rua, e isto era ruim porque toda hora passava carro, abola batia na vidraça da vizinha. Pena que hoje em dia estão acabando, mas para estes garotos que não tem condição financeiras para pagar uma escolinha de futebol, sem estes campinhos ele ficam restritos a não jogarem futebol. Então foram nestes campinhos que aprendia a jogar futebol, eles deram um empurrãozinho, pois sem eles você não teria interesse em jogar futebol, pois não teria o local.

Entrevista 7

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 1 Idade ideal para começar a jogar futebol

Sua prática profissional:

Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?

Acho que com 5 ou 6 anos seja a idade ideal, porque a criança já mostra a vontade para jogar futebol.

Sua história de vida:

Com que idade você começou a jogar futebol?

É o que eu falei, aprendi a jogar futebol na rua, mas hoje tem que ser na escola porque na rua não tem condição. Então eu comecei a jogar com 5, 6 anos na rua, pois não tinha um centro de treinamento como este aqui.

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub- categoria 2 A motivação para aprender futebol

Sua prática profissional:

O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas?

São os pais é que, na maioria das vezes, querem que seus filhos joguem futebol, também a mídia que mostra muito os jogos de futebol e os jogadores.

Sua história de vida:

O que fez você aprender a jogar futebol?

Era a paixão, você começava a brincar com a molecada de bola e isto me levou a jogar futebol .

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 1 O processo de ensino-aprendizagem do futebol

Sua prática profissional:

Descreva uma aula sua.

Nós começamos a aula com duas voltas no campo society, depois alongamos, para depois começar um trabalho de fundamento, que ao meu ver é muito importante para o futebol, em seguida terminamos a aula com um joguinho de 20 minutos. As aulas tem duração de 1 hora e são feitas 2 vezes na semana.

Sua história de vida :

Como eram os dias de sua infância ? O que você fazia?

Eu estudava e brincava, por isso a brincadeira que mais gostava era jogar futebol. Eu estudava de manhã e a tarde jogava futebol na rua. Nós já tínhamos os grupinho de amigos que moravam na mesma rua, então nos reuníamos, colocávamos um gol de tijolo de cada lado, dividíamos em duas equipes e jogávamos; era só jogo, não tinha treino técnico, físico, alongamento, nada, era só jogar futebol.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 2 A metodologia: como fazer para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Como você ensina as crianças a jogar futebol?

Não ensino do jeito que eu aprendi, pois aprendi na rua e hoje essa molecada tem estas maravilhas de campos, professores e escolinhas para aprenderem. Mas, futebol é um dom, então tem criança que já sabe jogar futebol, então só temos de ensiná-las como bater na bola, como fazer um passe corretamente. Mas tem também aquelas que chegaram aqui sem saber nada e hoje já sabem um pouquinho. Então, nós aqui procuramos passar para as crianças tudo aquilo que nós aprendemos no futebol profissional.

Sua história de vida:

Como você aprendeu a jogar futebol na sua infância?

É fica difícil você falar como aprendeu a jogar, você simplesmente começa a jogar daí me destaquei mais que os outros, pois o futebol em si você tem que ter um dom para jogar, para ser um jogador de futebol, mas o que manda muito é a dedicação e você querer. Então eu acredito que foi pelo processo da rua, brincando, sozinho; hoje não a criança de 4, 5 anos tem um professor para orientar, então o meu processo de aprender foi mais natural.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 3 O que fazer (exemplos) para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Cite três ou mais atividades que você utiliza nas suas aulas para ensinar as crianças.

Primeiro de tudo é fazer “balãozinho”, pois é muito importante para aprender a controlar a bola. Depois chute a gol para se ensinar como bater na bola. E o mais importante fundamento no futebol o passe, que é feito 2 a 2, primeiro um na frente do outro a 2 metros de distância e depois vai aumentando esta distância.

Sua história de vida:

Quais as brincadeiras que você fazia na sua infância que foram importantes para aprender ou melhorar as suas habilidades no futebol?

Hoje não sei como se chama, mas na minha época chamava-se “salva”, era um jogo de duas equipes onde você tinha que relar no outro para pegá-lo e ir para o poste e ficar lá esperando que outro companheiro viesse salvá-lo. Era disto que a gente brincava, então acredito que isto me trouxe agilidade que incorporando ao futebol me ajudou muito. Nós não fazíamos brincadeiras com os pés que eu me lembro, era só jogar futebol.

Categoria 3: A função das escolinhas de futebol

Sua prática profissional:

Qual é a função das escolinhas de futebol?

A função da escolinha é educacional, ou seja tudo é voltado para se educar as crianças. Mas no fundinho também é de levar a molecada a serem jogadores de futebol.

Sua história de vida:

Qual função, os campinhos de várzea, ou quadras das escolas, ou a rua, tiveram (exerceram) no aprendizado de futebol?

Eu acho que os campinhos de várzea me deram a velocidade, tinha que correr muito nós campinhos o que me facilitou jogar de ala, na época lateral, então as brincadeiras de salva e os jogos nos campinhos me deram rapidez, velocidade. Se não existisse estes campinhos

talvez eu não fosse jogador de futebol, para mim foi fundamental e também para todos os jogadores de futebol da minha época, pois jogávamos em qualquer terreno vazio, por isto eu acredito que os jogadores profissionais formados como eu tinham mais habilidade para jogar que os de hoje em dia, pois hoje os craques terão que sair das escolinhas que é a rua de antigamente.

Entrevista 8

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 1 Idade ideal para começar a jogar futebol

Sua prática profissional:

Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?

Eu acredito que como uma atividade livre com 4 ou 5 anos, mas sem cobranças dos pais, podendo ter sua iniciação no futebol, mas eles não absorvem muito os conteúdos das aulas, para eles é recreação. Numa escolinha de futebol para a criança começar mesmo a aprender tem que ser com mais ou menos 8 anos. Então em nível de escolinhas 8 anos, como lazer e recreação uns 4 anos.

Sua história de vida:

Com que idade você começou a jogar futebol?

Para ser sincero u ganhei a minha primeira bola aos 3 ou 4 anos. Meu jogava futebol, então fui criado na beira do campo, sempre jogando futebol. Na minha época não existi escolinhas, existia apenas um núcleo de final de semana onde a garotada se reunia para jogar e tinha lá uma pessoa que era a responsável. Não se tinha treinamento de base, era uma bola para 40 crianças.

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub- categoria 2 A motivação para aprender futebol

Sua prática profissional:

O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas?

Entrevista 8

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub-categoria 1 Idade ideal para começar a jogar futebol

Sua prática profissional:

Na sua opinião qual a idade ideal para se iniciar numa escolinha de futebol?

Eu acredito que como uma atividade livre com 4 ou 5 anos, mas sem cobranças dos pais, podendo ter sua iniciação no futebol, mas eles não absorvem muito os conteúdos das aulas, para eles é recreação. Numa escolinha de futebol para a criança começar mesmo a aprender tem que ser com mais ou menos 8 anos. Então em nível de escolinhas 8 anos, como lazer e recreação uns 4 anos.

Sua história de vida:

Com que idade você começou a jogar futebol?

Para ser sincero u ganhei a minha primeira bola aos 3 ou 4 anos. Meu jogava futebol, então fui criado na beira do campo, sempre jogando futebol. Na minha época não existi escolinhas, existia apenas um núcleo de final de semana onde a garotada se reunia para jogar e tinha lá uma pessoa que era a responsável. Não se tinha treinamento de base, era uma bola para 40 crianças.

Categoria 1: O começo e suas motivações

Sub- categoria 2 A motivação para aprender futebol

Sua prática profissional:

O que você acha que traz as crianças hoje para as escolinhas?

Hoje é principalmente a copa do mundo, a televisão, as lojas de artigos esportivos com seus materiais esportivos bonitos, o próprio “boom” do Ronaldinho ser o melhor jogador do mundo, tudo isto despertou as crianças de 5, 6 anos a procurar as escolinhas. Então acho que é por ai, por esta capacidade de divulgação que o futebol tem, que acaba atraindo bastante as crianças.

Sua história de vida:

O que fez você aprender a jogar futebol?

Com certeza meu pai. Ele era goleiro e eu ia sempre com ele jogar.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 1 O processo de ensino-aprendizagem do futebol

Sua prática profissional:

Descreva uma aula sua.

Uma aula nossa aqui no Careca Esporte Center funciona, normalmente, assim: começa com um alongamento, em seguida, com a duração de 12 minutos, faz aquecimento das articulações, exercícios localizados e uma corridinha, aquilo que é básico do futebol e da atividade física em geral, na seqüência a gente entra na parte técnica com bola, que tem a duração de 25 minutos, onde são aplicados os fundamentos de passe, condução, cabeceio, até mesmo trabalhos de finalização, e nos temos, não a obrigação, mas o costume de terminar as aulas com um joguinho, o que é mais pedido pela nossa clientela, então tem que terminar a aula com um joguinho, ai nós fazemos um jogo de dois toques, de treinamento alemão e o próprio coletivo. Então resumindo as aulas começam cm um alongamento e aquecimento, depois vem a parte técnica e no final um jogo.

Sua história de vida :

Como eram os dias de sua infância ? O que você fazia?

Acordava cedo, tomava café, assistia aqueles programas infantis que tinha na época, dava uma despertadinha e já pegava a bicicleta e ia para a rua andar, jogar futebol ou brincar de queimada. A tarde ia para escola. À noite brincava na rua com os amigos em frente de casa, pois antigamente você tinha esta liberdade de brincar na rua à noite, então jogava botão, pião, essas coisas de moleque. Eu aprendi a jogar futebol na rua e nos campinhos. Na nossa rua a gente ia de casa em casa chamando o pessoal para jogar. Jogávamos geralmente seis contra seis a manhã toda, até a empregada vir me chamar para almoçar. Era aquela brincadeira de criança, todo mundo descalço, um time com camisa o outro sem, não é essa mordomia de hoje em dia.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 2 A metodologia: como fazer para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Como você ensina as crianças a jogar futebol?

Bem para começar você tem aqueles que já tem um pouco de facilidade, e outros que tem dificuldades. Então a gente dá ênfase, principalmente no início, na parte técnica, os fundamentos, que dá a chance da criança ter mais contato com a bola. Dando um passinho de perto para o companheiro, dominar a bola com o pé direito depois com o esquerdo, aí ele se coloca na condição de poder entrar no campo. Agora ensinar a jogar futebol é muito decorrente da situação, onde você para um lance e diz o que a criança poderia fazer, mostrar para ela os caminhos que ela teria para se desenvolver. Então ensinar futebol? a gente ensina os fundamentos e no dia a dia introduzir para eles aquilo tudo que nos aprendemos com as nossas carreiras.

Sua história de vida:

Como você aprendeu a jogar futebol na sua infância?

Eu aprendi pela minha insistência, pela minha perseverança. Eu jogava muito futebol, assistia muito futebol pela TV, conversava com meu pai sobre futebol. Então eu aprendi pela minha dedicação, e conseguir chegar a ser um jogador de futebol e hoje trabalho com futebol.

Categoria 2: O que e como fazer para se ensinar futebol às crianças

Sub-categoria 3 O que fazer (exemplos) para ensinar futebol

Sua prática profissional:

Cite três ou mais atividades que você utiliza nas suas aulas para ensinar as crianças.

A gente faz muito aquecimentos em duplas, trabalhando passes um de frente para o outro; outra atividade é ir passando e avançando para o companheiro que vai se afastando; outra é

se esquivar daquele que está te marcando; também fazemos muito trabalhos com finalização fazendo zigue zague entre os cones, com a perna direita e esquerda. Outra atividade pode ser dois times divididos, jogando num campinho, daí depois de um apito o time que está com a posse de bola vai finalizar. Então temos uma variedade de atividades para utilizar nas aulas.

Sua história de vida:

Quais as brincadeiras que você fazia na sua infância que foram importantes para aprender ou melhorar as suas habilidades no futebol?

Era o “tenteio”, um jogo que ficava três jogadores controlando a bola e depois chutavam no gol. Brincadeira de bobinho, que eu não gostava muito, mas fazia. E tinha o “rachinha” em si que fazíamos num campinho pequeno. Então era o “tenteio”, o bobinho e o “rachinha”, e eles foram muito importantes, porque eu fui goleiro mas me desenvolvi muito na linha também, jogando com gol pequeno, três contra três na rua mesmo, com lateral quando a bola ia na calçada. E com certeza foi ali que eu peguei as valências do futebol; tocar com a esquerda, com a direita, dar um drible, tudo no rachinha.

Categoria 3: A função das escolinhas de futebol

Sua prática profissional:

Qual é a função das escolinhas de futebol?

Deveria ser voltada principalmente para a parte educacional. Mas tem escolinhas que já tem a intenção de profissionalizar o garoto, dando ênfase a uma carreira que ele pode vir a ter, mas eu acho que não é por aí, as crianças vem aqui inocentes sem a obrigação de ser jogador, a não ser pela vontade dos pais. Mas o principal deve ser educar o garoto, preencher o tempo livre que eles têm.

Sua história de vida:

Qual função, os campinhos de várzea, ou quadras das escolas, ou a rua, tiveram (exerceram) no aprendizado de futebol?

Foi fundamental porque naquela época não existia tanto clubes, a gente também não tinha muita condição como a molecada tem hoje. O campinho era o nosso Maracanã, um espaço vazio onde a gente colocava dois tijolos ou dois chinelos e jogávamos futebol. Era o nosso lazer, nossa diversão; era onde a gente extravasava e encontrava espaço para desenvolver nossas habilidades. Poucas vezes a gente ia num campo gramado, só aos sábados como já falei. Mas durante a semana era na rua mesmo, onde a gente saia todo ralado com o dedo estourado. Então este espaço foi fundamental para a gente aprender, tanto é que os craques da minha época surgiram daí, pode conversar com todo mundo que eles vão falar a mesma coisa. Hoje já é diferente, não são todos que tem a oportunidade de frequentar uma escolinha, ou dependem da mãe trazer, arrumar uma condução. Antigamente era diferente todos os jogadores estavam na rua, era só olheiro ir lá ver.